

UMA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO

A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

1

Rosa do Carmo Sampaio, RSCM

UMA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO

A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

1

**Gênese do Instituto
Seu desenvolvimento com a Madre Saint-Jean
1802-1869**

FONTES DE VIDA
Estudo e reflexões sobre a herança das RSCM
Braga, Portugal, 1990

FICHA TÉCNICA:

Capa:

Bianca Haylich, RSCM

NADA OBSTA À PUBLICAÇÃO

Braga, 22 de Junho 1990

Cónego Dr. Eduardo de Melo Peixoto

IMPRIMATUR

Braga, 23 de Junho de 1990

+ Jorge Ferreira da Costa Oniga

Bispo Auxiliar

Edição das

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

Braga, Portugal, 1990

ADAPTAÇÃO PARA O BRASIL:

Centro de Fontes da Província Brasileira das RSCM

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

2020

Conselho Provincial:

Ir. Terezinha Cecchin, RSCM

Ir. Geny Alves, RSCM

Ir. Helena Pin, RSCM

Digitação, diagramação e capa:

Lucienne do C. Felix Teixeira

Revisão do texto:

Waldemar Bettio

RAZÃO DE SER DE UMA OBRA

Uma nova história do Instituto? Foi esta uma das primeiras perguntas que surgiu em 1981, quando o trabalho sobre a espiritualidade e a história das RSCM, Fontes de Vida, começou sob a orientação da Irmã Mary Milligan, Superiora Geral nessa época.

Sim, é verdade que temos várias narrativas dos primeiros tempos do Instituto. Contudo, quisemos uma com maior apoio científico. Até aqui o Instituto parecia flutuar ileso no meio dos turbulentos e rápidos tempos de revoluções, industrialização e mudanças no interior dos países e da própria Igreja.

Para além disto, com a crescente conscientização do papel da mulher, muitas RSCM faziam cada vez mais perguntas sobre as suas primeiras irmãs. Qual teria sido o seu papel na vida e desenvolvimento do Instituto? Poderia a história ser escrita desde o seu ponto de vista?

Com esta série de questões preliminares, quatro irmãs, representando as primeiras quatro províncias do Instituto, encontraram-se em Roma, em Janeiro de 1983. Eram a Ir. Marguerite-Marie Lyng (França), Ir. Colomba Galvin (Inglaterra-Irlanda), Ir. Rosa do Carmo Sampaio (Portugal) e Ir. Kathleen Connell (Estados Unidos). Começaram logo a explorar os antigos documentos do Generalato e a discutir um esboço para o que originariamente deveria ser uma história atualizada do Instituto. Cada uma trabalharia num setor, durante um ano, e submeteria o seu trabalho às outras três. Gradualmente, a história tomaria forma. Marcaram, como meta, a data de 24 de Fevereiro de 1985.

O segundo encontro, em Setembro de 1983, clareou muitos pontos. A tarefa já tinha se tornado maior e mais desafiante do que a princípio se pensara. O trabalho seria limitado ao período desde a fundação do Instituto até à resignação da Madre Saint-Félix Maynard (em 1905), a última das irmãs da primeira comunidade a ser Superiora Geral.

Foram projetados quatro volumes:

- De 1849 a 1869 - Generalato da Madre Saint-Jean Cure Pélissier

- De 1869 a 1878 - Generalato da Madre Sainte-Croix Vidal
- De 1878 a 1890 - Primeira parte do generalato da Madre Saint Félix Maynard, até à morte do Padre Gailhac
- De 1890 a 1905 - Desde a morte do Fundador até a resignação da Madre Saint-Félix.

Uma pesquisa inicial levantara muitas questões sem resposta, tendo-se tomado a decisão de mais uma vez, examinar os arquivos das várias localidades. Este cuidado de verificar as fontes estava de acordo com a decisão de que a história deveria ter um grande apoio científico. Deste modo, poderia ser utilizada, por sua vez, como uma fonte para versões mais populares. escritas para crianças, jovens e adultos provenientes de ambientes geográficos e culturais muito diferentes. Igualmente importante era considerar a nossa história como parte da História da Salvação, ver as pessoas e os acontecimentos numa perspectiva de fé.

Depois desta segunda reunião geral, as Irmãs Rosa do Carmo e Kathleen tomaram para si a principal responsabilidade de investigar e escrever a história completa. Consultaram, contudo, outras Irmãs, além dos membros do grupo original. A este respeito, é preciso destacar a Ir. Ita Barry, arquivista da Casa Mãe, Béziers; a Ir. Marguerite Green, arquivista da Província Anglo-Irlandesa; e a Ir. John Bosco Gorla, que está reunindo e organizando os documentos nos Arquivos do Generalato, em Roma.

Sete anos depois da primeira reunião sobre a história e cinco anos depois da meta original, apareceu o primeiro dos quatro volumes abrangendo os primórdios do Instituto. Os demais volumes já estão tomando corpo e aparecerão oportunamente. Porque demorou tanto? Uma vez procuradas as primeiras informações, tornou-se evidente que havia muitas fontes a explorar. Fora encontrado material em Béziers, Montpellier, Liverpool, Belfast, Lisburn, Ferrybank, Kilkenny, Porto, Braga, e até em Cincinnati, Ohio, isto para citar apenas os lugares principais.

Foram descobertos muitos documentos em vários arquivos do Vaticano que ainda não estão completamente explorados. É preciso investigar igualmente alguns documentos na Biblioteca Nacional de Paris e certos arquivos diocesanos. Claro que esta história não é de modo nenhum definitiva. Encontraremos certas questões abertas no próprio texto. Há ainda um outro fator que explica o tempo que esta história demorou. Tanto a Ir. Rosa do Carmo como

a Ir. Kathleen trabalham ativamente e a tempo inteiro noutros ministérios. Reservaram os seus tempos livres e as suas férias para investigar e escrever. Encontram-se regularmente para trocar informações e discutir os seus textos.

A pesquisa através das fontes, não só do Instituto mas para além dele, foi absorvente, emocionante, resultando em nova compreensão da identidade das RSCM, do seu espírito, das questões e desafios que as primeiras Irmãs enfrentaram. Não podemos deixar de tirar uma conclusão. Enquanto o papel da primeira comunidade era importante, mesmo capital, nos tempos da fundação do Instituto, a influência mais forte era a do Pe. Gailhac. Escrever uma história deste período do Instituto, sem ter em conta o seu papel ativo, no dia a dia, em todos os aspectos da vida do Instituto não seria exato. Ao mesmo tempo, a pesquisa que se fez trouxe uma nova luz ao papel complementar não só da primeira comunidade, mas de várias Irmãs da geração seguinte.

A história pode desfazer mitos, narrativas que talvez tenham sido deformadas à medida que foram passando de pessoa a pessoa. E assim, esta história destruirá alguns dos mitos sobre as primeiras RSCM. No entanto, lança nova luz e foca melhor essas histórias de fé, enraizadas nos fatos, que são muitas vezes utopias vivas e portadoras de vida e que fazem do passado uma forma dinâmica para o presente.

Gailhac morreu no início da última década do século XIX. O primeiro volume desta nova história das RSCM aparece mesmo cem anos depois, introduzindo-nos numa nova era: o ano 2000.

25 de Janeiro de 1990
Centenário da morte de Gailhac

Marjorie Keenan, RSCM
Coordenadora de Fontes de Vida

PREFÁCIO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a maneira como se foi elaborando a visão de fé do Padre Gailhac até à fundação do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria e estudar o governo da Madre Saint-Jean, primeira Superiora-Geral.

Como a História é escrita para responder às questões levantadas por determinada geração, para que esta melhor compreenda e viva o seu tempo, procura-se clarificar diversas interrogações que hoje se nos colocam:

Por que nasce o Instituto do Sagrado Coração de Maria?

Qual a inspiração que o faz surgir?

Quem pode ser considerado o seu fundador?

Como se foi estruturando o Instituto nos primeiros vinte anos?

O que caracterizava a vida e missão das primeiras irmãs?

Qual o papel da Madre Saint-Jean no Instituto?

Qual a originalidade do Instituto do Sagrado Coração de Maria, no conjunto das congregações da época?

Que impacto tinha na cidade de Béziers?

Como se relacionava com as autoridades civis e eclesiásticas?

O trabalho compreende uma introdução e quatro partes. A Introdução procura enquadrar o estudo no ambiente eclesial francês, nomeadamente no espaço da diocese de Montpellier.

Na Primeira Parte, pretende-se descrever o percurso de Gailhac até à decisão de abrir o Refúgio e mostrar como esta obra o lançou na fundação de um novo instituto religioso na Igreja - o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

A Segunda Parte apresenta a forma como surgiu o Instituto e como os primeiros membros, partilhando do carisma do Padre Gailhac, o concretizaram no início da vida em comunidade.

Na Terceira Parte, analisa-se a estruturação da primeira comunidade e das primeiras obras, o papel dos Padres e Irmãos do Bom Pastor na sua relação com o Instituto, o modo como foram superadas as diversas provações e como foi nascendo o desejo de fundar outras comunidades para além de Béziers.

Na Quarta Parte, reflete-se sobre o papel do Padre Gailhac e da Madre Saint Jean na comunidade, foca-se o relacionamento do Instituto com as estruturas civis e eclesiais e referem-se alguns dados que nos permitem integrar o Instituto do Sagrado Coração no conjunto das fundações da época. Pretende-se, além disso, evidenciar a sua singularidade, apontando traços que a geração dos primeiros vinte anos procurou transmitir às que se seguiram, numa tradição que não é mera repetição do já feito, mas é criatividade e fonte de vida.

Foi intenção enquadrar este estudo no contexto histórico da França e da diocese de Montpellier. Como se trata da elaboração da primeira história do Instituto com base científica, impunha-se aclarar acontecimentos chegados à presente geração, por vezes de forma nebulosa, e expor detalhada e ordenadamente assuntos estudados pela primeira vez. Dai que, na primeira, segunda e terceira partes, predomine a abordagem dos aspectos conjunturais em detrimento dos estruturais, com a descrição pormenorizada do desenrolar dos fatos e sua ordem cronológica. Foi uma opção consciente de clarificação.

As afirmações feitas e as intuições esboçadas são sempre baseadas em documentos criteriosamente procurados, analisados, interpretados e comparados. Ao longo da investigação, surgiram documentos inéditos que retificaram alguns aspectos e fizeram luz sobre outros, até aqui pouco claros. Apesar das muitas investigações, nem sempre foi possível encontrar todas as fontes necessárias para o conhecimento total de determinados assuntos. Como a própria História, este estudo não é definitivo. Há questões que ficam em aberto, aguardando futuros trabalhos.

A bibliografia indicada corresponde às obras e documentos consultados. Longe de ser mera citação erudita, pretende constituir um elemento de trabalho para quem deseje ultrapassar as fronteiras deste volume e queira pesquisar em maior profundidade as questões aqui abordadas. Os anexos, no final, poderão ajudar a esclarecer alguns assuntos focalizados no decorrer do texto.

As conclusões a que foi possível chegar são fruto de uma reflexão pessoal, enriquecida na partilha com o grupo encarregado do trabalho da história no seu conjunto: Kathleen Connell, Marjorie Keenan e Mary Milligan.

Uma palavra de agradecimento a todas as pessoas que, de um modo ou de outro, contribuíram com o seu trabalho, interesse e

Amizade para que este primeiro volume da história das Religiosas do Sagrado Coração de Maria seja, hoje, uma realidade.

Espera-se que o conhecimento vivencial das raízes do Instituto do Sagrado Coração de Maria seja mais um contributo para a descoberta da sua identidade na Igreja de hoje e proporcione às religiosas do Sagrado Coração de Maria um aprofundamento **do seu modo específico de seguir e anunciar Jesus Cristo no tempo presente.**

INTRODUÇÃO

Um contexto histórico pleno de tensões

O Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria nasceu em França, no século XIX, procurando ser resposta a necessidades reais da cidade de Béziers. O seu aparecimento pode considerar-se integrado no movimento geral das fundações de comunidades religiosas da época, numa tentativa, por parte da Igreja, de solucionar, através de instituições sociais e educativas, as carências existentes no país.

A originalidade da fundação é fruto do dom particular concedido pelo Espírito ao Padre Jean Gailhac e da sua síntese pessoal do mistério cristão. Esta síntese, animada pelo dinamismo da caridade, determinou uma forma personalizada de visualizar a realidade e de agir perante o contexto que o envolvia¹.

A institucionalização deste dom na Igreja, através do Instituto do Sagrado Coração de Maria, foi possível pela resposta que a visão de fé do Padre Gailhac provocou noutras pessoas que, associando-se ao seu projeto de vida, procuraram traduzi-lo na vivência quotidiana e o transmitiram às gerações futuras². O estilo de vida comunicado pelo fundador e incarnado segundo os dons pessoais das Irmãs da primeira comunidade deu a este Instituto uma identidade própria que o toma único e lhe confere, no essencial, uma maneira específica de ser e estar no mundo, em qualquer tempo ou latitude.

Para compreender o Padre Gailhac, é indispensável ter em conta a conjuntura da época, bem como as tensões político-ecliais dos séculos anteriores, dado que estas repercutiram nas suas atitudes e opções, na elaboração da sua visão de fé e, conseqüentemente, na forma como concebeu o Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Entre as correntes que tiveram repercussões na vida eclesial francesa, o Galicanismo foi a mais forte, condicionando o comportamento da Igreja durante setecentos anos. Os Quatro Artigos elaborados no século XVII constituíam o símbolo da Igreja galicana e o seu conteúdo abrangia os princípios fundamentais desta doutrina.

1. M. Milligan. *Para que tenham vida* (Coimbra: RSCM. 1982) 17-37.

2. Milligan 17-37.

Daí a obrigatoriedade do seu juramento por todos os que viriam a ocupar certos cargos na Igreja³.

Nos princípios do século XIX, enquanto a maior parte dos bispos e do antigo clero são galicanos, começam a surgir, no clero jovem e nos grupos com forte engajamento na vida pública, as ideias ultramontanas, que defendiam o lugar do Papa como autoridade máxima na Igreja Católica.

O Ultramontanismo surge, então, como uma nova corrente, contrária ao Galicanismo. A tensão entre as duas correntes marca a vida da Igreja, na França, ao longo do século XIX. Enquanto o Ultramontanismo se vai fortalecendo, o Galicanismo perde terreno, acabando por desaparecer nas últimas décadas do século. O Padre Gailhac fazia parte do clero jovem e, pela forma como se situou nos primeiros anos do seu ministério sacerdotal, pode ser considerado um adepto das novas ideias.

No século XVIII, a perda do sentido da consagração, por grande número de religiosos e padres, contribuiu para uma imagem negativa da vida religiosa e clerical e para a perseguição desencadeada pela Revolução Francesa⁴. Por sua vez, a Revolução Francesa desmantelou a precária estrutura da Igreja galicana, deixando-lhe uma pesada herança de contradições, sofrimentos e um povo descristianizado. Contudo, a perseguição estimulará o zelo de alguns cristãos. O testemunho de vida de um bom número de padres refratários, tais como o Padre Martin, pároco de Saint-Aphrodise, em Béziers, irá influenciar vários jovens. Alguns destes jovens, como por exemplo Félicité de La Mennais, Jean Marie Vianney e Jean Gailhac se tornarão sacerdotes e, de formas diversas, terão um papel ativo e determinante na vida eclesial francesa do século XIX.

Ao lado dos fatores de tensão, há outros que atuam positivamente na vida eclesial, como é o caso das correntes de espiritualidade. Entre estas, é de salientar a Escola Francesa, surgida no século XVII. Esta escola conseguiu elaborar uma doutrina espiritual com base teológica sólida e projetada na vida cotidiana. O seu dinamismo espiritual penetrou muitos grupos eclesiais, contribuindo para a renovação da vida cristã e para a estruturação de uma espiritualidade sacerdotal⁵. Após a crise da Igreja no século XVIII, a Escola Francesa vai renascer no século XIX com enorme vitalidade,

3. Para informações suplementares sobre o assunto ver Anexo A.

4. Ver Anexo B.

5. Ver Anexo C.

influenciando o ambiente espiritual, nomeadamente a teologia mariana e a formação sacerdotal do clero. O Padre Gailhac pode ser incluído entre aqueles fundadores que, na elaboração de sua visão de fé, recebe inspiração desta corrente de espiritualidade.

Apesar de viver tensões bastante diversas, o século XIX pode considerar-se uma época de renovação em todos os setores eclesiais franceses. De fato, a Igreja adquire um rosto mais autêntico. Aparecem bispos, padres, religiosos e leigos que se empenham no desenrolar dos acontecimentos, procurando dar resposta às questões levantadas pela sociedade. Surgem novas congregações religiosas que penetram em todos os setores necessitados, sendo aí uma presença evangélica. Ao mesmo tempo, a hierarquia distancia-se gradualmente das posições comprometedoras tomadas até então com o Estado e aproxima-se da Santa Sé.

Todos estes fatores apresentam características específicas na diocese de Montpellier, o espaço geográfico e eclesial onde Jean Gailhac viveu e fundou o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

No século XIX, a diocese de Montpellier abrangia uma região que antes da Revolução incluía cinco dioceses - Agde, Béziers, Lodève, Montpellier, Saint-Pons e ainda pequenas faixas territoriais de mais algumas dioceses. Geograficamente, a diocese pertence ao Baixo Languedoc. Administrativamente, compreende os departamentos do Hérault e do Tarn, governados por prefeitos. O Departamento do Hérault, cujo centro administrativo é Montpellier, compreende três subdivisões governadas por subprefeitos: Montpellier, Béziers e Lodève.

É uma região onde facilmente se radicalizam as correntes, se extremam os campos e os acontecimentos tomam características violentas. Já no século XVI, fora uma das zonas onde os Calvinistas tinham obtido maior número de conversões e onde as lutas entre estes e os católicos tinham atingido proporções graves, consequência do radicalismo subjacente às várias posições políticas diferentes. Resultado destas lutas foi a quase total destruição das estruturas paroquiais e conventuais.

No século XVII, as tensões continuam, motivadas agora pelas posições galicanas e jansenistas de alguns bispos que provocam forte agitação nos meios católicos. Há, porém, um grupo de padres que se marginaliza de todo o gênero de querelas e se entrega, cheio de zelo, à missão de evangelização junto do povo. A esses padres se fica devendo a reorganização da vida paroquial, o desenvolvimento das missões pregadas no campo e a difusão do culto mariano. A sua

ação evangelizadora é auxiliada pelas congregações religiosas masculinas que invadem o Languedoc. O papel destas congregações é essencial na evangelização das regiões mais difíceis. Em Béziers, os Agostinianos Recoletos e os Jesuítas são os que têm maior impacto, desenvolvendo a partir daí, a sua ação para outras regiões do Hérault. As congregações femininas retomam os antigos conventos e conhecem um período de considerável desenvolvimento. As Clarissas reorganizam-se, e surgem as Ursulinas e as Religiosas de Notre-Dame. Neste século, a zona de Béziers enche-se de vitalidade, convertendo-se num local de onde irradiam os movimentos renovadores da vida cristã no Languedoc. Este dinamismo, embora desapareça em grande parte no século XVIII, vai ressurgir no século XIX.

Durante a Revolução, grande parte do clero diocesano não adere aos ideais revolucionários e recusa-se a jurar a Constituição Civil do Clero. Em Béziers, de cento e setenta e oito padres, cento e quinze são refratários.

Perante o grande número de refratários, o bispo constitucional da recém criada diocese de Montpellier, D. Dominique Ponderous, tem dificuldade em recrutar padres para a Igreja constitucional. Em algumas localidades, o clero constitucional tem de ser imposto à força, porque o povo tem dificuldade em aceitá-lo. Em Béziers, apesar de existir um elevado número de padres não ajuramentados que exercem o culto clandestinamente, não há dificuldade na aceitação do clero ajuramentado. Outra dificuldade para o novo bispo é a integração das antigas dioceses na nova diocese de Montpellier. Surgem muitos obstáculos para unificar dioceses que tinham costumes, leis, ritos, tradições diferentes e ancestrais.

Na diocese de Montpellier, como em toda a França, às questões religiosas misturam-se as questões políticas. Cria-se, assim, um ambiente de indefinição que está na origem de perseguições, chacinas e exílio de muitos padres. Em 1794, trezentos e cinquenta padres desta diocese encontram-se exilados e um elevado número dentre eles pertence ao antigo clero de Béziers.

Com o golpe de Estado de Napoleão (18 de Brumário – novembro de 1899), os refratários exilados regressam à diocese. Contudo, a imposição do juramento da Constituição do Ano VIII traz de novo problemas e posições opostas. Em Béziers, o clero está nitidamente dividido. Os refratários continuam a não aceitar os pontos defendidos pela Igreja constitucional: referência à Igreja primitiva, limites extremos do poder pontifício, obediência à lei e fidelidade à pátria. Muitos deles entram novamente na clandestinidade até à Concordata de 1801. É o caso do Pe. Martin, pároco de Saint-Aphrodise, em Béziers.

Como o Departamento do Hérault tinha facilidade de comunicação marítima com a Itália, os padres desta região exilam-se frequentemente em Roma. Aí, facilmente se ligam ao Santo Padre. As comunicações com os refratários na clandestinidade fazem-se rapidamente e depressa se conhece a posição da Santa Sé sobre os acontecimentos. Cria-se uma atmosfera de adesão ao Papa e um distanciamento em relação às teorias que defendem uma Igreja nacionalista, isto é, galicana. Desta forma, o Ultramontanismo vai frutificar, no século XIX, em todo o território abrangido pela diocese de Montpellier e especialmente no Departamento do Hérault.

É neste contexto particular da vida francesa do século XIX, marcado por um radicalismo de posições ideológicas, embora portador de dinamismos de renovação, que o Padre Jean Gailhac nasce, cresce, toma a decisão de ser padre e dá a sua resposta cotidiana a Deus, como sacerdote. Profundamente enraizado no seu país, partilhando de tudo aquilo que era comum à juventude e às pessoas do seu tempo, Jean Gailhac conhecia as fraquezas da Igreja galicana. No entanto, para além desta realidade de tensões e contradições, foi capaz de descobrir personalidades cheias de dinamismo e zelo, fortalecidas por uma profunda fé em Deus. Dentro dele, todos estes dados vão amadurecendo. A certa altura, torna-se claro o caminho que deseja percorrer e aquilo que quer excluir da sua vida. Rejeitando tudo o que se distancia dos valores evangélicos ou a eles se sobrepõe, decide-se sem reservas por uma doação a Deus centrada exclusivamente no amor e no serviço.

Consciente da ação do Espírito em si, vai compreendendo que Deus o chama a colaborar na salvação da humanidade - "Deus, na sua misericórdia infinita, e para glória do Seu nome, querendo mostrar que só Ele é o único Autor de todo o bem... quis escolher-me a mim, o mais pequeno e o menor de todos para fazer a Sua Obra. Escolheu-me para provar mais uma vez que só Ele é o princípio e o fim de todo o bem"⁶.

Aceitando esta missão e deixando-se trabalhar pela Graça, Jean Gailhac torna-se fiel cooperador na Obra da Redenção e fundador de um Instituto cuja missão é **conhecer e amar a Deus, torná-Lo conhecido e amado, para que todos tenham Vida**⁷.

6. Gailhac ao Instituto: GS/16/I/79/A.

7. *Constituições do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada (Roma: RSCM, 1983) n.º 7.*

PRIMEIRA PARTE

**COMO SE FORJA UM FUNDADOR
1802-1849**

Jean Gailhac - resposta radical a um projeto de Deus

Infância e adolescência

A França retomava pouco e pouco a estabilidade política e social. Com a Concordata celebrada em 15 de Julho de 1801, entre Napoleão e Pio VII, surgia a pacificação religiosa. Apesar das cedências feitas pela Igreja a Napoleão, a Concordata recuperava para os católicos aspectos importantes. Liberdade de culto, restabelecimento da hierarquia eclesiástica, unificação da Igreja constitucional e refratária, aceitação do primado jurídico do Papa eram conquistas de grande valor.

Começa a sentir-se em todo o país uma atmosfera de reconciliação nacional. Ao participar num solene Te Deum em Notre Dame de Paris, em 1802, Napoleão exprime claramente esta atitude. De fato, a partir da Concordata, a Igreja da França inicia um momento de ressurreição. Abre-se uma nova página da sua história. As igrejas reabrem ao culto. De acordo com o Papa, nomeiam-se bispos para todas as dioceses. Os padres refratários podem regressar oficialmente ao seu ministério. É permitida aos padres constitucionais a integração na vida diocesana. Os seminários voltam a receber seminaristas. Face ao racionalismo predominante, a publicação de *Le Genie du Christianisme* de Chateaubriand origina uma concepção diferente da religião e reabre caminhos à fé nos meios intelectuais.

Os bispos recém-nomeados lançam-se com entusiasmo na reconstrução da vida diocesana, mas defrontam-se com sérias dificuldades. Após dez anos de perseguição, as estruturas da Igreja estavam desarticuladas e a fé dos franceses abalada. A descristianização não fora um fenómeno superficial. Pelo contrário, os anos revolucionários tinham destruído e profanado os lugares de culto e as novas gerações, exceptuando casos raros, tinham crescido fora da Igreja ou contra ela.

Além destes problemas de base, levantam-se outros relacionados com o clero. Antes de mais, o seu reduzido número e avançado

nível etário. Em segundo lugar, a reintegração diocesana dos refratários e constitucionais. Por último, o fato de o padre ter passado a ser considerado como um funcionário do estado com remuneração pública de acordo com a categoria da paróquia onde exerce o ministério. Este sistema dificulta as colocações visto muitos rejeitarem as paróquias com baixos ordenados. Em 1804, há na cidade de Béziers quarenta e três padres, enquanto dezesseis paróquias sucursais se encontram vagas.

Apesar do esforço feito, alguns bispos não conseguem criar na sua diocese a unidade por que tanto aspiravam. É o que acontece com Mgr. Rollet, bispo de Montpellier. Depois de quatro anos de tentativas infrutíferas para renovar a pastoral na diocese, é demitido pelo Imperador¹. Vai ser preciso tempo, energia e entusiasmo para reerguer a Igreja na França.

É neste ambiente que, a 13 de novembro de 1802², nasce, em Béziers, rue du Puits-Neuf³, Antoine Pierre Jean Gailhac. Eram seus pais, Antoine Joseph Gailhac, nascido em 1775, e Jeanne Elizabeth Cruzilhac, nascida em 1778⁴.

Antoine e Jeanne tinham sido batizados na Igreja de Saint-Félix, em Béziers⁵. A Revolução apanha-os no limiar da adolescência e, por conseguinte, a sua juventude foi condicionada pelo ambiente revolucionário. O casamento civil realizou-se a 19 de fevereiro de 1799⁶. Só em 29 de dezembro de 1823, depois de Jean Gailhac receber a tonsura, teve lugar o casamento

1. Mgr. Rollet 6 bispo de Montpellier de 1802 a 1806. A diocese compreendia 1200 km² e 546000 habitantes e recebera paróquias vindas de onze dioceses do antigo regime, o que implicava diferenças na liturgia, no clero e no povo. A acrescentar a estas diferenças, a questão da época: uns a favor da Revolução e outros contra ela. Na primeira carta pastoral, Mgr. Rollet faz apelo à unidade, mas a sua atuação não agrada ao clero. Em 20 de Fevereiro de 1806, Napoleão aceita uma demissão que o bispo não tinha pedido e o seu sucessor, Mgr. Fournier, é nomeado antes de o Papa ter tido conhecimento.

2. O registo de nascimento está datado segundo o calendário revolucionário: 23 de Brumário do Ano XI. *Registre de l'état civile: naissances*. Année XI. Béziers: Arq. Mun. Ver também Roma: Arq. hist./Cong. Vol. I-A, 12.

3. A rue du Puits-Neuf é chamada mais tarde rue du Puits de la Courte. C. Lapeyre e A. Roque, *Béziers pas à pas* (Le Coteau: Harvath, 1984) 83.

4. Arq. hist./Cong. Vol. I-A, 6-8.

5. A Igreja de St. Félix ficava situada no local onde, hoje, é o mercado central de Béziers. Fechada ao culto durante a Revolução acabou por ser destruída. A. Soucaille, "Notice sur l'église de St. Félix", *Bulletin de la Societé Archéologique de Béziers* 1^{ère} sér. IV (1843): 211-222. Referências posteriores BSAB.

6. A data do casamento civil segundo o calendário revolucionário é 1 do Ventoso do Ano VI. Arq. hist./Cong. Vol. I-A, 9.

Religioso⁷. Do casal Gailhac nasceram sete filhos⁸. Antoine Pierre Jean é o segundo dos irmãos mas o mais velho dos rapazes, razão pela qual é designado, em família, por Gailhac.

A 14 de novembro de 1802, é batizado na Igreja de Saint-Aphrodise, com o nome de Jean Pierre Antoine Gailhac⁹.

De 1802 a 1809, havia um bom entendimento entre a Igreja e o Estado. Daí que os primeiros anos da infância de Jean Gailhac tenham sido vividos numa atmosfera de reconciliação que lhe permitiu receber uma educação cristã.

Apesar de levarem uma vida modesta, os pais de Jean Gailhac pertenciam a um certo estrato social¹⁰. Os valores que impregnavam a vida familiar ajudaram a formar a personalidade da criança e nela despertaram a fé. "Gailhac, nasceu de pais com

7. Registre des mariages bénis ou réhabilités secrètement de la paroisse de St. Aphrodise entre le 27 mai 1817 et le 29 décembre 1823. Intercalado entre os anos de 1817 e 1818 no Registre des baptêmes, mariages et sépultures de la paroisse de St. Aphrodise de 1810 a 1821. Béziers: Arq. St. Aphr. Referências posteriores Reg. bap., mar., sep. par. St. Aphr.

As verdadeiras razões por que o casamento religioso se celebrou tão tarde ficarão sempre no desconhecido. Durante o período revolucionário era difícil celebrar o sacramento do matrimônio e, em 1799, houve apenas um casamento em St. Aphrodise. No entanto, em 1800, já se realizaram vários e, a partir de 1801, não haverá mais dificuldades em casar religiosamente. Como se explica que vivendo ao lado da igreja, contactando de perto com o P. Martin, batizando os filhos, os pais de Gailhac não tentassem regularizar a sua situação religiosamente?

8. 1ª Marie Anne Jeanne Elisabeth nasc. em 6.12.1799, cas. com Joseph Lapeyre, morre em 9.4.1888; 2º Antoine Pierre Jean; 3º François Ignacc Victor nasc. em 17.9.1805, cas. com Esprite Rose Adèle Salèles, morre em 19.2.1874; 4º Pierre Antoine nasc. em 19.1.1809, morre em 20.5.1810; 5ª Elisabeth Marie-Anne nasc. em 9.11.1811, cas. com Jean Pierre Adrien Lognos, morre em 9.3.1898; 6ª Anne Louise nasc. em 25.10.1814, cas. com François Granier, morre em 9.3.1891; 7º Pierre Antoine nasc. em 6.2.1819, morre em 3.4.1825. Arq. hist./Cong. Vol. I-A, 24-42.

9. Reg. bap., mar., sép. par. St. Aphr. 1795-1809, Liv. 1802, 10v. Arq. St. Aphr. A tradição das RSCM dizia que Gailhac fora a primeira criança a ser batizada nesta igreja após a Revolução, mas segundo o registro é a centésima sexagésima quarta.

10. A profissão do pai é incerta. No reg. de batismo de Gailhac, aparece como fabricante; no casamento religioso como carroceiro; numa certidão de nascimento, datada de Setembro de 1826 e na escritura de partilhas, em 14.2.1846, como agricultor. A configuração da parte baixa da casa e o respectivo pátio indicam que havia uma estrebaria. A escritura de partilhas mostra que possuía terras. Outros elementos são indicativo de um certo nível social: o tamanho e condições da casa, os registros oficiais assinados pelas pessoas de família, um tio farmacêutico. Acerca da configuração da casa da família Gailhac ver M. Privat. Arq. hist./Cong. Vol. I-A, 15.

pouca fortuna, mas honestos, cheios de fé e piedade", é a maneira como o Padre Jean Gibbal caracteriza a sua família¹¹. O próprio Gailhac escreve numa carta de 1883 - "Nem todos os cristãos são chamados a uma vida de contemplação; devem, todavia, levar uma vida de fé, como o faziam os nossos pais, da qual eu próprio fui testemunha na minha infância. Quando o espírito cristão reinava ainda nossa pátria.... os pais faziam a oração da manhã e da noite, em família. Nas conversas, havia algumas palavras que mostravam uma fé viva e a religião tinha sempre um lugar no conjunto da vida"¹².

É, sem dúvida, com os pais que Jean Gailhac aprende a olhar as necessidades dos outros, procurando resolvê-las com generosidade. A demonstrar o seu espírito de partilha, ficaram-nos dois episódios da infância¹³. Um dia vendo na rua um garoto descalço e vestido de farrapos, deu-lhe os sapatos que trazia. Numa outra ocasião, não hesitou em oferecer a um pobre um par de calças de veludo que a mãe acabara de lhe mandar fazer. Segundo o seu próprio testemunho foi a mãe que despertou nele o amor a Maria e à Igreja - "Nos joelhos da minha mãe comecei a acreditar no dogma da Imaculada Conceição e na infalibilidade papal"¹⁴.

Esta influência da mãe continuará em Gailhac pela vida fora, como ele próprio descreve em 1874 - "Um dia, em que eu estava bastante amargurado devido a uma grande provação por que estava passando, a minha mãe segundo a carne, mas que o era mais segundo o espírito, disse-me uma frase muito simples: 'Coragem, Gailhac, Deus é mais forte do que os homens!' Estas palavras foram para mim como as de um anjo. Reconfortaram-me. Posteriormente, tive mil ocasiões de verificar que isto era verdade"¹⁵.

A localização da casa da família permitiu que Gailhac crescesse à sombra da Igreja de Saint-Aphrodise, em contato permanente com o seu pároco, o Padre Jean Jacques Martin.

O Padre Martin tinha sido eleito deputado aos Estados Gerais de 1789 pela Assembleia do Clero de Béziers¹⁶. A recusa em jurar a

11. Gibbal, Red. D, 1. Arq. hist./Cong. Vol. VI, 28-29.

12. Carta 1883, *La Vie Religieuse*, nouvelle édition (Lille: S.I.L.I.C., 1937) 191-192.

13. V. Maynard, *Vie du R. P. Gailhac*, 1^{ère} ed. (Béziers: Librairie Bénézech-Roques) 8.

14. Maynard 8.

15. Gailhac ao Instituto: GS/15/XII/74/B.

16. Sobre o P. Martin ver M. A. Fabregat, "Le Curé Martin (1740-1824)", *Vie des hommes illustres de Béziers*. Vol I (Béziers: Editur, 1866) 1-56.

Constituição Civil do Clero levava-o ao exílio, obrigando-o a residir vários anos em Roma. Quando regressou, negou-se a jurar a Constituição do Ano VIII, passando a exercer o ministério clandestinamente, até à proclamação da Concordata de 1801. Nessa altura, retoma o lugar de pároco de Saint-Aphrodise, que ocupa até à morte, em 1824.

A influência do Padre Martin, em Béziers, é grande em vários domínios, antes e depois da Revolução¹⁷. O seu amor ao bem público, a caridade e o zelo fazem-no uma pessoa querida da população. Procurando consolidar a vida cristã na cidade, decide melhorar a educação das crianças pobres. Convida a congregação das Dames de Saint-Maur a dirigirem uma escola gratuita para meninas¹⁸. Consegue que os Irmãos das Escolas Cristãs abram uma escola, também gratuita, para rapazes¹⁹. Ambas as escolas, situadas no bairro de Saint-Aphrodise, são instaladas em edifícios que ele próprio manda construir. Entre os projetos que não consegue realizar, conta-se a abertura de um orfanato e a reabertura de um refúgio para raparigas²⁰.

Sem dúvida que o Padre Martin exerceu profunda influência em Jean Gailhac ao longo da sua infância e adolescência. Vezes sem conta deve ter-lhe contado os acontecimentos do tempo revolucionário, as tomadas de posição do clero ajuramentado, as perseguições que se seguiram, o exílio, a vida em Roma e os contatos com o Santo Padre, as dificuldades de regresso à pátria, os anos de clandestinidade e o recomeço oficial do ministério. Frequentemente, devem ter conversado sob a forma de dar solidez à vida cristã em Béziers, sobre as necessidades mais urgentes da cidade e os projetos que o Padre Martin acalentava ainda realizar.

17. Fabregat, *Vie* 1-56.

18. Em 1811 solicita à comuna um subsídio de 6000 frs para realizar obras numa casa que tinha comprado para escola de meninas e uma renda para sustento das três religiosas de Saint-Maur que iriam dirigir o estabelecimento. M. A. Fabregat, *Annales municipales de la ville de Béziers* (Béziers: Imprimerie du Commerce de C. Bertrand, 1872) 53. Referências posteriores *Annales*.

Dames de Saint-Maur ou Dames Noires são as designações populares dadas às Soeurs de l'Instruction Charitable du Saint-Enfant Jésus. Mais tarde, abrem um internato em Béziers.

19. Os Irmãos das Escolas Cristãs, em 1831, abrem um internato.

20. Béziers tivera um Refúgio de 1709 a 16.7.1791, data em que foi encerrado pela autoridade municipal e a casa vendida em proveito da nação. Soucaille, "Notice sur la maison du Refuge ou du Bon-Pasteur de Béziers (1686-1791)" *BSAB* 2^{me} sér. XIII (1885): 95-97.

A personalidade do Padre Martin, a seriedade da sua vida, a sua perspectiva de evangelização, a sua fé profunda e zelo incansável, impregnados de amor à Igreja, entusiasmaravam aquele coração jovem. Nesta sólida amizade, Jean Gailhac vai alargando a visão do mundo. Aprende, talvez, a fazer uma leitura da realidade e a desenvolver a solidariedade com os mais desfavorecidos. Aprofunda a sua experiência de Deus e da vida de fé. Através de tudo isto deve ter começado a entender a vida cristã como comunhão com o Mistério Pascal e zelo pela salvação da humanidade.

Vários testemunhos exprimem a admiração que Jean Gailhac tinha pelo seu pároco. Duas cartas, que lhe envia quando seminarista, possuem uma linguagem afetuosa e cheia de gratidão. Numa delas expressa assim estes sentimentos, - "Meu muito querido pai em Jesus Cristo. Permita-me que lhe dê o único nome capaz de exprimir toda a santa afeição que um coração pode experimentar por aquele de quem recebeu favores temporais mas, o que é mais precioso, graças para a vida eterna"²¹. Um biógrafo do Padre Martin, contemporâneo de Gailhac, refere-se a ele nos seguintes termos - "Ninguém conheceu nem apreciou melhor as qualidades de espírito e de coração que distinguiram o Padre Martin e ninguém fala dele com mais entusiasmo do que o digno Padre Gailhac, a quem devemos vários dos pormenores dispersos nesta biografia"²². Na parte final da inscrição colocada no monumento erigido ao Padre Martin, junto da Igreja de Saint-Aphrodise e defronte da casa de Gailhac, pode ler-se: "... este monumento foi reerguido, em 1889, ... por um filho desta paróquia, hoje avançado em idade, que tomou sempre este bom pastor como modelo"²³.

A partir de 1809, as relações de Napoleão com a Santa Sé tornaram-se conflituosas. Depois de se ter envolvido em guerras com quase todos os países da Europa, Napoleão conseguiu dominar

21. Gailhac ao P. Martin, s.d. *Processus apostolicus super virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac* (Montpellier: 1955) 3505-3506. Referências posteriores *Proc. ap.*

22. Fabregat. Vie 52.

23. A primeira parte da inscrição diz: "À memória do senhor Jean Jacques Martin, que foi pároco de Saint-Aphrodise, nascido em Béziers em 1740 e falecido em 24.10. 1824. Este monumento foi erigido para lembrar perpetuamente este venerável Padre cuja caridade e zelo para o serviço de Deus não tinham limites; por subscrição dos seus concidadãos e da Sociedade Arqueológica da mesma cidade em 2 de Outubro de 1852". O busto com a inscrição foi inaugurado na presença de Louis-Napoléon Bonaparte. *L'Hebdomadaire de Béziers* 2.10.1852.

grande parte deles e nem sequer recuou perante os estados pontifícios. A detenção do Papa Pio VII e a sua prisão em Fontainebleau, durante mais de quatro anos, agravaram as relações do Estado com a Igreja.

Napoleão tudo fazia para que este conflito não transparecesse, levando a polícia a exercer severo controle em todos os órgãos de informação. Apesar disso, o povo ia sabendo o que se passava. Associado ao baixo clero, insurge-se contra a situação. Gera-se, então, um movimento de solidariedade e adesão à pessoa do Papa e um clima de forte animosidade contra o Imperador. No princípio, o alto clero, alegando que a questão tocava apenas o temporal, prefere não entrar em confrontos, exortando todos os católicos à calma. Todavia, o divórcio de Napoleão e a convocação do concílio de 1811, duas atitudes tendentes a ultrapassar a autoridade pontifícia, precipitam os acontecimentos. Durante o concílio, os bispos manifestam a sua intransigência em não excederem a jurisdição colegial. Esta atitude leva o Imperador a pôr em execução uma série de represálias que visam sobretudo desorganizar a Igreja nas bases. A tentativa de desmantelamento dos seminários é a mais violenta das medidas²⁴.

Segue-se um período de perseguição que, por vezes, faz lembrar os tempos revolucionários. Até ao fim do Império, em 1814, a opinião pública católica vai-se distanciando daquele que considera o novo tirano da fé.

Precisamente nesta época, Jean Gailhac atinge a idade escolar. Os pais confiam a sua educação ao Padre René, antigo religioso da Ordem dos Agostinianos Recoletos, que dirigia um colégio na cidade²⁵. Alguns anos mais tarde, dá entrada no colégio de Béziers²⁶, dirigido pelo Padre Pascal Eustache²⁷. Este colégio, classificado como escola

24. Dissolução da Companhia de St. Sulpice, que formava os professores dos seminários e integração dos seminários menores na Universidade, com a obrigatoriedade dos alunos irem às aulas ao liceu estatal.

25. Maynard 7. 26. Maynard 8.

27. O P. Pascal Eustache fora monge beneditino, antes da dissolução das ordens religiosas pela Revolução. Foi professor de Matemática e capelão do colégio. A partir de 1.2.1810. Começa a exercer o cargo de diretor, para o qual foi definitivamente nomeado a 2.1.1811. Deixa de exercer as funções a 2.12.1823. *Registre Du personnel enseignant: Béziers-College de garçons*. Pasta 1 e 2 Montpellier: Arq. Dép. Hér.

secundária particular, era patrimônio da cidade, estando sob a responsabilidade do Conselho Municipal que fiscalizava o seu funcionamento²⁸. Como todas as demais escolas, estava dependente da Universidade. Nele, os alunos podiam seguir os cursos secundários que davam acesso às faculdades, seminários maiores e outras carreiras superiores.

Enquanto faz a escolaridade básica, Jean Gailhac ouve falar das atitudes de Napoleão para com a Europa, das imposições feitas aos países vencidos, da perseguição à Igreja, da conquista dos estados pontifícios. Na rua, assiste a manifestações de operários²⁹. Na paróquia, ouve o P. Martin e os católicos comentarem o que se passa. Entretanto, Pio VII é libertado por Napoleão e regressa a Roma, passando por Béziers, a 3 de fevereiro de 1814. Aí, faz uma paragem para descansar e substituir cavalos³⁰. A população da cidade acorre a ver o Papa e, com ela, muitas crianças³¹. Naturalmente, os alunos do colégio terão ido receber a benção papal. Na tradição das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Jean Gailhac fazia parte desse grupo e o acontecimento foi sempre assinalado

28. O colégio de Béziers, fundado por autorização de Henrique IV, em 1594 é dirigido pelos jesuítas, entre 1599 e 1762, data em que são expulsos de França. Em 1763, como não existia mais nenhum estabelecimento de ensino na região, um grupo de padres seculares reabre as aulas. Em 1789, o edifício é nacionalizado e o colégio encerrado. Em 1803, o governo autoriza a comuna Béziers a criar uma escola secundária, no antigo edifício. As aulas abrem a 7.10.1805 e, a 2.1.1811, o colégio é definitivamente aprovado pelo governo. O ensino era equivalente ao dos liceus de 3ª classe. Em 24.5.1811, o Conselho Municipal, aproveitando o decreto imperial que desejava o aumento dos liceus no Império, pede a sua ereção em liceu, alegando que o colégio possuía os graus de instrução necessários e que a cidade tinha uma vida cultural com algum desenvolvimento. De fato, no colégio ensinavam-se duas cadeiras de Filosofia, duas de Teologia e uma de Matemáticas transcendentais. O pedido não foi deferido. *Délibérations du Conseil Municipal de la Ville de Béziers*. Sessão 24.11.1811. Arq. Mun. Referências posteriores Dél. Cons. Mun. Béz.: Soucaille ... Notice historique sur le collège de Béziers (1594-1868)" BSAS 2^{ème} sér. V (1869): 5-134. Em 1814, o colégio tem trinta e seis alunos internos, cento e quarenta e cinco externos, dos quais dez gratuitos. *Registre des élèves: Béziers-Collège de garçons*. Pasta 1. Arq. dep. Hér.

29. Em 1814, os tanoeiros organizam uma grande manifestação nas ruas de Béziers.

30. No local da paragem, ergue-se, hoje, a igreja de St. Jude. No interior uma placa assinala o acontecimento: *Anno Domini 1814 et III die Februarii, Pius VII P. M. de captivitate redux. Hac in AE de Tunc Stabulum Nunc Templum Paulisper Stetit. Haec Sancta Domus dicere Vèrè potest: Olim vidi. Vicarium Xti Praetereuntem Nunc Christum Manentem*.

31. Segundo, *Inquisitio circa valorem historicum vitae servi dei a sacerdote V. Maynard concinnatae* (Vatican: Typis Polyglottis Vaticanis, 1962) 9, nota 10. Fabregat é testemunha ocular do acontecimento e descreve-o em *Annales* 83. Não é possível confirmar esta fonte. O índice de *Annales* faz alusão à passagem do Papa, em Béziers, mas no interior não se encontra a narrativa correspondente. Referências posteriores *Inquisitio*.

como um momento que marcou o seu amor ao Papa³². É bem possível que, diante da figura de Pio VII, marcada pelo sofrimento, Jean Gailhac, com os seus onze anos, se tenha sentido vivamente impressionado, nascendo nele uma forte adesão ao Sumo Pontífice e ao seu papel de unidade na Igreja.

Após a abdicação de Napoleão e a proclamação da monarquia com Luís XVIII, a França entrou numa época de restauração que se estendeu também à Igreja. Apesar de existirem obstáculos à recristianização do país, os católicos vão conseguir frutos na evangelização da sociedade francesa. A sua presença passa a ser marcada, cada vez mais, por uma atitude de serviço.

Neste momento da vida nacional, Jean Gailhac, então com quatorze anos, interrompe os estudos. Vai para casa de um tio, em Toulouse, a fim de se iniciar na carreira de farmacêutico e ficar, mais tarde, com a farmácia do tio³³. Contudo, depois de seis meses de aprendizagem profissional, é grande o seu descontentamento. Defrontado com a profissão de farmacêutico, verifica que esta não o fará feliz. Este descontentamento envolve dúvidas em relação ao seu futuro estado de vida. Em Toulouse, começa para Jean Gailhac um longo e doloroso discernimento vocacional. Tendo-se apoderado dele a tristeza e o abatimento, resolve escrever aos pais, pedindo-lhes para voltar para casa e continuar os estudos de latim. Os pais acedem ao pedido. Depois de regressar, parece ter sido no colégio de Béziers que Jean Gailhac acaba o bacharelado em letras, grau obrigatório para os alunos que entravam no seminário maior³⁴. Ali, juntamente com outros companheiros que desejavam

32. Maynard 7 diz que Gailhac teria ido ver o Papa com o P. René. É possível, mas também é provável que, em 1814, Gailhac já frequentasse o colégio de Béziers.

33. Maynard 12-13.

34. O decreto imperial que exige o bacharelado é de 9.4.1809. F. Saurel, *Marie-Nicolas Fournier, évêque de Montpellier* (Montpellier: 1892) 200.

Entre 1811 e 1819, trinta e sete alunos saíram do colégio para entrar no seminário maior ou no estado eclesiástico. Em 1813, saíram Valade e Miguel, futuros vigário-geral e diretor do seminário respectivamente. P. Eustache ao Reitor da Academia, 10.2.1820. *Béziers-College de garçons, Pasta 1. Arq. Dép. Hér.* Em Janeiro de 1821, doze alunos entre os externos andam habitualmente de traje eclesiástico e se outros não trazem é porque os pais não lhes podem comprar uma batina. P. Eustache ao Reitor, 17.1.1821. *Béziers-College de garçons. Pasta 1. Arq. Dép. Hér.*

É pena que esta carta não inclua o nome dos alunos que usavam batina, porque Gailhac devia ser um deles.

seguir o sacerdócio e acompanhado espiritualmente pelo P. Martin amadurece a sua decisão.

Jean Gaillhac sentia o chamamento de Deus. Mas a elevada concepção que tinha da vida sacerdotal e as contradições que percebia na vida de alguns membros do clero, faziam-no duvidar da sua capacidade de vir a ser um bom padre. Este receio dificultava-lhe a opção.

O que foi para ele este processo de indecisão e descoberta exprime-o cheio de vivacidade aos setenta e quatro anos de idade, numa carta dirigida ao seu bispo diocesano - "Muito jovem ainda, depois de ter lutado contra a inspiração de Deus, por estar persuadido que era preciso ser muito santo para ser padre; quando, dizia eu, depois de ter lutado, fui pressionado pela graça de Deus, procurei o venerável Padre Martin, pároco de Saint-Aphrodise e meu confessor, para lhe contar tudo o que se passava comigo e a minha decisão. Este venerável Padre abraçou-me e, prognosticando o que Deus me pedia, acrescentou: 'Toma cuidado, porque outro poderá agarrar a tua coroa, se não fores fiel!' Passaram sessenta anos e estas palavras ressoam sem cessar ao meu ouvido"³⁵.

Para finalizar o seu discernimento e tomar uma decisão, passa alguns dias na casa do Padre Martin. Numa das cartas que lhe escreveu já do seminário, Gaillhac faz alusão aos efeitos que a dificuldade provocou no seu comportamento - "Espero que me perdoe tudo quanto lhe fiz sofrer durante o tempo em que me suportou em sua casa. Peço-lhe que perdoe a este jovem insensato de ar sombrio e rabugento, e cujas imperfeições, ou antes, as faltas contínuas o sobrecarregaram"³⁶.

Uma vez tomada à decisão, assume-a com firmeza - "Far-me-ei padre, mas para ser um padre bom e santo"³⁷. Ao comunicá-lo aos pais, diz-lhes - "Quero ser padre. Mas não o serei para vós, sê-lo-ei só para Deus"³⁸. Os pais não põem objeções, ajudam-no mesmo a tornar mais firme a consciência que ele já tem da radicalidade da vocação sacerdotal³⁹.

35. Gaillhac a Mgr. de Cabrieres, 31.01.1877. Roma: Arq. hist./RSCM. caixa 6, pasta 8.

36. Gaillhac ao P. Martin, S. D. Proc. Ap. 3506.

37. Maynard 14.

38. Maynard 15.

39. Gibbal, red. D. 2.

40. Gaillhac ao Instituto: GS/28/VIII/78/A.

Quase com setenta e seis anos, ainda exprime com fulgor o seu itinerário vocacional, as motivações profundas e a irreversibilidade da sua decisão - "Desde a minha mais tenra juventude, Deus encheu-me do seu fogo sagrado. O meu coração nunca quis viver sem o Seu amor. Mas isto não é tudo. Sempre senti a necessidade de O fazer amar. Muito jovem, Deus chamou-me ao sacerdócio. A santidade necessária para uma vocação tão divina assustava-me. Resisti. Só consenti em ser padre com a condição de não viver senão para O amar e levar os outros a amá-Lo"⁴⁰.

A primeira opção vai condicionar todas as que há-de fazer no futuro e transformar-se-á numa atitude permanente ao longo da vida. Jean Gailhac será padre só para amar a Deus e levar os outros a amá-Lo.

Seminarista

No dia 7 de outubro de 1821, Jean Gailhac entra no seminário maior de Montpellier⁴¹. Estava no final dos seus dezoito anos. Com ele, entram mais vinte e dois companheiros, seis dos quais são de Béziers⁴².

A grande maioria dos jovens que chegavam aos seminários maiores pertenciam às classes menos favorecidas: Como os seminários não tinham recursos econômicos, só conseguiam manter-se com o apoio das paróquias que organizavam coletas para a sua manutenção. Esta iniciativa mostra a importância que os católicos davam ao aumento do clero.

Os tempos eram de protecionismo à Igreja e os seus membros aproveitam a ocasião para continuar a renovação da vida eclesial. Um aspecto fundamental para a Igreja era a formação de um clero que pudesse ser resposta à urgência de uma evangelização em profundidade. Por isso, após a Concordata, os bispos preocupam-se com a abertura e reestruturação dos seminários, tarefa nada fácil, já que as carências eram múltiplas. Falta de edifícios e dinheiro. Poucos alunos. Professores mal preparados. Falta de uma ciência teológica adequada aos tempos.

41. *Registre du Séminaire*. Montpellier: Arq. Dioc.

Maynard 19, diz que Gailhac entrou no seminário em 1818, mas o registro do seminário tem a data de 1821. Confirmam esta data o primeiro exame em Fevereiro de 1822 e os seus cadernos escolares datados a partir de 1821.

42. *Registre du Sminaire*. Arq. Dioc.

43. Baijly, *Theologia Dogmarica Moralis ad usum seminariorum*, 8 vols. ; Bergier, *Dictionnaire de Théologie*. 8 vols. ; BourdaJoue. *Sermons* (1716); *Exortions et instrucnons chrétiennes* (1791); *Retraite spirituelle* (1791).

Apesar de terem passado vários anos sob a Concordata e das facilidades concedidas pela monarquia, a formação na maior parte dos seminários franceses desta época era intelectualmente pobre, inadequada e austera, tanto nos conteúdos como na metodologia.

Na filosofia, ainda dominava o cartesianismo; na eclesiologia, o Galicanismo. Os manuais, anteriores à Revolução, eram totalmente galicanos - tratados de Bailly, Bergier, Bourdaloue, assim como a *Philosophie de Lyon e Théologie dogmatique de Bossuet*, compilada pelo Padre Bessièrre⁴³. A Sagrada Escritura, estudada sem nenhuma perspectiva exegética, destinava-se apenas a ser utilizada na pregação. A História da Igreja não fazia parte dos programas. A Moral, inspirada no Jansenismo, concretizava-se numa formação austera, severa, de afastamento do mundo, que desenvolvia uma verdadeira dicotomia entre espírito e carne.

A dificuldade em encontrar professores levava a que a formação fosse abreviada, havendo mesmo necessidade de se recorrer a seminaristas mais adiantados para a administração das aulas.

No ano em que Jean Gailhac entra no seminário, era bispo da diocese de Montpellier D. Nicolas Fournier, e superior do seminário o Padre Joseph Bastet⁴⁴.

Relativamente à qualidade da preparação dada no seminário de Montpellier, as informações são contraditórias. De entre aqueles que o frequentaram, alguns dão uma visão negativa do nível dos estudos e da formação; outros afirmam que os seus mestres situavam-se entre os melhores da França⁴⁵. Certamente que o seminário de Montpellier compartilhava as deficiências dos restantes seminários franceses. Mas a forte personalidade de D. Fournier, formada no seminário de St. Sulpice na linha da espiritualidade da Escola Francesa, contribuiu para o bom ambiente espiritual do seminário. O seu interesse e acompanhamento assíduo incutiam um tom de seriedade, solidez e piedade que se refletia

44. Mgr. Fournier é nomeado bispo de Montpellier em 8.12.1806 e o P. Bastet é superior do seminário maior de 1813 a 1825.

45. S. Vaillhé. *Vie du Père D'Alzon 1810-1880*. 2 vols. (Paris: Bonne Presse. 1926); P. Vigourel, *Histoire de la vie et des oeuvres du Pere Soulas* (Montpelier: 1904); Mgr. Baunard. *Un siècle de l'Église en France 1800-1900* (Paris: Ch. Poussiélgue, 1901); Saurel: M. Granier. *Le Saint-Vincent de Paul Montpellieran - André Soulas, 1808-1857* (Montpelier: 1934).

46. Vicente de Paulo a Mr. Get, primeiro superior do seminário de Montpellier. Placa existente na escadaria principal do seminário de Montpellier.

nos professores e alunos. Em conjunto com o seu bispo, os educadores haviam assumido a perspectiva que Vicente de Paulo propusera, em 1659, ao primeiro superior daquele seminário - "Na educação dos eclesiásticos, o objectivo principal é formá-los na vida interior, na oração, no recolhimento e na união com Deus"⁴⁶.

Estes princípios formariam padres piedosos, cumpridores do seu dever, zelosos e capazes de dar resposta à grande necessidade pastoral - a evangelização da sociedade francesa. A avaliar pela vida de alguns deles, o objetivo foi atingido. De fato, nesta época, formaram-se no seminário de Montpellier sacerdotes que iriam ser figuras de primeiro plano na vida eclesial francesa. Distinguiram-se como bispos, D. Paulinier, D. Besson, D. Ginoulhac. Como fundadores de congregações, Jean Gailhac, André Soulas, Emmanuel d' Alzon. Como professores de altos estudos, os padres Flottes e Aoust⁴⁷.

A língua materna da quase totalidade dos alunos era o patois. Contudo, para que tivessem acesso a uma preparação intelectual de melhor qualidade, o bispo exigia que a língua francesa fosse obrigatoriamente falada no quotidiano do seminário.

Ao entrar no seminário, Jean Gailhac trazia boa preparação intelectual adquirida no colégio, bases espirituais sólidas lançadas pelo Padre Martin, uma experiência personalizada de Deus delineada no discernimento vocacional, e ainda o desejo de se abrir à ação de Deus em si. A sua motivação para ser padre estava centrada no essencial - o amor a Deus e a salvação da humanidade. Agora é o tempo de amadurecer as suas convicções, de aprender a viver como sacerdote.

As apreciações registradas pelos professores no livro oficial do estabelecimento e os seus apontamentos espirituais relativos a este período, revelam que Jean Gailhac encarou a vida do seminário com seriedade em todos os aspectos. Aplicado, profundo,

47. Mgr. Justin Paulinier. arcb. de Bessançon; Mgr. Besson, bispo de Nimes; Mgr. Jacques-Marie-Achille Ginouhjac, bispo de Grenoble; P. André Soulas, fundador das Irmãs Garde-Malades ou Notre-Dame Auxiliatrice e dos Padres Missonnaires Adorateurs; P. EmmanueJ d'Atzon. fundador dos Padres Assomptionistes de Nimes; P. Jean Baptiste Aottes, professor de Filosofia na Faculdade de Letras de Montpellier; P. Louis-Stanislas-Xavier-Banhélemy Aoust, professor na Faculdade de Ciências de Strasbourg e Marseille.

procurava progredir e desenvolver os talentos. No primeiro ano, o seu caráter é classificado, pelos professores, de “bom”, “vivo”, “temperado pelos valores em que acreditava” e, mais tarde, de “excelente”; a piedade começa por ser considerada “boa” e, a partir do segundo ano, é referida como “excelente”⁴⁸.

Para o estudo, baseia-se nos apontamentos pessoais, primorosamente escritos, e nos manuais comuns naquela época⁴⁹. Para a sua formação filosófica e teológica estudou: Lógica, Matemática, Atos Humanos, Penitência, Censuras, Religião, Decálogo, Igreja, Pecados, Sacramentos, Encarnação, Leis, Batismo, Eucaristia, Justiça, Graça. Entre Fevereiro de 1822 e Fevereiro de 1826, submete-se a nove exames⁵⁰.

Através dos apontamentos espirituais manuscritos, pode perceber-se o crescimento interior de Jean Gailhac⁵¹. Caracteriza-o um grande amor a Deus, uma vontade firme de dar-se totalmente a Ele, de viver sempre na Sua presença, uma profunda comunhão com Jesus Cristo e um desejo de se identificar cada vez mais com Ele.

48. Grand-Séminaire: Registre d'appréciations des séminaristes, s.d. vol. 2 Arq. Dép. Hér.

477

EXAMEN	CARACTERE	PIÉTÉ	TALENT	STIIDIOSITÉ	PROGRES
1	bon et vif mais temperé par la religion	bonne	bons ordinaires	bien bonne	bons ordinaires
2	lb.	lb.	lb.	lb.	lb.
3	excellent	Excellente lb.	lb.	lb.	lb.
4	lb.	lb.	lb.	lb.	lb.
5	lb.	lb.	lb.	lb.	lb.
6	lb.	lb.	lb.	lb.	lb.
7	lb.	lb.	lb.	lb.	lb.
8	lb.	lb.	lb.	lb.	lb.
9	lb.	lb.	lb.	lb.	lb.
10	lb.	lb.	lb.	lb.	lb.

Os exames 1 e 2 correspondem ao ano de 1821-22, 3 e 4 a 1822-23, 5 e 6 a 1823-24, 7 e 8 a 1824-25 e 9 e 10 a 1825-26.

49. *Cadernos de apontamentos*. Béziers: Arq. Casa Mãe RSCM. Arq. Casa Mãe RSCM.

Na Casa Mãe das RSCM, existe um conjunto de livros a que a tradição dá o nome de biblioteca do Padre Gailhac. Grande parte deles foi seguramente de Gailhac; outros teriam pertencido aos Padres do Bom Pastor e a Guillaume Ga ailhac, primo de J. Gailhac e pároco de Paillès.

50. Registre du Séminaire. Arq. Dioc .

51. Escritos 1 segg.

Desde o início a sua consciência delicada detesta o pecado, luta por destruir o orgulho, a vaidade, a mentira. Jean Gailhac procura crescer no cumprimento do dever, na mortificação, na humildade e na oração. Com profundo reconhecimento pelos dons recebidos, sente que os seus esforços só com a graça de Deus poderão chegar a bom termo. Maria, como caminho para Jesus, toma já um lugar importante na sua vida. Acolhe-se fielmente à sua proteção. Exercita-se na virtude da obediência para, mais tarde, poder vir a praticá-la em relação ao seu bispo. Decide ser o "ecônomo dos pobres" e fazer da pobreza a sua "moda".

Em 1822, quando frequentava o primeiro ano do seminário, faz voto particular de amar totalmente a Deus - "Faço voto de amar a Deus com todo o meu coração e de lhe ser tão fiel quanto lhe fui infiel, tão reconhecido quanto fui ingrato para com Ele"⁵². No segundo ano, toma a decisão de viver o conteúdo dos conselhos evangélicos - "Tomo a resolução de praticar a castidade, a pobreza e a obediência", e de novo faz particularmente voto de viver só para Deus - "Ó Jesus, faço voto de viver e suspirar só por Vós, de Vos amar unicamente a Vós"⁵³.

Nas resoluções do retiro de 1824, decide-se a fazer tudo por amor a Deus e para sua glória - "Tudo o que eu faça, quer comendo, quer bebendo, quer rezando, numa palavra, tudo, quero fazê-lo só por amor de Jesus"; "Como base de todos os meus pensamentos, palavras e ações, quero ter apenas a glória de Deus e o seu amor"; "Desde que possua Deus e o seu amor, é o bastante para mim"⁵⁴.

O seminário proporcionava aos alunos trabalhos apostólicos no exterior. Jean Gailhac aproveita todos os momentos livres para visitar os doentes, os presos e ajudar os párocos de Montpellier. Um horário pormenorizado feito por ele, inclui este apontamento - "O resto, estudo ou boas obras"⁵⁵. Durante as férias, dá ainda catecismo na Igreja de Saint-Aphrodise. Estas atividades possibilitam-lhe um contacto direto com a realidade e um conhecimento das necessidades da diocese em que vive.

52. Escritos 7.

53. Escritos, 22.

54. Escritos, 26 seg.

55. Escritos, 2.

Foram seus professores os padres Grasset, Salvetat, Pigasse, Vemièr⁵⁶. Tudo indica que era bom o seu relacionamento com os mestres e companheiros. Em relação aos professores havia um à vontade respeitoso, cheio de gratidão por tudo o que lhe ensinavam. Com alguns colegas da primeira hora contraiu amizades sólidas que perdurarão toda a vida, como é o caso do Padre Pierre Cresseil⁵⁷. A formação de Jean Gailhac é acompanhada com interesse pelos pais, que chegaram a criar uma certa amizade com os responsáveis do seminário⁵⁸.

Jean Gailhac recebe a tonsura, em 24 de Maio de 1823, as ordens menores, em 12 de Junho de 1824, véspera da SSma Trindade e o sub-diaconado a 28 de Maio de 1825⁵⁹. Não é certa a data em que foi ordenado diácono - Dezembro de 1825 ou Janeiro de 1826⁶⁰.

Em Junho de 1826, antes ainda de ser ordenado presbítero, Jean Gailhac é submetido a um décimo exame que não foi exigido a nenhum dos seus colegas⁶¹. A aprovação neste exame confere-lhe competência para lecionar Filosofia no seminário.

Não faz exames de Sagrada Escritura nem de História da Igreja, que não faziam parte do currículo escolar. No entanto, Jean Gailhac sente necessidade de aprofundar estas matérias, tentando compensar a lacuna, através de um estudo suplementar. Prova disso são as várias Histórias da Igreja e comentários à Sagrada Escritura existentes entre os seus livros e ainda uma das resoluções tomadas quando diácono - "O meu estudo será dividido da seguinte maneira: de manhã, duas horas de Sagrada Escritura ou de Teologia, uma hora de História e uma hora de Bourdaloue"⁶².

56. Cadernos de apontamentos. Arq. Casa Mãe.

57. Cresseil e Gailhac entram juntos para o seminário, são ordenados no mesmo dia e Cresseil está presente nas bodas de ouro de Gailhac.

58. P. Bastet a Gailhac, 14.8.(ilegível). Arq. hist./Cong. Vol. V,26. Ver também Proc.ap.835. P. Bastet a Gailhac, 4.11.1828. Arq.hist./Cong. Vol.V,7. Ver também Proc.ap.1805. Gailhac a Bastet, s.d. Escritos 61.

59. Registre du Séminaire e Registre des Ordinations du Diocese de Montpellier. Arq. Dioc.

60. 7.12.1825, é a data do Registre des Ordinations e, Janeiro de 1826, a do Registre du Séminaire. Arq. Dioc. 61. Registre du Séminaire. Arq. Dioc. Anotado a seguir ao exame: "Vallat pour classe de philosophie".

62. Escritos 2.

Num retiro de preparação próxima para a ordenação presbiterial, entre várias resoluções encontram-se as seguintes - "A única coisa que quero ter em vista é a glória de Deus e o seu amor"; "Tomo a decisão de ter sem cessar, se não for na boca, pelo menos no coração e na intenção, estas palavras que eram a divisa de Santo Inácio: *Omnia ad majorem Dei gloriam*"; "Quero dedicar-me totalmente à glória de Deus, à minha santificação e à do próximo. Quero em tudo e em todo o lugar amar a Deus, fazê-lo amar. Quero que o último pensamento do meu coração e as últimas palavras da minha boca sejam: amo Jesus e quero fazê-lo amar"⁶³.

O seminário é o espaço onde vão germinar os elementos constitutivos da visão de fé de Jean Gailhac. No estudo, nas atividades apostólicas e na oração, realiza a síntese entre a cultura, a fé e a vida, amadurece o seu amor a Deus e aos irmãos e clarifica a maneira de viver o futuro ministério sacerdotal. Antes de ser ordenado decide em traços largos como pretende preencher o tempo no futuro - "Toda a minha vida será consagrada a Deus. Todo o meu tempo será distribuído entre a oração, o cumprimento do dever e o estudo. Os momentos que não forem preenchidos por estas ocupações serão dedicados às boas obras"⁶⁴.

Jovem sacerdote

Jean Gailhac é ordenado padre por D. Nicolas Fournier, em 23 de Setembro de 1826⁶⁵. Tem 24 anos. Começa o seu ministério sacerdotal no seminário maior, onde dá aulas de Filosofia e exerce funções ligadas à formação dos alunos. Segundo a tradição das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, foi também professor de Teologia Dogmática⁶⁶.

O cargo de professor de seminário maior tinha de ser exercido de acordo com a legislação oficial vigente. Segundo esta legislação, o Governo exigia o juramento e assinatura dos Quatro Artigos da Declaração de 1682 e o compromisso de ensinar a doutrina neles contida.

63. Escritos 1-4.

64. Escritos 2.

65. Carta da ordenação. Arq. hist./Cong. Vol.I-A, 49. Ver também *Registre des Ordinations*. Arq. Dioc. É ordenado na capela do Chateau d'Eau, residência de Verão de Mgr. Fournier.

66. Gibbal, Red. D, 2v; Maynard 30-32.

Em certas ocasiões, o Ministério do Interior chegava mesmo a pressionar os bispos exigindo-lhes prova dessa assinatura⁶⁷. Ainda de acordo com a tradição das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, o Padre Gailhac recusou-se a jurar e assinar os Quatro Artigos⁶⁸. É provável que a sua recusa tenha passado despercebida ao nível oficial, visto que durante os anos em que foi professor no seminário, o ministério não exigia da autoridade diocesana qualquer prova de juramento. É importante observar que o país vivia uma época de estreita aliança entre a monarquia carlista e a Igreja católica e, naturalmente, o Governo confiava aos bispos o cuidado de fazerem cumprir a cláusula. Seria, pois, ao nível da relação de Gailhac com o bispo da diocese que os problemas poderiam ter surgido.

Qual teria sido a reação de D. Fournier perante a recusa de Jean Gailhac? D. Fournier era adepto convicto das ideias galicanas, tendo tomado posições públicas de relevo para as defender, nomeadamente quando estas ideias começaram a ser contestadas por alguns católicos franceses, entre os quais figurava La Mennais⁶⁹. Na própria diocese de Montpellier, a partir de 1823, crescia o número dos entusiastas pelas ideias lamenesianas. Em 1825, estas ideias já haviam penetrado no seminário suscitando vivo interesse da parte dos seminaristas.

A expansão dos ideais defendidos por La Mennais, especialmente após a publicação da sua obra *De la religion considerée dans les rapports avec l' ordre politique* levou o Governo a convocar uma Assembleia do Alto Clero, que se realizou em Paris em 1826. Esta

67. Mesmo após o restabelecimento da monarquia em 1814, o Ministério do Interior continuava a exigir que os bispos fizessem cumprir esta cláusula. Estes, reagiam de diferentes maneiras mas, apesar de defensores do galicanismo, não acolhiam bem a vigilância exercida pelo governo. Em 1817, perante a solicitação de que fosse enviada a prova de juramento, Mgr. Fournier responde a 9 de Março de 1818, que "o cuidado dos bispos deve ser suficiente para tranquilizar o governo neste ponto". Mais tarde, em 18.3.1824, Mgr. Fournier torna a receber idêntico pedido, a 15.7.1824 ainda não tinha respondido. Numa estatística oficial, datada de 14.7.1826, em setenta e um bispos, doze tinham recusado responder ao pedido de 1824, vinte e cinco nada tinham respondido e só trinta e quatro tinham dado deferimento. Inquisitio 25, nota 20.

68. Gibbal, *Red. A*, 5; Maynard 32; *Inquisitio* 25, nota 20.

69. La Mennais (1782-1854), padre, grande defensor do ultramontanismo e da liberdade religiosa frente ao galicanismo. Em 1830, torna-se chefe do movimento, funda o jornal *l' Avenir* e agrupa a juventude católica liberal. Denunciado pelo episcopado galicano e pela polícia, acaba por ser condenado, em 1832, pelo Papa Gregório XVI. Em 1834, rompe com a Santa Sé.

assembleia tinha por objetivo condenar as teorias expostas por La Mennais que, na sua obra, atacava o Galicanismo da hierarquia francesa, considerando-o um cisma, rejeitava os Quatro Artigos da Declaração de 1682 e exaltava o poder pontifício.

Devido às suas intervenções, D. Fournier foi escolhido pelo grupo para redigir o documento final que intitulou *Exposition des sentiments des évêques de France réunis à Paris à l'ocasion d'un ouvrage intitulée "De la religion considérée dans les rapports avec l'ordre politique et civil" par La Mennais*. Fazendo eco dos sentimentos da Assembleia, reprovava as ideias expostas por La Mennais e defendia os Quatro Artigos da Declaração de 1682. O texto final foi publicado a 3 de Abril de 1826, tendo como signatários dois cardeais, vários arcebispos e bispos.

Conhecida a posição de D. Fournier, poder-se-à concluir que não lhe terá sido agradável saber da recusa de Jean Gailhac aos Quatro Artigos, que ele, poucos meses antes, defendera em público. No entanto, nenhum incidente ficou assinalado e Jean Gailhac continuou no seminário. Apesar de fortemente

galicano, D. Fournier era compreensivo e tolerante. Sem dúvida que estas qualidades devem tê-lo levado a considerar o valor de Jean Gailhac como pessoa e sacerdote, independentemente das ideias que os colocavam em posições divergentes.

A posição de Jean Gailhac face aos Quatro Artigos parece ter sido exclusiva no corpo docente⁷⁰. Que razões o teriam movido a assumir tal posição? Poderá considerar-se a recusa da assinatura como diretamente influenciada pelas ideias lamenesianas? De fato, Jean Gailhac conhecia as teorias de La Mennais. A condenação do Galicanismo e o reconhecimento do lugar do Papa na Igreja eram aspectos com os quais sintonizava plenamente. Todavia, outros elementos terão sido determinantes para Jean Gailhac. O exemplo do Padre Martin, que havia recusado o juramento à Constituição Civil do Clero e à Constituição do Ano VIII deve ter sido preponderante em todo este processo. Esta atitude ia de encontro às suas convicções mais profundas, ajudando-o a consolidá-las. Para Jean

70. R. Aubert, "J. Gailhac", *Dictionnaire d' Histoire et Géographie Ecclesiastiques*, XIX (Paris: 1981) 672-673. "Professor do seminário maior, onde foi o único a recusar a assinatura dos Quatro Artigos de 1682, apesar das pressões do bispo". Esta opinião do autor baseia-se, certamente, na impressão com que ficou da leitura das biografias de Gailhac.

71. Conselho da sociedade a Gailhac, 21.12.1829. *Arq. hist./Cong. Vol. II - F, 13*. A Congregation de la Divine Enfance tinha sido fundada em 1824 pelo P.Salvetat, à semelhança do que acontecera noutros seminários.

Gailhac, não deve ter sido fácil opor-se frontalmente ao seu bispo. Foi, com certeza, um momento de grande exigência interior e de sério discernimento. A fidelidade ao Evangelho e àquilo que considerava essencial na sua carreira eclesial levavam-o a rejeitar a subalternização do Papa na Igreja e a recusar submeter o seu ministério sacerdotal aos poderes políticos. A opção inicial de centrar toda a sua vida exclusivamente no amor a Deus e aos outros ia ganhando a força da concretização.

No seminário, tornava-se evidente a qualidade da sua presença e a firmeza das suas convicções. A sua influência ultrapassa a de um simples professor. Jean Gailhac tem um papel preponderante na formação espiritual dos alunos, ajudando-os na preparação para a vida sacerdotal. Através de todos os meios ao seu alcance, especialmente retiros e conferências, procura incutir-lhes um espírito de seriedade, de intimidade com Deus, de caridade e zelo. Participa ativamente na organização da Congregação da Divina Infância que tinha por objetivo "formar os seminaristas nas virtudes da humildade, obediência e simplicidade", à semelhança de Jesus Menino⁷¹. Esta sociedade viria a ter grande influência na formação dos alunos do seminário durante a década de 30.

Entretanto, o capelão do hospital central de Béziers fica doente e D. Fournier nomeia Gailhac para substituí-lo durante a doença. Todos os dados levam a crer que esta primeira nomeação, cuja data não é possível precisar, tinha um carácter interino⁷², e que estaria fora dos projetos episcopais a nomeação definitiva de Gailhac para aquele ministério. Um convite para pregar numa aldeia dos arredores de Béziers está datado de 7 de agosto de 1828 e é dirigido ao "Senhor Padre Gailhac, padre em Béziers"⁷³. Numa carta, datada de 14 de agosto mas em que não está assinalado o ano, o padre Bastet, vigário-geral, autoriza-o "enquanto fôr capelão do

72. Maynard 39. No registo dos padres da diocese a nomeação é datada de 12.9.1827. Petres du Diocese de Montpellier 265. Arq. Dioc. Em Dezembro de 1827 Gailhac está em Montpellier. Carta de Louise Roger a Gailhac, 9.12.1827. Proc. ap. 3292. Mr. Salvan, antigo capelão, morreu durante o ano de 1828. Registre des délibérations de la commission administrative des hospices civiles réunis de la ville de Béziers pour l'année 1828. 21.9.1828. Arq. Dép. Hér.

73. P. Puithéric a Gailhac. Proc. ap. 3293.

hospital" a confessar todos os que vivem na casa, as pessoas da cidade e os casos reservados⁷⁴. Assim, parece não haver dúvidas de que, em agosto de 1828, antes da nomeação definitiva, Jean Gailhac já estava em Béziers exercendo as funções de capelão do hospital.

O hospital central de Béziers era simultaneamente civil e militar, e a ele acorria toda a espécie de doentes: soldados, prostitutas, velhos indigentes da cidade e redondezas. Aí, o Padre Gailhac constata o grau de descristianização do povo. Nas zonas rurais e nos bairros periféricos de Béziers, devido à falta de clero, era quase total a ignorância religiosa das pessoas. Ao mesmo tempo, a conjuntura política e social possibilitava a recristianização do país. Aproveitando estas facilidades, o clero lançava-se na evangelização através das missões populares, da multiplicação das associações de leigos, etc. Em contrapartida, os liberais desencadeavam uma campanha de anticlericalismo que penetrava largas camadas da população. Para a Igreja, o momento era decisivo. Ao exercer o ministério de capelão do hospital, Jean Gailhac percebe que a sua cidade natal se apresenta como um vasto campo de evangelização e conclui que é preciso aproveitar as imensas oportunidades que aí se oferecem.

É natural que a estada no hospital tenha feito Gailhac refletir sobre a situação que vivia no seminário, a possibilidade de no futuro vir a ser obrigado, pelo

Governo, a assinar os Quatro Artigos, e que dentro de si se tenha gerado um conflito. Como era seu costume, busca a vontade de Deus. O discernimento não deve ter sido fácil. Mas a vacância da capelania do hospital é para ele o elemento decisivo. Parecia claro que Deus lhe abria um caminho novo. Não se detém diante do tipo de doentes, do magro ordenado, nem das péssimas condições do estabelecimento. Uma vez clarificada a vontade de Deus, nada o faz parar.

Vai ter com P. Lunaret, vigário-geral, que, diante da sua comunicação lhe pergunta admirado:

- *Meu amigo, o que vai fazer no hospital? Não é caminho para parte nenhuma.*

- *É caminho para o Céu*, foi a resposta de Gailhac⁷⁵.

Em seguida, pede a D. Fournier que o nomeie capelão. Perante o pedido do sacerdote, o bispo fica perplexo e procura dissuadi-lo de semelhante ideia. O hospital exigia um capelão zeloso mas,

74. P. Bastet a Gailhac. Arq. hist./Cong. Vol. V, 26. Ver também *Proc. ap.* 835.

75. Maynard 38.

pelo estilo de trabalho, este lugar era geralmente ocupado por padres idosos. Além disso, contava com ele para a tarefa de educador e professor no seminário. Ao procurar indagar as razões que motivam tal decisão e ao perguntar-lhe:

- *O que pretende fazer lá?*

A resposta é a mesma: - *Ganhar o Céu*⁷⁶.

As interpelações que lhe fazem ter-lhe-ão causado problemas de consciência, levando-o a pedir conselho. O P. Bastet diz-lhe, no último parágrafo da sua carta: "*Soube um pouco do que diz respeito ao seu pedido. Sabe o prazer que tenho em vê-lo aqui, mas é preciso abandonar todos esses escrúpulos*"⁷⁷. Compreendendo os valores que sustentavam a opção do jovem padre e, percebendo que por aí passava a vontade de Deus, D. Fournier nomeia-o capelão do hospital.

Apesar da pressão exercida pelos colegas, das interrogações do bispo e seus colaboradores, Jean Gailhac, após discernimento, está seguro da vontade de Deus a seu respeito e nada de humano nem ninguém pode dissuadi-lo. Tinha amadurecido a sua opção pelo essencial e chegava o momento de concretizá-la. Esta capacidade de perceber a vontade de Deus e de segui-la, custasse o que custasse, mante-la-á durante toda a vida. O rumo está definitivamente marcado.

- "*Porque é caminho para o Céu*", é, naquele momento, a expressão atualizada da sua primeira opção: "*Serei padre, mas serei um padre bom e santo*".

Capelão do Hospital

A nomeação oficial para a capelanía do hospital é datada de 12 de Setembro de 1828 e tem o seguinte teor: "Nós o nomeamos capelão do Hospital militar da cidade de Béziers e nós lhe demos e damos todos os poderes necessários para realizar as funções ligadas a este lugar"⁷⁸. A partir desta data, Jean Gailhac é definitivamente capelão do hospital, com plenos poderes para realizar a sua missão.

76. Maynard 38.

77. P. Bastet a Gailhac em 14.8. (ilegível). Arq. hist./Cong. Vol. V, 26. Ver também Proc.ap. 835.

78. Carta de nomeação para capelão do Hôtel-Dieu. Arq. hist./Cong. Vol. I-A, 54. Ver também Proc. ap. 5537 e Inquisitio Doc. VII 319.

Durante o primeiro ano, tem alojamento completo no hospital, mas a partir do quarto trimestre de 1829 deixa de tomar aí as refeições. É-lhe atribuído um ordenado de oitocentos e cinquenta francos por ano ⁷⁹.

Jean Gailhac passa uma parte do dia fazendo visitas, confessando, distribuindo a comunhão e a Santa Unção aos doentes que estavam em perigo de vida. Porém, o seu zelo não se esgota no hospital. No mesmo dia em que é nomeado capelão, recebe poderes de D. Fournier para celebrar missa, confessar e pregar na Igreja de Saint-Aphrodise⁸⁰. Um pouco mais tarde, D. Fournier nomeia-o confessor das Irmãs de Saint-Maur e, posteriormente, das Carmelitas de Bédarieux.

Com frequência é solicitado pelos párocos para pregar em aldeias das redondezas de Béziers. O tom de simpatia e amizade em que lhe são feitos os convites expressam o conforto que transmitia a sua presença. De uma maneira informal, relaciona-se cordialmente e com certa intimidade com diferentes estilos de pessoas que nele depositavam grande confiança. Procura fomentar a vida cristã dos leigos através de determinadas devoções tais como a do Rosário Vivo - associação de pessoas organizadas em grupos de quinze, com o objetivo de incentivar a oração do Rosário⁸¹. Assim, o seu tempo passa a estar repartido pela capelania, pregação, ministério da penitência a religiosas e leigos, direção espiritual e outros trabalhos apostólicos.

Embora Jean Gailhac dedique parte do seu tempo a todos estes ministérios, sente forte inclinação para o trabalho no hospital e encontra nele um vasto campo de ação. A certa altura, alguém pretende dar o lugar de capelão a um outro padre e tenta consegui-lo junto do bispo. Ao ter conhecimento, Gailhac escreve a um dos vigários gerais: - "*Tenha a certeza de que isso me causaria um grande desgosto, a não ser que fosse para me pôr noutra hospital*"⁸².

79. Reg. del. com. adm. hosp. civ. réunis ville Béz. pour l'année 1830. 9.1.1830. Arq. Dép. Hér.

80. Carta de poderes 12.9.1828. Arq. hist./Cong. Vol. I-A, 54. Ver também Inquisitio Doc. VIII 320.

81. Gailhac a Mgr. Fournier, Escritos 4110-4111.

82. Gailhac a um dos vigários-gerais, s.d. Escritos 4058.

Por que esta opção tão nítida pelo trabalho no hospital, numa altura em que outros trabalhos de evangelização direta, como é o caso das missões do campo, começavam a ser organizadas por D. Fournier e suscitavam grande interesse da parte do clero? O Padre Cresseil, um dos companheiros de seminário de Jean Gailhac, logo após a ordenação passa a dedicar-se inteiramente à pregação das missões. Acontecerá o mesmo com o Padre Soulas, uns anos mais tarde.

Por que razão o Padre Jean Gailhac não opta por um ministério de anúncio direto, já que emprega parte do seu tempo nessa pregação pelas aldeias? Certamente que para ele os doentes do hospital, na sua maior parte idosos, moribundos, soldados e prostitutas, são os mais pobres e os mais necessitados de uma palavra portadora de conforto e de esperança na misericórdia de Deus.

Na Igreja do século XIX, desperta o espírito missionário incentivado pela própria Santa Sé. Integrada neste dinamismo, a França procura ultrapassar as suas fronteiras e anunciar a salvação em Jesus Cristo fora da Europa, lançando-se em países de missão. Entre os que partem, encontra-se o P. Dalmond, que Gailhac tinha conhecido no seminário e fora enviado pelo Papa a missionar as Ilhas do Pacífico.

Em 1830, vem à França numa tentativa de encontrar missionários que queiram seguir com ele. Convida Jean Gailhac pessoalmente e através do vigário-geral⁸³. Diante desta possibilidade, Gailhac não vê clara a vontade de Deus e não dá uma resposta imediata. Reflete durante mais de um ano sobre a decisão a tomar. Sente que nada de humano o retém, mas não é evidente que Deus o chama a partir⁸⁴. Acaba por chegar à conclusão de que deve permanecer em Béziers.

No meio da multiplicidade de trabalhos, Jean Gailhac dedica muitas horas do dia ao estudo e à oração. Nas resoluções que toma quando capelão, tem o tempo completamente distribuído⁸⁵. Levantar as quatro horas da manhã. Antes da missa, meditação, oração de

83. P. Dalmond a Gailhac, 23.3.1830 e 26.7.1830. Arq. hist./Cong. Vol. II-F, 38-39. Ver também *Proc. Ap.* 6430-6432; P. Grasset a Gailhac em 25.5.1830. Arq. hist./Cong. Vol V, 12. Ver também *Proc. ap.* 839.

84. P. Dalmond. 26.7.1830. Arq. hist./Cong. Vol. II-F 39

85. Escritos 59-60. '

prima, terça, uma hora de leitura da Sagrada Escritura, estudo de Teologia Moral, oração de sexta e nona. Depois da missa e da ação de graças, visita aos doentes e, se o tempo sobrasse, estudo dos Padres da Igreja e do Dogma.

Depois do almoço, vésperas e terço. Se, depois dos trabalhos apostólicos, lhe ficasse tempo livre, estudo da História Eclesiástica e oração diante do SSmo. Sacramento. No princípio, devia ainda dedicar algum tempo à leitura de uma obra que o deve ter ajudado a pautar o seu estilo de vida - *Manuel d'un jeune prêtre* escrito pelo Padre Bastet sob o patrocínio de D. Fournier⁸⁶.

Pelo menos durante os primeiros anos continua bastante ligado ao seminário. Uma carta datada de dezembro de 1829, proveniente do Conselho da Congregação da Divina Infância dá-lhe notícias detalhadas do que se passa na Sociedade que ele tinha ajudado a fundar⁸⁷.

O zelo que punha no cumprimento do dever é tão grande que em novembro de 1829, recebe uma advertência do Padre Bastet - "Tome cuidado em não trabalhar tanto, (ilegível) levantando-se de noite sem necessidade. Dentro de alguns anos, sentirá que fez demasiado"⁸⁸. Em 1832, a cólera se alastra pela cidade e aumenta o número de doentes no hospital. Jean Gailhac não tem um minuto de repouso e acaba por apanhar uma pleurisia. Apesar das rigorosas prescrições médicas, não se deixa abater pela doença. Pouco depois, está de novo ao serviço no hospital⁸⁹.

Até esta altura, as relações de Jean Gailhac com D. Fournier e seus colaboradores parecem excelentes. As cartas do cônego Bastet, do vigário-geral Lunaret e do superior do seminário Grasset escritas até 27 de fevereiro de 1832, refletem a franqueza do relacionamento de Jean Gailhac, o seu desejo de nada fazer sem licença do Paço, a amizade que todos lhe tinham e a confiança que nele depositavam⁹⁰.

86. J. Bastet, *Manuel d'un jeune prêtre*, ouvrage dédié au clergé qui sort du séminaire pour exercer le saint ministère sous les auspices de Mgr. Fournier. 2 vols (Montpellier: 1827). Existe um exemplar na biblioteca de Gailhac.

87. Conselho da Congrégation de la Divine Enfance a Gailhac, 21.12.1829. Arq. hist./Cong. Vol. II-F, 13.

88. P. Bastet a Gailhac, 4.11.1828. Arq. hist./Cong. Vol. V, 7.

89. Maynard 48.

90. Cartas do Paço a Gailhac. Arq. hist./Cong. Vol, V, 7-16. Ver também Proc. ap. 835-842.

Entretanto a 7 de março de 1832, o Padre Lunaret envia-lhe uma carta de teor diferente⁹¹. Nela refere que o bispo censurava a sua adesão às novas doutrinas. Que ele, Lunaret, não tinha provas disso, mas que lhe parecia natural Gailhac não estar isento de alguma imprudência. Que os superiores do seminário, não o consideravam entre os adeptos calorosos de La Mennais, mas estavam convencidos de que pertencia ao número daqueles que poderiam vir a sê-lo. Exorta-o a que reconsidere a sua atitude perante este autor tendo em conta a opinião do corpo episcopal francês já emitida sobre esta matéria.

Depreende-se que Jean Gailhac começava a ser conhecido como lamenesiano, o que era natural. Com efeito, os ideais ultramontanos de La Mennais conheciam de dia para dia maior divulgação e contavam cada vez mais com o apoio do clero jovem. Gailhac pertence a esta nova geração que começava a conceber a Igreja de uma maneira diferente da do antigo clero, demasiado galicano e comprometido com a monarquia. Devido ao aumento das ordenações na última década, o grupo era numeroso e começava a ter certo peso na vida eclesial. O apoio dado, no início, pelo Papa Leão XII a La Mennais, entusiasmava os jovens padres. As adesões aumentavam, fazendo crescer um grupo fortemente ultramontano. Os bispos já tinham reagido em 1826, quando enviaram ao Papa a crítica sobre a primeira obra de La Mennais. O silêncio do Papa face ao documento dos bispos acalmou os ânimos da hierarquia, durante algum tempo.

A partir da revolução de julho de 1830, as posições do grupo de La Mennais tornam-se mais extremistas na defesa da liberdade em todos os níveis. O jornal *L'Avenir*, fundado pelos lamenesianos, tem cada vez maior divulgação. Então, D. Fournier proíbe a sua leitura no seminário. Em várias cidades da diocese haviam-se formado grupos de padres e leigos admiradores das novas ideias e consideravelmente ultramontanos. Béziers é a cidade de diocese onde La Mennais contava com o maior número de adeptos⁹². Quando parecia que o Galicanismo já tinha desaparecido, ele irrompe cheio de força em grande parte dos bispos e do clero mais idoso. Agudiza-se, então, uma luta de gerações - a galicana e a ultramontana.

91. P. Lunaret a Gailhac, 7.3.1832. Arq. hist./Cong. Vol. V, 17. Ver também Proc. Ap. 841-842

92. G.Gholvy, Religion et société au XIX siècle: Le diocese de Montpellier. These pour l'obtention du doctorat es-Lettres devant L'Université de Paris I Pro manuscrito (Paris: 1972) 400.

Considerando-se o contexto em que se vivia, não admira que o jovem Padre Gailhac, desde sempre em oposição às liberdades galicanas, fosse simpatizante daqueles que defendiam o Ultramontanismo. Perante o seu entusiasmo face às novas doutrinas, também parece natural a recomendação de cautela por parte do bispo.

Os campos galicano e ultramontano vão-se extremando. Em abril de 1832, um grupo de bispos adere à proposta de condenação dos erros de La Mennais apresentada pelo arcebispo de Toulouse, D. Astros, e envia à Santa Sé a compilação destes erros, num total de cinquenta. Entre os aderentes, conta-se D. Fournier, que já estudara maduramente as novas ideias e que "condena todas as proposições enunciadas na dita carta [à Santa Sé] como falsas, temerárias e perniciosas à fé católica"⁹³.

Entretanto, as ideias lamenesianas radicalizam-se na direção do liberalismo. É sobretudo por este aspecto que o Papa Gregório XVI termina por condená-las, a 15 de agosto de 1832 na encíclica *Mirari Vos* e, em 25 de junho de 1834, na *Singulari Vos*. As condenações papais são acatadas por todo o clero da diocese de Montpellier, mesmo pelos grupos ultramontanos mais vigorosos⁹⁴.

Não se conhece qualquer resposta de Gailhac à carta de 7 de Março de 1832, mas a maneira como ele se vai situar na vida permite-nos intuí-la. O estudo da História da Igreja e a reflexão da Sagrada Escritura iluminava o momento que vivia. Em todas as épocas tinha havido correntes que se debatiam, mas a verdade acabava sempre por triunfar. Valeria a pena perder tempo em discussões estéreis quando, numa França descristianizada, havia tanta gente a quem era necessário proclamar a Boa Nova da Salvação?

Depois deste incidente, continua o bom relacionamento com D. Fournier e seus colaboradores. Em setembro de 1832, o Padre Bastet, numa carta em que lhe concede várias licenças, faz referência ao acolhimento da condenação papal por parte de La Mennais. Com naturalidade refere o contentamento de D. Fournier pela forma como o assunto se resolveu e aproveita para comentar as posições de certos teólogos sobre a infalibilidade papal⁹⁵. O tom de

93. Mgr. Fournier ao Arcebispo de Toulouse, 1.5.1832. Dossier Mgr. Fournier. Arq. Dioc.

94. P. Bastet a Gailhac, 27.9.1832. Arq. hist./Cong. Vol. V, 18. Ver também Proc. ap. 1808-1809.

95. P. Bastet a Gailhac, 27.9.1832. Arq. hist./Cong. Vol. V, 18. Ver também Proc. ap. 1808-1809.

à vontade utilizado pelo Padre Bastet mostra, de novo, que uma posição ideológica diferente não criou em Gailhac uma cisão com o bispo.

A carta de 7 de março de 1832 é, sem dúvida, mais um momento forte e decisivo na experiência espiritual de Gailhac. Reafirma, novamente, a sua primeira opção de ser padre só para amar a Deus e levar os outros a amá-Lo, empenhando-se cada vez mais no seu ministério sacerdotal.

Entre as doenças que apareciam no hospital, contava-se as que eram consequência da prostituição. Com o fim de se tratarem, muitas jovens eram ali internadas numa sala especial⁹⁶. Jean Gailhac entra em contato com estas moças, sensibiliza-se com a situação degradante em que vivem, assiste-as espiritualmente e, enquanto ali permanecem, consegue que algumas desejem uma vida diferente e até recebam os sacramentos. Mas, uma vez curadas e regressando ao seu ambiente, não são perseverantes na mudança de vida.

Estes retrocessos na regeneração mostravam a Gailhac que não bastava a assistência no hospital. Enchia-se de compaixão por aquelas mulheres, vítimas do contexto social. Naturalmente que se avivaram nele as conversas que tivera há anos com o Padre Martin sobre a necessidade de regenerar este tipo de jovens. Era preciso ir mais longe e encontrar um processo mais duradouro. Resolve, então, enviar as que lhe fossem possível para o Refúgio de Montpellier, dirigido por religiosas. A pensão de quinze francos por mês ou de cento e oitenta francos por ano é elevada para os seus poucos recursos. Mas, pensando no bem que daí poderia resultar, vai internando algumas até chegar a treze⁹⁷.

A manutenção de um grupo tão numeroso traz a Gailhac muitas dificuldades. Apesar disso, quer a todo o custo manter o maior número possível, como se pode depreender de uma carta dirigida provavelmente à irmã superiora do Refúgio de Montpellier - *"As circunstâncias em que me encontro não me permitem pagar a pensão a três moças, mas peço-lhe que faça todo o possível por aceitar pelo menos duas"*⁹⁸. Nem sempre as contas andariam em ordem, o que teria levado a superiora do estabelecimento a escrever-lhe - "A

96. Journal de Béziers 14.12.1849.

97. Maynard 62.

98. Gailhac a desconhecida. Inacabada. s.d. Escritos 4127.

última vez que tive a honra de vê-lo, prometeu-me ter a bondade de me enviar alguma coisa. Esqueceu-se, sem dúvida, ou então os seus meios não lho permitiram"⁹⁹.

Consciente do amor de Deus por aquelas jovens e do desejo que Jesus Cristo tem de as salvar, entende que a sua regeneração é imprescindível - *"Tenho um favor a pedir-lhe. Que digo eu? Não sou eu. É Jesus Cristo, o Salvador das almas ... é o Redentor que lho pede. Uma das ovelhas que Ele tanto ama está em perigo.*

Procure ajudá-la. Adelaide é essa ovelha, é por ela que lhe escrevo, é por ela que Jesus Cristo lhe suplica"¹⁰⁰.

Depois de saírem do Refúgio, procura arranjar-lhes emprego, continuando a interessar-se por elas. Jean Gailhac constata a mudança de vida de algumas - *"Senhor padre, sabe que tomei a resolução de me manter no bom caminho e pode ter a certeza de que não o enganarei. A minha decisão está tomada, prefiro viver na miséria a recair. Não esquecerei nunca os bons conselhos que me deu*"¹⁰¹.

Jean Gailhac sente imensa alegria pela vida nova daquelas que ajuda a recuperar. Mas a falta de recursos econômicos impossibilita-o de as manter em Montpellier, pelo que um grande número não tinha oportunidade de conhecer uma vida honesta, nem de viver com dignidade a sua condição de mulher. As conversas com o Padre Martin e a vontade que este tinha de abrir um refúgio, em Béziers, devem ter aflorado mais uma vez ao seu espírito. Surge-lhe, então, a ideia de abrir uma casa onde, com a mesma despesa, fosse possível reeducar um maior número de moças. Sonha com uma casa que permitisse a um grupo mais numeroso fazer experiência do amor misericordioso de Deus e sentir o desejo de viver sempre à imagem e semelhança do seu Criador.

Jean Gailhac cedo encontra quem esteja interessado em contrariar todo o seu zelo. É assim que começam a surgir calúnias às suas atividades apostólicas. No início dos anos 30, chegam ao bispo determinadas queixas acerca das suas exigências em relação aos

99. Irmã Sophie, religiosa do Refúgio de Montpellier a Gailhac, 17.12.1832 ou 1833. Proc. ap. 3310-3311.

100. Gailhac à Irmã Eulalie, religiosa do Refúgio de Montpelher, s.d. Escritos 4117-4118.

101. Félicité Bellamande a Gailhac, 31.1.1831. Arq. hist./Cong. Vol. II-F, 15. Ver também Proc. ap. 3306-3307.

membros da associação Rosário Vivo. O Padre Bonnel acusa-o, entre outras coisas, de obrigar os membros da associação a emitir votos por sete anos, a dar esmola que, por vezes, era superior às suas posses. Acusa-o, ainda, de forçar as pessoas a entrarem para a associação, de as afastar da oração do Rosário nas paróquias e de as obrigar a duas comunhões por mês. O Padre Gailhac responde por escrito refutando cada uma das acusações, que considera deturpações ou pura mentira¹⁰².

Em 1832, queixam-se com insistência ao bispo de que várias pessoas dirigidas pelo Padre Gailhac o seguiam por todas as igrejas e capelas onde ele exercia o seu ministério. Quando é avisado do que está a acontecer, o Padre Gailhac escreve a D. Fournier, desmentindo o que se dizia.

O teor da resposta do Padre Lunaret, vigário-geral, dá ideia da confiança que o bispo depositava em Gailhac - "*O Senhor bispo soube com agrado, mas sem surpresa, que é destituído de fundamento aquilo que lhe foi dito sobre a insistência com que certas pessoas, que o senhor dirige, o seguem pelas diferentes capelas e igrejas onde exerce o seu ministério. O senhor apercebeu-se, com certeza, de que o senhor bispo deu muito pouca importância a esta opinião, visto que nem sequer pensou em pedir informações. Contentou-se em comunicar-lhe o que se dizia, porque acredita no seu testemunho. Era uma murmuração que cansava os ouvidos de Sua Reverência e a que o senhor pôs fim com a sua resposta, na qual ele confia inteira e plenamente*"¹⁰³.

São estas, as primeiras acusações falsas levantadas contra o Padre Jean Gailhac e contra as suas atividades apostólicas. Todavia, nesta como noutras ocasiões, Jean Gailhac sabe onde o conduz o seu grande amor a Deus. O seu "caminho para o Céu" começa agora a delinear-se com outras exigências apostólicas. Que interessavam os ditos de gente pouco honesta? A sua resposta ao amor misericordioso de Deus leva-o mais longe. Não se deixa neutralizar por dificuldades ou falsas acusações. O único projeto da sua vida é ultrapassar todos os obstáculos para que Jesus Cristo seja mais conhecido e amado.

102. Escritos 4110-4111.

103. P. Lunaret a Gailhac, 2.11.1832. Arq. hist./Cong Vol V, 20 Ver também Proc. ap. 1812-1813. ·

O Bom Pastor - berço do novo Instituto

A ideia de abrir um refúgio, em Béziers, vai ganhando forma. Amadurecendo na oração o contexto social em que vivia, Jean Gailhac tenta perceber a vontade de Deus. Dá-se conta de que com a crise agrícola dos anos 30, as situações de miséria, a prostituição, as violações e o número de filhos ilegítimos tendem a aumentar. Para Gailhac, torna-se cada vez mais claro que a falta de trabalho e de uma fé esclarecida impossibilitava a recuperação, no meio em que viviam, das jovens vindas da prostituição. A conjuntura socioeconômica e a vontade que tinha de recuperar de uma forma estável o maior número de moças, indicavam-lhe que, em Béziers, seria benéfica a abertura de um estabelecimento semelhante ao que existia em Montpellier. Resolve pedir conselho a outros padres seus amigos e mais experientes. O estímulo que deles recebe mostra-lhe que tudo se inclina para a concretização do projeto. Decide-se a ir ter com o bispo para lhe expor os seus planos. D. Fournier acolhe a ideia com agrado, conversa demoradamente sobre vários aspectos, e autoriza-o a fazer as diligências necessárias.

Jean Gailhac regressa a Béziers e, cheio de entusiasmo, lança-se na realização do projeto que é para ele a expressão da vontade de Deus. Procura uma casa que sirva para o efeito e consegue uma propriedade que a família David tem à venda, no bairro de Saint-Aphrodise. As condições de compra são boas e decide-se a adquiri-la. A 18 de agosto de 1834 realiza-se a escritura¹⁰⁴.

Em 1881, Gailhac recordará todos estes passos - *"Muito jovem, ainda mesmo antes de ser padre, Deus inspirou-me o desejo de começar uma obra para salvar as moças tão expostas no mundo. Ainda jovem sacerdote, enviei-as [para Montpellier] pagando do meu próprio dinheiro a pensão que era exigida. Depois de ter conversado longamente*

104. A escritura da venda David-Gailhac, em 13.8.1834 e a quitação da dívida, em 22.5.1842 foram feitas no notário Martin, em Béziers. Há uma cópia oficial de 17.8.1881 feita pelo notário Murat, em Béziers. Inquisilio 45, notas 11 e 12. Proc. ap. 1433-1434, também faz alusão à compra.

com D. Fournier, então bispo de Montpellier, comprei uma casa ampla com pátios grandes e, com a aprovação do senhor bispo, comecei a obra que corria bem com os meios que a Providência me fornecia"¹⁰⁵.

Os meses que se seguem à compra da casa são de intensa preparação para a abertura. A 14 de novembro de 1834, o Padre Grasset envia por escrito a autorização do bispo e as condições para o funcionamento da obra¹⁰⁶. Segundo a orientação formal de D. Fournier, o Refúgio devia ficar sob a égide eclesiástica. A direção seria confiada a senhoras escolhidas pelo Padre Gailhac e que o bispo nomearia administradoras. Por questões de independência, D. Fournier considerava que, no início, era melhor prescindir das ajudas do Conselho Municipal e valer-se apenas das ajudas dos católicos. Mais tarde, quando a instituição se tornasse estável, os donativos da municipalidade seriam bem aceitos. Pelo teor da carta, parece evidente que a vontade de D. Fournier era que o Refúgio fosse inequivocamente uma obra da Igreja.

A 22 de novembro, D.. Fournier, em carta escrita pelo seu próprio punho, marca a data da inauguração, concede várias licenças para o culto, declara que o regulamento da casa seria o da Madeleine de Montpellier e salienta que todas as questões administrativas seriam tratadas diretamente com ele¹⁰⁷. A 27 do mesmo mês, o Padre Grasset dá mais autorizações e aconselha Gailhac sobre a necessidade de ser prudente nos seus contatos com o interior da casa, considerando que "*as línguas são maldosas e prontas para a calúnia*"¹⁰⁸. No conjunto da carta, mostra grande confiança no Padre Gailhac e na obra que ele começava.

A casa recebe o nome de Bom Pastor, e é inaugurada num sábado, 29 de novembro de 1834¹⁰⁹. Estavam presentes amigos e benfeitores. A direção e a administração são assumidas por um grupo de

105. Gailhac ao cardeal Hohenlohe, primeiro cardeal protetor do ISCM: GE/7/III/81/A.

106. P. Grasset a Gailhac, 14.11.1834. Arq. hist./Cong. Vol. V, 22. Ver também Inquisitio Doc. IX 329.

107. Mgr. Fournier a Gailhac, 22.11.1834. Arq. hist./RSCM. Caixa 18, Pasta 11. Ver também Registre de l'Institution et des Professions des Religieuses du Sacré Coeur de Marie. 1v. Arq. hist./RSCM. Caixa 1. Pasta 1. Referências posteriores reg. Prof. RSCM.

108. P. Grasset a Gailhac, 27.11.1834. Arq. hist./cong. Vol. V, 23. Ver também proc. Ap. 1813-1815.

109. Mgr. Fournier a Gailhac, 22.11.1834. Inquisitio, 46, nota 13 e 416, diz que a inauguração foi no dia 30, mas para além da carta de Mgr. Fournier vários documentos fazem alusão ao dia de sábado e, em 1834, o dia 29 de novembro foi sábado.

senhoras que passam a dedicar-se totalmente à obra¹¹⁰. Destas senhoras, apenas é possível reconstituir o nome da Srta. Mostolat, que mais tarde viria a entrar nas Clarissas de Béziers com o nome de Irmã Marie du Sacré Coeur de Jésus¹¹¹. A forma como decorre o processo da fundação mostra, com evidência, que os primeiros passos do Bom Pastor foram incentivados pela autoridade eclesiástica.

Algum tempo depois, de uma forma totalmente imprevista, o campo de ação do Bom Pastor alarga-se a crianças abandonadas. Uma mulher, com uma criança nos braços, bate à porta dizendo - "*Sou uma miserável. Não posso pensar que um dia verei a minha querida filha levar a má vida que eu vivo. Trago-a para que a preservem. Façam dela uma pessoa piedosa*". E, pondo-a no chão, afasta-se¹¹². Segundo a tradição das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, este fato passou-se em 1834 e, com ele, nasceu o Orfanato que se instalou no mesmo edifício do Refúgio. Agora, o Bom Pastor passava a incluir duas obras - o Refúgio e o Orfanato.

A 29 de dezembro de 1834, morre D. Nicolas Fournier. A sede episcopal fica vaga durante vários meses. A 15 de setembro de 1835, D. Charles Thibault entra na diocese. No dia 17, o novo prelado escreve a Jean Gailhac num tom muito simpático¹¹³. Confirma-lhe todos os poderes concedidos pelo seu antecessor e diz-lhe que conta com a "sua ativa colaboração", como acontecera com D. Fournier. Menciona o conhecimento que tinha "do seu zelo e do seu amor pelas boas e santas obras". Exorta-o a conduzir bem o Refúgio, assegurando-lhe todo o apoio. A proteção evidente de D. Charles Thibault só podia ser baseada na opinião favorável dos colaboradores do seu predecessor. Tudo levava a crer que o novo bispo daria uma atenção especial ao Bom Pastor e que a obra iria prosperar sem grandes dificuldades. Não foi o que sucedeu.

Começa, entretanto, a levantar-se em Béziers uma onda de boatos sobre o comportamento do Padre Gailhac¹¹⁴. O clero da cidade

110. Gibbal, Red. A, 12; Red. B, 14-15; Red. C, 6-6v; Maynard 67-68.

111. Maynard 81. Cartas da Ir. Sacré Coeur de Jésus, abadessa das Clarissas de Béziers. Proc. ap. 3783-3793.

112. Maynard 93.

113. Mgr. Thibault a Gailhac, 17.9.1835. Arq. hist./Cong. Vol. V, 25. Ver também Proc. ap. 1815.

114. Maynard 70 segg. Este capítulo de Maynard é muito confuso. Com os documentos que possuímos procuramos fazer uma reconstituição provável.

tenta dissuadi-lo de continuar a obra, considerando-o demasiado jovem e sem experiência para dirigir uma casa daquelas. Chamam-no de ambicioso, imprudente, orgulhoso. Uma das armas utilizadas é a gozação. Perante estas reações e não gostando de o ver envolvido em semelhantes críticas, a própria família pressiona-o a deixar o Bom Pastor. Béziers era uma cidade onde por qualquer pretexto aparecia à má língua. Jean Gailhac era um padre jovem e um trabalho daqueles prestava-se a equívocos. Por isso, é natural que surgissem críticas. O que já não é compreensível é a atitude do clero da cidade, que parece ter sido motivada pela grande aceitação que Gailhac tinha no meio do povo.

O Padre Gailhac sente-se isolado, sem apoios. A solidão que experimenta fá-lo reconhecer, ainda com mais força, a importância do Bom Pastor na sua vida. Tem esperança de pelo menos ser reconhecido pelo seu bispo. Mas os boatos tinham chegado ao paço de Montpellier e D. Thibault, se não lhes dá crédito, toma-os em consideração. Não é fácil descobrir com clareza a opinião de D. Thibault sobre o assunto e até que ponto acreditou nas queixas que lhe chegaram. Os acontecimentos imediatos levam a crer que deve ter considerado mais prudente entregar a obra a uma comunidade religiosa. Substituindo as senhoras da direção por religiosas, D. Thibault estava convencido de que poria fim às críticas. Por este motivo, pressiona o Padre Gailhac a procurar uma congregação religiosa, dando-lhe um prazo bastante curto para a encontrar.

Perante a urgência da situação, Gailhac recorre à congregação que melhor conhecia - as Dames de Saint-Maur. Como era seu confessor e pregador, as Irmãs tinham por ele grande consideração. Não obstante a falta de pessoal, aceitam ajudar a resolver a situação e destacam para o Refúgio quatro religiosas. Propõem um contrato por escrito, a ser assinado por ambas as partes, e que continha as seguintes cláusulas¹¹⁵:

- "1. Todas as despesas de viagem serão por conta da casa do Refúgio;*
- 2. As irmãs serão alimentadas pouco mais ou menos como as da nossa casa de Béziers*
- 3. Em caso de doença ou velhice, serão aí assistidas até à morte;*

115. Irmã Ste Jeanne a Gailhac, s.d. Arq.hist./Cong. Vol.II-F,182. Ver também Proc.ap. 991-994.

4. *Anualmente, cada uma receberá cento e cinquenta francos para despesas de vestuário.*"

A 23 de outubro de 1835, sob proposta de Gailhac, D. Charles Thibault aprova a ida da Congregação das Dames de Saint- -Maur para o Bom Pastor¹¹⁶. Sob a sua direção, o Refúgio atinge um excelente funcionamento. A comunidade tinha jeito para aquele estilo de obra e as coisas não podiam correr melhor. As beneficiadas tinham aumentado. Em 1837, havia um total de quarenta protegidas, das quais oito eram orfãs¹¹⁷.

Entretanto, ainda em 1837, as Dames de Saint-Maur abandonam o Bom Pastor¹¹⁸. As razões que motivaram o abandono estão envolvidas em certa obscuridade, sendo até divergentes os testemunhos. Segundo Maynard, a saída deve-se a fortes críticas feitas pelas famílias das alunas do internato, que estas irmãs possuíam na mesma cidade¹¹⁹. Não aceitavam que a congregação onde as suas filhas eram educadas dirigisse, na mesma cidade um refúgio. De acordo com o testemunho de algumas Dames de Saint-Maur em 1883, o Padre Gailhac procurou persuadir a comunidade que estava no Bom Pastor a deixar a congregação para se ligar àquela obra¹²⁰. Este fato fez com que a superiora geral determinasse a retirada imediata das quatro irmãs que aí trabalhavam. Apenas a Irmã St Bernard Galtier, superiora, e a Irmã Ste. Adelaide obedeceram a esta ordem. As outras duas permaneceram na obra por mais algum tempo. Uma delas veio a entrar nas Carmelitas e, a outra, Irmã Sainte-Marie, conseguiu uma licença do governo da congregação para continuar a assumir a direção da casa até ao mês de dezembro¹²¹. Nesta altura, pressupunha-se

116. P. Martin, secretário episcopal, a Gailhac, 23.10.1835. Arq. hist./RSCM. Caixa 18, Pasta 11. Reg. Prof. RSCM. l v. Arq. hist./RSCM. Caixa 1, Pasta 1117. Gailhac ao Conselho Municipal de Béziers, 10.8.1837. Proc. ap. 7078-7079 e 25.7.1838. Proc. ap. 6424-6427.

118. A saída das Dames de Saint-Maur deve ter-se efetuado nos últimos meses de 1837, por duas razões. A Ir. St. Bernard Galtier é superiora da comunidade do Refúgio, em 1837, mas, em 1838, já é superiora em St. Ouen e uma das que ficou, a Ir. Sainte-Marie, tinha autorização de permanecer até ao mês de Dezembro. Irmã Ste. Philomene à superiora geral, 23.2.1883. Arq. hist./Cong. Vol. II-F, 182. Ver também Proc. ap. 995-996. Ir. Sacré Coeur aos superiores maiores, s.d. Arq. hist./RSCM. Caixa 21, Pasta 10.

119. Maynard 82-83.

120. Ir. Philomene à superiora geral, 23.2.1883. Arq. hist./Cong. Vol. II-F, 182. Ver também Proc. ap. 995-996.

121. Ir. Philomene à superiora geral, 23.2.1883. Arq. hist./Cong. Vol. II-F, 182. Ver também Proc. ap. 995-996. Ir. Sacré Coeur, superiora da comunidade de St. Joseph de Lyon em St Pons, aos superiores maiores, s.d. Arq. hist./RSCM. Caixa 21 , Pasta 10.

que Gailhac já tivesse encontrado outras religiosas para dirigirem a obra.

Os dois testemunhos devem ter uma parcela de verdade e podem mesmo completar-se. É bastante provável que os pais se tenham insurgido contra a nova obra tomada pelas Irmãs e, que estas, para evitar problemas, tenham mandado retirar a comunidade. É possível que o Padre Gailhac tenha entrado em desacordo com a ordem do governo geral da congregação e que, eventualmente, tenha levantado a possibilidade de uma separação. Qual tenha sido o verdadeiro motivo, o desfecho foi a saída da comunidade das Dames de Saint-Maur do Refúgio do Bom Pastor.

Para substituir as Dames de Saint-Maur, o Padre Gailhac recorre à Congregação de Saint-Joseph de Lyon. Dirige-se à comunidade que estas Irmãs tinham em Saint-Pons, perto de Béziers, pedindo-lhes para se encarregarem do Bom Pastor. Ao fazer o pedido, não menciona a razão pela qual as Dames de Saint-Maur o haviam deixado. Na carta em que a superiora da comunidade de St. Pons endereça aos superiores maiores a petição do Padre Gailhac diz unicamente - "*As Dames de St. Maur ou de L'Enfant Jésus, que neste momento a dirigem [a obra do Bom Pastor] não podem continuar a mantê-la*"¹²².

A carta contém ainda outros pormenores interessantes sobre a forma como se faz a transição entre as duas congregações. A Irmã Sainte-Marie, que ficou a assegurar a direção enquanto não chegava outra comunidade religiosa, estava muito ligada à obra e não queria abandoná-la. O Padre Gailhac considerava que ela tinha grandes aptidões para a tarefa de diretora. Então, a Irmã, depois de se ter aconselhado com pessoas idôneas da diocese, pede a transferência para a Congregação de Saint-Joseph de Lyon. Este pedido incluía duas outras solicitações. A primeira, da própria Irmã, consistia na dispensa do postulante. A razão que apresentava era não querer deixar o hábito religioso, o que aconteceria se as Irmãs de Saint-Joseph de Lyon não lhe concedessem licença para vestir imediatamente o hábito da sua congregação. A segunda, compreendia um desejo do Padre Gailhac: que depois de um tempo de experiência na nova congregação, a Irmã voltasse a ser colocada à frente da obra¹²³.

122. Ir. Sacré Coeur, aos superiores maiores, s.d. Arq. hist./RSCM. Caixa 21, Pasta 10.

123. Ir. Sacré Coeur, aos superiores maiores. s.d. Arq. hist./RSCM. Caixa 21, Pasta 10.

As cláusulas devem ter sido aceitas, pelo menos em parte, porque a Congregação de Saint-Joseph de Lyon toma conta do Bom Pastor, em 1838¹²⁴. A ex-Irmã de Saint-Maur fica, mas dentro de pouco tempo surge um conflito entre ela e o governo central da congregação, que provoca a saída da Congregação de Saint-Joseph de Lyon, em 1839. As razões desta tomada de decisão são expressas pelas próprias irmãs - *"O estabelecimento.... foi suprimido em 1839, porque a Fundadora, que desejava tomar o nosso santo hábito, se recusou a aceitar as orientações dos nossos superiores maiores, no que dizia respeito ao funcionamento da obra"*¹²⁵.

Entre 1839 e 1843, não há referências explícitas a quem dirigiu a obra do Bom Pastor, mas tudo leva a crer que a direção é assumida por esta senhora, ex-religiosa de Saint-Maur. A situação não devia agradar a D. Thibault que, com insistência, propunha a Gailhac a admissão de religiosas.

Em junho de 1840, existe um conflito aberto entre D. Thibault e o Padre Gailhac, motivado por esta questão. O Padre Valade, vigário-geral, refere-se a ele numa carta que escreve ao Padre Gailhac - *"Fui ver o Bom Pastor e voltei muito triste ao pensar que esta casa, que podia prosperar e consolidar-se, talvez venha a desaparecer por causa do seu desentendimento com o Sr. Bispo. E será isso que vai acontecer, se o senhor não se puser de acordo com ele e se não tomar a decisão de agir sob a sua dependência, como deve ser. Ou o senhor decide admitir irmãs de uma congregação já existente, ou apresenta a sua Excelência Reverendíssima uma Regra para uma nova comunidade destinada unicamente para esta casa"*¹²⁶

A alternativa apresentada por D. Thibault - religiosas de uma congregação já existente, ou formação de uma nova comunidade - podia parecer, à primeira vista, que facilitaria a situação. Mas, ao Padre Gailhac não interessava uma congregação já existente. Era difícil lidar com um governo central longe da realidade do Bom Pastor e com uma maneira de se situar face à obra tão diferente da sua. Sentia, por outro lado, que não era o momento de fundar uma nova congregação, pois não tinha pessoas com as qualidades que considerava

124 Ir. Marie-Claude a M. Milligan, 19.11.1983. Arq. hist./RSCM. Caixa 21. Pasta 10.

125 Ir. Marie-Claude a M. Milligan, 19.11.1983. Arq. hist./RSCM. Caixa 21. Pasta 10.

126 P. Valade a Gailhac, 29.6.1840. Arq. hist./Cong. Vol. V, 28. Ver também *Proc. ap.* 1817-1818.

fundamentais para formar o primeiro núcleo. Acontecia, ainda, que a senhora ex-religiosa de Saint-Maur dirigia bem a casa e Gailhac não via necessidade de operar uma mudança.

A atitude do Padre Gailhac contrariava o ponto de vista de D. Thibault e levava-o a pensar que o Gailhac lhe desobedecia. No entanto, este continuava a receber dos mais próximos colaboradores do prelado manifestações de dedicação e amizade. O Padre Valade, ao comentar a posição de Gailhac, faz-lhe notar que “*é demasiado exigente na perfeição que deseja para as pessoas que hão-de dirigir o Bom Pastor*”¹²⁷. Só em meados de 1843 a dificuldade será superada. A senhora que dirigia a obra teve de ir para casa tratar da mãe e não voltou¹²⁸. Então, o Padre Gailhac admite de novo uma congregação religiosa para o Bom Pastor.

Antes de Junho de 1843, as Irmãs de Marie-Joseph entram no Bom Pastor, onde ficaram até Fevereiro de 1849¹²⁹. Mesmo depois da sua entrada, parece que continuaram a chegar ao bispo queixas acerca do funcionamento da obra¹³⁰. D. Thibault, resolvendo esclarecer a questão, aparece de surpresa no Bom Pastor. O Padre Gailhac estava ausente no hospital. D. Thibault visita a casa, observa o que se passa em todos os serviços, fala com as moças abrigadas, as orfãs e as religiosas uma por uma. Entretanto, manda chamar Gailhac ao hospital. Quando este chega, felicita-o pela boa organização da casa e mostra-lhe a sua satisfação pela maneira como tudo decorria. A partir desse dia, D. Thibault passa a ser um protetor dedicado

127. P. Valade a Gailhac, 29.6.1840. Arq. hist./Cong. Vol. V, 28. Ver também *Proc. ap.* 1817-1818.

128. Ir. Philomène à superiora geral, 23.2.1883. Arq. hist./Cong. Vol. II-F, 182. Ver também *Proc. ap.* 995-996.

A Ir. Sainte-Marie foi para Puisserguier, onde abriu um colégio.

129. Gibbal, *Red. D.*, 13. Maynard 84. *Journal de Béziers* 22.7.1843. *Reg. Prof. RSCM.* 2v. Arq. hist./RSCM. Caixa 1, Pasta 1.

Os documentos não clarificam suficientemente a maneira como as irmãs de Marie-Joseph foram solicitadas para o Refúgio. No entanto, dois elementos podem ajudar a reconstituição. A Congregação de St. Joseph de Lyon compreendia irmãs que se dedicavam a duas atividades distintas: um grupo, ao ensino e obras de caridade e, outro, às prisões. Em 1841, Mgr. de Bonald, arcebispo de Lyon, permitiu às irmãs que quisessem dedicar-se às prisões formarem outra congregação. Assim nasceram as Irmãs Marie-Joseph, no Dorat que, para além das prisões, se dedicavam a refúgios. Um grupo, que há-de passar para as Irmãs de Marie-Joseph estão desde 1840, em Montpellier, responsáveis da Maison Centrale e, em 1842, tomam posse de La Soitude de Nazareth, casa de recuperação para raparigas saídas da prisão.

130. Maynard 84-85 .

do Bom Pastor e a sua atitude muda radicalmente. Nunca mais hesita diante de boatos que ponham em dúvida a integridade do Padre Gailhac. Procura mesmo mostrar publicamente quanto apreço tinha por ele e pelas suas atividades apostólicas.

Pouco tempo depois, D. Thibault nomeia o Padre Gailhac cônego honorário¹³¹. Concedendo-lhe este título, pretendia mostrar a sua idoneidade e, de uma vez por todas, pôr fim às campanhas organizadas contra ele. A maneira como os conflitos foram superados mostra, mais uma vez, a profunda comunhão eclesial de Gailhac. A visão diferente, em certos momentos, nunca chegou a afetar ao nível profundo o seu relacionamento com a autoridade diocesana. Pelo contrário, às vezes em que a opção de Gailhac não coincidiu com a do seu bispo, foram para ele momentos fortes de discernimento e marcam etapas importantes da sua opção pelo essencial. Se, da parte dos bispos, houve desacordo com posições tomadas por Gailhac, estas divergências tinham sempre como pano de fundo uma grande confiança no jovem padre e os impasses acabavam sendo superados.

Ao longo dos anos, as dificuldades econômicas foram uma constante. A base para o sustento da casa era o ordenado que o Padre Gailhac recebia como capelão do hospital. Os amigos e benfeitores concorriam para as despesas, mas estes contributos não eram certos. Jean Gailhac procurava tirar partido de outras formas de aquisição de fundos, como por exemplo, o pedido de subsídios. Em 1836, a municipalidade concede-lhe uma verba¹³². Em 1837, pede o aumento desse subsídio ou pelo menos a continuidade do anterior¹³³. Em 1838, dado que ainda não lhe tinha sido concedido o aumento, Gailhac faz novo pedido¹³⁴.

O número de pessoas abrangidas pela obra ia aumentando e a casa tornava-se pequena. Era preciso alargá-la. Perante as indispensáveis modificações e apesar de não dispor dos recursos necessários, Jean Gailhac lança-se à obra, confiando na Providência. A 29 de

131. Arq. hist./Cong. Vol. I-A, 61. A carta de nomeação está datada de 1846, sem assinalar o dia do mês. No registro do Paço a data é de 17.3.1843. *Prêtes du Diocese de Montpellier* 265 . Arq. Dioc. O P. Guizard S. J., no ensaio sobre o P. Gailhac indica esta última data. *Proc. ap.* 5972.

132. Gailhac ao Conselho Municipal, 10.8.1837. *Proc. ap.* 7078-7079.

133. Gailhac ao Conselho Municipal, 10.8.1837. *Proc. ap.* 7078-7079.

134. Gailhac ao Conselho Municipal, 25.7.1838. *Proc. ap.* 6424-6427.

agosto de 1842, compra duas parcelas de terreno e começa a construção necessária para dotar a casa de melhores instalações¹³⁵.

Durante os anos que se seguem, os recursos econômicos continuam diminutos, mas nenhuma dificuldade fazia parar Jean Gailhac. Diante de um obstáculo, a sua atitude era confiar em Deus e utilizar todos os meios humanos para o ultrapassar. Assim, em 1846, recorre a uma quermesse para obter fundos¹³⁶.

Entre os amigos e benfeitores do Bom Pastor, incluía-se, desde a primeira hora Eugène Cure. A amizade entre Jean Gailhac e Eugène Cure remontava à infância de ambos. Os anos da juventude haviam-nos separado, porque os dois tinham tido necessidade de fazer estudos superiores. Quando regressam a Béziers, Eugène, formado em Direito e casado com Appollonie Pelissier, e Gailhac, já sacerdote, a sua convivência intensifica-se e a amizade alarga-se à senhora Cure¹³⁷. O Padre Gailhac passa a ser visita assídua dos Cure e diretor espiritual do casal. Longas conversas e numerosas trocas de ideias tornam profunda esta amizade. Eugène e Appollonie partilham as preocupações de Gailhac com o Refúgio do Bom Pastor. Procuram ajudá-lo a enfrentar as carências da obra que, para eles, respondia a uma necessidade premente de Béziers.

A melhoria das instalações tinha favorecido a casa, mas a capela era pequena para o número de moças que a obra assistia. Fazia-se sentir a necessidade de ser aumentada. Uma vez mais, os recursos econômicos de Gailhac eram insuficientes para levar a cabo tal empreendimento. Os Cure decidem fazer-lhe uma surpresa. Pedem a um arquitecto que lhes desenhe uma planta para uma capela redonda, exatamente ao gosto de Gailhac. Apresentam-lha já pronta e põem à sua disposição os materiais necessários para a construção. Em 1847, é inaugurada *La Rotonde*, a nova capela do Bom Pastor¹³⁸.

A colaboração do casal Cure gera tal confiança em Gailhac que este considera Eugène a única pessoa capaz de prosseguir a obra, caso ele venha a falecer. Assim, a 3 de março de 1847, faz o seu primeiro

135. Maynard 102 seg. *Proc. ap.* 980-981, 1434. Esta compra foi efetuada aos irmãos Pélissier.

136. *Courrier de Béziers* 8.2.1846. O rendimento da quermesse ultrapassou os 160 frs.

137. Eugène Cure a seu pai, 16.4.1836. Arq. hist./RSCM. Caixa 4, Pasta 4.

138. Gibbal, *Red. D*, 14v e *Red. C*, 16; Maynard 244-246; Placa mural na entrada da capela da Casa Mãe das RSCM.

testamento inteiramente a favor de Eugène Cure, a quem deixa a obra do Bom Pastor¹³⁹.

Enquanto dirige o Bom Pastor, o Padre Gailhac não se deixa absorver exclusivamente pela obra. Continua a exercer a capelania do hospital e os ministérios de confessor e pregador, quer em Béziers quer nas aldeias vizinhas. Com frequência, continua a ser solicitado pelos párocos para a pregação. Era o seu contributo para as missões do campo, que D. Thibault tanto procurava fomentar.

Para que o clero não exercesse o seu ministério isoladamente e continuasse o aprofundamento de certas questões teológicas, D. Thibault organiza, em 1838, conferências eclesásticas que se realizavam uma vez por mês. Jean Gailhac está presente nas conferências de Béziers, sendo secretário do grupo durante algum tempo¹⁴⁰.

No decurso destes anos, a diocese, e concretamente a cidade de Béziers assistem a debates entre diferentes partidos. Com frequência, estes debates se transformam em agitação. O clero também se envolve, tomando partido. Para que a política não seja causa de separação entre o povo e os pastores, D. Thibault impõe, em 1844, a neutralidade do clero. Esta atitude desencadeia novos conflitos com o bispo. Não há notícia de Jean Gailhac se ter deixado envolver por estes movimentos. Acontecimentos anteriores mostravam-lhe que não valia a pena perder tempo com discussões estéreis. O importante era criar condições concretas para que, através de uma vida digna, o povo pudesse conhecer melhor a Deus e assim atingir a salvação. Para ele, esse povo concretizava-se naquelas jovens a regenerar, nas crianças órfãs, nos doentes e em todos aqueles que o procuravam no confessionário ou na pregação.

De novembro de 1834 a fevereiro de 1849, o Padre Gailhac entrega-se por inteiro à obra que fundara. Com coragem e perseverança, aceita todas as contrariedades que aparecem. Com grande espírito de abnegação e zelo, não se poupa a trabalhos nem canseiras. Impõe-se a si próprio muitos sacrifícios e encara todas as provações com grande espírito de fé. No meio das contradições, ia percebendo que o Bom Pastor não só era útil, mas necessário. Era preciso consolidá-lo para que Deus fosse mais conhecido e amado e para que aquelas jovens tivessem acesso à verdadeira vida.

139. Testamento de Gailhac. *Escritos* 42. Ver também *Proc. ap.* 973-974.

140. *Cadernos das Actas das reuniões*. Arq. Casa Mãe.

SEGUNDA PARTE

**LANÇAMENTO DOS ALICERCES
1849-1851**

Caminhos de uma fundação

As dificuldades desencadeadas à volta do pessoal que dirigia o Bom Pastor podem ser um indicativo do momento em que o Padre Jean Gailhac teria começado a conceber o projeto da fundação de um instituto religioso.

Segundo o testemunho do Padre Gibbal, reafirmado pelo Padre Maynard, as senhoras que, em 1834, assumiram a direção do Refúgio do Bom Pastor, tinham deixado a família para se dedicarem inteiramente à obra e estavam dispostas a ser religiosas¹. Nunca haviam realizado este desejo porque a autoridade diocesana se opunha à formação de uma congregação². A dar crédito a estas afirmações, Gailhac teria sido impedido de formar uma congregação religiosa logo desde os primeiros tempos do Bom Pastor. Contudo, não se pode concluir que, durante os primeiros anos, teria existido tal projeto no espírito de Jean Gailhac nem que tenha havido por parte dos bispos qualquer impedimento para a concretização. Na autorização de D. Fournier para a inauguração do Refúgio, e na primeira carta dirigida por D. Thibault ao Padre Gailhac, não há referência a este assunto³. Mais tarde, em 1840, é o próprio D. Thibault que sugere ao Padre Gailhac a apresentação de uma Regra destinada a uma nova congregação⁴.

Se não é possível saber o momento exato em que Gailhac teria começado a conceber o projeto da fundação, tudo indica que, pelo menos desde o princípio da década de 40, a questão se lhe punha. Nesta altura, não havia oposição, mas insistência da parte do bispo para a fundação. O protelar do assunto por parte de Gailhac só podia ter um motivo - a consciência de que não dispunha das condições necessárias para fundar uma congregação religiosa. A falta de um grupo de pessoas aptas para iniciarem a fundação era a razão evidente. No fundo, Gailhac

1. Gibbal. *Red. A*, 12; *Red. B*, 14-15; Maynard 67-68.

2. Gibbal, *Red. C*, 14; *Red. D*, 10, 13; Maynard 83.

3. P. Grasset a Gailhac, 14.11.1834. *Arq. hist./Cong. Vol. V*, 22. Ver também *Inquisitio Doc.* IX 329; Mgr. Thibault a Gailhac, 17.9.1835. *Arq. hist./Cong. Vol. V*, 25. Ver também *Proc. ap.* 1815.

4. P. Valade a Gailhac, 29.6.1840. *Arq. hist./Cong. Vol. V*, 28. Ver também *Proc. ap.* 1817-1818.

não conseguia perceber claramente a manifestação da vontade de Deus. Procurava, então, compreender os sinais do Espírito e a possibilidade de lhes dar resposta.

Nas décadas de 30 e 40, a França era governada pelo rei Luís Filipe, que instituiu uma monarquia liberal. Como resultado da sua política, vivia-se em todo o país um clima de instabilidade a que se associam os efeitos da revolução industrial. A partir de 1846, as transformações econômicas a que se juntaram os maus anos agrícolas, lançam a França numa crise generalizada. Esta conjuntura dará lugar à questão social. As populações rurais emigram para as cidades, onde passam a ocupar as zonas periféricas. Estes bairros crescem velozmente com habitações em total degradação. Os salários baixos, a má alimentação, as horas de trabalho excessivas, as deficientes condições higiénicas em que os operários vivem e trabalham, proporcionam a proliferação de doenças, de mortes prematuras e a difusão do vício. A assistência religiosa é quase nula nestes bairros. A maior parte deles não possui igreja paroquial nem pároco que se interesse pelos seus problemas. Socialmente marginalizados, os trabalhadores começam a tomar consciência de classe. Nasce, então, o operariado como força social e política que se filia nos partidos mais radicais. Desencadeia-se um mal-estar político em que a monarquia é considerada fonte de todos os males que assolam o país.

Face aos problemas sociais, a Igreja procura uma forma de resolvê-los. A resposta surge através de obras assistenciais promovidas em todo o país pelos católicos. As classes mais elevadas passam a patrocinar esta caridade institucionalizada. As facilidades concedidas à vida religiosa, a partir da lei de 1825, proporcionam o aparecimento de fundações francesas, que nas décadas de 30 e 40 se propagam por todo o país⁵. Correspondendo às necessidades, as congregações tomam conta de instituições de saúde, assistência e educação. Um pouco por toda a parte, proliferam hospitais, asilos, refúgios, orfanatos, escolas e internatos, dirigidos por religiosos e religiosas.

Na região abrangida pela diocese de Montpellier, a crise social manifesta-se agudamente entre 1846 e 1851. Num contexto ainda

5. Dentro de um espírito concordatário, a lei de 1825 facilitava a formação de congregações francesas, ainda que, sob uma grande fiscalização do governo. A este competia, mesmo que a congregação possuísse aprovação da Santa Sé, a aprovação dos estatutos e o controle do património.

tradicional, começa a transformação da indústria têxtil com a introdução da maquinaria e o conseqüente êxodo para a periferia das cidades. Em Béziers, a concentração operária faz-se no bairro Du Pont, que será o bairro revolucionário da cidade entre 1848 e 1851. Contando cerca de dois mil e quinhentos habitantes, este bairro está privado de qualquer assistência por parte da Igreja católica⁶.

Uma parte considerável da propriedade dos arredores de Béziers pertence a grandes proprietários que não cultivam as próprias terras, mas usufruem das vantagens do aumento das plantações da vinha e do retrocesso das culturas tradicionais⁷. Enquanto estas famílias entram num processo de enriquecimento bastante rápido, os trabalhadores assalariados conhecem o desemprego, a dificuldade de acesso aos bens essenciais e a degradação das suas condições de vida tanto no aspecto social como no moral⁸.

A população de Béziers e arredores tinha um cristianismo pouco enraizado. Nos últimos anos da monarquia de julho, nota-se uma diminuição na prática religiosa e nas vocações sacerdotais. Parte do povo, influenciado pelo clero e grandes senhores, continua fiel à monarquia tradicional. Mas as ideias republicanas ganham terreno, sobretudo em Béziers, onde a Igreja não consegue conter o extremismo da evolução política.

Na diocese de Montpellier como no resto da França, a Igreja procura ser resposta a carências de toda a ordem. D. Thibault considerava que a Igreja tinha um papel a desempenhar em toda a evolução econômica e social. Preocupava-se com as situações infra-humanas em que vivia parte da população e com os crescentes casos sociais, preconizando a solução da questão social pela transformação pacífica da sociedade. Considerava que as congregações religiosas podiam dar um contributo válido nesta problemática, através de instituições que dessem um cunho cristão a esta evolução que o país sofria. Também na diocese de Montpellier, as classes mais ricas

6. Neste bairro, será ereta, em 1865, a paróquia de St. Jude que foi entregue aos Padres do Bom Pastor, congregação fundada por Gailhac.

7. População ligada ao mundo rural nas redondezas de Béziers, em 1852: proprietários não residentes 2070, proprietários residentes sem cultivarem para eles próprios 3487, cultivadores para eles próprios 4492, cultivadores para eles e para os outros 16681. Cholvy 183.

8. Em 1847, no Hérault, os indigentes são 16703, 7,5% da população; em Béziers, são 6% da população. Cholvy 214.

patrocinavam a organização de instituições assistenciais. Este fato é evidente no departamento do Hérault onde se verifica uma notável ascensão da burguesia rural.

Atento ao momento histórico e à problemática social que se vivia, Jean Gailhac verificava que tanto o Refúgio como o Orfanato eram resposta a algumas situações de extrema necessidade, que estavam longe de vir a ser resolvidas por outros meios. Na cidade, havia diversas obras de assistência confiadas à Igreja, que se dirigiam a diferentes níveis etários e a diversos setores. Contudo, Refúgio só existia o do Bom Pastor. Além disso, para o Orfanato, havia com frequência pedidos de admissão. O Padre Gailhac sentia que era importante dar continuidade a estas obras, já que as necessidades eram sempre crescentes e o próprio bispo tinha a mesma opinião.

Para o Padre Gailhac, tornava-se, porém, difícil a concretização destes anseios com religiosas que possuíam outro carisma e que, por isso, nem sempre estavam em total sintonia com ele e com os interesses da obra. Acrescente-se a isso o fato de estarem dependentes de um governo central, alheio à situação que ali se vivia, o que não deixava a Gailhac a possibilidade de escolher as pessoas que desejava para a direção da casa.

Naturalmente, a hipótese levantada por D. Thibault de fundar uma congregação especialmente dedicada à obra do Bom Pastor vai-se tornando mais forte e mais clara para ele. O apoio a novas fundações, dado pelas autoridades política e diocesana, encoraja-o e ajuda-o a perscrutar a ação do Espírito em si. Toda a conjuntura leva Jean Gailhac a desejar ardentemente um corpo de religiosas inteiramente dedicadas às suas obras e que "comungassem da mesma sensibilidade evangélica"⁹. Conforme os sinais vão surgindo, Jean Gailhac capta-os, amadurece-os, até reconhecer a hora de Deus. Conclui que o Espírito Santo atua nele, impelindo-o a fundar uma congregação religiosa.

Progressivamente, os caminhos vão-se abrindo. Para além das necessidades sociais e das facilidades políticas, começa a surgir um grupo de pessoas que sentiam afinidades com o projeto do Padre Gailhac e que possuíam qualidades humanas e espirituais adequadas às suas aspirações.

9. Milligan 30.

No próprio Bom Pastor, havia duas empregadas muito dedicadas - Rose Jeantet e Cécile Cambon. Há vários anos que aí colaboravam e se sentiam chamadas por Deus a uma vida de consagração. O Padre Jean Gailhac dirigia ainda três jovens, que naquele altura residiam em Béziers - Eulalie Vidal, Rosalie Gibbal, Marie Roques - e que também desejavam responder ao apelo de Deus, consagrando-se na vida religiosa. Durante uma temporada, impossível de determinar com precisão, Jean Gailhac acompanha-as espiritualmente¹⁰. Vai percebendo que o Espírito insuflava uma graça comum àquele grupo que começava a sintonizar com o estilo de vida que lhes propunha.

Surgindo as primeiras pedras angulares, era necessário consencionalizá-las da comunhão que o Espírito operava nelas. Rose Jeantet e Cécile Cambon continuavam a dar-se às obras do Bom Pastor. Como Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal não se conheciam, o Padre Gailhac põe-nas em contato uma com outra, e as aspirações comuns fazem crescer uma amizade que perdurará.

Marie Roques adoece e é internada no hospital. Aí, o Padre Gailhac continua a dar-lhe assistência espiritual. Uma vez curada, o médico prescreve para a convalescença os ares da terra natal. Marie decide partir e aguardar autorização diocesana para a fundação da nova comunidade. Alguém lembrou ao Padre Gailhac que talvez não fosse prudente ela ausentar-se de Béziers. Jovem como era, poderia ser levada por outros caminhos. Mas o Padre Gailhac responde - "Nada há a temer; eu a conheço"¹¹. E tinha razão. Marie virá a fazer parte da primeira comunidade.

Trabalhava ainda, no Bom Pastor, Marie-Madeleine Carrière, que tinha sido empregada doméstica até Junho de 1844 e que, posteriormente a essa data, passara a ser porteira da obra¹². Marie Carriere revelou sempre uma grande dedicação acabando por deixar todos os seus bens para sustento do Refúgio e Orfanato.

10. Gibbal, *Red.B*, 39 diz que o P. Gailhac as provou de diversas formas durante dois anos.

11. Maynard 259.

12. Arq. hist./RSCM. Caixa 6, Pasta 2. Gibbal, *Red.D.*, 15v e Maynard 260 falam de uma porteira sem fazerem mais referências. O seu testamento feito em 7.8.1851 e descoberto ultimamente, esclareceu alguns pontos: nome, profissão anterior e situação económica. Doou os bens à Madre Saint-Jean, ficando esta com o encargo de dar uma certa quantia em dinheiro, aos sobrinhos, depois da sua morte. A entrega verificou-se em 25.1. 1861 e, por isso, Marie-Carriere terá falecido por esta altura.

Apesar de nunca ter entrado em comunidade, Marie Carrière merecia grande confiança do Padre Gailhac. Caso contrário, este não lhe teria dado um trabalho que considerava de responsabilidade _ "As porteiras devem ser edificantes. Habitualmente, julga-se o interior de uma comunidade pelas religiosas que veem. É preciso que, para além de serem santas no seu interior, sejam perfeitas no seu exterior. A modéstia deve ser rigorosamente observada; o porte, digno; o rosto, calmo e bom; os gestos, sempre delicados. Não devem dizer nada inútil nem procurar saber novidades. Devem ser discretas"¹³.

Em fins de 1847, princípios de 1848, o Padre Gailhac já devia ter o projeto da fundação suficientemente amadurecido. Estava também constituído o pequeno grupo que poderia começar essa fundação. No entanto, Gailhac sentia que necessitava de mais alguém que lhe permitisse dar maior solidez a este primeiro núcleo. Enquanto esperava, rezava e envidava todos os esforços para encontrar novos membros. Nessa época, Eulalie Vidal e uma das suas irmãs vão a Millau em busca de vocações. Nesta deslocação, travam conhecimento com a jovem Marie Maymard, que logo se entusiasma pelo novo Instituto¹⁴.

Enquanto o Padre Gailhac procurava dar consistência ao pequeno grupo, surge a revolução republicana. A 24 de Fevereiro de 1848 é proclamada a República. O país vive uma época de euforia com o regime democrático. Certos grupos de católicos, apoiados pela hierarquia, preconizam reformas sociais, fortalecem o movimento social católico e divulgam as suas ideias pelos jornais e revistas católicas¹⁵. Outros grupos acolhem a República com inquietação e expectativa. Esta última atitude é a mais generalizada nos meios católicos da diocese de Montpellier¹⁶.

Pela primeira vez, o sufrágio é estendido aos camponeses. Na preparação das eleições, os partidos movimentam-se para atrair adeptos. Os socialistas, que passam a ter implantação na vida política, insurgem-se

13. VR 30.

14. Maymard 269-270.

15. Entre os jornais conta-se *L'Universe e L'Ere Nouvelle*. Entre a hierarquia que está com a República conta-se Mgr. Affre, arcebispo de Paris, cardeal de Bonald, arcebispo de Lyon e Mgr. Dupanloup, bispo de Orleans.

16. Em Montpellier aparecem alguns padres apoiantes das reivindicações sociais operárias e um grupo de leigos formados pelas conferências de S. Vicente de Paulo. Estes últimos passam a constituir um núcleo importante do catolicismo social.

contra a república que consideram conservadora. Manifestações e distúrbios alteram continuamente a ordem pública. De 5 a 12 de abril, o alvoroço é tão grande, em Béziers, que os funcionários civis têm de se retirar da cidade. Clero e leigos, com medo dos socialistas, aderem ao partido da Ordem, formado por legitimistas conservadores e orleanistas. D. Thibault, que no início se mantivera silencioso por causa das suas anteriores posições orleanistas, aceita candidatar-se à Assembleia Constituinte em abril, mas não é eleito. Durante as insurreições de junho, em Paris, D. Affre perde a vida, quando procurava reconciliar as forças em batalha. A partir desta altura, os católicos sentem-se ameaçados pelo clima de violência e quase todos suspendem o seu ideal de reformas sociais.

A partir de julho, a agitação continua a crescer até à eleição de Luís Napoleão Bonaparte para Presidente da República, em dezembro de 1848. Em 18 de novembro, D. Thibault tinha dirigido uma circular ao clero exortando-o a ser prudente e conciliador das diferentes facções. Em Béziers, um dos focos de movimento partidário, realizam-se reuniões e banquetes promovidos pelos republicanos avançados. Na cidade, as eleições presidenciais confirmam o aumento progressivo de adeptos da esquerda¹⁷.

A crescente perturbação inquietava os católicos e as classes mais abastadas. Entre as vítimas desta situação, encontra-se Eugène Cure. A 2 de novembro de 1848, Eugène sucumbe repentinamente com uma congestão cerebral, motivada segundo parece, pelos acontecimentos políticos¹⁸.

A morte de Eugène Cure foi dura para o Padre Gailhac, que assim perdia um grande amigo e benfeitor. A confiança que depositava em Eugène, a ponto de legar-lhe todos os seus bens, transfere-a agora para a viúva. A 4 de novembro de 1848, Jean Gailhac faz testamento em favor de Appollonie Cure, constituindo-a sua herdeira universal¹⁹. Naquele momento de dor, o Padre Gailhac estava longe de imaginar que a morte de Eugène Cure lhe trazia a pedra necessária para completar o grupo fundador do novo Instituto.

17. Em Béziers o candidato mais radical conseguiu 26% dos votos. No departamento do Hérault, Luís Napoleão só obteve 37% dos votos.

18. Gibbal, *Red.D.* 31; Maymard 261; Arq. hist./Cong. Vol I-C, 11.

19. *Escritos* 43.

A perda do marido deixou Appollonie mergulhada em profunda tristeza. De repente, ficava sem o companheiro de dezessete anos, a quem estava unida por um grande amor. Perdia a única pessoa a quem se sentia ligada por laços familiares.

Esta situação dolorosa não impediu Appollonie de abrir o coração a Deus e de compreender que Ele estava a tocá-la de uma forma especial, chamando-a a consagrar-Lhe o resto da sua vida. Apesar de todas as dificuldades que sentia, decide responder com generosidade ao chamamento de Deus e colocar-se nas Suas mãos numa disponibilidade total. Para Appollonie, era claro que a consagração da sua vida a Deus se concretizaria numa doação às jovens do Bom Pastor. Há muito que sentia dentro de si uma sintonia interior com a missão que ali se realizava, sintonia essa, fruto das inúmeras partilhas havidas entre Gailhac, Eugène e ela e das tentativas de minorar as dificuldades da obra. Era grande a sua certeza e, por isso, com determinação, comunica ao Padre Gailhac a decisão que tomara e oferece-se para fazer parte da comunidade que este queria fundar²⁰. Deus preparara-a sem que ela nem ninguém disso tivessem consciência.

Apanhado de surpresa, o Padre Gailhac põe-lhe várias objeções. Aconselha-a a amadurecer o assunto, visto que uma decisão tão séria não se podia tomar precipitadamente nem num momento de tão profundo desgosto. Sugere-lhe que reze e reflita mais algum tempo, para que consiga conhecer claramente a vontade de Deus. Mais tarde, se persistisse na mesma decisão, pedir-se-ia o parecer de D. Thibault.

Como Appollonie perseverava na sua opção, consultaram o bispo da diocese. Por volta de 10 de fevereiro de 1849, D. Thibault confirma a vocação de Appollonie Cure²¹. Reconhece que esta tem as qualidades exigidas para exercer a liderança da fundação e considera que seria suficiente o número de pessoas desejosas de entrar na nova comunidade. Dá licença para prepararem tudo o que fosse necessário.

Só depois da confirmação de D. Thibault o Padre Gailhac acolhe como verdadeira a vocação de Appollonie Cure. A partir deste momento, intensificam-se os preparativos para a fundação. O Padre

20. Gibbal, *Red.D.*, 16; Maynard 262-263.

21. Gibbal, *Red A.*, 22; *Folhas dispersas*, 34.

Gailhac põe Appollonie em contato com Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal para que se conheçam e organizem o estritamente necessário. A 15 de fevereiro, Appollonie Cure compra um terreno contíguo ao Bom Pastor com a finalidade de aumentar as instalações²².

Depois de tanto procurar, rezar e sofrer, o Padre Gailhac tinha o grupo adequado para criar o novo Instituto. A sua visão de fé ia ser partilhada por outras pessoas e transmitida de geração em geração, através de uma cadeia de fidelidade que permaneceria muito para além da sua morte.

22. Maynard 280; *Proc.ap.* 1435. O terreno foi comprado a Mme Jambon.

O 24 de fevereiro de 1849

Para a fundação do novo Instituto D. Thibault escolhe o dia 24 de Fevereiro, véspera do primeiro domingo da quaresma²³. Desde o início, o Instituto tem a aprovação e bênção do bispo da diocese que passa a ser seu protetor.

Não foi calmo o dia da fundação. Sentia-se em toda a cidade um ambiente de instabilidade e de certa agitação. De tarde, comemorava-se o primeiro aniversário da revolução republicana, com cerimônias religiosas em Saint-Nazaire. Um grupo extremista amotinou-se perto da igreja, ocasionando desordens que obrigaram a polícia a intervir. Apesar disso, Appollonie Cure, Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal deixam as suas casas, atravessam a cidade rumo ao Bom Pastor, assumem a responsabilidade de dirigir a obra e de fundar o novo Instituto. A incerteza da situação política, os obstáculos que poderiam surgir das próprias famílias, as dificuldades que poderiam encontrar na obra, nada as impede de concretizar a missão a que se sentiam chamadas.

Eulalie e Rosalie encontram-se na casa de Appollonie. Juntas, chegam ao Bom Pastor às quatro horas da tarde²⁴. Deixam para trás tudo o que tinha constituído a sua vida até essa data. Vêm com a determinação firme de se darem totalmente a Deus através da obra do Bom Pastor e de, a cada dia, estarem atentas à Sua vontade.

Numa pequena cerimônia presidida pelo Padre Jean Gailhac, em delegação de D. Thibault, as três tomaram posse da direção da obra. Estavam presentes alguns membros do clero de Béziers. Foi redigida uma ata que registra o acontecimento²⁵. Nela pode ler-se que o Padre Jean Gailhac, "*em virtude dos poderes dados por D. Charles Thomas Thibault, bispo de Montpellier*", depois de ter previamente

23. Maynard 264 refere que a data de 24.2.1849 foi escolhida por D. Thibault por ser o aniversário da revolução de 1848. No calendário litúrgico, era véspera do primeiro domingo da quaresma.

24. *Reg. Prof. RSCM*. 2v. Arq. hist./RSCM. Caixa 1, Pasta 1. Maynard da a chegada ao Bom Pastor às 6 horas da tarde, mas a ata refere às 4 horas.

25. *Reg. Prof. RSCM*. 2v. Arq. hist./RSCM. Caixa 1. Pasta 1.

despedido as Irmãs de Marie-Joseph, deu posse do estabelecimento e convento do Bom Pastor à Sra. Appollonie Pellissier, viúva de Eugène Cure, advogado e benfeitor daquela obra, à Srta Victoire Eulalie Vidal e à Srta. Marie Rose Gibbal. A elas confiou para além do governo e administração da obra o lançamento dos alicerces da "*Ordre des Dames Religieuses du Sacré Coeur de Marie*", sob a direção do Padre Pierre Jean Antoine Gailhac, cônego honorário e seu padre fundador. Depois de lida, a ata foi assinada por Appollonie Cure, Eulalie Vidal, Rosalie Gibbal, Padre Jean Gailhac e vários membros do clero que estavam presentes²⁶.

Appollonie, Eulalie e Rosalie juntam-se a Rose Jeantet e Cécile Cambon. Entretanto, Marie Roques chega da sua terra. Finalmente, estão reunidas no Bom Pastor as primeiras irmãs do Instituto do Sagrado Coração de Maria. Elas farão crescer e frutificar o dom concedido ao Padre Jean Gailhac.

A tomada de posse do Bom Pastor por aquelas que lançariam os fundamentos do Instituto do Sagrado Coração de Maria foi precedida, na véspera, pela saída das seis irmãs de Marie-Joseph. Era desejo do Padre Gailhac que tivessem saído mais cedo, mas as irmãs pediram para ficar mais uns dias, alegando que precisavam de tempo para fazer as malas e comunicar com a casa mãe da sua congregação. Como estavam descontentes e não iam de boa vontade permitiram que a disciplina se relaxasse e incitaram as moças assistidas a se revoltarem. No dia da partida, o grupo estava num grande alvoroço e a balbúrdia espalhou-se em toda a casa. As mais velhas obrigavam as mais novas a gritar - "*Queremos as nossas antigas mestras!*"²⁷.

A complexidade da situação preocupa o Padre Gailhac e exige a sua presença no Bom Pastor, durante todo o dia. Impossibilitado de comunicar pessoalmente com Appollonie, tal como o teriam combinado, escreve-lhe uma breve mensagem que exprime um pouco daquilo que estava se passando - "*Deus está conosco, portanto,*

26. Reg. Prof. RSCM. 2v. Arq. hist /RSCM Caixa 1. Pasta 1. Assinaram a ata os seguintes membros do clero: Louise Birouste, capelão do internato dos Irmãos; Auguste Combescure, pároco de Thezan; Charles Bougette, coadjunto de St. Aphrodise. Assistiu também à cerimónia, Guillaume Gailhac, pároco de Paillès e primo de J. Gailhac.

27. Mère Saint-Félix, *Notes Cahier 1*. Arq. hist./Cong. Vol. VII, 10. Ver também Proc. Ap. 1300. Referências posteriores M. St. Félix e páginas do Proc. Ap.

*um pouco de cruz. As coisas hão-de arranjar-se. Não posso ir esta noite. Vê-la-ei amanhã e espero que seja o dia da sua entrada. Deus e Maria dar-lhe-ão a coragem necessária. Seremos apoiados por Deus*¹²⁸.

A desordem cresceu de tal forma, que nem o Padre Gailhac nem os outros padres presentes conseguiram acalmar as jovens. Então, tiveram de chamar a polícia para garantir a ordem. O acontecimento é noticiado a 25 de fevereiro pelo *Messenger du Midi*. "*Béziers: A casa do Bom Pastor acaba de ser colocada sob a direção da viúva Senhora Cure. As religiosas, que até aqui tinham dirigido este estabelecimento, partiram no meio de lágrimas e testemunhos de reconhecimento por parte das alunas. O Senhor Peyre, comissário da polícia, foi encarregado de vigiar para que a partida se efetuasse sem agitação*"²⁹.

Com estes antecedentes, a recepção às fundadoras, no dia 24 de Fevereiro, esteve longe de ser uma ovação. As crianças e jovens estavam reunidas para recebe-las, mas tinham os rostos sérios e carregados, que só a pouco e pouco se foram desanuviando³⁰.

A decisão da Senhora Cure e a sua entrada em religião fora um segredo tão bem guardado que a população de Béziers ficou admirada com a mudança operada na direção da obra do Bom Pastor. A 18 de março, o *Courrier de Béziers* refere o acontecimento dizendo que a Senhora Cure tinha assumido a direção do Bom Pastor, renunciando à vida passada e consagrando-se a Deus através daquela obra³¹.

Eugène tinha morrido a 2 de novembro de 1848. Appollonie vê confirmada a sua vocação a 10 de fevereiro de 1849. O Instituto do Sagrado Coração de Maria é fundado a 24 de fevereiro do mesmo ano. Cerca de três meses para amadurecer a decisão e catorze dias para concretizá-la. Tudo se passa em tão pouco tempo que, mais tarde, o Padre Jean Gailhac dirá: "*Nascidas sem nenhuma previsão humana e em tão pequeno número*"³².

28. Gailhac a Apollonie Cure, s.d. *Proc.ap.* 286.

29. *Messenger du Midi* 25.2.1849.

30. *Petite notice sur la vie de notre vénérée Mère fondatrice*. Arq. hist./Cong. Vol. I-C.

93. Ver também *Proc.ap.* 330-359. Referências posteriores *Petite notice*.

31. *Courrier de Béziers* 18.3.1849.

Há um número de *Le Petit Biterrois* que também traz a notícia, mas não foi possível a sua consulta por se encontrar encaixotado no Museu Biterrois, em Béziers.

32. Gailhac ao Instituto: GS/23/VII/84/A.

Quem são as fundadoras?

Appollonie Cure

Nascida em Murviel, a 2 de fevereiro de 1809, Apollonie é batizada a 5 do mesmo mês na igreja paroquial³³. Seus pais, Etienne Baptiste Pelissier e Marie Durand, tiveram quatro filhos³⁴. Depois de três rapazes, vem Appollonie que é acolhida por todos com grande alegria.

Após o nascimento de Appollonie, os Pélissier mudam para uma casa maior, localizada no centro de Murviel. São considerados entre as famílias mais abastadas da região. Appollonie tem uma infância despreocupada, embora desde cedo a habituassem a assumir responsabilidades.

De acordo com a educação cristã recebida, Etienne e Marie tinham construído um lar onde a fé e a seriedade de vida ocupavam lugar primordial. É neste ambiente que Appollonie cresce, aprende a amar a Deus e desenvolve a sua sensibilidade aos valores do espírito. Segundo a tradição das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, é educada num internato, em Béziers, onde a formação religiosa é aprofundada para fazer a Primeira Comunhão. A 17 de julho de 1821, na Igreja de Saint-Nazaire, Appollonie recebe pela primeira vez a Eucaristia³⁵. Tem doze anos. Dois anos mais tarde, a 25 de outubro de 1823, é crismada na mesma igreja, por D. Fournier³⁶.

Recebe uma educação intelectual de ótima qualidade. Alguns dos seus cadernos escolares, datados de 1824 e 1826, revelam a seriedade com que ela se aplicava ao estudo e o seu elevado grau de conhecimentos em diversas matérias³⁷.

33. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 14, 16. Appollonie aparece com várias ortografias. Utilizamos a da certidão de nascimento.

34. 1.º Clément Etienne Baptiste, nascido a 17 do Messidor, Ano III, falecido a 21 do Germinal do Ano VII; 2.º Jean Baptiste Joseph, nascido a 21 de Brumário do Ano VI, falecido a 15.11.1817; Jean Clément Napoléon, nascido a 30 do Pluvioso do ano XIII, casado com Marie Rosine Bourget; morre em 13.3.1869; Marie Appollonie. *Inquisição* 472.

35. Certificado da Primeira Comunhão. Arq. Casa Mãe.

36. Certificado do Crisma. Arq. Casa Mãe.

37. Cadernos escolares. Arq. Casa Mãe.

O único sobressalto da adolescência de Appollonie parece ter sido a morte de Jean Baptiste, em novembro de 1817³⁸. A perda do irmão, que contava apenas vinte anos, deve tê-la feito sofrer um profundo desgosto. Teria cerca de dezoito anos quando se lhe põe a questão do casamento.

Em Autignac, povoado vizinho de Murviel, vivia a família Cure. Jacques Cure, advogado e juiz de paz, viúvo de Catherine Martin, tinha um único filho, Eugène, também advogado³⁹. Amigos de há muito, os Pelissier e os Cure desejavam selar a sua amizade com o matrimônio dos filhos. Appollonie e Eugène gostavam um do outro e pensavam vir a casar. Mas Appollonie era muito nova e o projeto fica deferido para mais tarde.

Entretanto, sem que alguém o pudesse prever, a 21 de novembro de 1830 morre repentinamente Marie Durand e, a 8 de janeiro do ano seguinte, Etienne Baptiste Pelissier⁴⁰. Num curto período de tempo, Appollonie perde a mãe e o pai. É fácil imaginar o sofrimento em que fica mergulhada. Agora, resta-lhe apenas o irmão Clément Napoléon.

O casal Pelissier não deixara testamento, fato que vai originar um contencioso entre Appollonie e o resto da família. Clément Napoléon pretendia apoderar-se da maior parte dos bens herdados e, neste desejo, era apoiado por uns tios com poderosa influência junto da irmã. Não lhes convém o casamento de Appollonie com Eugène Cure, porque este viria a defender os interesses de Appollonie. Para atingirem os seus fins, procuram dissuadi-la de semelhante casamento. Propõem-lhe outros partidos, mas ela não cede, apesar da insistência.

Vendo que nada conseguem, preparam um documento de partilhas onde os bens estão divididos em partes iguais. Todavia, a parte de Appollonie estava avaliada em um preço superior ao valor real⁴¹. A 4 de abril de 1831 obrigam-na sob coação a assinar o documento. Sentindo-se ameaçada e receando que exercessem represálias sobre o noivo, Appollonie assina o documento, consciente da coação que lhe está sendo feita. A escritura pública realiza-se a 9 de

38. *Inquisitio* 472.

39. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 7, 10.

40. Arq. hist./Cong. Vol. I-C. 20.

41. Arq. hist./Cong. Vol. I-C. 34-36; Arq. hist./RSCM. Caixa 4, Pasta 7. Ver também Proc. Ap. 2745-2749

abril, ficando Appollonie muito lesada na parte da herança a que tem direito. A atitude do irmão e dos tios chocam-na de tal maneira que, mais tarde, vem a cortar relações com eles.

A 11 de abril de 1831, Appollonie e Eugène casam em Murviel, pelo civil e com completa separação de bens⁴². O Dr. Jacques Cure faz a Eugène a doação total dos seus bens e cede-lhe o usufruto de parte da casa que habita em Autignac. Clément Napoléon, irmão de Appollonie, está presente e assina a ata lavrada. A 12 de abril, realiza-se a cerimônia religiosa na igreja paroquial de Murviel⁴³.

O casamento aos vinte e dois anos é para Appollonie um recomeçar a vida. Desligada dos parentes de sangue, a sua única família passa a ser a do marido. O Dr. Jacques Cure recebe-a como uma filha. Os jovens esposos vão viver em Autignac, na parte da casa que ele lhes cedera. O amor que os une e a confiança que ambos têm em Deus são os pilares que ajudam Appollonie a superar os desgostos sofridos. Passados alguns meses de casados, em 28 de dezembro de 1831, fazem um testamento recíproco. Legam um ao outro a totalidade dos bens, ficando livres de dispor deles "segundo seu desejo e vontade"⁴⁴. Mais tarde, mudam-se para Béziers passando a habitar uma moradia nas movimentadas e modernas Allées Paul Riquet, nº. 42.

Durante dezessete anos, vivem um casamento feliz. Apenas a falta de filhos lhes tolda a felicidade. Superam-na, vivendo com interesse, dedicação e amizade às dificuldades e alegrias do Padre Gailhac no Refúgio do Bom Pastor. Naturalmente, no meio das confidências de Gailhac, surge o problema da direção da obra e, mais tarde, o da fundação de uma congregação religiosa. As preocupações de Gailhac tornam-se as preocupações dos Cure, que se interrogam sobre os desígnios de Deus acerca deles. De acordo com a tradição das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Eugène e Appollonie teriam decidido que aquele que sobrevivesse à morte do outro se entregaria totalmente às obras do Padre Gailhac. O que talvez não imaginassem é que isso viesse à realizar-se tão cedo.

Appollonie tivera sempre uma vida abastada, com as facilidades próprias do estrato social a que pertencia. Senhora de considerável patrimônio, habituara-se a administrar e a ser boa dona de casa.

42. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 25-32; Arq. hist./RSCM. Caixa 4, Pasta 8. Ver também *Inquisitio* Doc. XX b, c, 372-376.

43. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 24.

44. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 44. Ver também *Inquisitio* Doc. XX d, 376.

A posição social das famílias Pelissier e Cure dá-lhe um lugar de destaque na sociedade de Béziers. Appollonie é mulher de fé, que as duras provações não abalam. A sua generosidade traduz-se em amor e atenção constante aos mais desfavorecidos e àqueles que, por qualquer circunstância, precisam da sua ajuda econômica.

Eulalie Vidal

Eulalie nasce em Meyrueis (Lozere) a 25 de agosto de 1815⁴⁵. É a segunda de quatro irmãs. Os pais, pertencentes a uma família de grandes tradições cristãs, procuram dar às filhas uma cuidadosa educação humana e religiosa. Pauline, Eulalie, Adele e Céline são receptivas à educação recebida e o esforço do casal Vidal produz os seus frutos. As quatro virão a ser verdadeiras mulheres de fé e três entrarão na vida religiosa⁴⁶.

Desde a infância que Eulalie se evidencia pela seriedade e por uma vida interior profunda⁴⁷. De temperamento suave e bondoso, é aplicada ao estudo e ao trabalho. Apenas com seis anos, é premiada com uma coroa de louros por ser a única das alunas do colégio a recitar a Paixão de Cristo sem uma única falha. Talvez neste acontecimento esteja o princípio de um grande amor que Eulalie tinha à Cruz de Cristo. Na juventude, a sua vida espiritual já se distingue por uma tentativa de identificação com Cristo na sua Paixão e Morte. Quando viviam em Millau, moravam perto de um cruzeiro. Com frequência, Eulalie ia até lá rezar e, sem preocupar-se com o que pudessem pensar os outros, beijava fervorosamente os degraus. As irmãs não compreendiam a sua atitude e gozavam dela, mas como resposta só obtinham um sorriso.

A suavidade de temperamento e a beleza do rosto tornavam-na muito simpática e atraente. Estes predicados, porém, desagradavam-lhe. Não gostava de se sentir lisonjeada. Por estranho que pareça, Eulalie pedia a Deus que a tornasse feia. Daí a pouco tempo, adoece com varíola. Tendo-lhe sido recomendado pelo médico

45. *Reg. Prof. RSCM*. 2v. Arq. hist./RSCM. Caixa 1. Pasta 1.

46. Pauline, a mais velha, entra nas Soeurs de la Charité et de L'Instruction à Nevers, tomando o nome de St. Joseph. A mais nova, Céline, entra nas Dames de Notre-Dame, passando a chamar-se St. Louis Gonzague.

47. Estes episódios da infância baseiam-se em Maynard 247-252, numa carta de St. Joseph Vidal, após a morte de M. Ste. Croix, às suas irmãs Adèle e St. Louis s.d. e numa outra de St. Louis à M. St. Félix, 9.1.1879. Arq. hist./RSCM. Caixa 5, Pasta 4.

que tivesse o maior cuidado com as crostas para não ficar marcada, ela percebe que era aquele o momento de deixar de ser bonita. Resolve, então, arrancar uma a uma todas as crostas do rosto. Diante do horrível aspecto, Pauline, que tão carinhosamente a havia tratado, irrita-se com ela, repreende-a e diz-lhe que está desfigurada. Eulalie limita-se a sorrir, dizendo que há muito pedira a Deus essa graça. Passa a ser conhecida pelas crianças do bairro como “a menina Vidal feia”.

O pai, professor primário, ensinava em casa. As filhas cedo lhe seguem os passos. Pauline parte para um dos grandes internatos de Montpellier com o objetivo de, mais tarde, vir a assumir a direção deste. Nessa altura, viviam em Agde, onde Eulalie, com dezoito anos, abre o primeiro internato para meninas. Trabalha sozinha, de manhã à noite, porque Adèle e Céline são ainda muito novas para ajudar. Eulalie experimenta o seu amor à Paixão de Cristo vivendo continuamente na presença de Deus, no esquecimento de si própria e dedicando-se em totalidade às suas alunas.

Com o dia cheio, Eulalie sente falta de tempo para a oração e procura encontrá-lo de manhã cedo. Antes do sol nascer, dirige-se à igreja para participar da missa. Inúmeras vezes chega antes do sacristão, encontrando a porta fechada. Começa a sua oração de joelhos, ainda do lado de fora da porta. Faz isto durante um ano, verão e inverno, sem que a família disso se aperceba. Um dia, o frio gelara os degraus da escada e Eulalie apanha uma pneumonia. Nessa altura, o sacristão conta o que se passava e os pais proibem-na de sair antes do nascer do sol.

Mais tarde, a família Vidal muda para Béziers. Aí, Eulalie e Céline abrem um internato. Em 1847, o estabelecimento de ensino está florescente⁴⁸. Nas provas finais de três dias, as alunas, das mais pequenas às maiores, deixam o auditório maravilhado com a boa preparação e qualidade da educação ministradas pelas “Meninas Vidal”. A facilidade com que as jovens se exprimiam, tanto nas provas de carácter intelectual como nas de carácter artístico, demonstrava um trabalho de conjunto sério, uma organização excelente e um amor à educação sem limites. A simplicidade que deixavam transparecer denotava que naquele estabelecimento de ensino as educadoras procuravam integrar educação e instrução em todas as dimensões.

48. *L'Indicateur de Béziers* 10.9.1847.

A educação da fé tinha um lugar primordial no internato das Meninas Vidal, não se limitando a certas práticas determinadas pelo regulamento. Os princípios da fé eram transmitidos com profundidade e de uma maneira existencial. À teoria procurava-se aliar a descoberta do amor de Deus e a vivência das virtudes para que, no futuro, as alunas vivessem segundo os valores cristãos. O Internato das Meninas Vidal era considerado, em Béziers, um espaço de educação integral.

Quando o Padre Gailhac a conhece, sente que os talentos dela se adequam à congregação que ele deseja fundar. Eulalie, por sua vez, sintoniza com tudo o que o Padre Gailhac lhe propõe sobre a nova congregação. Enquanto espera que haja um grupo coeso e capaz de tomar a direção da obra do Bom Pastor, Eulalie continua a dirigir o internato que progride cada vez mais. Em outubro de 1847, têm necessidade de mudar para um edifício maior⁴⁹. Esta espera deve-se também à situação familiar em que Eulalie se encontra. A mãe está doente e ela sente que não a pode deixar naquelas circunstâncias.

Rosalie Gibbal

Rosalie nasce em Puimisson a 11 de setembro de 1825⁵⁰. Filha mais nova de um casal profundamente cristão, perde o pai nesse mesmo ano e a mãe quando tinha dezesseis anos⁵¹. Como era menor, necessitava de um tutor, e essa responsabilidade vai recair sobre o seu irmão Jean. Desde muito cedo que Rosalie sentia o chamamento para a vida religiosa. Aos dezoito anos, pede ao irmão para entrar no convento das Soeurs de la Charité, mas ele não lho permite.

Enquanto espera pelos vinte e um anos, dedica-se a ajudar os pobres e os doentes. As situações de extrema miséria e indigência com que se depara fazem-na sentir compaixão por aquelas pessoas tão abandonadas. O seu amor dedicado e humilde leva-a a sentir-se atraída pelos pobres e doentes como membros sofredores do corpo de Cristo. Arruma-lhes a casa, prepara-lhes as refeições e os medicamentos,

49. *L'Indicateur de Béziers* 22.10.1847.

50. *Reg. Prof. RSCM*. 2v. Arq. hist./RSCM. Caixa 1. Pasta 1.

Maynard 253 diz que Rosalie nasceu a 4.9.1825, em Gabien, mas a ata da fundação do Instituto tem como referência do nascimento 11.9.1825, em Puimisson. Optámos por esta por parecer a mais viável.

51. Gibbal, *Red.D.*, 15; Maynard 252-258.

dá-lhes apoio espiritual, trata-os como se eles fossem o próprio Jesus Cristo. De uma vida interior muito rica, Rosalie passa longas horas em oração, elemento integrador da sua doação generosa.

Jean, que era advogado, monta escritório em Béziers, em 1847. Rosalie passa longas temporadas com ele. Tal como anteriormente, continua a repartir o seu tempo ajudando os mais necessitados. Em Béziers conhece o Padre Gailhac, que passa a ser seu diretor espiritual e a entusiasma a fazer parte do Instituto que deseja fundar.

Para Rosalie, o importante é consagrar a vida a Deus dedicando-se àqueles que mais precisam dos seus cuidados. As jovens e as crianças órfãs do Refúgio do Bom Pastor são uma parcela deste mundo carente. Compreende que pode concretizar a sua consagração religiosa pondo-se ao serviço delas e aceita o desafio. Agora, que já é maior, o irmão não poderá se opôr à sua decisão. Apenas espera que o Padre Gailhac tenha o grupo adequado para fundar a comunidade do Sagrado Coração de Maria.

Rose Jeantet

Rose Jeantet nasce a 30 de abril de 1812, em Béziers⁵². Seus pais eram pobres e, desde cedo, Rose tem necessidade de trabalhar. Faz-se empregada doméstica. No Padre Gailhac, encontra um confessor e diretor espiritual seguro.

A necessidade que Gailhac tinha de encontrar pessoas de confiança para o Refúgio do Bom Pastor provoca em Rose uma resposta pronta. Deixa o trabalho que tinha e vem para a obra de Gailhac. Supervisiona alguns setores da casa e faz tudo o que é necessário. Está sempre disponível para ajudar onde for preciso. Todas podem contar com ela. Quando é necessário, pede esmolas pela cidade e arredores. É conhecida de muita gente quando aparece acompanhada pelo burro, que carregava as mais variadas espécies de donativos. Uma contínua atenção às carências do conjunto, um espírito de sacrifício sem limites, uma grande dedicação e humildade, uma vida interior rica são as tônicas de um contributo inigualável para a continuidade do Refúgio.

Quando o Padre Gailhac a convida a entrar na congregação que deseja fundar, Rose responde afirmativamente e cheia de entusiasmo.

52. Maynard 87-88.

O tempo de espera, por causa da incerteza da data da fundação, não a desmotiva. Pelo contrário, é ocasião de consolidar o amor que tem àquelas jovens saídas da prostituição.

Cécile Cambon

Cécile Cambon nasce em Cambret (Aveyron), a 16 de maio de 1813⁵³. Os pais eram camponeses e morreram cedo. Cécile parte para Béziers, onde procura ganhar a vida como empregada doméstica. Simples e piedosa, escolhe o Padre Gailhac para confessor.,

Quando Gailhac precisa de pessoal de confiança para trabalhar no Bom Pastor, convida Cécile, que acede com agrado. Desde o primeiro momento, ajuda a minorar todas as dificuldades, especialmente as de ordem econômica. Logo pela manhã, acompanhada por um jumento, Cécile percorre as ruas da cidade e os caminhos dos arredores fazendo o peditório. Anda dezenas de quilômetros a pé. Todos a conhecem. Muitos dão-lhe esmola em gêneros e dinheiro, mas nem sempre é bem recebida. A dureza da tarefa e as humilhações que sofre nunca a fazem desistir. A sua presença humilde, mortificada e incansável é um dos sustentáculos escondidos da obra.

Sentindo desejo de se consagrar a Deus na vida religiosa, manifesta-o ao Padre Gailhac, que a põe ao corrente dos seus projetos e admite a possibilidade de ela vir a fazer parte da comunidade. O amor e a dedicação que Cécile sente pelo Refúgio são tão fortes que a proposta a enche de alegria, ficando a aguardar ansiosamente o momento oportuno para a fundação. De uma grande simplicidade, conservou sempre o seu caráter rústico, mas cheio de bondade. Exprimia-se apenas em patois, nunca chegando a utilizar o francês.

De entre as irmãs fundadoras, Cécile é a primeira a entrar para o Refúgio do Bom Pastor. Experimentou todas as vicissitudes por que a obra passou, tendo conhecido e trabalhado lado a lado com as Irmãs das congregações que aí viveram antes da fundação do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

53. Maynard 86, 87.

Marie Roques

Marie Roques nasce a 20 de maio de 1825, em Revoltairé (Aveyron)⁵⁴. Ainda jovem, vai para Béziers como empregada doméstica. Trabalha na casa dos Cure, onde conhece o Padre Gailhac, que escolhe para seu confessor⁵⁵. Reconhecendo nela qualidades próprias para a congregação que desejava fundar, especialmente uma grande simplicidade e pureza, Gailhac propõe-lhe vir a fazer parte do novo Instituto. Marie aceita a proposta, esperando ansiosamente o momento da entrada.

Quando D. Thibault marca a data exata da fundação, o Padre Gailhac manda-a regressar da terra natal onde estava em descanso. Marie aparece pronta a começar nova vida, mostrando grande fidelidade ao compromisso que tinha assumido antes da doença⁵⁶. Marie era única no gênero. Tinha uma grande firmeza, coragem e fortaleza de espírito. De uma renúncia e imolação sem limites, está sempre pronta a ajudar quem precisa. Não se poupa a esforços nem canseiras em relação a tudo o que seja para o bem comum.

Embora com idades diferentes, as seis fundadoras encontram-se na força da vida. Apollonie tem quarenta anos, Eulalie trinta e três, Rosalie vinte e três, Rose trinta e seis, Cécile trinta e cinco e Marie vinte e três. Cada uma é portadora de uma experiência de vida diferente e de um conjunto de dons que torna o grupo diversificado e rico. Todas elas possuem uma força geradora de unidade - o desejo de conhecer a Deus e torná-Lo conhecido, amar a Deus e fazê-Lo amado, única missão do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

54. Maynard 259.

55. Maynard 259. Nota à margem em *Souvenirs sur le Pensionnat*. Arq. hist./Cong. Vol. IV-A. 65. Referências futuras *Souvenirs Pens*.

56. Maynard 260.

Os primeiros tempos

Depois da tomada de posse, o Padre Gailhac deu a cada uma o nome de religião e atribuiu cargos⁵⁷. Appollonie Cure - Saint-Jean Évangéliste - foi nomeada superiora geral e assumiu a administração, a direção material e espiritual do Instituto; Eulalie Vidal - Sainte-Croix - foi nomeada assistente; Rosalie Gibbal - Sainte-Stanislas - mestra de noviças. Os nomes Saint-Modeste, Saint-Aphrodise e Sainte-Agnes foram dados respectivamente a Rose Jeantet, Cécile Cambon e Marie Roques, irmãs coadjuadoras.

Nos primeiros meses, a vida não foi fácil para o pequeno grupo, que toma conta das obras já existentes e começa a lançar os fundamentos do Instituto. Apesar da maneira hostil como foram recebidas e do profundo desgosto que ainda vivia, a Madre Saint-Jean não se deixa dominar pelas circunstâncias. Procura conhecer as necessidades de cada uma e do conjunto. Ao verificar a deplorável situação em que a obra se encontrava, procura resolver as diversas carências. Compra cobertores, roupas e calçados. Melhora o regime da casa em todos os aspectos. As suas atitudes para com todas eram sempre impregnadas de bondade e doçura. Porém, nem os melhoramentos nem o carinho diminuam a agressividade, o comportamento indisciplinado e rebelde das jovens. Queriam ir-se embora e procuravam fugir. "*Havia necessidade de as vigiar dia e noite, caso contrário, nem uma só teria ficado, tal era o medo que delas se tinha apoderado*"⁵⁸. Mesmo sem resultados positivos, a Madre Saint-Jean entrega-se à sua missão com uma generosidade sem limites.

Para além da coordenação e administração da casa, a Madre Saint-Jean devia dedicar parte do seu tempo diretamente às crianças do Orfanato e às moças do Refúgio, visto as mestras serem

57. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1301. Segundo Maynard 274 os nomes de religião foram dados no dia da Tomada de Hábito. Seguimos a M. St. Félix, porque durante o ano de 1849 a M. St. Jean já assina todas as cartas com o nome de religião.

58. Maynard 90.

poucas e haver necessidade de uma presença constante junto delas. A maneira negativa como as jovens reagiam obrigava o pequeno grupo a um esforço constante e árduo. É de notar que estavam num período de adaptação e que este tipo de trabalho era desconhecido da maior parte delas. Deve ter sido muito difícil aguentar o ambiente que se vivia na casa e conservar o equilíbrio do grupo. Foi preciso muita coragem, espírito de sacrifício, capacidade de sofrimento e abnegação para tudo suportar com amor. Porém, a situação não as paralisou; pelo contrário, impulsionou-as a seguir sempre em frente.

O apoio dado pela Madre Sainte-Croix durante os primeiros meses parece não ter tido caráter permanente⁵⁹. No momento em que passou a fazer parte da direção do Bom Pastor, tinha a mãe gravemente doente. Não querendo causar-lhe um desgosto que poderia apressar-lhe a morte, nada disse acerca da decisão que tomara. Como ainda possuía o internato, durante oito meses repartiu-se entre as suas alunas, a mãe e as novas responsabilidades.

Quando a Senhora Vidal morreu, a Madre Sainte-Croix, sentindo que nada a retinha, veio definitivamente para o meio das suas irmãs. Portanto, até outubro, a Madre Sainte-Croix não esteve a tempo inteiro na obra, o que certamente originou uma sobrecarga para o resto do grupo.

A situação que se vivia no Bom Pastor exigia a presença assídua do Padre Gailhac. A organização do Instituto e a formação dos seus membros preocupavam-no e exigiam-lhe tempo. Por conseguinte, a 3 de junho de 1849, Gailhac pede a demissão da capelania do hospital, passando a dedicar-se inteiramente à comunidade que nascia⁶⁰. A partir desta altura, passa a residir no último andar da casa dos pais que, de acordo com os irmãos, haviam reservado para ele⁶¹.

A 15 de setembro, vêm juntar-se ao grupo dois novos membros Jeanne Froment e Marie Maymard. Jeanne Froment nasceu em Anglards, em 1824⁶². Desconhece-se fatos da sua juventude e da forma como conheceu o novo Instituto. Recebeu o nome de Saint-Cyprien.

59. Maymard 252; St. Joseph Vidal às suas irmãs Adele e St. Louis, s.d. Arq. hist./RSCM. Caixa 5. Pasta 4.

60. Maymard 45. Foi substituído na capelânia, pelo Padre Bougette, pároco de St. Aphrodise. *La Propriété, Courrier de Béziers* 3.6.1849 e 17.6.1849.

61. Escritura de partilhas dos Gailhac. *Proc.ap.* 1382.

62. Maymard 272-273

Marie Maymard nasceu em Millau, diocese de Rodez, a 12 de outubro de 1831⁶³. Era a segunda de oito irmãos. De saúde débil, só começou a andar aos cinco anos. Foi primeiramente educada pelas Soeurs de la Présentation, cuja casa era perto da de sua família e, mais tarde, pelas Religieuses du Saint-Sacrement, no convento de Macon.

No íntimo de Marie crescia o desejo de se consagrar a Deus, alimentado por uma tia religiosa. Tinha terminado os estudos e encontrava-se em casa, pensando na decisão a tomar, quando as irmãs Vidal passaram em Millau à procura de vocações para o novo Instituto. Entrando em contato com elas, Marie vê no convite que lhe fazem a expressão da vontade de Deus para si. Tinha, então, dezessete anos. Depois do consentimento dos pais, parte para Béziers. Receberá o nome de Saint-Félix.

Após a entrada das duas, Saint-Cyprien fica encarregada do Refúgio e Saint-Félix do Orfanato⁶⁴. Não as espera uma tarefa fácil. Como cada uma estava sozinha na respectiva sala, o Padre Gailhac e a Madre Saint-Jean vinham substituí-las para lhes possibilitarem um intervalo. Às vezes, o Padre Gailhac continuava a lição, outras vezes aproveitava para rezar o Breviário. A Madre Saint-Jean dava catecismo ou leitura.

As educandas continuavam a ser difíceis. As irmãs procuravam, pela sua atuação dedicada e oração insistente, obter melhoria no comportamento, mas os efeitos eram poucos. O Padre Gailhac ajudava no que podia, incitando-as a serem perseverantes na oração.

No Orfanato, as crianças aproveitavam todas as ocasiões, mesmo as dos castigos, para fazerem brincadeiras. Não eram piedosas. Na capela, estavam tão dissipadas que foi decidido acabar com o quarto de hora de adoração, usual há muitos anos. A atuação da Madre Saint-Félix, firme nos castigos e bondosa no trato, contribuía para ir adquirindo autoridade junto às crianças. Pouco a pouco a sua ação começou a surtir efeito, e algumas transformações se iam operando, mas só depois de um episódio engraçado é que se verificou uma mudança notória. A preocupação da Madre Saint-Félix era tão grande que uma noite, já na cama, rezava à meia voz pedindo a transformação daquelas crianças. Estas, impressionadas com o que

63. Maymard 266-272.

64. M. St. Félix Proc.ap. 1302.

escutaram, estavam com outra disposição no dia seguinte e modificaram as suas atitudes. A partir daí, tornaram-se mais calmas, dóceis e piedosas.

A Madre Saint-Jean ía constatando que as coisas melhoravam - "*Acabei de dar uma volta pelas classes e tive uma grande consolação ao saber que as crianças estavam bastante bem comportadas. Encorajei-as, dizendo-lhes que eram muito mais felizes quando cumpriam o seu dever de forma a que as mestras ficassem contentes com elas*"⁶⁵.

A situação no Refúgio era mais complicada do que no Orfanato. As jovens estavam revoltadas e nada nem ninguém as fazia mudar de atitude. O *Journal de Béziers* refere que, na noite de 24 para 25 de fevereiro de 1850, duas jovens com idade de dezesseis e vinte anos, internas "no estabelecimento das raparigas arrependidas da cidade", se feriram gravemente ao saltar o muro da cerca, pelo que tiveram de ser levadas ao hospital⁶⁶. O episódio mostra a revolta em que estavam, mas é provável que também estivesse ligado a acontecimentos exteriores. Celebrava-se, nesse dia, o segundo aniversário da implantação da República e havia festejos na cidade. Por outro lado, nos últimos meses tinha havido de novo tumultos, em Béziers, em virtude de o Presidente da República não ser do agrado da maioria da população. Estes fatores devem ter contribuído para uma certa revolta mesmo no interior dos estabelecimentos de educação. Exatamente no mesmo dia, há um incidente no Colégio de Béziers por causa da severidade de um prefeito de estudos. Para controlar a situação, foi preciso chamar a polícia e expulsar quatro alunos⁶⁷. A coincidência destes dois episódios parece ser sintomática da conjuntura que se vivia em Béziers.

De qualquer forma, as jovens assistidas eram difíceis e a Madre Saint--Cyprien não as dominava. Um dia, teve mesmo de chamar a Madre Saint-Félix, porque um grupo, sentado no chão da sala, colocava rolos no cabelo de uma delas e fazia grande algarraza. Identificadas as autoras da brincadeira, pensaram que a calma voltaria, mas tal

65. M. St. Jean a Gailhac, 25.10.1849. Arq. hist./RSCM. Caixa 16, Pasta 7.

66. *Journal de Béziers* 1.3.1850.

67. *La Propriété, Courrier de Béziers* 7.3.1850; Carta do Ministère Instruction Publique, 2.3.1850. *Béziers-College de garçon*. Pasta 2. Arq. Dép. Hér. Inquisição 60, nota 38 atribui ao Refúgio do Bom Pastor a notícia do *Courrier de Béziers*, mas o artigo refere-se ao colégio.

não aconteceu. O Padre Gailhac decidiu expulsar sete das que mais perturbavam o ambiente e o certo é que as coisas se foram normalizando⁶⁸.

O momento punha à prova a fé das irmãs. Com o seu esforço e a graça de Deus, a transformação ia-se operando. A entrada da Madre Saint-Cyprien e da Madre Saint-Félix e o retorno permanente da Madre Sainte-Croix deram mais consistência ao grupo e proporcionaram maior presença junto às educandas. Tudo ajudou a estabilizar a situação. Então D. Thibault deve ter considerado que existiam as condições mínimas para iniciar a formação do grupo para a vida religiosa, como se pode concluir do testemunho da Madre Saint-Félix - "*O Padre fundador foi encarregado pelo bispo de dirigir o nosso postulante, que começou em outubro de 1849*"⁶⁹.

O aumento dos membros ajudara a criar as condições necessárias para estruturar a vida comunitária e melhorar a qualidade da missão. Agora, o Padre Gailhac podia dedicar-se à formação das irmãs e ajudar a lançar os alicerces do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

As provações não se restringiam apenas às dificuldades dentro de casa; também surgiram algumas do exterior. E a razão era simples. A Madre Saint-Jean tinha sido a herdeira universal dos bens de Eugène Cure. Ao entrar em comunidade começara uma série de remodelações no edifício que implicava avultadas despesas. Para além do terreno que já tinha comprado antes da entrada, inicia, ainda em 1849, a construção de um outro pavilhão para aumentar as instalações. Por sua vez, as novas construções exigiam a compra de outra parcela de terra⁷⁰.

A família Cure, vendo que a Madre Saint-Jean empregava todo o dinheiro e propriedades que possuía em favor da obra do Bom Pastor, não via com agrado a mudança de rumo que os seus bens estavam a levar. Com o objetivo de reaver a fortuna, lança uma série de boatos que atacavam a obra do Bom Pastor, difamando a Madre Saint-Jean e o Padre Gailhac. É difícil avaliar a extensão e gravidade destes boatos que certamente causaram surpresa e grande

68. M. St. Félix. *Proc.ap.* 1307-1308.

69. M. St. Félix. *Proc.ap.* 1301. .

70. A 16.11. 1849 a M. St. Jean compra um moinho a óleo de Charles Mayneau, junto ao terreno Jambon. *Proc.ap.* 1401-1405.

sofrimento à Madre Saint-Jean. Em dezembro de 1849, ela exprime ao Padre Gailhac o seu sentir perante o que estava a acontecer - *"Nunca tinha pensado que pudesse haver no mundo pessoas tão más. Não sabia que a inveja podia levar a tal ponto pessoas que deviam ajudá-lo nesta obra"*⁷¹.

Ainda em dezembro de 1849, o Conselho Municipal inspeciona a casa. *"Percorreu com agrado as várias salas deste estabelecimento"*, dizendo que todas as regras de uma boa higiene eram cumpridas⁷². As próprias autoridades civis confirmavam que as remodelações feitas no edifício, a maneira de educar e as condições materiais proporcionavam uma saúde equilibrada às educandas do Bom Pastor.

A indisciplina das jovens e das crianças tornaram o ano extremamente duro. O sofrimento deve tê-los atingido tão fundo que o Padre Gailhac confessava estar de tal maneira irritado que não conseguia fazer nada⁷³. E, no fim do ano, a Madre Saint-Jean escrevia - *"Espero que o ano que vai começar não seja tão cheio de amarguras, angústias e provações como aquele que decorreu"*⁷⁴.

Mas estes meses cheios de dificuldades e vividos no sofrimento enraizaram cada vez mais em Deus a pequena comunidade do Sagrado Coração de Maria e consolidaram-na na obra do Bom Pastor.

71. M. St. Jean a Gailhac, 9.12.1849. *Proc. ap.* 246-247.

72. *Journal de Béziers* 14.12.1849.

73. Gailhac a M. St. Jean, 29.8.1849. *Proc. ap.* 285.

74. M. St. Jean a Gailhac, 31.12.1849. *Proc. Ap.* 255.

A Madre Saint-Jean em formação

O crescimento espiritual da Madre Saint-Jean, a sua formação para a vida religiosa e especificamente para a liderança do Instituto são objeto de preocupação especial do Padre Gailhac. Apesar de se verem todos os dias, no princípio a Madre Saint-Jean e o Padre Gailhac escrevem-se com frequência, havendo tempos em que o fazem diariamente. A maior parte destas cartas situa-se entre 1849 e 1851, precisamente a época da formação da Madre Saint-Jean para a vida religiosa⁷⁵. É uma correspondência de direção espiritual, segundo um estilo comum na época, e representa um testemunho do percurso vivido pela Madre Saint-Jean ao longo dos primeiros meses de vida no Instituto. Nela está patente o seu estado de espírito, as dificuldades que sentia, o esforço de correspondência à graça e o enorme desejo de ser fiel ao chamamento de Deus. Revela ainda a frequência do acompanhamento espiritual feito pelo Padre Gailhac e a forma como este procurava inculcar-lhe a maneira de seguir Jesus Cristo na missão de superiora. Sendo a Madre Saint-Jean a primeira superiora geral, não é de admirar a atenção que Gailhac dá à sua formação. Como pedra angular, era preciso que fosse sólida para dar consistência ao edifício.

Para a Madre Saint-Jean, este tempo não é fácil. Já não é jovem, vem de um meio abastado e habituada a uma vida sem sujeições. Apesar da sua força de vontade, sente dificuldades de adaptação. O desgosto que sofrera com a morte do marido está na base da tristeza que frequentemente a invadia e reflete-se durante muito tempo na sua disposição e atitudes. Eugène influenciara profundamente a sua vida até no plano da fé. Agora, é-lhe custoso viver a solidão e, sempre que se refere a Eugène, deixa transparecer uma profunda saudade. De resto, fala com muita naturalidade do amor

75 . A coleção é de quarenta e oito cartas, sendo grande número delas de fins de Agosto a princípios de Outubro de 1849. Presume-se que tenham sido muito mais. Mas se tenham extraviado. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 45-62. Ver também *Proc. ap.* 183-309.

Em referências posteriores apenas se citará a página do *Proc. ap.*

que a unia ao marido - *"A sua querida esposa que ele amava tão ternamente"*⁷⁶; e à felicidade que haviam experimentado juntos - *"Deus levou-me aquele que fazia toda a minha felicidade e consolação"*⁷⁷; considerando mesmo que a profunda fé de Eugène lhe obtivera a graça da vocação religiosa - *"Deus quis por bem conceder-me tão grande graça que eu não merecia e que penso ter obtido pelas orações do meu querido Eugène"*⁷⁸.

Visto que percorre um caminho novo, a Madre Saint-Jean deseja que Gailhac a oriente até nos mais pequenos pormenores. Todavia, para compreender determinados aspectos do seu comportamento, é imprescindível considerar ainda mais dois fatores.

Primeiramente, a Madre Saint-Jean é uma senhora que traz consigo uma experiência de vida marcada por largos anos de matrimônio. Embora com uma profunda vivência cristã laical, não tinha uma formação para a vida religiosa, como acontecia com outras fundadoras da época. Consciente disso, aceita o Padre Gailhac como seu guia espiritual e formador no novo caminho que trilhava. Dá-lhe contas detalhadas da sua atividade, não escondendo nada do que se passa com ela. Esta circunstância, somada à amizade já existente, faz com que o relacionamento da Madre Saint-Jean com o Padre Gailhac seja marcado pela abertura e sinceridade - *"O meu coração está-lhe completamente aberto. Desde que a Providência o escolheu para meu pai espiritual, tem toda a minha confiança. Abro-lhe o meu coração como um livro no qual pode ler tão claramente como no seu"*⁷⁹.

Em segundo lugar, é necessário ter em conta que no século XIX, nas classes mais elevadas, a mulher era objeto de extrema proteção por parte do homem. Concretamente, a Madre Saint-Jean passa da dependência do pai à do marido - *"[Eugène] aquele que na terra me dirigia na virtude, dando-me ele próprio o exemplo"*⁸⁰. Pela lógica das circunstâncias, passou da proteção do marido à do Padre Gailhac como ela própria o diz - *"[Deus] tirou-me um protetor, deu-me outro"*⁸¹.

76. M. St. Jean a Gailhac, 13.11.1849. *Proc.ap.233*.

77. M. St. Jean a Gailhac, 17.11.1849. *Proc.ap. 238*.

78. M. St. Jean a Gailhac, 15.10.1849. *Proc.ap. 219*.

79. M. St. Jean a Gailhac, 13.10.1849. *Proc. ap.217*.

80. M. St. Jean a Gailhac, 9.12.1849. *Proc.ap.249*.

81. M. St. Jean a Gailhac, 9.12.1849. *Proc.ap.249*.

A Madre Saint-Jean adere à sua vocação com plena consciência do momento crítico que vivia ao nível psicológico e afetivo, mas lança-se corajosamente no caminho a que se sente chamada por Deus, procurando ultrapassar todos os obstáculos. A sua fé era fruto de uma profunda vida cristã. É com base nesta experiência vivencial de há muitos anos que o Padre Gailhac se propõe iniciá-la nos novos caminhos de configuração total com Jesus Cristo. Gradualmente, apresenta-lhe um programa em sintonia com o ideal que a Madre Saint-Jean se propõe atingir e condizente com a função de primeira superiora, que lhe destinara de acordo com o bispo diocesano. Tem para com ela uma atitude exigente, embora compreensiva.

Todo o itinerário espiritual proposto por Gailhac é centrado em Jesus Cristo e na relação interpessoal com Ele. Jesus Cristo é o modelo da relação com o Pai, da abertura e docilidade à Sua vontade. É para Jesus Cristo que é preciso olhar, "é a Ele que é necessário assemelhar-se"⁸². "Jesus Cristo é a meta"⁸³ a alcançar. Como Jesus, fazer "o que Ele fez para cumprir a vontade do Pai"⁸⁴, "amar a Deus acima de tudo, preferi-Lo a tudo"⁸⁵.

A identificação com Jesus Cristo exige aspirar à perfeição. Esta "deve ser o único fim"⁸⁶, têm de se concretizar na prática das virtudes "humildade, paciência, mortificação, igualdade de humor"⁸⁷ e no empenho em corrigir os defeitos. Para que haja progresso na santidade, Gailhac considera necessário que a Madre Saint-Jean conheça os vários aspectos da vida espiritual. Procura então abrir-lhe horizontes mais vastos sobre alguns destes dinamismos que ele pressupõe serem "os fundamentos": o fervor, a aridez, a fidelidade à graça, o afastamento do pecado, a renúncia, o espírito de sacrifício à mortificação e o domínio de si própria.

A Madre Saint-Jean quer fazer da sua vida uma total identificação com Jesus Cristo. Para isso, quer "trabalhar com todas as forças" para se "assemelhar a NSJC", modificando aquilo que no seu temperamento e nas suas motivações não está conforme a Ele⁸⁸.

82. Gailhac à M. St. Jean, 6.9.1849. *Proc.ap.* 289.

83. Gailhac à M. St. Jean, 6.9.1849. *Proc.ap.* 289.

54. Gailhac à M. St. Jean, 6.9.1849. *Proc.ap.* 289.

85. Gailhac à M. St. Jean, 4.9.1849. *Proc.ap.* 288.

86. Gailhac à M. St. Jean, 4.9.1849. *Proc.ap.* 288.

87. Gailhac à M. St. Jean, 20.9.1849. *Proc.ap.* 295.

88. M. St. Jean a Gailhac, 8.9.1849. *Proc.ap.* 199.

"Vou tratar de corrigir os meus defeitos", "quero fazer o sacrifício total de mim própria", "avançarei cada vez mais no caminho da virtude" - são expressões que revelam uma vontade decidida e a firmeza que precisava nas lutas interiores com que se defrontava cotidianamente, neste desejo fundo de configurar a sua vida com a de Jesus Cristo.

Apesar destes anseios, a Madre Saint Jean acha que os seus progressos são lentos. Por vezes, olha-se com um sentimento negativo. Lamenta a morosidade do seu crescimento, pensa *"que deveria fazer mais do que aquilo"* que faz, julga que reza mal, que se tornou *"pouco digna"* das graças que Deus lhe concedeu, não compreende porque é *"tão miserável e fraca"*, considera que tem *"mau temperamento"* e é *"pouco dócil"*, que tem *"pouco entusiasmo e é fria no serviço de Deus"*. Com frequência, alude à desilusão que Gailhac deve estar tendo com ela, e afirma não compreender porque falha tantas vezes. Há especialmente dois aspectos a que frequentemente faz alusão: a dificuldade em ser paciente e em ter uma disposição de espírito inalterado. Tem pena que isto aconteça. No entanto, não se pressente na sua atitude qualquer desânimo ou confusão interior. Pelo contrário, ao dar-se conta das suas inconsistências, concretiza com clareza o caminho que deve percorrer, fazendo sobressair um grande desejo de mudança - *"Não percebo como consigo trazer-lhe novas inquietações. Tenho muita pena que isto aconteça e vou-lhe provar mudando, com a graça de Deus, a minha vida"*⁸⁹. Após um período de esforço, acrescenta - *"Irei modificar-me completamente para ser serena, paciente, humilde e obediente à Sua santa vontade"*⁹⁰.

Quando Gailhac a sente deprimida, tem para com ela palavras de encorajamento - *"Virá o dia em que a sua vida será um estímulo. Que nada a derrube, desencorage, nem mesmo as imperfeições. É quando sentimos verdadeiramente o nosso nada que estamos em estado de ser alguma coisa. Quanto mais nos sentimos incapazes, mais estamos preparados para os desígnos de Deus"*⁹¹. Ao mesmo tempo, Gailhac mostra uma confiança desmedida na capacidade que a Madre Saint-Jean tem de ser fiel - *"Nunca duvidei da sua correspondência à graça"*⁹².

89. M. St. Jean a Gailhac, 26.2. Sa.S.A. Proc. ap. 190.

90. M. St. Jean a Gailhac, 13.10.1849. Proc. ap. 217.

91. Gailhac à M. St. Jean, 27.9.1849. Proc. ap. 303 – 304.

92. Gailhac à M. St. Jean, 4.9.1849. Proc. ap.287.

Contudo, na vida cotidiana existem aspectos que para a Madre Saint-Jean são dolorosos de ultrapassar. Diante das dificuldades, Gailhac mostra de uma forma bastante firme, mas suave, que as exigências de Deus têm de ser encarnadas no dia a dia, passam pela renúncia e pela morte a tudo o que não é conforme à vontade de Deus - *"Está admirada de ter repugnância por certos aspectos? Só se pode lançar fundamentos sólidos sobre o que é firme. Quanto mais imolação própria, maior é o mérito e o prêmio. Deus exigiu-lhe um grande sacrifício mas exige-lhe ainda o sacrifício do coração e depois o sacrifício desde manhã até à noite. É sobre isto que é necessário construir, é aqui que se estabelece o fundamento sólido. Deus trata-a como a todos os santos. Só se é santo por semelhança com Jesus Cristo e pelo sacrifício"*⁹³. Por outro lado, ajuda-a a perscrutar a ação do Espírito Santo, assegura-lhe que Deus opera nela e, ainda que *"nos começos esta ação lhe pareça imperceptível, mais tarde manifestar-se-á melhor"*⁹⁴. Consciencializa-a da gratidão que deve para com Deus *"por tê-la preferido a tantas outras"*⁹⁵ e lembra-lhe como Lhe deve provar o seu amor e reconhecimento.

Apesar dos altos e baixos, a Madre Saint-Jean sente-se feliz por ter sido chamada e tem momentos em que, cheia de entusiasmo; louva *"a Deus tão bom"*, pelas graças com que a *"quis cumular"*. O seu reconhecimento estende-se mesmo às provações que o Senhor Lhe envia, por serem um meio de identificação com Ele. É envolvida nesta mesma alegria que quer *"ser de Deus com toda a força"* do seu *"coração"*, que apenas quer *"fazer a Sua vontade"*, que tudo quer *"fazer para a maior glória de Deus"* e quer se esforçar *"por corresponder aos desígnios de Deus"*.

Enquanto está num período de formação, a Madre Saint-Jean já tem responsabilidade no acompanhamento espiritual das Irmãs. O cargo de superiora exige que ela própria seja estímulo e exemplo para a comunidade. Gailhac exorta-a, como superiora, a tomar o primeiro lugar na vivência da virtude, porque *"o testemunho deve preceder a lição para que a palavra tenha poder"*, a exemplo de Jesus Cristo que *"começa por fazer e depois ensinar"*⁹⁶. Como o

93. Gailhac à M. St. Jean, 25.9.1849. Proc. ap. 297-298.

94. Gailhac à M. St. Jean, 20.9.1849. Proc. ap. 294.

95. Gailhac à M. St. Jean, 12.9.1849. Proc. ap. 292.

96. Gailhac à M. St. Jean, 6.9.1849. Proc. ap. 290.

próprio Instituto estava no começo, era necessário iniciar as irmãs na vida religiosa e ajudá-las a viverem no dia a dia a sua vida de consagração.

Para a comunidade adquirir o espírito do Instituto e conseguir vivê-lo, necessitava de quem animasse e encorajasse essa vivência. Este papel recaí sobre a Madre Jean logo desde o início. Não é fácil assumi-lo. Por um lado, ela própria ainda está numa fase de tentar compreender as exigências da sua nova vocação e de corporizar sua resposta pessoal a este chamamento de Jesus Cristo. Por outro lado, uma certa timidez dificultava a espontaneidade da sua relação com as Irmãs, que deveria ser ao mesmo tempo interpelativa e encorajadora.

Apesar da relutância interior que sentia e da fase de aprendizagem em que se encontrava, a Madre Saint-Jean lança-se corajosamente na tarefa que lhe é proposta. Consciente de que a Graça de Deus tudo pode nela, abre-se com docilidade à ação do Espírito Santo. Uma vez, depois de o Padre Gailhac insistir no seu papel de guia da comunidade, escreve-lhe - *"Estarei, como me diz, à frente, a fim de que as minhas filhas se edifiquem e possam seguir os meus passos, fazendo-lhes ver que nada é custoso quando é feito por Deus"*⁹⁷. Noutra ocasião, em que o Padre Gailhac lhe chama a atenção sobre a maneira como lida com as irmãs, diz-lhe - *"Compreendo muito bem o que me diz em relação às irmãs. Acredite que a minha timidez tem muita importância nisso, porque às vezes podia fazer observações e não faço. Não sei muito bem o que me impede. Procurarei ter uma grande confiança em Deus que me porá na boca tudo o que deverei dizer às irmãs, quando vierem falar-me das suas dificuldades. Que eu as possa encorajar, consolar, dar-lhes conselhos que as ajudem a avançar no caminho da perfeição. Tentarei tornar-me digna do lugar que ocupo e para o qual Deus quis escolher-me como mãe e superiora"*⁹⁸.

A primeira vez que a Madre Saint-Jean tem de se dirigir à comunidade, na qualidade de superiora, é o Padre Gailhac que escreve o que ela deverá dizer⁹⁹. Mesmo assim, e apesar da simplicidade da comunicação, sente-se nervosa e confessa-o diante das irmãs.

97. M. St. Jean a Gailhac, 20.10.1849. *Proc. ap.* 223.

98. M. St. Jean a Gailhac, 26.2.s.a. *Proc. ap.* 191.

99. Première exhortation à la communauté. Arq. Casa Mãe.

Ainda que lhe "*custe muito*", quer aproveitar a circunstância para edificação de todas. Faz um grande sacrifício, mas assume-o com alegria e numa atitude de obediência. As poucas palavras que profere são calorosas e exortativas no sentido de incitar a comunidade a agradecer a Deus "*tão grande graça*" de as chamar "*a trabalhar na salvação das pessoas*". Para que este fim seja atingido, propõe-lhe a observância da Regra como o caminho mais seguro.

Durante este período inicial, a Madre Saint-Jean precisa de diretrizes claras que a ajudem a viver o seu cargo de superiora na vida cotidiana, visto tudo ser novo para ela. Por isso, ainda em 1849, pede ao Padre Gailhac que lhe redija um guia onde estejam concretizadas as suas obrigações¹⁰⁰. O Padre Gailhac vai aceder ao pedido, mas só depois de considerar que os fundamentos da vida espiritual estavam lançados e que a Madre Saint-Jean progredia na sua vida de comunhão com Deus¹⁰¹. Redige-lhe um tratado que intitula *A dignidade de uma superiora*¹⁰², ao qual junta regras práticas sobre a maneira como se há-de comportar para exercer o seu cargo.

Neste pequeno tratado, Gailhac procura compenetrá-la da sublimidade do cargo. "*É a imagem de Deus, Sua representante, expressão da Sua Vontade, guardiã da Sua lei*". Enquanto que as outras têm funções particulares, a Madre Saint-Jean está encarregada de todos os serviços, tem de dinamizar a obra inteira. Responsabiliza-a por todo o bem, por todos os abusos e desvios comunitários. "*É a alma, o espírito, a vida e a glória da comunidade*". Tem grandes obrigações porque não convinha que fosse "*a primeira no título e a última na maneira de se conduzir*". A perfeição da fundadora deve estar na base dos fundamentos da casa.

O Padre Gailhac ainda concretiza alguns aspectos práticos. Não faltar a nenhum exercício da comunidade. Ser a primeira a dirigir-se aos locais onde a Regra a chama. Estar ausente apenas por razões graves, mesmo que tenha de fazer violência a si própria. Levantar-se de manhã à hora marcada, dirigir-se à meditação, à visita, à leitura, ao parque, "*quer faça frio, quer esteja cansada, com a cabeça pesada*", etc. etc.

100. M. St. Jean a Gailhac, 18.9.1849. *Proc. ap.* 203.

101. Gailhac à M. St. Jean, 25.9.1849. *Proc. ap.* 297.

102. Gailhac à M. St. Jean. *Proc. ap.* 322-325.

Numa outra ocasião, o Padre Gailhac redige-lhe um *Conjunto de práticas relativas a uma boa superiora*¹⁰³. Começa pelo ato de consagração a Deus de todo o seu ser. Segue-se um pormenorizado encadeamento de regras para preencher todos os momentos do dia e vivê-lo segundo a vontade de Deus. Recolher-se dez minutos depois da oração da manhã para pedir a graça da fidelidade, visitar a cozinha e os diversos deveres, tomar o pequeno almoço e visitar as classes. Nessa hora, fazer um pequeno momento de silêncio e o exame de consciência. Depois do almoço, leitura, recitação do terço, nova visita às salas de aula e às diversas partes da casa. Apresenta ainda outras duas tarefas: às dez horas da manhã, ensinar a ler as irmãs coadjuvadoras e, às quatro da tarde, dar-lhes o catecismo. Refere também aspectos a ter em conta semanalmente: às segundas, quarta e sextas, às cinco da tarde, atender as irmãs; às terças, tomar conhecimento exato de cada serviço e dar conta a si própria do comportamento de cada irmã, de cada criança, do estado das aulas e dos diversos serviços.

A última parte consta de uma reflexão vivencial escrita na primeira pessoa e tocando dificuldades concretas do seu temperamento. *"Manter-me-ei calma, reprimindo os movimentos violentos, o meu carácter, os momentos de mau humor. Tentarei não me irritar quando me chamam para algo diferente daquilo que estou a fazer. Cem vezes incomodada, cem vezes ficarei calma. Desconfiarei da rigidez que existe no meu carácter. Habituar-me-ei a andar na presença de Deus e farei orações jaculatórias frequentemente, para ter mais facilidade em viver. Nos momentos livres, estudarei o Combate Espiritual, lendo pouco de cada vez e relendo várias vezes o mesmo capítulo, para poder compreender melhor e para mais facilmente poder aplicá-lo a mim própria."*

Na caminhada espiritual da Madre Saint-Jean, a Virgem-Maria tem um lugar privilegiado. Tem uma grande devoção a Maria como medianeira de todas as graças, como aquela que a ensina a seguir Jesus Cristo. Repetidas vezes se entrega filialmente à sua proteção. Invoca-a solicitando-lhe que a faça ser outro Jesus Cristo e que interceda por ela junto de seu filho. A exemplo de Maria, quer integrar todas as contrariedades e sacrifícios identificando-se com Jesus na cruz.

103. Gailhac à M. St. Jean. *Proc. ap.* 326-329.

Cada dia, compreende melhor as implicações da sua consagração e procura vivê-las mais intensamente. No meio das provações interiores e exteriores, revela grande fortaleza de caráter. Coragem é uma palavra que tem continuamente nos lábios e o desafio que lança vezes sem conta ao Padre Gailhac.

A sua fé é inabalável. Logo desde o início, encara o sofrimento com a fortaleza de quem sabe que as obras de Deus se consolidam na Cruz - *"Se Deus é por nós quem será contra nós? Ninguém. Portanto, coragem! As provações não acabarão a não ser na morte, por isso não nos espantemos. Agradecemos à Providência o seu envio, pois é o meio de mais fortemente nos unirmos a Ele"*¹⁰⁴. Revela a esperança de quem já experimentou que Deus não falta a quem se lhe dá totalmente - *"As suas dificuldades, padre, não serão esquecidas diante de Deus. Que as suas preocupações acabem. O mundo falará enquanto existir, mas olhe para o alto e veja as infinitas recompensas que lhe estão reservadas"*¹⁰⁵. Manifesta a confiança de quem tem a certeza de trilhar o bom caminho - *"Tenho confiança que Deus nos conservará o tempo suficiente para que a obra do Bom Pastor, que suportou mil contradições, progrida a passos largos"*¹⁰⁶.

Foi preciso tempo e grande desejo de fidelidade a Deus para integrar todas as exigências de ser mulher consagrada, superiora geral e primeira fundadora. A Madre Saint-Jean percorre corajosamente o caminho a que Deus a chama, assumindo em totalidade a missão que lhe foi confiada. Procurando converter aquilo que possa ser impedimento a que nela e através dela se realize vontade de Deus lança-se na tarefa de identificação com Jesus Cristo para ser *"toda de Deus"*, a quem se tinha dado *"sem partilha e sem reserva"*¹⁰⁷.

104. M. St. Jean a Gailhac. s.d. *Proc. ap.* 183-186.

105. M. St. Jean a Gailhac, 23.11.1849. *Proc. ap.* 240.

106. M. St. Jean a Gailhac, 29.10.1849. *Proc. ap.* 229.

107. M. St. Jean a Gailhac, s.d. *Proc. ap.* 187 e 184.

Da Tomada de Hábito à Profissão

A data da Tomada de Hábito foi fixada para 13 de abril de 1850, dia em que se celebrava a vigília do domingo do Bom Pastor. Para que a nova comunidade tivesse ereção canônica, o bispo ordenou ao Padre Jean Gailhac que redigisse a Regra e as Constituições das Religiosas do Sagrado Coração de Maria e que lhas enviasse a fim de ele as examinar e aprovar¹⁰⁸. De acordo com a ordem recebida, o Padre Gailhac escreve as Constituições e envia-as a D. Thibault que, depois de fazer pequenas emendas no próprio texto, as aprova a 8 de abril de 1850.

O texto da aprovação, escrito pelo punho do próprio D. Thibault, foi inserido na página que antecede o primeiro capítulo das Constituições e é do seguinte teor: *"Nós, Charles Thomas Thibault, pela misericórdia divina e pela graça da Santa Sé apostólica, bispo de Montpellier, declaramos aprovar as Regras e Constituições cujo conteúdo se segue, com as correções acrescentadas pela nossa mão, e abençoar esta obra que colocamos sob a especial proteção da Virgem Maria, Mãe de Deus, e da qual o Instituto venera com um culto especial o seu Sagrado Coração. Autorizamos o Padre Gailhac fundador, sob nossa autoridade, a dar o hábito do Instituto do Sagrado Coração de Maria àquelas das suas filhas que lhe pareçam suficientemente provadas, no sábado, véspera do domingo dito do Bom Pastor. Montpellier, 8 de Abril de 1850"*¹⁰⁹. A partir da aprovação das Constituições, o Instituto do Sagrado Coração de Maria passa a ser um Instituto de direito diocesano.

Um aspecto a considerar antes 'da vestição' foi a escolha do hábito. Na comunidade, reinava certa curiosidade em relação ao modelo. As futuras noviças interrogavam o Padre Gailhac, mas ele não se pronunciava. Um dia, manda reunir a comunidade e descreve-lhe pormenorizadamente o modelo do hábito por ele escolhido¹¹⁰.

108. Maynard 273.

109. Arq. hist./Cong. Vol. II-A, 6.

110. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1308-1309.

A preparação para o dia da Tomada de Hábito fez-se numa atmosfera de calma e oração. D. Thibault tinha prometido estar presente na cerimônia. Esta atitude, embora constituísse uma prova do seu apoio à comunidade, era motivo de certa tristeza para as futuras noviças, que preferiam receber o hábito das mãos do Padre Gailhac. Foi grande a sua alegria quando, na véspera, souberam que, por motivos imprevistos, D. Thibault não poderia estar presente¹¹¹.

A ata da cerimônia confirma que D. Thibault delegara a Gailhac o processo da ereção canônica da comunidade das Religiosas do Sagrado Coração de Maria e o poder de conferir o hábito a todas: *"No ano de 1850, a 13 de Abril, nós Pierre Antoine Gailhac, padre cônego honorário, fundador do convento do Bom Pastor e das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, delegado de Sua Excelência Reverendíssima, Charles Thibault, bispo de Montpellier, procedemos à ereção da comunidade das ditas Religiosas do Sagrado Coração de Maria e concedemos e conferimos ao primeiro grupo de irmãs o santo hábito de religiosa. Depois de todas as instruções, questões e formalidades requeridas em semelhante matéria pelas santas regras da igreja, foi celebrado o Santo Sacrifício da Missa"*¹¹².

São oito as postulantes que recebem o hábito. Como irmãs de coro, foram admitidas: Marie Apollonie Pelissier, viúva de Eugène Cure - Saint-Jean Évangéliste; Victoire Eulalie Vidal - Sainte-Croix; Marie Rose Gibbal - Sainte-Stanislas Kostka; Jeanne Froment - Sainte-Cyprien; Marie Elisabeth Maynard - Saint-Félix. Como irmãs coadjuvadoras: Marie Rose Jeantet - Saint-Modeste; Cécile Cambon - Saint-Aphrodise; Marie Roques - Sainte-Agnes¹¹³.

O sermão solene é pregado por um amigo do Padre Gailhac¹¹⁴. É interessante verificar como já em Abril de 1850 estavam delineados os traços principais do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

O pregador começa por aludir ao significado da cerimônia. O ato de despojamento realizado pelas oito irmãs estava simbolizado no hábito que iam vestir - *"Tomada de Hábito é morte para o mundo"*. Refere também a felicidade de terem sido chamadas a seguir o Bom Pastor.

111. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1311.

112. *Reg. Prof. RSCM.* 3. Arq. hist./RSCM. Caixa 1, Pasta 1.

113. *Reg. Prof. RSCM.* 3V. Arq. hist./RSCM Caixa 1, Pasta 1.

114. Arq. hist./Cong. Vol II-A, 13. Desconhece-se o nome de quem proferiu o sermão.

Continua, empregando uma série de trocadilhos com a expressão *Bom Pastor*, utilizada em relação a Jesus Cristo e à obra do Refúgio e Orfanato. Tirando partido da imagem do Bom Pastor, aplica-a à realidade daquela instituição e às obras que ali existiam. Faz o elogio da obra, que considera como *“a própria obra de Deus, pelo bem que faz e que é chamada a fazer”*. *“O Bom Pastor veio para salvar a todos. Passou fazendo o bem”*. *“Jesus Salvador procura os pecadores, ama-os com um amor preferencial porque é nisto que consiste o essencial da sua Obra”*. E Jesus demonstra-o por palavras e por obras. *“O Bom Pastor não se poupa a cuidados nem trabalhos para reencontrar a ovelha perdida. Nunca para, nem mesmo diante do murmúrio dos fariseus”*. Ora, *“como há sempre ovelhas que se afastam, é necessário completar esta obra”*. Tendo em vista o fim da instituição do Bom Pastor - *“fazer o bem”* – o pregador evidencia a necessidade de continuar esta missão salvífica. Como obra de caridade, o Bom Pastor, manifesta a misericórdia de Deus e a ação da humanidade ultrapassando o egoísmo. *“Através das boas obras, as pessoas agem e fazem a obra de Deus”*.

Em seguida, exorta as Irmãs a imitar Jesus Cristo, fazendo todos os sacrifícios para mudarem a vida das jovens saídas da situação de prostituição e educarem as órfãs, *“iniciando-as na ciência e na virtude, tornando-as dignas da sociedade de Deus”*. Exalta a obra da educação da juventude - *“a mais bela tarefa, porque é aquela que estabelece os fundamentos”* para a construção da vida futura. Levanta uma questão: - *“Quem educareis?”* E adianta-se a responder: - *“Aqueles que pertencem ao mundo das facilidades e querem confiar os seus filhos a mestras que sejam suas mães. Deveis dar-vos a eles porque vos destinais a todos. Mas deveis dar-vos sobretudo às crianças mais carenciadas - os órfãos”*. *“Como todo o bem vem de Deus, as obras de caridade e misericórdia revelam a ação de Deus e do homem. Desde toda a eternidade Deus tinha desígnios de misericórdia sobre esta casa. Aqui, Ele foi, em primeiro lugar, O Bom Pastor, recolhendo as ovelhas transviadas. Depois, foi o pai dos órfãos. Mais tarde, dedicar-se-ia à juventude para a abençoar e instruir. Daqui em diante... mas não nos antecipemos a ação de Deus!”*

Para que as irmãs atingissem estes objetivos, sugere prudência humana e especialmente a fé vivida em pobreza e obediência, sempre com os olhos postos em Cristo na cruz. *“As boas obras têm provações mas também têm consolações. No Bom Pastor, esta-se com frequência no Tabor e na Cruz”*. A obra está aprovada pela Igreja.

Por isso, *"pequeno rebanho, não tenhais medo. O Bom Pastor vos chama a participar da sua Obra"*.

O orador tinha captado o espírito do Instituto nos seus traços fundamentais e expunha-o com clareza: cooperar na salvação do mundo, seguindo, na Fé, Jesus Cristo Bom Pastor; continuar a missão de Jesus Cristo; como Ele, fazer o bem a todos, não se poupando a sacrifícios, procurando especialmente os que mais precisam; dar a vida para que todos tenham acesso à vida verdadeira; as obras empreendidas fazem parte da única Obra de Deus.

A Tomada de Hábito causa sensação na cidade. Curiosos passam pelo convento para assistir à cerimônia. Presentes muitas pessoas, vários membros do clero diocesano e o Sr. Gibbal. Estes últimos assinam a ata lavrada¹¹⁵. O noviciado canônico do grupo fundador estava iniciado.

O Padre Gailhac fica encarregado de orientar o noviciado. Procurava incutir nas noviças o espírito do Instituto¹¹⁶. A Madre Saint-Jean vai assumindo progressivamente o seu papel em relação à comunidade. Esforça-se para que cada uma das Irmãs assimile a Regra que lhes tinha sido dada pelo fundador¹¹⁷. Encoraja cada uma a viver com autenticidade. Fomenta a unidade do grupo comunitário. Incute-lhe coragem para se dedicar com zelo à missão que lhe havia sido confiada.

Algum tempo depois da Tomada de Hábito, Mgr. Thibault vem visitar a comunidade. Fala com todas as noviças e fica satisfeito pela maneira como decorria a vida na casa¹¹⁸.

A comunidade e a obra caminhavam bem, mas as dificuldades provenientes do exterior, motivadas pela forma como a Madre Saint-Jean aplicava a sua fortuna, não acabavam. Depois da morte do marido, Appollonie tinha delegado a administração dos seus bens em Autignac a Martin Alphonse, parente de Eugène Cure e, segundo parece, seu herdeiro natural pela linha do sangue¹¹⁹.

115. Assinaram a ata como testemunhas: M. Combescure, pároco pároco de Thezan; M. Gailhac, pároco de Pailhes; M. Birouste, capelão dos Irmãos das Escolas Cristãs; M. Bougette, capelão do hotel-Dieu; M. Baladas, padre; M. Gibbal, advogado; as noviças St. Jean, Ste. Croix, St. Stanislas, St. Cyprien, St. Félix, e o Padre Gailhac como delegado do Bispo.

116. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1310.

117. Petite *notice*. Arq. Hist./Cong. Vol. I – C, 93. Ver também *Proc. ap.* 330-359

118. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1312.

119. Martin Alphonse a Mgr. Le Courtier. Arq. hist./cong. Vol. I-C, 42.

A necessidade de alargar o patrimônio do Instituto do Sagrado Coração de Maria e de colocar a sua administração numa pessoa de confiança, leva a Madre Saint-Jean a retirar de Martin Alphonse, em 17 de março de 1850, a administração dos seus bens, confiando-a ao Sr. Gibbal e, em seguida, a realizar vendas em Autignac¹²⁰.

A 30 de novembro de 1849, a Madre Saint-Jean compra, em nome do Padre Jean Gailhac, o domínio de Bayssan-le-Haut por duzentos e setenta mil francos, pagáveis em três anos¹²¹. Em 27 de dezembro de 1850, faz a doação de dois mil e quinhentos francos a Anne Louise Granier, viúva de François Granier e irmã do Padre Gailhac¹²².

Todos estes atos devem ter desagradado mais uma vez aos parentes de Autignac, que acusam o Padre Jean Gailhac de atrair a si a herança a que eles se consideravam com direito. Desencadeiam então contra o Padre Gailhac e a Madre Saint-Jean uma série de calúnias, dolorosas para ambos, como se pode depreender das palavras da Madre Saint-Jean - "*[Deus] concede-lhe algumas [consolações] que o ajudam a suportar a grande provação que há alguns dias parece levantar-se encarniçadamente de uma forma atroz e espantosa. Coragem! Para formar uma comunidade é preciso passar muitas provações, sacrifícios, morrer para si próprio. As grandes provações são para me consolidar e ligar ainda mais ao Bom Pastor, do qual só a morte poderá separar-me*"¹²³.

Apesar das dificuldades, os membros da comunidade vão aumentando. A 8 de dezembro de 1850, tomam hábito: Irmã Eustache - em religião, Sainte-Marie; Victoire Cottés - em religião, Sainte-Marguerite; Marie Anne Rouanet - em religião, Sainte-Marthe; Rose Sabatier - em religião, Sainte-Françoise¹²⁴.

As calúnias levantadas devem ter continuado por algum tempo e chegam ao Paço de Montpellier. D. Thibault visitava com frequência a casa do Sagrado Coração de Maria e sabia que os ataques não eram verdadeiros. Escreve, então, ao fundador e à fundadora,

120. Quitação da administração M. Alphonse. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 37; Vendas em Autignac. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 38-39. O contrato de venda da propriedade de Autignac foi a 17.11.1850. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 38.

121. Escritura de compra. *Proc. ap.* 1409-1411.

122. Anne Louise Granier era mãe de Francille Granier, futura Mère St. Eugène. Arq. hist./RSCM. Caixa 4, Pasta 8.

123. M. St. Jean a Gailhac, 17 (ilegível). 1850. *Proc. ap.* 258..

124. **Registre des prises d'Habit des Religieuses Du Sacré Couer de Marie.** Arq. hist./Cong. Vol. II-A, 38, Referências posteriores *Reg. Habit RSCM.*

dizendo-lhes que preparem a comunidade para a Profissão e que ele próprio viria presidir à cerimônia¹²⁵.

O dia 4 de maio de 1851, domingo do Bom Pastor, é a data marcada para a primeira comunidade fazer os votos. D. Thibault andava em visitas pela diocese e, através do jornal, previniu os habitantes de Béziers da sua estada na cidade para presidir a uma cerimônia no Bom Pastor¹²⁶. A utilização deste meio de comunicação faz crer que o bispo desejava dar publicidade à Profissão. A sua presença anunciada com antecedência e, por isso, conhecida de todos, seria a forma de mostrar a falsidade das acusações.

No dia 2, D. Thibault chega a Béziers e, no dia 3, fala com cada uma das noviças que iam fazer a Profissão¹²⁷. A Madre Saint-Félix, com apenas dezenove anos, não possuía idade exigida oficialmente para professar. Tinha, no entanto, ardente desejo de fazer votos e, com este anseio, apresenta-se ao bispo. Depois de consultar os superiores, D. Thibault admite-a com outras irmãs. A jovem noviça exulta de alegria com a concessão que lhe é feita.

São admitidas dez noviças. Os seus nomes constam da ata da profissão¹²⁸. Para além das oito noviças do primeiro grupo da vestição, professam Sainte-Marie Eustache e Saint-Vincent Phälip. A primeira fez apenas quatro meses de noviciado porque tinha sido transferida de outra congregação, tendo-lhe sido tomado em conta o noviciado que aí fizera. Quanto à Irmã Saint-Vincent desconhece-se o dia da sua entrada em comunidade e da Tomada de Hábito¹²⁹.

D. Thibault é quem preside à cerimônia. O ato tem lugar na capela do Bom Pastor. Estão presentes os párocos da cidade e outros sacerdotes convidados, além de vários habitantes de Béziers, entre os quais se encontram muitos amigos do casal Cure.

O bispo aproveita a ocasião para fazer elogios ao Padre Gailhac e à Madre Saint-Jean, atacando fortemente aqueles que os injuriavam

125. Maynard 275; Mgr. Thibault à M. St. Jean, 25.4.1851. Arq. hist./RSCM. Caixa 18, Pasta 11.

126. *La Propriété, Courrier de Béziers*. 25.4.1851.

127. Maynard 275-276.

128. *Reg. Prof. RSCM. 4. Arq. hist./RSCM. Caixa 1, Pasta 1.*

129. A Irmã Vincent, de batismo Anne Phälip, vai para a casa do Porto com a irmã St. Athanase, em Março ou Abril de 1872. Ano e meio mais volta à Casa Mãe e é mandada embora do Instituto. *Crônica do Porto*. Arq. hist./Cong. Vol. II-C,63. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1328.

e que ele considerava destruidores das boas obras¹³⁰. Dirigindo-se pessoalmente ao Padre Gailhac, confessa o erro em que incorrera quando, há anos atrás, convicto de fazer o bem, lhe movera uma perseguição injusta. Voltando-se para a Madre Saint-Jean, louva o seu exemplo de dedicação e renúncia, consagrando aos pobres a sua pessoa e fortuna, demonstrando ultrapassar as difamações feitas por aqueles que não tinham tido a coragem de a imitar. Conclui dizendo estar provado que o Bom Pastor pertencia ao número daquelas obras que resistiam a toda a perseguição - as obras de Deus.

A ata da Profissão é assinada pelas irmãs Saint-Jean, Saint-Stanislas, Saint-Félix, Saint-Cyprien, Sainte-Croix, Sainte-Marie, pelo Sr. Gibbal, pelo P. Gailhac e por D. Charles Thibault, bispo de Montpellier¹³¹.

A autoridade episcopal punha as coisas no seu devido lugar. Publicamente, apoiava o novo Instituto, as obras a que este se dedicava, o Padre Gailhac e a atitude da Madre Saint-Jean. Estava traçado o caminho. Agora, era necessário continuar com perseverança e fidelidade. No meio das contradições, Deus mostrava que queria ser conhecido e amado pelo Instituto do Sagrado Coração de Maria.

130. Maynard 276-277; *Petite notice*. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 93. Ver também *Proc. ap.* 330-359.

131. Reg. *Prof. RSCM*. 4. Arq. hist./RSCM. Caixa 1. Pasta 1.

Evolução das obras

O contexto que se viveu nos primeiros anos do Bom Pastor pôs à prova a perseverança das Irmãs e as suas capacidades para trabalharem com aquelas pessoas. O espírito de rebeldia dos dois grupos - Refúgio e Orfanato - parecia querer medir forças com as mestras.

A mudança de comportamento operada no Orfanato leva as irmãs a sentir que poderiam continuar a responder a esta necessidade, porque os seus talentos se adequavam àquelas crianças sem família. Mas, no Refúgio, as dificuldades atingem maiores proporções. Para além da indisciplina, a pouca docilidade das jovens mostra que algumas delas não se interessam pela sua própria recuperação. A cena dos rolos de cabelo, apesar de menos grave do que outras, ocasionou a expulsão de sete moças. As irmãs devem ter tomado consciência de que não valia a pena investir numa obra onde não conseguiam resultados positivos.

Contudo, as circunstâncias não as paralisam. Buscam sinais de Deus e procuram entender o que Ele quer daquela situação. Amadurecem tudo na oração. A experiência do Orfanato demonstrava que era possível educar mais eficazmente as crianças. Surge então a hipótese de, ao invés de receberem jovens vindas da prostituição, aceitarem meninas mais novas que estavam em perigo de vir a cair numa vida semelhante. Em conjunto, conseguem perceber que o bem podia ser feito de uma forma ainda mais eficaz e duradoura. O próprio Padre Gailhac, que tanto sofrera pelo Refúgio, entende que a vontade de Deus passa pela transformação desta obra.

Desta forma começa a modificação lenta do Refúgio. Algumas jovens são mandadas embora, outras transferidas para o Refúgio de Montpellier. Apenas fica um pequeno grupo¹³². Lentamente, o Refúgio vai se transformando, dando lugar a uma obra nova - a Preservação - que pretendia evitar a queda das adolescentes em maus caminhos.

132. *Inquisitio* 60, nota 41.

Como cronologia para estes acontecimentos, existe apenas um apontamento da Madre Saint-Félix – “*Tudo isto se passou durante o nosso postulantedo e parte do nosso noviciado*”¹³³. Por conseguinte, entre outubro de 1849 e fins de 1850.

As poucas moças que quiseram continuar na obra do Bom Pastor tinham o desejo de se consagrar a Deus. O Padre Gailhac decide formar, com este núcleo, uma Ordem Terceira que denomina Irmãs da Virgem¹³⁴. As últimas jovens arrependidas, depois de extremamente provadas, iniciam o postulantedo por volta de maio de 1851. Nessa época, o Refúgio é definitivamente extinto.

A França procurava aumentar a rede escolar. As leis Guizot (1833) e Falloux (1850) facilitavam às congregações religiosas o assumir da direção dos estabelecimentos de ensino. Acolhendo os esforços feitos pelo governo, a Igreja considera-os uma prioridade na sua vida apostólica. A educação cristã das futuras gerações passa a ser um campo de ação onde os católicos sentem que é urgente investir. Inúmeras congregações tomam conta de escolas já existentes e abrem internatos.

Aproveitando este momento favorável, convencido de que a educação cristã, nas primeiras idades, era fundamental para a construção de uma sociedade alicerçada nos valores evangélicos, o Instituto do Sagrado Coração de Maria, ainda nos primórdios da sua existência, decide abrir um internato para poder educar as filhas das classes mais ricas. Desta forma, abre as suas portas a outro estrato social, alargando a missão de fazer o bem a todas as classes da sociedade. Ao mesmo tempo, assegura apoio econômico para as obras gratuitas - a Preservação e o Orfanato¹³⁵.

A Madre Sainte-Croix é a primeira diretora do Internato. A sua longa experiência de ensino permite que o projeto se concretize com rapidez. Em data imprecisa, mas ainda antes da Profissão, o Internato do Sagrado Coração de Maria começa a funcionar com um reduzido número de alunas¹³⁶.

133. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1308.

134. Maynard 145 segg. As irmãs da Virgem, mais tarde, passaram a chamar-se Oblatas de Maria. Parece ter havido a intenção de esquecer o anterior nome, porque o registro das cerimônias foi feito usando a designação de Oblatas de Maria.

135. Maynard 279-280.

136. Sermão da Tomada de Hábito. Arq. hist./Cong. Vol. II-A. 13; *Petilt Notice*. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 93. Ver também *Proc. ap.* 330-359.

Com a ampliação das obras iniciais, a missão do Instituto do Sagrado Coração de Maria desenvolve-se e concretiza-se numa diversidade de ministérios. A variedade de talentos da primeira comunidade delinear a evolução. O acolhimento desta pluralidade de dons, no seio do grupo, abre caminhos à missão do Instituto do Sagrado Coração de Maria, que passa a empreender *“qualquer trabalho que possa contribuir para a glória de Deus e a salvação das pessoas”*¹³⁷.

Ao longo de quinze anos, o Padre Gailhac sofrera, expusera-se a calúnias e a más interpretações da autoridade eclesiástica e dos familiares, para manter a obra do Refúgio. Para que o Bom Pastor tivesse continuidade e fosse impregnado do seu espírito, decidira-se pela fundação de uma congregação religiosa. De uma maneira imprevisível, a nova comunidade não conseguira encontrar em si os talentos adequados àquele trabalho. Acolhendo a realidade na fé, o Padre Gailhac e a comunidade iniciam a conversão do Refúgio e a abertura de outras obras.

A 24 de fevereiro de 1849, é fundado o Instituto do Sagrado Coração de Maria para dar continuidade ao Refúgio e ao Orfanato, existentes desde 1834. Nos fins de 1849 e ao longo de 1850, o Refúgio vai-se transformando na Preservação. Em 1851, é aberto o Internato. Em maio do mesmo ano, nasce a Ordem Terceira das Irmãs da Virgem. De fevereiro de 1849 a maio de 1851, o Bom Pastor tinha se transformado. Incluía agora o Orfanato, a Preservação, o Internato, as Irmãs da Virgem e ainda a comunidade do Sagrado Coração de Maria, que servia todas essas obras, procurando tomar Deus conhecido e amado.

137. Segunda versão das Constituições de 1850. Arq. Hist./Cong. Vol. II-A, 9.

TERCEIRA PARTE

**CONSOLIDAÇÃO DAS ESTRUTURAS
1851 - 1869**

Uma comunidade em crescimento

A partir de finais de 1851, até o término do generalato da Madre Saint-Jean, em 1869, o Instituto do Sagrado Coração de Maria entra numa fase de crescimento e consolidação das estruturas. Este tempo coincide com um momento político favorável à Igreja. O Imperador Luís Napoleão promulga um conjunto de medidas que beneficiam o estatuto eclesial e o reformulam no sentido ultramontano. A Igreja é associada ao prestígio do Estado e passa a ser respeitada como uma instituição que concorre para o bem do país. O orçamento dos cultos é ampliado e são concedidas facilidades ao ensino católico. A Igreja tem representação nas cerimônias públicas e passa a ter liberdade de expressão. Desta maneira, o Imperador procura compensar o apoio que as estruturas eclesiais anteriormente lhe tinham dado.

Como as congregações religiosas, através das suas instituições, conseguiam responder às carências sociais, o estado vê nelas um meio de resolver situações que ele próprio não consegue solucionar. A 31 de janeiro de 1852, por decreto imperial, são muito facilitadas as autorizações para a criação de institutos de vida apostólica. Assiste-se, então, a um fenómeno invulgar - as congregações e os seus efetivos aumentam numa progressão sem precedentes. Em dez anos, duplicam, e, em vinte e cinco anos, desenvolvem-se quatro vezes mais¹. Existe, em todo o país, um ambiente de aceitação das congregações, tornando-se habitual a doação de bens a conventos, por parte das famílias abastadas. Na diocese de Montpellier, entre 1847 e 1861, as comunidades masculinas passam de dezoito para trinta e nove e as femininas de sessenta e seis para cento e cinquenta. Todas elas são incentivadas por D. Thibault e, muitas, recebem avultados donativos da classe mais rica.

O desenvolvimento do Instituto do Sagrado Coração de Maria está deste modo relacionado com todo o contexto que se vivia no país

1. Os religiosos, em 1851, eram 3.000 e, em 1861, 17.650. As religiosas, em 1851. Eram 34.208 e, em 1861, eram 89.243.

e na própria diocese de Montpellier. Desde os primeiros anos, é constante o seu ritmo de crescimento. Até 1869, há trinta e duas cerimônias de Tomada de Hábito e vinte e duas de Profissão². Há, todavia, uma desproporção entre o número de cerimônias de Tomada de Hábito e de Profissão. O tempo de noviciado é bastante variável, podendo ir de um a quatro anos. Duas razões explicam estes fatos. Em França, era proibido fazer votos antes dos vinte e um anos, acontecendo que algumas irmãs tinham de prolongar o tempo de noviciado até completar esta idade. Por outro lado, os votos emitidos já eram perpétuos, o que exigia tempo suficiente para amadurecer a opção. Em alguns casos, teria existido a conveniência de juntar um grupo maior.

De 13 de abril de 1850 a 16 de abril de 1868, há oitenta e sete irmãs que tomam hábito³. De 4 de maio de 1851 a 16 de agosto de 1868, setenta e uma irmãs fazem a profissão religiosa⁴. Em 1869, ano do falecimento da Madre Saint-Jean, o Instituto tinha setenta e duas religiosas e cinco noviças⁵. Estes números podem considerar-se elevados se atendermos a que o Instituto era de direito diocesano e possuía apenas a casa de Béziers. Acresce o fato da proliferação de fundações na segunda metade do século XIX, que vem dificultar às congregações desta época o recrutamento de membros.

As vocações francesas provinham da zona de Béziers e das dioceses limítrofes, limitando-se, portanto, à área geográfica do Midi. Ainda durante o governo da Madre Saint-Jean, são feitas diligências no sentido de dar a conhecer o Instituto noutras regiões mais ao norte, de forma a suscitar maior número de vocações francesas. É o caso de Paris, de onde a Madre Saint-Jean pensava que poderiam vir jovens, que, após a devida preparação, viessem a ser professoras no Internato⁶.

2. Reg. Habit. RSCM. Arq. Hist./Cong. Vol. II-A, 38; Reg. Prof. RSCM. 4-16v. Arq. hist./RSCM. Caixa 1, pasta 1. Apesar dos registros serem pormenorizados têm falhas e incorreções.

3. Reg. Habit. RSCM. Arq. Hist./Cong. Vol. II-A, 38.

4. Reg. Prof. RSCM. No geral, o número de noviças a fazerem anualmente a profissão é de três, quatro ou seis. Exceção para 1851: que são dez; 1862, duas; 1867, oito; 1868, uma.

5. Reg. Habit. RSCM. Arq. Hist./RSCM. Caixa 1, pasta 1; Reg. Habit. RSCM. Arq. Hist./Cong. Vol. A, 38.

6. M. Ste. Croix ainda em vida da M.St. Jean. Lettres qui traitent des fondations n° 45. Arq. Hist./RSCM. Caixa 16, pasta 5 referências posteriores Lettres.

Desde muito cedo, a proveniência das vocações é diversificada. Uma senhora irlandesa, de apelido Murphy, professora particular em casa de uma família de Béziers, conhecia o Padre Gailhac e a sua obra⁷. Quando se deu a fundação do Instituto do Sagrado Coração de Maria, o Padre Gailhac pediu-lhe para ver se, na sua terra, haveria alguma jovem que quisesse consagrar-se neste novo Instituto. Miss Murphy era sobrinha de uma religiosa que vivia em Dublin e escreveu-lhe.

A carta com o pedido foi entregue ao confessor extraordinário do convento que, por sua vez, comunicou ao seu pároco, Dr. O'Connel, a petição vinda de Béziers. O Dr. O'Connel conhecia uma jovem, Rosana Mac-Mullen, que desejava fazer-se religiosa num país distante, tendo decidido entrar num convento fundado na Austrália. Não tinha efetivado a decisão porque os pais se opunham a que partisse para tão longe. O Dr. O'Connel lembrou-se de que aquela carta poderia solucionar a questão existente em casa da família Mac-Mullen. Béziers ficava suficientemente longe de Dublin para agradar a Miss Rosana e, para os pais, sempre era mais perto do que a Austrália.

A primeira reação de Rosana foi a de refutar a proposta. De mútuo acordo, decidiram fazer uma novena em família. No final, Rosana estava decidida a entrar no convento do Sagrado Coração de Maria. Estava-se no mês de abril de 1851. Comunicada a decisão ao Padre Gailhac, este mandou a jovem ir para Béziers o mais rapidamente possível. Os pais tiveram receio de que o intenso calor do sul de França prejudicasse a saúde da filha e só a deixaram marcar a partida para o mês de Setembro.

Entretanto, em agosto do mesmo ano, a família Hennessy, originária de Kilkenny, mudou a residência para Dublin, passando a fazer parte da paróquia do Dr. O'Connel. Entre as três filhas do casal, havia uma, Thérèse, que desejava ser religiosa. Confiando o desejo ao seu pároco, este falou-lhe da congregação de Béziers. Depois de amadurecer o assunto, Miss Thérèse decidiu entrar no Instituto do Sagrado Coração de Maria. Postas em contato uma com a outra, Rosana e Thérèse resolveram partir juntas.

7. Maynard 329-332.

A 11 de setembro de 1851, chegam ao convento, onde são acolhidas com alegria por toda a comunidade. A 3 de fevereiro de 1852, tomam hábito. Rosana Mac-Mullen recebe o nome de Saint-Charles e Thérèse Hennessy o de Saint-Thomas⁸. Fazem Profissão em 12 de maio de 1853⁹.

Com Rosana Mac-Mullen e Thérèse Hennessy começa a vinda das irlandesas para o Sagrado Coração de Maria de Béziers. As chegadas vão aumentando lentamente, até que, a partir de 1864, todos os anos há irlandesas a fazerem a Profissão. Em 1868, são doze as professoras de nacionalidade irlandesa¹⁰.

Como explicar este surto de vocações irlandesas? A Irlanda era um país onde existia uma fé profunda e onde o espírito missionário estava enraizado. Muitos jovens partiam para outros países com o desejo de anunciar Jesus Cristo àqueles que não O conheciam. Por outro lado, em 1845, a Irlanda fora assolada pela fome. A partir dessa altura, começa uma corrente migratória para diversos países. Deixar o país para encontrar meios de subsistência ou para ser missionário passa a ser natural para os jovens irlandeses e suas famílias. Por conseguinte, não é de estranhar a vinda de um numeroso grupo de irlandesas que partiam rumo a um país estranho e a uma congregação desconhecida.

Certamente que Jean Gailhac, quando fundou o Instituto, estava longe de imaginar o desenvolvimento que nele se iria operar a ponto de, passados pouco mais de dois anos, a comunidade integrar membros vindos de um outro país, a Irlanda. Nos primeiros anos e de uma forma inesperada, o Instituto do Sagrado Coração de Mana torna-se internacional.

8. *Reg. Habit. RSCM. Arq. hist./Cong. Vol.II-A,38.*

9. *Reg. Prof. RSCM. 5. Arq. Hist./RSCM. Caixa 1, Pasta 1.*

10. *Reg. Prof. RSCM. Arq. Hist./RSCM. Caixa 1, Pasta 1.*

Brigitte Hennessy, irmã de M.St. Thomas Hennessy, toma hábito em 22.4.1855, recebendo o nome de Sainte-Marie. Fez a Profissão em 19.5.1856. Apenas em 2.7.1864 volta haver professoras irlandesas. A partir de 1869, o número não para de crescer.

As obras se estruturam

Se o número de irmãs crescia, também progrediam as obras. Em fevereiro de 1849, havia na casa oitenta pessoas assistidas; em 1853, são já cerca de cento e dez e, quatro anos mais tarde, os estabelecimentos gratuitos, só por si, atingiam as cento e trinta¹¹.

O aumento das crianças no Orfanato, Preservação e Internato é uma consequência da conjuntura existente na região de Béziers. A economia sofre grandes transformações com a modificação das estruturas de comunicação. Com a inauguração do caminho de ferro, a cidade sai do isolamento em que se encontrava e passa a ser um ponto estatégico nas comunicações. Dá-se, então, uma revolução agrícola. Os produtos de cultivo tradicional barateiam de tal maneira que acabam por desaparecer e são substituídos por extensos vinhedos. A partir de 1857, a vinha passa a ocupar, quase exclusivamente, as terras aráveis, chegando a pôr-se o problema da superprodução. Em 1865, pode dizer-se que a primeira indústria da região é a vinha. Efetivamente, o seu cultivo e o tratamento do vinho tornam-se uma verdadeira indústria, ocupando direta ou indiretamente grande parte da mão de obra. Os salários agrícolas sobem consideravelmente e muitos agricultores conseguem acesso à propriedade fundiária. A região sai da crise econômica que vivera.

Todos os estratos sociais entram num período de prosperidade progressiva, só entrecortada por pequenas crises, rapidamente superadas. A cidade de Béziers conhece uma riqueza cada vez maior. A burguesia, detentora de grandes plantações de vinha, procura viver com todos os requintes da alta sociedade. A prosperidade e a necessidade de ser aceita socialmente leva-a a investir na educação dos filhos. As classes médias procuram também impôr-se por uma preparação intelectual sólida. Não existindo ensino oficial feminino, procura o que é ministrado pelas congregações religiosas. O Internato

11. Petite notice. Arq. hist./Cong. Vol. I-C. 93. Ver também Proc. ap. 330-359; Gailhac ao Conselho Municipal, 11.5.1853. Proc. ap. 6427; Journal de Béziers 31.7.1857.

do Sagrado Coração de Maria é um dos estabelecimentos de ensino escolhidos por estas classes para a educação das suas filhas.

O saldo da transformação é amplamente positivo ao nível econômico e social, embora o enriquecimento do povo resulte numa degradação de costumes. Generaliza-se o alcoolismo, o jogo, a prostituição e, como consequência destes vícios, multiplicam-se os casos sociais. Em 1865, há na cidade dezesseis casas de prostituição. As grandes vítimas da degradação dos costumes são as crianças, que necessitam de instituições sociais que delas cuidem. O Orfanato e a Preservação do Sagrado Coração de Maria acolhem estas crianças, tentando minorar as suas carências.

O Orfanato, a Preservação e o Internato são três instituições distintas, sendo as duas primeiras consideradas obras de beneficência. Apesar de funcionarem no mesmo edifício, ocupam partes da casa separadas. Cada uma possui dormitórios, salas de aula, refeitório, capela e pátio de recreio próprios. Vivendo dentro dos mesmos limites, com designação e direção comuns, têm vida separada, um regulamento especial e não há qualquer comunicação entre elas. O espírito que as anima é o mesmo, mas cada uma tem fins específicos na educação, de acordo com o lugar que o grupo virá a ocupar na sociedade.

A divisão corresponde à estratificação social existente. A sociedade estava dividida em classes, que tinham as suas funções bem definidas: a uns competia trabalhar; a outros, dirigir. A educação tinha de preparar cada grupo para as tarefas futuras.

O **Orfanato** recebe orfãos entre os seis e os dez anos. Aí ficam até aos vinte e um anos, se a família não os vier buscar. Em 1857, são setenta as crianças assistidas¹².

O objetivo específico do Orfanato é educar as crianças de forma a que venham a ser boas cristãs e empregadas cheias de dedicação. A educação ministrada tinha como base o desenvolvimento das virtudes que as ajudem a viver a fé em profundidade e as tornem submissas. *"Com o fim de as consolidar no bem, são formadas na virtude, na obediência, no trabalho e na piedade. O trabalho lhes permitirá uma vida honesta, a obediência as habituará ao respeito pela autoridade, a piedade as ajudará a resistir ao mal"*¹³. *"De acordo com o seu futuro e com o trabalho que terão um dia na sua humilde*

12. *Journal de Béziers* 31.7.1857

13. Maynard 95.

condição, ensina-se-lhes leitura, escrita, gramática, cálculo, etc... Aprendem todos os gêneros de costura e, sobretudo bordados ¹⁴.

Em 1857, o Orfanato recebe sete crianças negras¹⁵. Tinham sido trazidas pelo Pe. Olivieri, sacerdote que se dedicava ao resgate de crianças negras nos mercados de escravos do Egito. Encaminhava-as para França e colocava-as em casas religiosas para que as educassem. Quando chegam, são bem acolhidas por toda a gente. Andavam contentes, mas tinham dificuldades de adaptação ao clima. Uma morre pouco depois de ter chegado. As restantes, após uma cuidada preparação, recebem o batismo numa cerimônia solene, tendo-lhes sido dado um nome cristão. Os padrinhos são escolhidos entre as principais famílias da cidade. Todas vivem o dia no meio de grande júbilo. A sua presença dava um ambiente agradável e diferente ao Orfanato. Ainda viveram alguns anos, mas, pouco a pouco, morreram todas.

Nos primeiros tempos, o Orfanato funcionava no primeiro andar, na parte mais antiga da casa. Com o aumento das crianças, passa a ocupar o bloco central do edifício que é dividido em três classes – pequenas, médias e grandes¹⁶.

A **Preservação**, nascida da transformação do Refúgio, passa a acolher *"moças que, pela falta de vigilância, pelo mau procedimento dos pais, ou pela fraqueza e ligeireza da idade, estão expostas a vários perigos"*¹⁷. São admitidas entre os oito e os vinte anos.

Em 1857, a Preservação tem sessenta jovens entre os doze e os dezoito anos¹⁸. *"O objetivo é educá-las na prática da virtude, recebendo uma instrução apropriada ao seu sexo e à posição que vão ter no mundo"*¹⁹. A Preservação destina-se, portanto, a recolher jovens que, apesar de terem pais, necessitam de uma educação especial que as prepare para se manterem na vida com integridade.

Em 1864, a Preservação passa a funcionar em dois grupos. O das mais pequenas toma o nome de Providência ou Preservação Menor, enquanto que o das mais velhas constitui a Preservação Maior ou

14. Maynard 99.

15. M. St. Félix. *Proc. Ap.* 1313.

16. Maynard 100.

17- Maynard 101.

18. *Journal de Béziers* 31.7.1857.

19. Maynard 101.

o grupo de Notre Dame²⁰. A divisão corresponde à necessidade de separar as idades, que naturalmente tinham problemas distintos. A ampliação das instalações possibilitou esta divisão.

Em 1857, o regulamento é igual para o Orfanato e para a Preservação²¹. As horas do dia estão distribuídas "por recreio, trabalhos de agulha, exercícios de inteligência e de piedade". Às seis e trinta é o levantar, a missa às sete e o pequeno almoço às oito. Depois, começa o trabalho, seguindo-se hora e meia de leitura, escrita e cálculo. Após o almoço "saudável e abundante", é o recreio. De tarde, trabalhos de agulha, lanche e uma lição de leitura e gramática. À noite, oração em comum e jantar. Às vinte horas, é o deitar. Nos intervalos de todas as ocupações, há tempo de recreio.

A preparação intelectual, que as crianças e jovens recebem no Orfanato e na Preservação, é boa. A Madre Saint-Paul Mestre, diretora oficial desde 1859, possuía um diploma de competência para o ensino primário, passado pelo Ministério da Instrução e dos Cultos²². De tempos a tempos, as crianças vão para o campo, onde trabalham de acordo com a idade e as forças físicas. A distribuição do tempo e das tarefas, a alternância do trabalho de casa com o trabalho agrícola, são considerados na época como pedagogicamente inovadores e extremamente sadios²³.

A educação religiosa tem, obviamente, um lugar de relevo. Em ambas as instituições, o catecismo prepara-as para a recepção dos sacramentos da penitência, eucaristia e confirmação, dando-lhes um sólido conhecimento da doutrina católica²⁴.

A partir de 1864, as obras de beneficência passam a funcionar todas do mesmo lado do edifício²⁵. Consideradas como instituições de utilidade pública e de beneficência, são reconhecidas pela municipalidade, que lhes concede um subsídio anual. De 1862 a 1864, o

20. Maynard 106 fala de um terceiro orfanato a que chama Providência e que teria sido aberto pela M. St. Jean de acordo com o P. Gailhac e o Conselho da comunidade. No tempo da M. St. Jean, a Providência não era independente, mas fazia parte da Preservação.

21. *Journal de Béziers* 31.7.1857.

22. Arq. hist./Cong. Vol. VI-A, 77, 87. Marie Mestre, em religião M. St. Paul, toma hábito em 11.12.1853 e faz Profissão em 27.5.1855.

23. *Journal de Béziers* 31.7.1857.

24. *Registre des premières comunions et des confirmations des établissements de bien-faisance du SCM. Arq. Casa mãe.*

25. Maynard 161.

subsídio é de 300 francos; de 1865 a 1869, é de 500 francos²⁶. Além disso, constituíam fonte de receita os trabalhos de agulha conhecidos na cidade e arredores. Como são muito apreciados, com frequência recebem encomendas. De vez em quando, realizam-se loterias, cujas rifas rendem bastante dinheiro²⁷.

Quando chegam aos vinte um anos, as jovens são entregues à família ou colocadas como empregadas em casas particulares de confiança. Algumas desejam consagrar-se na vida religiosa²⁸. As que tinham vivido no Orfanato entram como Irmãs coadjuvas no Instituto do Sagrado Coração de Maria e as que tinham pertencido à Preservação vão para as Irmãs da Virgem. Algumas, que não desejam sair de casa nem se sentem chamadas à vida religiosa, ficam na obra, como auxiliares²⁹.

Apesar de viverem num ambiente fechado e com um regulamento rígido, estas crianças e jovens sentem-se bem. A compreensão e o carinho das mestras tornam o ambiente acolhedor e compensam as carências de afeto da família. As jovens desenvolvem-se integralmente, ficando preparadas para enfrentar a vida no futuro. O momento de deixar o convento é sempre de grande saudade.

O **Internato** tem por objetivo *"educar na piedade, fazer das alunas pessoas boas, piedosas e protetoras das orfãs. A criação do Internato devia ainda servir para obter os recursos indispensáveis [para apoio às outras obras]"*³⁰. Esta dupla finalidade é típica daquela época. Por um lado, educar cristãmente quem, mais tarde, poderá influenciar os vários estratos sociais e, por outro, conseguir os fundos para obras gratuitas.

De 1851 a 1858, são admitidas setenta e duas alunas³¹. A partir de 1859-1860, o número aumenta, chegando às admissões anuais a atingir as trinta e cinco. As alunas provêm da região de Béziers, mas um

26. Dél. Cons. Mun. Béz. relativas à aprovação dos orçamentos de 1862 a 1869, Arq. Mun. O subsídio é concedido até 1871 e, nesse ano é de 800 frs.

27. Le Publicateur de Béziers 31.8.1860 e 21.12.1866

28. Maynard 100.

29. Maynard 100-101, 108. Desconhece-se a situação destas auxiliares, nas obras.

30. Maynard 279-280.

31. Registre du Pensionat du SCM. Arq.hist./Cong.Vol. IV-A,47. Referências posteriores. Reg.Pen.SCM. Entradas anuais: 1860-61=6; 1861-62=12; 1862- 63=23, 1863-64=11; 1864-65=18;- 1865-66=35; 1866-67=24; 1867-68=23 ; 1868- 69 =30.

grande número é da própria cidade³². A partir de 1864-65, começam a surgir algumas espanholas, pois as famílias de Espanha tinham o costume de pôr as suas filhas em internatos franceses³³. Muitas das jovens francesas vêm preparar-se para a primeira comunhão. Algumas ficam poucos anos, mas a maior parte passa, no Internato, toda a adolescência, até completar a educação.

O Internato é a forma comum na educação das classes mais abastadas. Seria impensável a frequência de uma escola em regime de externato, modalidade característica das classes populares. O sistema de internato é ainda a maneira de receberem uma educação completa e capaz de produzir frutos duradouros no futuro.

A vida no Internato é orientada por um regulamento – *Deveres das pensionistas* – que propõe uma educação em que a disciplina é rigorosa e os mais pequenos pormenores estão previstos³⁴.

Na introdução, constata-se que as alunas são o principal agente da sua própria formação: "*As pensionistas do Sagrado Coração de Maria devem esforçar-se por adquirir uma educação...*". O estilo de educação que deverão atingir está perfeitamente enquadrado na concepção que o século XIX tinha da mulher e é comum aos internatos mantidos pelas congregações religiosas da época: "*educação sólida, distinta, eminentemente cristã, instrução ampla, que abranja tudo o que possa tornar uma jovem útil e agradável na sociedade, onde ela virá a ser o ornamento, a edificação, o sustentáculo, a base, conforme o apostolado que mais tarde virá a exercer no local onde Deus a colocar e onde sempre se deve mostrar como digna rival da mulher do Evangelho*".

Como princípios básicos a desenvolver para desempenharem bem o seu futuro papel, e em ordem à sua salvação, "*devem logo*

32. Entre as alunas provenientes de Béziers constam-se: Francille Granier, sobrinha do Pe. Gailhac que, em 1851, com nove anos, passa do Orfanato para o Internato, aí ficando até aos dezoito anos, idade em que começou o noviciado. É a futura M. St. Eugene, primeira superiora de Liverpool. Marguerite Farret, inscrita desde 1865-66, residente e que é a futura M. Ste. Constance, quarta superiora geral do ISCM. Caroline Montigny, residente em Béziers e filha do subprefeito. Reg. Pen. SCM. Arq. hist./cong. Vol. IV-A, 47.

33. 1864-65, 9 Barcelona, 2 Madrid; 1866-67, 1 Barcelona; 1867-68, 3 mahon, 2 Barcelona, 1 Madrid; 1868-69, 2 Barcelona. Reg. Pen. SCM. Arq. hist./Cong. V- A, 47. Este costume acaba com a guerra de 70.

34. *Réglement des pensionnaires du Sacré Coeur de Marie*. Arq. hist./Cong. Vol IV-B², 10.

desde pequeninas evitar cuidadosamente qualquer hábito de preguiça, de desleixo, de não te rales, que neutralize os esforços das religiosas e que seria o princípio de maus resultados". Para atingir os fins da educação que lhes é proporcionada, "devem desde a sua entrada no Internato habituar-se a uma vida de regulamento. Observarão com grande fidelidade todas as normas e cada uma procurará ser a mais zelosa na observância, cumprindo escrupulosamente tudo o que está prescrito e evitando tudo o que é proibido".

Procura-se fomentar uma vida de obediência, docilidade e submissão: *"As boas alunas procurarão ter sempre o mesmo parecer das religiosas, olhá-las como suas mães e suas melhores amigas, ajudá-las com todas as forças, levando as companheiras ao amor pelos seus deveres e a uma total observância da regra do Internato".*

O regulamento prossegue, por capítulos, com regras próprias para os dormitórios, capela, recreios, classes e para outros aspectos como os exercícios de piedade, os prêmios, etc...

A vida que as alunas levam, os princípios que as mestras procuram inculcar-lhes, os pormenores do regulamento, têm grande semelhança com a Regra das religiosas. Só alguns pequenos matizes têm em conta a idade: *"As pensionistas levantam-se ao primeiro toque do sino e, enquanto se vestem, rezam com fé e piedade as orações. Ao descer dos dormitórios, dirigem-se à capela, onde fazem a oração da manhã e uma pequena leitura, muito curta, que serve de meditação. Dirigem-se à capela com grande recolhimento, os olhos modestamente baixos, de maneira que não vejam ninguém. Devem andar com um ar sério, um passo cadenciado, sem precipitação. Terão cuidado de cumprir os seus deveres com grande pureza de intenção e espírito de fé. Para isso, procuram a presença de Deus através de curtas jaculatórias em uso na casa. O regulamento é para elas a manifestação da vontade de Deus a seu respeito".*

As desobediências e o mau comportamento são punidos através de más notas e castigos. Exorta-se ao bom comportamento, salientando o exemplo das boas alunas.

O grau de ensino ministrado oficialmente pelo Internato é o primário. A este grau correspondiam o diploma da diretora oficial, a classificação administrativa do estabelecimento e o diploma obtido pelas alunas. A relação com o nível oficial nem sempre é fácil. A legislação tornava complicado o setor da educação feminina porque os internatos, como instituições religiosas, dependiam da autoridade municipal e, como escolas primárias, do Ministério da Instrução e dos Cultos.

Na generalidade, o tipo de educação é bastante idêntico em todos os internatos. Todavia, cada congregação organiza livremente o currículo e o sistema de educação adaptando-os ao estrato social das educandas. A partir da Lei Guizot, um membro de uma congregação religiosa pode ensinar legalmente, bastando-lhe uma Carta de Obediência dos superiores religiosos. Daí que, em grande parte dos internatos orientados por religiosos, o nível de estudos fosse baixo. Há, contudo, exceções. Uma delas é o Internato do Sagrado Coração de Maria, considerado de nível de estudos superior ao vulgar³⁵. Já, nesta época, as religiosas que ensinam no Internato têm o diploma elementar e apenas três ensinam com Carta de Obediência³⁶.

A exigência leva as alunas a estudar com interesse, como se depreende do testemunho de uma delas: "*Redobramos a aplicação ao estudo, afim de nos prepararmos para os exames finais, onde prestaremos provas rigorosas. Fico muito contente se, no próximo ano, passar para a segunda classe*"³⁷. Aquelas que, após a primária, continuam no Internato para completar a educação, seguem estudos mais aprofundados, embora não sejam estudos secundários.

Em 1857, o *Journal de Béziers* referia-se à educação ministrada no Internato considerando-a à altura da posição que aquelas jovens ocupariam, um dia, na sociedade³⁸. "*Desdenhando dos conceitos de Molière e Fénelon acerca da instrução das mulheres*", as Religiosas do Sagrado Coração de Maria ensinam História, Geografia, Literatura, História Natural, Botânica, Lógica e Línguas vivas. Como disciplinas complementares, há Música, Desenho, Artes de Delicadeza, Artes Recreativas, Trabalhos Manuais. As línguas vivas eram ensinadas por professoras de origem.

O programa pode considerar-se ousado, numa época em que o ensino secundário feminino não estava organizado ao nível oficial. Com efeito, só em 1867 o Governo começa a preocupar-se com a

35. L. Scgondy, *L'enseignement secondaire libre dans l'Academie de Montpellier (1854-1924)* Pro manuscrito (Montpellier: Centre d'Histoire Contemporaine du Langue-doc Mediterranee-Roussillon, Université Paul Valéry, 1974) 48-52.

36 · Registre du personnel enseignant au Pensionnat du SCM, Béziers. Arq. Hist./Cong. Vol. IV-A, 65 .

37. Elise Fonvieille a seus pais, 29.6.1855. Arq. Casa mãe.

38. *Journal de Béziers* 31.7.1857.

educação secundária das moças e legisla sobre o assunto. Em Montpellier, o curso secundário feminino aparece em janeiro-fevereiro de 1868³⁹. Os primeiros cursos defrontam-se com a oposição da Igreja que os considera desnecessários e comprometedores da fé das futuras esposas e mães.

Ao lado da aprendizagem intelectual, há a preocupação de desenvolver nas Jovens uma vida de fé e piedade. A primeira comunhão, o sacramento da confirmação e as festas litúrgicas são cuidadosamente preparadas. O Padre Gailhac, capelão durante os primeiros anos, faz retiros e numerosas pregações, que interpelam as jovens. As congregações das Filhas de Maria e dos Santos Anjos, fundadas no Internato a 8 de dezembro de 1854, são um meio de consolidar a vida cristã⁴⁰. Entre 1858 e 1868, a capelania é exercida pelo Padre Louis Birouste, da Congregação do Bom Pastor. A sua personalidade rica e experiente no convívio com a juventude, influencia a sólida educação cristã ministrada e contribui para a fama deste estabelecimento de ensino. *"Foi graças à sua ação e à direção não menos hábil da Madre Sainte-Croix que o Internato do Sagrado Coração de Maria se tomou o mais florescente da cidade"*⁴¹.

De vez em quando, a rotina é quebrada por acontecimentos de várias ordem, entre os quais a festa do Padre Gailhac e da Madre Saint-Jean, no dia de S. João Evangelista. Constava da representação de peças sérias e cômicas, recitação de poesias e canções. Preparada com antecedência, era objeto de um grande esmero por parte das alunas e mestras⁴².

Os recreios diários são muito animados. Um dia sempre lembrado com alegria e que se realizava todos os anos, no Verão, era o da ida para o campo⁴³. Saíam de manhã cedo. O tempo era passado numa grande descontração, passeando, observando a natureza. O almoço era servido ao ar livre. Para que as horas fossem todas aproveitadas, sem descurar a vida de piedade, a Missa era celebrada

39. F. Mayer, *L'éducation des filles en France au XIX^{ème} siècle* (Paris: Hachette, 1979) V, nota 6, 196.

40. Arq. hist./Cong. Vol. IV-A, 64; Arq. hist./Cong. Vol. IV-B², 8.

41. Maynard 187.

42. Arq. hist./Cong. Vol. IV-B², 12-20.

43. Clémentine Fonvieille a seus pais, 30.6.1853. Arq. Hist./Cong. Vol IV-A, 60; Elise Fonvieille a seus pais, 2.6.1854. Arq. hist./Cong. Vol. IV-A, 61.

logo à chegada e a oração da noite feita no regresso. A Madre Saint-Jean e o Padre Gailhac também participavam. O Padre Gailhac, com as suas brincadeiras, ajudava a fazer reinar a alegria. As visitas do bispo constituíam um acontecimento fora do vulgar e originavam um dia diferente⁴⁴. Uma vez, deu recreio geral; outra vez, concedeu alguns dias de férias.

O ambiente de alegria, aliado à calma e recolhimento, tornava agradável a estadia no Internato e contra balançava a rigidez do regulamento próprio de uma época em que tudo estava estruturado. Apesar das saudades da família, as jovens viviam felizes no Internato e consideravam-no acolhedor. A vida que ali se desenrolava marcava-as profundamente. Na hora de o deixarem para sempre, apesar do desejo de regressar a casa, apoderava-se delas um sentimento de tristeza que, pela vida fora, se traduzia em certa nostalgia dos tempos aí vividos.

O **Dispensário** criado pela Irmã Agnes não constitui propriamente uma obra, mas um serviço que procura minorar os sofrimentos físicos dos pobres e indigentes de Béziers⁴⁵. No Dispensário, esta irmã recebe doentes externos, trata-os gratuitamente e proporciona-lhes os cuidados de saúde necessários. São numerosos os doentes que por lá passam. O seu trabalho, imbuído de gratuidade, bondade e competência, é conhecido na cidade e agrada a toda a gente, inclusive às autoridades civis.

O zelo do Padre Gailhac e da primeira comunidade não tem limites. Logo que vislumbram uma necessidade, procuram responder-lhe. Em 1853, alimentam o desejo de fundar um Orfanato para filhas de militares e marinheiros. É o Padre Jean Gibbal quem faz o pedido ao Imperador Napoleão III. A resposta do Ministério do Interior declara que o assunto não é da sua competência mas do Ministério da Guerra, para o qual já tinha feito seguir o pedido⁴⁶. O assunto não tem seguimento.

44. Elise Fonvieille a seus pais, 29.12.1857 . Arq. hist./Cong. Vol. IV-A, 62.

45. Nota à margem em Souvenirs Pens. Arq. hist./Cong. Vol. IV-A, 65. Dél. Cons. Mun. Béz. Sessão 8.6.1862. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20, Pasta 20.

46. Resposta Min. do Interior ao senhor Gibbal, padre noviço religioso de Notre Dame des Champs, estabelecidos em Béziers, 4 .6.1853. Arq. hist./Cong. Vol. VI-9.

Entre 1851 e 1869, procede-se à consolidação das obras já existentes. O Orfanato, a Preservação, o Internato e o Dispensário absorvem as energias e a dedicação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, durante o generalato da Madre Saint-Jean. Trabalhando nelas, procuram tornar Deus conhecido e amado, concretizam O seu chamamento a serem continuadoras da Obra de Jesus Cristo e exprimem o seu zelo ardente pela salvação de todos.

Estas obras são expressão de uma única Obra - a Obra da Redenção. Cooperar na Obra da Redenção para que todos tenham vida é o único objetivo das obras, a única razão pela qual o Instituto existe, a única vocação das religiosas. A boa preparação intelectual e humana ministrada às educandas no Orfanato, na Preservação e no Internato, é um meio para melhor as ajudar a amar Deus e a alcançar a vida verdadeira, como dirá mais tarde o Padre Gailhac - *"Felicito-vos pelo bom êxito que Deus, princípio de todo o bem, vos fez obter nas vossas escolas. Confio que este êxito vos incite a um redobrado zelo no cumprimento dos vossos deveres. Não vos esqueçais, todavia, de que há sucessos de outro gênero que deveis disputar. A vossa vocação deve elevar-vos acima da terra, do que é temporário. Lembrai-vos de que estais associadas aos apóstolos, que deveis ser suas colaboradoras na grande Obra da reconstrução do Reino de Deus no mundo. Esta é a obra, o resto não passa de um meio. A verdadeira finalidade do vosso trabalho e da vossa dedicação é fazer Deus conhecido e amado, enraizá-Lo de maneira inabalável nas pessoas que vos são confiadas"*⁴⁷.

47. Gailhac ao Instituto: GS/30/III/84/A.

As Irmãs da Virgem

As Irmãs da Virgem, que haviam iniciado o postulante em 1851, preparam-se para começar o noviciado⁴⁸. Para que tenham um ambiente de acordo com a sua vida, é-lhes destinada uma parte da casa, independente. Constava de uma sala grande, refeitório, dormitório, capela, quartos de enfermaria, locutório, um jardimzinho e um corredor amplo para recreio.

Dez postulantes são admitidas à Tomada de Hábito que se realiza a 6 de maio de 1852, numa das capelas do Convento - a de Sainte Marie Madeleine⁴⁹. A cerimônia foi pública. Estavam presentes membros das suas famílias, benfeitores e alguns padres da cidade. A 11 de agosto do mesmo ano, realiza-se uma outra cerimônia, onde mais duas irmãs tomam hábito.

O noviciado é dirigido pela Madre Saint-Stanislas que, além de mestra de noviças, é também superiora da comunidade. Durante este tempo, as noviças são extremamente provadas, para se confirmar a sua vocação. A primeira Profissão realiza-se a 11 de setembro de 1853. A preparação próxima consta de um retiro presidido pelo Padre Gailhac, que também preside à cerimônia.

O campo de onde surgem as vocações depressa se alarga. Se o primeiro grupo, na sua totalidade, pertence ao Refúgio, as que se seguem são provenientes das jovens educadas na Preservação e de jovens honestas que, vivendo em suas casas, não têm possibilidades nem educação suficiente para entrar num convento.

Antes de começarem o postulante, as candidatas têm de passar seis meses na classe da Preservação. Fazem, pelo menos, um ano de postulante, um ano completo de noviciado e nenhuma

48. Os documentos base para este capítulo são: Maynard 145-171; Registre des Prises d'Habit et des Professions des Soeurs Oblates de Marie e Regle des Soeurs Oblates de Marie. Arq. hist./Cong. Vol. II-A, 48 .

49. Maynard fala de onze irmãs admitidas, mas o registo apenas assinala dez.

pode ser admitida aos votos antes dos vinte e um anos. O nível etário das entradas anda acima dos vinte e cinco anos, chegando a atingir os trinta e tantos. São poucas as que entram mais novas. Muitas morrem cedo. Grande parte do primeiro grupo morre durante o noviciado ou no ano seguinte. Até 1869, há onze cerimônias onde vinte e nove irmãs tomam hábito. Vinte e seis fazem a Profissão, distribuídas por dez cerimônias.

A Regra é muito exigente. Traça o fim, o espírito, a forma de governo e as principais obrigações das Irmãs.

O fim desta Ordem Terceira era duplo. Primeiramente, dar às jovens da Preservação a possibilidade de se consagrarem a Deus, se essa fosse a sua vocação. Em segundo lugar, arranjar ajudantes para a vigilância das crianças e confecção de trabalhos, na Preservação. As irmãs assumem ainda outros trabalhos ligados às obras, encarregando-se especialmente do tratamento da roupa.

A espiritualidade baseia-se num grande espírito de fé, que deve levá-las a esquecer as pessoas e ter presente unicamente a Deus, considerando-se mortas para o mundo e o mundo morto para elas; num espírito de humildade interior e exterior, do qual deve resultar uma grande simplicidade no dia a dia; num espírito de caridade para com o próximo, manifestado nas palavras e nos atos; num grande amor à mortificação exterior e, sobretudo, interior. As irmãs fazem votos de pobreza, castidade e obediência por um ano, renovando-os no fim do retiro anual.

Em todas as coisas, estão submetidas à comunidade mãe do Sagrado Coração de Maria. A superiora geral deste Instituto é simultaneamente a superiora das Irmãs da Virgem. Faz-se representar junto da comunidade por uma outra religiosa do Sagrado Coração de Maria e, na ausência desta, é designada uma das Irmãs da Virgem para presidir na sala da comunidade e nos exercícios de piedade.

Os primeiros anos, embora com dificuldades, parecem ter corrido bem. As Irmãs levam uma vida separada e recolhida, procurando viver a sua consagração a Deus, no trabalho escondido.

A certa altura, o Padre Gailhac resolve pô-las a viver com as jovens da Preservação para que a sua vida seja exemplo para elas. As Irmãs aceitam a decisão numa atitude de obediência. Mas, a pouco e pouco, como alguns exercícios de piedade não se podem

realizar ou são feitos num ambiente de dispersão, começa um certo relaxamento na comunidade. As postulantes têm dificuldades em adquirir o espírito da congregação e algumas não perseveram. A obra continua, mas longe do fervor inicial.

Conscientes destas dificuldades, as Irmãs pedem à superiora para interceder junto do Padre Gailhac a fim de lhes ser permitido voltar a ter uma parte da casa separada, com possibilidade de fazerem uma vida de comunidade independente. Parece que o Padre Gailhac gostaria de lhes satisfazer esse desejo, mas devido às modificações feitas no edifício e ao crescimento das outras obras, não havia um espaço à parte para alojá-las.

As Irmãs da Virgem, com a sua humilde dedicação e espírito de sacrifício, são durante os anos de generalato da Madre Saint- Jean, preciosas auxiliares das Irmãs do Sagrado Coração de Maria em todas as obras.

A Congregação do Bom Pastor

As Constituições das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, aprovadas em 8 de abril de 1850, contêm no terceiro capítulo uma alusão aos Padres do Bom Pastor⁵⁰. Ao ser aprovado canonicamente, o Instituto do Sagrado Coração de Maria fica submetido, nos aspectos espiritual e temporal, à comunidade dos Padres do Bom Pastor. Esta, por sua vez, está sob a obediência do bispo da diocese. A partir deste momento, a Congregação está autorizada, embora ainda não exista efetivamente.

A ideia que está na origem dos Padres do Bom Pastor é a assistência religiosa ao Instituto do Sagrado Coração de Maria e a todas as obras dele dependentes. O Padre Gailhac pretende que as suas religiosas tenham uma vida espiritual profunda, base indispensável à solidez das obras. Considera que as Irmãs precisam ser assistidas por padres que partilhem do mesmo espírito, da mesma dedicação e zelo. Só desta maneira concebe a continuidade do Instituto e a sua expansão na unidade.

O primeiro núcleo de padres reúne-se antes da aprovação das Constituições. Ao Padre Jean Gailhac vêm juntar-se, em 1853, o Padre Jean Gibbal, em 1858, o Padre Louis Birouste e, em 1859, o Padre Jean Durand⁵¹.

O **Padre Jean Gibbal** nascera a 8 de junho de 1816, em Alignan-du-Vent. Estudara Direito e, em 1838, estabelecera-se como notário em Gabien. Por não ter a idade exigida pela lei para dirigir um cartório notarial, é o cunhado que oficialmente lhe dá o nome. Em 1847, compra um escritório de advogado em Béziers⁵². Depois

50. Arq. hist./Cong. Vol. II-A, 6. Para além dos documentos citados nas notas correspondentes, este capítulo tem por base as seguintes fontes: Gibbal, várias versões; Maynard 173-237 ; Inquisição 104-108 e N .A. 8, 430-431, N.A. 11. 454-456; Docs. XIII 337-351. XIV 352-353. XIV 356-359.

51. Inquisição 457.

52. Com frequência, entre 1848 e 1853, nos jornais de Béziers aparecem anúncios do seu escritório, situado na rue Française, 26.

da entrada em religião da sua irmã Rosalie Gibbal, contacta com o Instituto do Sagrado Coração de Maria. É encarregado pela Madre Saint-Jean de vender a propriedade de Autignac e, em 4 de maio de 1851, está presente na profissão religiosa da primeira comunidade. Nessa altura, decide deixar a advocacia, fazer-se padre e consagrar a vida às obras fundadas pelo Padre Gailhac. Faz estudos sacerdotais e é ordenado. Em junho de 1853, o Padre Gibbal é noviço e, em 1854, já pertence à Congregação do Bom Pastor.

A partir dessa data, está totalmente empenhado em tudo o que se refere às obras empreendidas pelo Padre Gailhac. Com a sua formação jurídica e as suas qualidades humanas, aliadas a uma grande dedicação, foi, durante anos, o braço direito do Padre Gailhac.

O **Padre Louis Birouste** nasceu a 18 de janeiro de 1810, em Pézenas. Fez os estudos sacerdotais e, depois de ordenado, trabalhou em paróquias. Ainda jovem, foi nomeado capelão do Internato dos Irmãos das Escolas Cristãs. Entra para a congregação a 1 de outubro de 1858. A sua capacidade apostólica foi um enriquecimento para a comunidade.

O **Padre Jean-Baptiste Durand** nasceu em St. Jean de Fos a 10 de dezembro de 1800. Depois de ordenado, paroquiou pequenas terras. Padre do Bom Pastor desde 16 de outubro de 1859, dedica-se sobretudo à pregação.

Cedo, o Padre Gailhac resolve começar a organização das infraestruturas de forma que a congregação pudesse receber mais vocações. O primeiro passo é dotá-la de um local para a residência da futura comunidade. A 6 de julho de 1857, compra um terreno onde constrói o edifício para este fim. A 23 de março de 1858, compra em seu nome uma propriedade chamada La Galiberte e, a 13 de agosto de 1859, adquire outro terreno confinado com esta⁵³.

O ano de 1859 é passado em conversações com a Câmara Municipal para que esta lhe ceda, por troca, o terreno onde estava localizada a antiga alfândega. Neste terreno, o Padre Gailhac quer construir uma capela "destinada às obras de caridade e de moralidade pública e que teria por fim reunir os jovens adolescentes das classes pobres da cidade, para continuar com eles o catecismo e perseverança, confiado pelos párocos aos membros da comunidade"⁵⁴.

53 . Proc. ap. 1455-1460. La Galiberte ficava perto de Bayssan-le-Haut.

54 . Dél. Cons. Mun. Béz. Sessão 6.2.1859. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20, Pasta 20.

O Padre Gailhac pede ainda que a rua do Chameau situada de frente da casa dos Padres do Bom Pastor, passe a chamar-se rua des Prêtres du Bon Pasteur⁵⁵. Antes do final do ano, os dois pedidos do Padre Gailhac são aprovados pelo Conselho Municipal. Em 1860, iniciam-se as obras de construção da capela cujo projeto é traçado pelo Sr. Viviers, arquiteto oficial da Cidade.

Entretanto, morre D. Charles Thibault e D. François Marie Le Courtier toma conta da diocese, a 15 de setembro de 1861. Desde o início, D. Le Courtier apoia o desenvolvimento das comunidades religiosas e, entre elas, a do Bom Pastor. A 13 de novembro de 1862, aprova as Constituições⁵⁶ e, a 18 de Abril de 1863, vigília do Bom Pastor, preside à inauguração solene da capela⁵⁷. Estão presentes o clero e muitas pessoas da cidade. É um momento de alegria para todos. O Padre Jean Gailhac e os outros padres veem a comunidade consolidar-se, apoiada pelo bispo da diocese e pela população de Béziers.

Constituída apenas por quatro membros no momento da aprovação das Constituições, a comunidade passa a designar-se por Congregação dos Padres Regulares do Bom Pastor de Béziers. As Constituições, que regulamentam a vida da congregação, contêm os princípios orientadores da sua espiritualidade⁵⁸.

A Congregação fica dependente da autoridade da Santa Sé, por intermédio do bispo diocesano, considerado como "seu especial e ordinário superior". O nome de Padres do Bom Pastor lembrar-lhes-á sempre o fim da sua vocação, indicando-lhes "qual deve ser a sua solicitude, o seu zelo e a dedicação pela glória de Deus e salvação das pessoas".

O fim da congregação era "glorificar o Pai Celeste, salvar as pessoas, sendo este o fim da Encarnação de toda a vida do Bom Pastor. Hão-de consegui-lo pela pregação das missões e retiros no campo, pelo catecismo de perseverança, recolhendo num orfanato rapazes abandonados para educá-los no amor, na prática da virtude e na vida do campo. Consoante o número de padres, procurarão ir em

55. Dél. Cons. Mun. Béz. Sessão 6.2.1859. Arq. Mun. Ver também Arq. Hist./ RSCM Caixa 20, Pasta 20.

56. Arq. hist./Cong. Vol. III, 32.

57. Procès verbal de la bénédiction de la chapelle du Bon-Pasteur. Arq. hist./Cong. Vol. III-80; Le publicateur de Béziers 10.4.1863 a 24.4.1863.

58. Arq. hist./Cong. Vol. III 5-31. Arq. hist./ RSCM. Caixa 18, Pasta 13. Ver também Inquisitio doc XIII 337-351.

ajuda dos párocos impedidos de exercer o ministério por doença ou qualquer outra causa " .

O espírito da congregação é o "espírito de Jesus Cristo", traduzido "em humildade, simplicidade e doçura". Tal como em Jesus Cristo, o zelo deve ser "esclarecido, prudente, sem limites". Os Padres do Bom Pastor consagram-se a Deus pelos votos de pobreza, castidade e obediência e, depois de cinco anos de Profissão, fazem voto de estabilidade.

A vida comum está regulamentada especialmente no aspecto da oração diária e semanal. O estudo da Sagrada Escritura, Teologia e História da Igreja deve preencher todos os momentos livres e é tema de conferência quinzenal na comunidade, onde cada um procura "esclarecer-se com as luzes dos seus confrades". O governo da congregação está confiado ao Padre Jean Gailhac, nomeado superior vitalício.

A missão dos Padres do Bom Pastor concretiza-se de modos muito diversos. Segundo os dons particulares de cada padre, a congregação procura responder às necessidades das obras fundadas por Gailhac, às da cidade de Béziers e arredores.

O Padre Jean Gailhac, como fundador do Instituto do Sagrado Coração de Maria e dos Padres do Bom Pastor, tem o tempo ocupado com a estruturação das duas congregações, tendo mesmo deixado certos ministérios a que até aí se dedicara.

O Padre Jean Gibbal, desde a sua entrada, foi encarregado da administração e dos contactos oficiais relativos às duas congregações, tendo-lhe sido confiados pelo Padre Gailhac todos os aspectos jurídicos. É ainda responsável pela orientação espiritual das Irmãs da Virgem e das jovens da Preservação.

Por volta de 1853, o Padre Gailhac funda, no domínio de Bayssan-le-Haut, um orfanato para rapazes que passa a ser conhecido por Colônia Agrícola. A ideia desta fundação já devia andar no seu espírito desde 1850, mas não se conhece com exatidão a data da abertura. A direção da colônia está a cargo dos Padres do Bom Pastor. O primeiro diretor foi o Padre Gibbal, que tem a responsabilidade dos aspectos materiais e espirituais. A sua personalidade imprime à obra uma feição própria.

A Colônia recebe rapazes órfãos de pai ou de mãe, desde os seis anos. Quando os pais ou encarregados de educação vão levá-los, têm de assinar um contrato em que se comprometem a deixá-los até aos

vinte e um anos, ou até à incorporação militar. Caso contrário, devem pagar uma indenização⁵⁹.

A finalidade da Colônia é instruir os rapazes, iniciando-os nos trabalhos agrícolas e orientando-os profissionalmente para a agricultura. É-lhes dada ainda uma preparação ao nível da instrução primária e uma educação religiosa que lhes incute as principais virtudes e os ajuda, no futuro, a serem bons cristãos.

O Padre Louis Birouste, logo após a sua entrada na Congregação, passa a ser responsável pela parte espiritual do Internato do Sagrado Coração de Maria. A sua experiência contribui para a boa qualidade da educação aí ministrada. O Padre Birouste é ainda pregador nas mais diversas igrejas e circunstâncias, superior das Irmãs de Santa Clara, confessor e diretor espiritual de muitas pessoas, presidente de honra das Conferências de São Vicente de Paulo de Béziers e protetor da Associação dos Jovens Aprendizes. Entre todos os Padres do Bom Pastor, é aquele que mais se dedica à pregação, ministério de que está especialmente encarregado pela comunidade.

Em 1865, o bispo confia aos Padres do Bom Pastor a paróquia de St. Jude, situada no bairro periférico du Pont, até aí privado de assistência espiritual⁶⁰. Ao Padre Gibbal foram confiadas as demoradas diligências a fazer pelo Paço junto das autoridades civis e religiosas de Béziers. O Padre Birouste é designado pároco, tendo como colaboradores outros padres da Congregação. Como a paróquia tinha sido reconhecida pelas autoridades civis, os padres que nela exercem o seu ministério recebem um ordenado.

O culto, numa capela provisória, é inaugurado a 16 de julho de 1865, na presença de muitos moradores do bairro, do Presidente da Câmara e do Sub-Prefeito de Béziers, do Padre Gailhac e do Padre Birouste⁶¹. Em 30 de setembro de 1866, o Padre Birouste deixa a paróquia⁶². Não é, portanto, muito longo o tempo em que os Padres do Bom-Pastor assumem esta responsabilidade.

59. Contratos do Orfanato de Bayssan. Arq. hist./Cong. Vol. IV-A, 4146.

60. Correspondência relativa à paróquia de St. Jude. Arq. hist./Cong. Vol. V, 48.

Ver também Proc. ap. 3795-3810. .

Nas *Dei. Cons. Mun. Béz.* aparecem com frequência alusões à ereção desta paróquia.

61. *Le Publicattur de Béziers* 21.7.1865.

62. O P. Birouste é substituído pelo P. Reynes. A cerimônia de acolhimento do novo pároco é presidida pelo P. Gailhac. *Le Publicattur de Béziers* 28. 9.1866.

O bispo D. Le Courtier tem grande admiração pelo Padre Louis Birouste e pelo seu zelo apostólico. Escolheu-o para acompanhá-lo a Roma na visita *ad limina apostolorum* e, em 1867, nomeia-o vigário-geral.

Um dia, ao dirigir-se para uma pregação fora de Béziers, o Padre Birouste é acometido de uma pneumonia, vindo a falecer inesperadamente a 12 de março de 1868. É a primeira morte entre os Padres do Bom Pastor. A sua perda causou profunda tristeza ao Padre Gailhac.

Desde o início, a Congregação do Bom Pastor integra Irmãos leigos. Os Irmãos têm uma Regra própria dada pelo Padre Gailhac⁶³. O espírito dos Irmãos é um espírito de fé. Para o conservar devem ter sempre presente Jesus Cristo e esforçar-se por seguir o seu exemplo nas palavras e atitudes. A finalidade da instituição dos Irmãos é a educação dos órfãos na Colônia Agrícola de Bayssan.

Segundo a Regra, devem formar os órfãos no amor a Deus e ao trabalho. Para isso, "devem ensinar cuidadosamente às crianças o catecismo e a história santa, acompanhá-los ao trabalho e dirigi-los dando-lhes o exemplo". Os Irmãos procuram "amar os órfãos como se fossem seus pais e cuidar deles como se fossem mães". Nunca devem lhes bater. A educação dos rapazes no aspecto de trabalho, aprendizagem intelectual e formação religiosa fica totalmente sob a sua responsabilidade. Nem sempre a tarefa era fácil. Era preciso paciência, caridade e bom humor para conseguir transformar os mais difíceis. Numa doação sem limites, os Irmãos dedicam a sua vida a estes rapazes e, durante anos, os bons resultados da Colônia ocorrem graças ao seu zelo.

A partir de 1863, entram novos padres: J. Guibert, J. Rédier, A. Combescure. A saída de alguns deles cria certa instabilidade na comunidade e a forma como atuam desgosta profundamente o Padre Gadhac. D. Le Courtier dá um grande apoio à Congregação dos Padres do Bom Pastor. Apesar disso, o fim da década de 60 parece ter sido bastante complicado na comunidade, que nunca ultrapassa vai além de um pequeno número de membros.

63. Arq. Casa Mãe; Arq. hist./Cong. Vol. III 35- 44 . Arq hist/RSCM caixa18, .Pasta 13

Perteceram ao Bom Pastor, entre outros, os Irmãos Jacques, Laurent, Germain, Louis, Joseph, Luc, Sylvan e Saturnin.

Talvez o grande interesse da autoridade diocesana em expandir a congregação, tenha originado vocações de menor qualidade e pouco jovens. Por outro lado, a inauguração da paróquia de S. Jude não favorece a estruturação da comunidade ainda incipiente. Os padres nomeados coadjutores estavam há pouco tempo na congregação e não tinham adquirido o seu espírito, acabando por sair. Quando D. Le Courtier faz os primeiros contatos, o Padre Gailhac considera que este ministério poderia prejudicar a congregação ainda frágil e chega a insistir com o bispo para que a dispense desta responsabilidade⁶⁴.

D. Le Courtier conhece as dificuldades que podem surgir num bairro tão adverso à Igreja como o bairro du Pont. Necessita, portanto, de quem lance alicerces sólidos. A confiança que tem nos Padres do Bom Pastor leva-o a crer que, com eles, a paróquia de St. Jude começaria bem. Daí a insistência junto do Padre Gailhac para que a aceite durante algum tempo - "*[St. Jude] é uma obra que pode ter imensos resultados se aí se exercer o ministério com regularidade e criar uma paróquia modelo. Esta missão é transitória. Uma vez que as coisas estejam no bom caminho, os meus queridos filhos do Bom Pastor voltarão ao seu lar*"⁶⁵.

Apesar dos membros serem poucos e das vicissitudes por que passa, a Congregação dos Padres do Bom Pastor dá um grande apoio ao Instituto do Sagrado Coração de Maria, durante o generalato da Madre Saint-Jean, especialmente nos aspectos jurídicos e na assistência espiritual às diversas obras.

64. Mgr. Le Courtier a Gailhac. 4.7.1865. *Proc. ap.* 854-856.

65. Mgr. Le Courtier a Gailhac. 4.7.1865. *Proc. ap.* 854-856.

Perseguição de 1855

De meados de setembro de 1855 a finais de outubro do mesmo ano, as Irmãs do Sagrado Coração de Maria e os Padres do Bom Pastor são vítimas de uma perseguição que visava sobretudo a pessoa do Padre Gailhac⁶⁶.

O pretexto para desencadear as acusações é a morte de uma jovem noviça a 18 de setembro de 1855. Claire Jeanjean, em religião Madre St. Basile, tinha caído gravemente doente⁶⁷. Durante a enfermidade, o convento mantém contatos com a família, mas a morte de Claire acontece repentinamente e não há tempo de prevenir

66. Gibbal. *Red. B*, 43-46; *Red. C*, 19-21v; *Red. D*, 18-20v; Maynard 207-213; *Inquisitio* Doe. XVIII a. b, e 360-362; Doe. XVIII a. b. e 362-364, f 367-368; Doe. XIX 368--370; Arq. hist./RSCM. Caixa 2. Pasta 4 e 5.

A única narração da Perseguição de 1855 conhecida durante muitos anos era a de Maynard. Quando foi organizado o Processo de beatificação não foi possível encontrar documentos oficiais que provassem este relato de Maynard. Mais tarde, o P. Michel de Lattre tentando comprovar a veracidade do livro de Maynard, fez bastantes investigações. Conseguiu encontrar as notas de Gibbal, as cartas trocadas entre a M. St. Jean e o Paço e as cartas dirigidas pelo Paço ao P. Gailhac e à M. St. Jean. Estes documentos no essencial provam a narração de Maynard. Em 1963, o cônego Maréchal, pertencente à diocese de Montpellier, ao fazer investigações nos Arquivos Departamentais, encontrou um dossier que continha uma série de documentos, relativos à Perséguição de 1855. Copiou-os e enviou-os à Madre Rita Rowiey. Em 1973, numa mala em Seafild, Inglaterra, aparecem outros documentos que ajudaram a completar o processo.

Neste momento, possuímos as cartas anónimas escritas por Paul Louis ao Prefeito do Depanamento do Hérault e ao Procurador Geral, uma carta anónima dirigida ao Procurador Geral, a cópia do processo instaurado contra os autores da desordem e interrupção do culto por ocasião do enterro da dita Mlle Jeanjean, em religião St. Basile, do dito convento Bom Pastor, com o depoimento do Sub-Prefeito de Béziers ao Prefeito de Hérault a carta do Procurador Geral a Mgr. Tiúbault, a carta da M. St. Jean e do P. Bonniol ao P. Gailhac.

Faltam os depoimentos do P. Gailhac e do P. Gibbal, a ata da abenura da informação judicial e o nome e retratação do caluniador.

Os documentos encontrados nos Arquivos do Hérault e em Seafild estão compilados em M. Keenan. *A Perseguição de 1855*. Doe. 2 Fontes de Vida (Roma:RSCM. 1883). Para facilitar a sua consulta, citam-se nesta publicação.

67. Segundo o médico do convento, a doença chamava-se Méloena. Depoimento de Jacques G. F. Fraisse, doutor em medicina, Keenan 22. O Sub-Prefeito chama-lhe hemorragia intestinal. Sub-Prefeito ao Prefeito. Keenan 24.

os pais que, por conseguinte, não podem estar presentes nos últimos momentos da filha. Como o corpo estava inchado e desfigurado, só aos pais e à irmã é permitido vê-la. O caixão é atado com cordas. O restante dos familiares, impossibilitados de verem o corpo, perturbam a cerimônia no cemitério e fazem circular o boato de que um tal impedimento só poderia esconder um crime grave.

Algum tempo antes, a 25 de agosto de 1855, tinha morrido também subitamente uma Irmã da Virgem, Cléri Cannac, em religião Irmã Séraphine. Os dois falecimentos são aproveitados pelos interessados para denegrir a pessoa do Padre Gailhac e para fazer chegar às autoridades uma série de acusações.

A 25 de setembro, um tal Paul Louis escreve uma carta ao Prefeito do Departamento do Hérault e uma outra ao Procurador Geral de Montpellier com igual conteúdo⁶⁸. Nelas, o Padre Gailhac é acusado de ter proibido os pais de Claire Jeanjean de a tratarem e de, após a sua morte, não ter dado aos outros parentes a possibilidade de a verem. Insinua que só um motivo grave poderia fazer recluir uma investigação e rodear de mistério a sua morte, e que a opinião pública estava indignada, fazendo correr "rumores de uma extrema gravidade". Conclui com ataques indirectos ao Padre Gailhac: *"um homem que por uma calculada ostentação de filantropia e servindo-se da religião para esconder os seus fins ambiciosos e interesseiros, é posto num pedestal por alguns fanáticos da religião. Ontem era quase pobre, hoje é rico e esta fortuna pessoal e considerável conseguiu-a pelo poder exercido sobre a fraqueza de espírito de algumas pessoas crédulas, nomeadamente de uma viúva que se desfez de tudo o que tinha em seu favor, deixando mesmo os parentes em necessidade. Mas o carácter sagrado de que se revestiu. longe de moderar a sua ambição, é uma máscara a desafiar impunemente a indignação pública e, de igual modo, [ilegível] numeroso clero da cidade"*⁶⁹.

A 26 de setembro, duas outras cartas dirigidas, uma, ao Prefeito do Departamento do Hérault, e a outra ao Procurador Geral, pelo mesmo Paul Louis, referem o caso da Irmã Séraphine, tecendo acusações semelhantes⁷⁰.

O Prefeito, anotando o assunto como confidencial, envia as duas cartas recebidas ao Sub-Prefeito de Béziers a 27 de setembro,

68. Keenan 5-7.

69. Keenan 6.

pedindo-lhe que examine as denúncias e lhe envie o seu parecer⁷¹. Nesse dia, o Procurador Geral recebe outra carta anônima aludindo à morte de Claire Jeanjean, no mesmo estilo e pressionando-o a agir⁷². Na altura em que o Sub-Prefeito de Béziers e o Procurador Geral deveriam iniciar a investigação, o Padre Gailhac apresenta queixa no Tribunal contra os autores da desordem no cemitério⁷³. São ouvidas várias testemunhas. Entre elas, pessoas pertencentes à família das religiosas falecidas, o médico do convento e naturalmente também o Padre Gailhac e o Padre Gibbal, em cuja presença se tinham passado os distúrbios. Os depoimentos não provam a veracidade das acusações. Muito pelo contrário, mostram que os fatos haviam sido deturpados e que as acusações eram falsas. Não foi possível encontrar os autores das cartas, já que estes se tinham ocultado com um pseudônimo ou com o anonimato. Diante dos dados apurados, o Procurador Geral resolve não dar continuidade ao processo.

A 6 de outubro, o Sub-Prefeito de Béziers envia ao Prefeito do Hérault um relatório sobre os acontecimentos, considerando o assunto sem a menor importância⁷⁵. Conclui dizendo que *"se as acusações fizeram barulho, foi devido a numerosas animosidades que existem em Béziers, mesmo entre o clero, contra o Padre Gailhac e a diretora da instituição do Bom Pastor"*⁷⁶.

Como procedeu a autoridade diocesana perante aquilo que estava acontecendo?

O Padre Gibbal refere-se a uma denúncia feita diretamente ao bispo da diocese⁷⁷. É natural que os acusadores tenham enviado alguma carta a D. Thibault e que este tenha contactado as autoridades para colher informações sobre o processo. Prova disso é a sua atitude para com o Padre Gailhac e a Ir. Saint-Jean enquanto duram as investigações.

O Padre Gailhac escreve várias vezes a D. Thibault sem conseguir obter resposta. Isto o entristece, porque pensa que também o

70. Keenan 8-9.

71. Keenan 10.

72. Keenan 11.

73. Comentário que antecede a descrição do processo. Keenan 12

74. Keenan 12-23.

75. Keenan 24-25.

76. Keenan 25.

77. Gibbal, Red. D, 19.

seu bispo o condena. Em face desta situação dolorosa para Gailhac, a Ir. Saint-Jean resolve escrever a D. Thibault, solicitando-lhe que diga qualquer coisa, pois o seu silêncio aumenta o sofrimento de Gailhac⁷⁸. O bispo responde-lhe a 11 de outubro, justificando o seu procedimento⁷⁹. Em sua opinião, é melhor para o Padre Gallhac não haver contatos diretos. Todavia, dá-lhe a certeza de que o pode ter por pai e defensor no grau mais elevado. Acrescenta - *"já é tempo de em Béziers se saber que a ingratidão. quando toma a forma de insultos contra um homem que só faz o bem, é repugnante e deve ser severamente castigada"*⁸⁰. Por sua vez, o Padre Gailhac recebe uma carta do Padre Bonniol, secretário episcopal, datada de 12 de outubro, em que este lhe assegura que o silêncio do bispo é para melhor defender os seus interesses⁸¹.

É clara a razão por que D. Thibault guarda silêncio em relação ao Padre Gailhac. Ele sabe que nenhuma daquelas acusações é verdadeira e espera que as diligências judiciais o provem inequivocamente. Por outro lado, não quer ter contatos com o Padre Gailhac para estar mais isento em relação a tudo aquilo que venha a acontecer. E D. Thibault tinha razão. A investigação judicial acabaria de uma forma muito positiva para Gailhac.

Das possíveis cartas trocadas entre as autoridades civis e religiosas, a única de que se tem conhecimento é dirigida pelo Procurador Geral a D. Thibault. em 22 de outubro de 1855, já depois do processo Judicial estar encerrado⁸². O Procurador põe o bispo ao corrente das conclusões apuradas pelas autoridades. Todo o parecer denota uma grande consideração pelo Padre Gailhac e indignação pelas acusações falsas e anônimas - *"As calúnias inventadas pela mais odiosa maldade contra o Padre Gailhac e a sua casa foram postas a descoberto e este digno e virtuoso eclesiástico, cuja piedade e caridade só deveriam provocar elogios, foi falsamente acusado"*⁸³.

78. M. St. Jean a Mgr. Thibault. s.d. Arq. hist./Cong vol. I-C, 68. Ver também - Inquisirio Doc. XVIII a 362_363.

79. M. Thibault à M. St. Jean. 11.10.1855. Arq. hist./Cong.vol.v,31, ver também Inquisirio Doc. XVIII b 363-364.

80. Mgr. Thibault à M. St. Jean. 11.10.1855. Arq. hist./Cong. Vol V, 31 ver também Inquisirio Doc XVIII b 363-364.

81. P. Bonniol a Gailhac. 12.10. 1855, Arq. hist./Cong. Vol V. 32. Ver também

Inquisirio Doc. XVIII e 364.

82. Procurador Geral a Mgr Thibault 22.10.1855 Keenan 26-27

83 . Keenan 26.

É desejo do Procurador descobrir os culpados e provar publicamente a inocência do Padre Gailhac: “Procure com o maior cuidado os caluniadores do Padre Gailhac e, se as suas investigações chegarem a uma conclusão, faça-no-lo conhecer, para que eu possa descobrir um meio de pôr termo a infâmias tão inconcebíveis”⁸⁴.

Em relação à forma como a Perseguição se desenrola, há alguns aspectos a considerar.

Uma análise dos fatos mostra que as famílias Jeanjean e Cannac foram instrumentalizadas. Os seus depoimentos nem sequer coincidem com as acusações das cartas anônimas. As mortes não foram mais do que um pretexto para gerar o descontentamento e espalhar uma onda de calúnias que visavam acabar com a boa reputação do Padre Gailhac e das congregações por ele fundadas.

Tudo se passou num curto espaço de tempo. A 18 de setembro, morre Claire Jeanjean; a 25, é escrita a primeira carta; a 27, o Prefeito do Hérault encarrega o Sub-Prefeito de Béziers de fazer averiguações; a 2 de outubro, tem lugar a abertura do processo judicial e, a 6 do mesmo mês, a questão é dada como encerrada pelo Sub-Prefeito de Béziers.

É curioso o fato de o clero estar metido nesta série de intrigas. Como situações idênticas já se haviam verificado, depreende-se que, mais uma vez, o grande espírito de doação e de serviço do Padre Gailhac devia causar invejas em alguns membros do clero que, de uma maneira pouco evangélica, se colocavam ao lado dos caluniadores.

A Perseguição de 1855 parece vir na sequência dos boatos levantados, anos atrás. A primeira carta, enviada ao Prefeito do Hérault e assinada por Paul Louis faz alusão à causa verdadeira do levantamento dos boatos: a fortuna da Madre Saint-Jean. Efetivamente, na carta afirma-se que o Padre Gailhac devia os seus bens à influência exercida sobre uma viúva que se tinha desfeito de tudo em seu favor, deixando mesmo os parentes em necessidade. Na raiz da Perseguição de 1855, como na das anteriores, estava, talvez, o interesse dos parentes de Eugène Cure em recuperar a fortuna da família. Fora assim em 1849, 1850, 1851 e 1853.

Neste último ano, parece ter havido outra complicação, como se pode concluir de uma carta de D. Thibault dirigida ao Padre

84. Keenan 27.

Gailhac: *"A superiora [Madre Saint-Jean] transmitir-vos-à os meus sentimentos, face a esta nova provação. Não se entristeça pela maneira como o tratam. As obras de Deus custam esse preço! Se ler o Padre Thiener, do tempo de Clemente XIV, verá onde podem chegar as más paixões dos padres quando os seus próprios interesses os movem"*⁸⁵. Uma outra carta de D. Thibault para Gailhac, datada de 9 de fevereiro de 1853, com a notação de "muito confidencial", parece referir-se ao mesmo assunto⁸⁶. Em 1855, a morte das duas irmãs apresenta-se como mais uma oportunidade para os opositores de Gailhac tentarem realizar os seus intentos.

A Perseguição dura pouco tempo, ainda que tenha sido extremamente dolorosa. Pela narração de Gibbal, testemunha ocular, e pela de Maymard, mais tardia, constata-se o sofrimento vivido pelo Padre Gailhac e pelas duas comunidades religiosas⁸⁷. É, nesta altura, que se situa a frase da sua mãe, que Gailhac lembrará mais tarde: *"Gailhac, coragem! Deus é mais forte do que os homens!"*⁸⁸.

Para Gailhac, as provações eram caminho para a consolidação das obras. A coragem com que as enfrentava testemunha a sua adesão incondicional à vontade de Deus e a sua confiança no imenso amor em que se sentia envolvido.

85. Mgr. Thibault a Gailhac, 10.1.1853. Arq. hist./Cong. Vol. V, 29. Ver também Proc. ap. 847.

86. Mgr. Thibault a Gailhac, 10.1.1853. Arq. hist./Cong. Vol. V, 29. Ver também Proc. ap. 847.

87. Gibbal, *Red. C*, 19 v; *Red. D*, 19; Maymard 211-212

88. Gaillhac ao Instituto: GS/15/XII/74/B; Maymard 211.

Reconhecimento legal do Instituto

O Instituto do Sagrado Coração de Maria, obtem o seu reconhecimento legal por decreto do Imperador Napoleão III, em 19 de agosto de 1856⁸⁹. Apesar de aprovado canonicamente pelo bispo da diocese, desde Abril de 1850, era necessário que tivesse personalidade jurídica para poder possuir bens e realizar todos os atos jurídicos sem recorrer a intermediários.

A legalização faz-se ao abrigo do decreto imperial de 31 de janeiro de 1852. O decreto permitia que as aprovações fossem concedidas por simples diploma emitido pelo Conselho de Estado, desde que as congregações adaptassem os estatutos de outra que tivesse sido aprovada posteriormente a 24 de maio de 1825⁹⁰. A nova legislação simplifica os requisitos necessários para o reconhecimento legal e favorece o incremento de fundações.

As diligências para a legalização do Instituto começam ao longo do ano de 1855. Os trâmites legais passam por três fases.

A primeira corresponde ao pedido feito pelo Padre Gailhac e à organização dos pareceres emitidos pelas entidades oficiais: Conselho Municipal de Béziers. Sub-Prefeitura de Béziers e Prefeitura do Hérault. O pedido é formulado antes do mês de agosto. Durante este mês, é organizado o dossiê e enviado ao Ministério dos Cultos. As referências feitas pelo Conselho Municipal, na sessão de 8 de agosto de 1855, não podiam ser melhores: *“Considerando que é do seu conhecimento que esta instituição produz efeitos excelentes e que dela podem resultar grandes vantagens para a população, [o Conselho Municipal] emite o parecer de que seja dada pela*

89. Arq. hist./Cong. Vol II-A. 29 .

90. Os restantes pontos exigidos para a aprovação eram semelhantes aos da lei de 1825. Os estatutos deviam ser aprovados pelo bispo diocesano. contendo uma cláusula de submissão, no espiritual, à jurisdição do Ordinário. O pedido formulado devia ser assinado por todos os membros da congregação e conter uma relação do estado da mesma pormenorizando a situação econômica, o número de membros e de casas.

*autoridade superior competente o reconhecimento legal à congregação religiosa feminina, sita em Béziers, com o nome de Sagrado Coração de Maria*⁹¹.

No ministério, verificam que a documentação não está completa. Falta o parecer do bispo de Montpellier, uma declaração assinada por todos os membros da congregação descrevendo o seu estado quanto a pessoas e bens e uma cópia dos estatutos que iriam adotar⁹².

Entre outubro e dezembro de 1855, inicia-se uma segunda fase. O Ministério pede aquelas informações ao Paço de Montpellier e faz a respectiva compilação. A 18 de dezembro, o Sr. Bonniol, secretário particular do bispo, escreve a Gailhac, dizendo-lhe: "*O dossier relativo à aprovação da vossa instituição foi expedido para Paris em 10 do corrente mês, acompanhado de uma recomendação favorável do senhor bispo*"⁹³.

Qualquer contratempo deve ter surgido nesse meio tempo. No mês de junho de 1856, é redigida uma petição assinada pelos membros do Conselho da Comunidade, solicitando ao Ministério dos Cultos o reconhecimento legal do Instituto, conforme o pedido feito há muito pelo Padre Gailhac, seu fundador⁹⁴. O documento tem a aprovação do bispo de Montpellier, datada de 16 de junho de 1856.

Que terá acontecido? É provável que tenha havido necessidade de reformular a petição, apresentada unicamente em nome do Padre Gailhac, uma vez que, segundo a lei, devia ser feita e assinada por todos os membros da comunidade. Refeito o requerimento, é incluída no dossiê já enviado ao ministério e, a partir daí, o processo decorre rapidamente.

Em relação aos estatutos que a lei obrigava a adaptar, são escolhidos os da Congregação das Irmãs de St. Joseph aux Vans (Ardèche), aprovados anteriormente à Lei de 1825⁹⁵.

A 14 de agosto, o Conselho de Estado tinha dado a sua autorização⁹⁶. A 19, o documento é assinado pelo Imperador e a 21 é

91. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 8.8.1855. Arq. Mun. Ver també Arq · hist./RSCM. Caixa 20. Pasta 20.

92. Min. Cultos ao Paço. 11.10.1855 . Arq. h1st./Cong. Vol. V, 34. Ver também Inquisiio Doc. XVIII e 367.

93. P. Bonniol a Gailhac. 18.12.1855 . Arq. hist./Cong. Vol. V 35. Ver também *Inquisitio* Doc. XVIII e 367.

94. Pedido do Conselho de administração SCM. Arq. hist./Cong. Vol. II-A, 27.

95. Estatutos da Congregação das Irmãs de Saint-Joseph estabelecidas aux Vans. Arq. hist./Cong. Vol. II-A. 26.

96. Um amigo do Ministério dos Cultos a Gtbbal, 14.8.1856. Arq. hist./Cong. Vol. 11-A, 28.

registrado no Ministério dos Cultos⁹⁷. A partir de 19 de agosto de 1856, o Instituto do Sagrado Coração de Maria passa a ter personalidade jurídica como congregação dirigida por uma superiora geral, de acordo com os estatutos da Congregação das Irmãs de St. Joseph Aux Vans (Ardèche)⁹⁸.

Segundo a Lei de 24 de maio de 1825 e a decisão ministerial de 25 de junho de 1852, o reconhecimento legal dava ao Instituto o direito de possuir bens. Para que se efetivasse a transmissão dos bens comprados anteriormente, em nome do Padre Gailhac e da Madre Saint-Jean, realiza-se no dia 17 de janeiro de 1857, a escritura que regulariza a situação através da retrocessão de bens⁹⁹.

O Padre Gailhac cede o imóvel David, casa e jardim, que comprara a 18 de agosto de 1834; o terreno vizinho, adquirido a 29 de agosto de 1842; e o domínio de Bayssan, comprado a 30 de novembro de 1850. A Madre Saint-Jean cede a parte comprada em seu nome a 15 de fevereiro de 1849.

A 28 de janeiro de 1857, a Madre Saint-Jean faz um novo testamento, legando a totalidade dos seus bens móveis e imóveis ao Instituto do Sagrado Coração de Maria, seu herdeiro legal e universal¹⁰⁰. Medida de prudência, enquanto a retrocessão seguia os trâmites sempre demorados.

O pedido para a retrocessão é enviado para o Ministério dos Cultos. A 27 de março de 1857, o Ministério inicia a organização do processo do qual tinha de constar o parecer do bispo de Montpellier, a resenha pormenorizada dos bens a sofrer retrocessão, os documentos sobre a origem, qualidade, preços de aquisição etc.¹⁰¹. A 30 de março, o Paço pede a Gailhac os documentos exigidos pelo nível oficial¹⁰².

97. Decreto do reconhecimento legal da Congregação. Arq. hist./Cong. Vol. II-A. 29. Referencias posteriores Decreto Rec. Leg.

Nos princípios de Setembro o documento ainda não tinha chegado a Béziers. Um amigo do Ministério dos Cultos a Gibbal. 3.9.1856. Arq. hist./Cong. Vol. II-A. 31.

98. Decreto Rec. Leg. Arq. hist./Cong. Vol. II-A. 29.

99. *Proc. ap.* 978-984.

100. Arq. hist./Cong. Vol. 1-C. 75; Arq. hist./RSCM. Caixa 4, Pasta 8: *Proc. ap.* 985-987.

101. Ministro dos Cultos ao bispo de Montpellier. 27.3.1857. Arq. hist./Cong. Vol. II-A. 32.

102. P. Bonniol a Gailhac. 30.3.1857. Arq. hist./Cong. Vol. V, 36.

A 29 de abril, o Ministério dos Cultos tinha o material organizado, faltando apenas a assinatura do ministro para ser enviado ao Conselho de Estado¹⁰³. A 9 de junho do mesmo ano, o processo já tinha sido despachado pelo Conselho de Estado e, no dia seguinte, deveria ser enviado ao Imperador para que o assinasse¹⁰⁴.

A 18 de junho de 1857 é publicado oficialmente o decreto imperial¹⁰⁵. A notícia é recebida no Paço de Montpellier e enviada ao Padre Gailhac a 27 de junho¹⁰⁶. No dia seguinte, faz-se a ata da chegada do decreto. Assinam-na os Padres Bonniol, Gailhac, Gibbal, Madre Saint-Jean e restantes membros do Conselho da Comunidade¹⁰⁷.

Desde este momento, o Instituto do Sagrado Coração de Maria possui legalmente os edifícios onde estava instalado e a propriedade de Bayssan. Após a legalização, as compras feitas em nome do Instituto passam a estar sujeitas a autorização imperial. Sempre que se pretendia fazer nova aquisição de imóveis, esta tinha de ser requerida ao Ministério da Instrução Pública e dos Cultos que, por sua vez, pedia o parecer ao Prefeito do Hérault. Em última instância, este parecer era dado pelo Conselho Municipal que analisava pormenorizadamente a petição e as razões que a motivavam.

Reconhecido legalmente por decreto imperial e autorizado a possuir bens, o Instituto do Sagrado Coração de Maria é uma instituição de pleno direito perante o estado francês. Passa a desfrutar de um patrimônio com a possibilidade de o aumentar. Esta posição garante-lhe estabilidade face às instituições civis e permite-lhe iniciar uma nova fase.

103. Um amigo do Ministério dos Cultos a Gailhac. 5.5.1857. Arq. hist./Cong. Vol. II-A 34.

104. Um amigo do Ministério dos Cultos a Gibbal. 9.6.1857. Arq. hist./Cong. Vol. II-A 35.

105. Arq. hist.1Cong. Vol. II-A. 36.

106. *Reg. Prof RSCM*. 8-9 · Arq. hist./RSCM. Caixa 1. Pasta 1 .

107. *Reg. Prof RSCM*. 8-9 · Arq. hist./RSCM. Caixa 1. Pasta 1 .

A Casa Mãe em crescimento

Na altura em que o Instituto do Sagrado Coração de Maria foi fundado, passou a ocupar as instalações adquiridas pelo Padre Gailhac para o Refúgio. Durante os primeiros anos, a casa e a obra continuaram a ser conhecidas por convento do Bom Pastor.

A compra do terreno Jambon realizada pela Madre Saint-Jean, em fevereiro de 1849, seguida da construção nesse local de um pavilhão para o Internato, trouxera uma considerável ampliação do primitivo edifício. Todavia, com o aumento crescente das educandas e das irmãs, os espaços destinados ao Orfanato, à Preservação e à Comunidade, tornavam-se exíguos. Havia necessidade de instalações independentes para o Noviciado, Comunidade do Sagrado Coração de Maria e para as Irmãs da Virgem. No Orfanato e na Preservação, tornava-se necessário separar as mais velhas das mais novas. Apenas o Internato se podia considerar com instalações apropriadas às necessidades da época. Para tornar a casa mais saudável, era preciso rodeá-la de maior número de espaços ao ar livre.

O reconhecimento legal do Instituto e a conseqüente estabilidade que daí lhe advém, permite dar consistência ao seu patrimônio material. Por conseguinte, a Madre Saint-Jean procura ampliar, consolidar e adaptar o edifício de forma a torná-lo adequado às necessidades e fins a que se destinava. Com esse objetivo, resolve fazer a aquisição de terrenos à volta do convento, construir mais um pavilhão e uma capela e refazer os muros que circundavam a propriedade.

Os primeiros anos da década de sessenta são aqueles em que a Casa Mãe do Sagrado Coração de Maria ganha uma personalidade própria. A propriedade atinge praticamente a superfície definitiva e passa a ser designada por Convento do Sagrado Coração de Maria.

Era comum, naquela época, a preocupação de alargar e estruturar as casas onde as congregações tinham nascido. Construía-se vastos edifícios, que faziam dessas casas o verdadeiro centro da família religiosa. Quer pela orgânica quer pelas obras que mantinham,

essas casas constituíam um modelo para as casas filiais. O mesmo acontece com o Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Em janeiro de 1859, O Padre Gailhac consegue da Câmara Municipal que a rue des Poitiers passe a chamar-se rue du Sacré Coeur de Marie¹⁰⁸.

A 21 de agosto de 1860, a capela que até aí se chamava do Bom Pastor passa a ter como padroeira a Virgem Maria, tomando o nome de capela do Sagrado Coração de Maria¹⁰⁹.

Antes do fim do ano de 1861, começam as diligências para comprar ao Sr. Pelissier uma casa e respectivos pátios, situados no boulevard exterior e encravados nos muros do convento. É concedida a autorização a 29 de agosto de 1862 e a compra efetivada logo a seguir¹¹⁰.

Na sessão de 30 de outubro de 1862, o Conselho Municipal aprova duas petições apresentadas pela Madre Saint-Jean, nas quais se solicitava à Câmara Municipal a cedência de um terreno que ladeava o boulevard exterior e a autorização para aumentar a altura dos muros conventuais que circundavam a rue de La Faiance¹¹¹. A Câmara, que pretendia alargar esta rua, aproveita a oportunidade para propor uma troca de terrenos. Aceita a proposta, o Instituto fica com o terreno que havia solicitado no boulevard exterior e cedeu uma faixa de terreno na rue de La Faiance. O Instituto recebe ainda uma indenização e obtém a licença para a reconstrução dos muros com a altura desejada.

Na sessão de 11 de outubro de 1863, o Conselho Municipal aprova outro pedido da Madre Saint-Jean, no qual ela solicitava à Câmara a cedência de uma faixa de terreno público, ao longo do caminho de (ilegível), para possibilitar a construção de um muro de clausura¹¹².

108. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 6.2.1859. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20, Pasta 20. O pedido tinha sido feito em 31.1.1859.

109. *Reg. Prof. RSCM.* 10. Arq. hist./RSCM. Caixa 1. Pasta 1.

110. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 8.6.1862. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM Caixa 20. Pasta 20: Planta da Casa Mãe do SCM. Dossier SCM. Arq. Dép. Her.; *Proc. ap.* 1479-1481.

O boulevard extérieur é na atualidade o boulevard d' Angleterre.

111. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 30.10.1862. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20. Pasta 20.

112. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 11.10.1863. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20. Pasta 20. O caminho parece chamar-se Belbeuz.

A 15 de maio de 1864, nova petição para a compra de um terreno pertencente à Sra. Durand, junto dos edifícios e terrenos já adquiridos no bairro de (ilegível). A autorização é concedida tendo em conta a grande necessidade do estabelecimento no que se refere a pátios e jardins, onde as jovens pudessem respirar ar puro e desfrutar de um ambiente saudável, durante as horas do recreio¹¹³. Esta aquisição vai favorecer o conjunto dos amplos jardins que passam a constituir o parque.

A última melhoria efetuada durante o generalato da Madre Saint-Jean acontece em 1864¹¹⁴. Nesse ano, procede-se à construção de um novo pavilhão destinado às moças mais velhas da Preservação, no terreno situado entre a rue de La Faiance e o boulevard exterior. É ainda construída a capela de Nossa Senhora para uso das Irmãs da Virgem e das educandas da Preservação.

Estas ampliações vão dotar a Casa Mãe de um complexo de edifícios que correspondem às necessidades da época e a tornam o verdadeiro núcleo central do Instituto do Sagrado Coração de Maria. É curioso notar que o Conselho Municipal, ao conceder as autorizações, atendia sempre ao fato de os espaços serem exíguos para o número de pessoas que vivia na casa, considerando benéfico para a saúde das educandas a ampliação das instalações e dos espaços ao ar livre.

Ao longo do seu governo, a Madre Saint-Jean empenha-se em consolidar o berço do Instituto. Estruturada aquela que viria a ser a Casa Mãe do Instituto do Sagrado Coração de Maria, um desejo de expansão nasce na comunidade.

113. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 15.5.1864. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20. Pasta 20. O bairro parece chamar-se Belbezut.

114. Maynard 161.

Tentativa de novas fundações

Durante os últimos anos do governo da Madre Saint-Jean, empreendem-se diversos contatos para expandir o Instituto do Sagrado Coração de Maria na França, Irlanda e Inglaterra, sem que esses objetivos sejam atingidos¹¹⁵.

Em 1863, fazem-se diligências para fundar uma casa na cidade de Lyon. O Padre Gailhac escreve ao Cardeal de Bonnald, arcebispo da arquidiocese. A resposta é negativa, apresentando o Cardeal várias razões. Tratava-se de uma fundação recente e as constituições ainda não estavam aprovadas pela Santa Sé. Além disso, existindo já muitas comunidades religiosas na cidade, uma outra não seria necessária. Todavia, o Cardeal considera que "*mais tarde, quando a experiência tivesse provado a sua utilidade*", os seus sucessores decidiriam se deviam ou não admiti-la¹¹⁶.

O Padre Gailhac não desiste diante da primeira recusa. Escreve de novo insistindo no pedido, alegando que a presença da comunidade seria muito positiva para a arquidiocese. Certamente que "*o seu gênero de vida simples, humilde e impregnada de zelo*" atrairia as bênçãos de Deus. Apesar de, em Lyon, não haver falta de religiosos - acrescenta - que diferença faria numa cidade tão populosa "*mais uma pequena comunidade a viver só para amar a Deus e fazê-Lo amar*"? Começariam por um internato, mas brevemente abririam um orfanato e uma casa de preservação como em Béziers'. Assegurava que a fundação não seria uma sobrecarga financeira para a arquidiocese porque a "*comunidade de Béziers alimentaria a de Lyon*", e as alunas de Béziers viriam aperfeiçoar e completar aí a sua educação¹¹⁷. Não obstante a grande insistência do Padre Gailhac, a fundação de Lyon nunca se concretizou.

115. A tradição das RSCM assinalava que o P. Gailhac não tivera desejo de fundar casas em França, mas não foi o que sucedeu.

116. Cardeal de Bonnald a Gailhac, 4.7.1863. Arq. hist./RSCM. Caixa 6. Pasta 8.

117. Gailhac ao Cardeal de Bonnald. s.d. *Escritos* 4126.

Uma outra fundação esteve em projeto, durante a última doença da Madre Saint-Jean¹¹⁸. É a Madre Sainte-Croix que, em nome dela, faz diligências para abrir uma casa noutra região de França. A correspondência não registra a data nem a localidade mas deixa transparecer que houve uma casa em vista e que se tomou a decisão de juntar dinheiro para a compra. O assunto não teve seguimento.

A proliferação das congregações religiosas na França fazia com que as comunidades ultrapassassem as necessidades sentidas pelo país. Começa, então, a delinear-se uma tendência de saída para o estrangeiro, motivada também pelas dificuldades que o ambiente político da época levantava. Este movimento vai crescer a partir de 1870 e será marcado por um forte dinamismo missionário. O Instituto do Sagrado Coração de Maria não foge a esta corrente. A negativa do bispo de Lyon e a impossibilidade de concretizar outras fundações em França eram um sinal. Deus queria mostrar o caminho através das contradições. Já que em França não havia necessidade de mais religiosas, Deus ia lançá-las noutro país.

Crescia o número de religiosas irlandesas, se bem que a saúde de algumas debilitava-se pelas dificuldades de adaptação ao clima mediterrâneo¹¹⁹. Naturalmente, começa a pôr-se a hipótese de abrir uma casa na Irlanda. O ano de 1868 é marcado por uma série de tentativas da parte da Madre Saint-Jean e do Padre Gailhac para conseguirem uma fundação na Irlanda ou na Inglaterra.

O primeiro contato é feito com o Padre Kelly, de Kilkenny, na Irlanda¹²⁰. Este sacerdote tinha necessidade de uma congregação religiosa para a educação das duzentas meninas pobres da paróquia. Põe-se a hipótese da abertura de um internato e de uma sala de aula para aquelas crianças. No início, iriam para uma casa alugada que não permitia recebê-las todas. Logo que possível, construiriam um edifício que pudesse comportar a totalidade do grupo. A carta da Madre Saint-Jean deixa transparecer uma enorme alegria diante da possibilidade de concretizar a primeira fundação e de esta se dirigir

118. Duas cartas de M. Ste. Croix a um padre em nome de M. St. Jean. s.d. *Lettres* n.º 42 e 43. Arq. hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

119. Gailhac a Mgr. Le Courtier, 13.2.1870. *Lettres* n.º 12. Arq. hist./RSCM. Caixa 16, Pasta 5.

120. M. St. Jean ao P. Kclly, 1868. *Lettres* n.º 24. Arq. hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

especialmente aos pobres. Entretanto, as Irmãs do Loreto chegam a Kilkenny e abrem um internato. Desta forma, as Irmãs do Sagrado Coração de Maria já não são necessárias no local e a fundação de Kilkenny não se concretiza. Segundo um desabafo da Madre Sainte-Croix, "*começam aqui a Cruz e as contradições, no que respeita às fundações da Irlanda*"¹²¹.

Entre julho e outubro de 1868, o Padre Gailhac troca correspondência com um sacerdote inglês, o Padre Rogers, acerca da hipótese de uma fundação em Bury St. Edmunds, a sessenta milhas de Londres.

O Padre Rogers pretendia que o castelo *Coldham Hall*, à venda junto da sua missão, continuasse nas mãos dos católicos, e procurava uma congregação religiosa que o comprasse¹²². Através da Irmã Mary Theresa Smithwick, do Presentation Couvent, em Kilkenny, soubera do interesse de Gailhac em "*encontrar em Inglaterra um lugar agradável para fundar um ramo da Ordem do Sagrado Coração de Maria*"¹²³. O Padre Rogers propõe então a Gailhac a compra do Coldham Hall, que ele considerava "*admiravelmente situado para religiosas que quisessem ter um internato para meninas*"¹²⁴. Conforme a descrição, a casa tinha uma linda capela, vinte e dois quartos, um grande refeitório, salões, uma enorme cozinha, bons jardins, etc... Na opinião do Padre Rogers, seria possível comprar a casa sem os terrenos, por um preço acessível.

Estas condições agradam ao Padre Gailhac que, a 25 de setembro, escreve ao Padre Rogers manifestando-lhe o seu interesse em adquirir o imóvel¹²⁵. Entretanto, a responsabilidade da venda tinha passado para outra firma¹²⁶. O Padre Gailhac dirige-se aos novos proprietários, que nessa altura já não punham a hipótese de vender a casa

121. Preâmbulo da carta da M. St. Jean ao P. Kelly, 1868. *Lettres* n.º 24. Arq. hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

122. Ir. Mary Theresa Smithwick a Fanny, 7.7.s.a. *Proc. ap.* 6433-6434; P. Rogers a Gailhac, 9.10.1868. Arq. hist./Cong. Vol. II-C, 48.

123. P. Rogers a Gailhac, 21.7.1868. Arq. hist./Cong. Vol. II-C, 48. Ver também *Proc. ap.* 6435-6436.

124. P. Rogers a Gailhac. 21.7.1868. Arq. hist./Cong. Vol. II-C, 48. Ver também *Proc. ap.* 6435-6436.

125. P. Rogers a Gailhac, 21.7.1868. Arq. hist./Cong. Vol. II-C, 48. Ver também *Proc. ap.* 6435-6436.

126. P. Rogers a Gailhac, 21.7.1868. Arq. hist./Cong. Vol. II-C, 48. Ver também *Proc. ap.* 6435-6436.

separada do conjunto. No entanto, se, no futuro, viessem a decidir pela venda em separado, entrariam em contato com ele¹²⁷.

Por volta de agosto de 1868, há um outro contato proveniente de Callan, cidade situada no Condado de Kilkenny, diocese de Ossery, na Irlanda¹²⁸. O Padre Robert O'Keefe, pároco de Callan, interessado em desenvolver a educação cristã na sua paróquia, tinha convidado os Irmãos das Escolas Cristãs para dirigirem uma escola de rapazes. Desejava uma congregação que abrisse um internato e uma escola diurna para meninas.

A Madre Saint-Jean e o Padre Gailhac negociam a proposta ao longo de vários meses. O Padre O'Keefe vem a Béziers. Combinam as reparações a fazer na casa que a comunidade iria habitar e para as quais o Instituto adianta seiscentas libras (1500 francos.). A data da chegada das irmãs é marcada para dezembro, de forma que as aulas começassem em janeiro. Contudo, quando o Padre O'Keefe pede ao bispo autorização para a entrada das Irmãs, vê o seu pedido indeferido. O bispo alega não estar de acordo com a fundação por considerar que a paróquia não tinha fundos suficientes para manter uma comunidade religiosa. Esta recusa marca o começo de um longo desentendimento entre o bispo e o Padre O'Keefe. Não querendo este explicar ao Pe. Gailhac e à Ir. Saint-Jean o que estava acontecendo, vai propondo sucessivos adiamentos para a fundação.

Da parte do Instituto tudo estava preparado para a partida: o grupo de irmãs escolhido e designada a superiora da comunidade. A Madre Saint-Jean tinha seguido com muito interesse os preparativos da fundação de Callan. Apesar de se sentir muito doente, ainda pensava acompanhar pessoalmente a comunidade, como diz a Madre Sainte-Croix, em carta de 28 de fevereiro de 1869, dirigida ao Padre O'Keefe: *"provavelmente serão os nossos primeiros superiores a acompanhar a Callan o pequeno grupo"*¹²⁹. Contudo, a Madre Saint-Jean não chega a ver o seu desejo realizado, nem sequer teve conhecimento do impasse gerado à volta desta fundação.

127. *Carlisle e Ordell a Gailhac*, 6.11.1868. Arq. hist./Cong. II-C, 50. Ver também Proc. ap. 6437-6438.

128. A fundação de Callan será estudada mais pormenorizadamente pela Ir. Kathleen Connell, no segundo volume de *Uma caminhada na fé e no tempo*.

129. M. Ste. Croix ao P. O'Keefe, 28.2.1869. *Lettres* n.º 15. Arq. hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

Só bastante mais tarde, em finais de 1869, o Padre Gailhac e a Madre Sainte-Croix se percebem da complexidade da situação. Apesar das repetidas solicitações do Padre O'Keeffe, decidem não concretizar a fundação e garantem ao bispo que não tentariam entrar na diocese sem ele aprovar. A fundação de Callan nunca chega a realizar-se.

Nas diligências feitas em ordem a novas fundações, ainda em vida da Madre Saint-Jean, capta-se o espírito que as dinamiza: difundir *"as obras de zelo para maior glória de Deus e salvação das pessoas"*¹³⁰. É esta a força impulsionadora que ajuda a ultrapassar todas as canseiras e contratempos. Outro objetivo andava intimamente ligado a este espírito: o aumento das vocações, necessário para expandir e dar maior qualidade às obras.

Referindo-se à forma como concebia a missão do Instituto, a Madre Saint-Jean e a Madre Sainte-Croix acentuavam que as obras a desenvolver eram marcadas pela tônica de *"abraçar todas as classes da sociedade"*, sendo *"o pobre o objetivo principal de toda a dedicação"*¹³¹. As obras a empreender podiam ser variadas: internato, escola gratuita, orfanato, sala de labores. Começavam pela maior necessidade da localidade e, *"a pouco e pouco, seriam as mesmas da Casa Mãe, que abarcam a sociedade no seu conjunto"*¹³². Todos os projetos seriam sempre *"submetidos à vontade dos superiores eclesiásticos"* e às *"necessidades das localidades"*¹³³.

Se havia a ideia de reproduzir as obras da Casa Mãe, consideradas amplas e capazes de atingir todos os estratos sociais, aceitavam-se todavia quaisquer outras, desde que respondessem às necessidades mais prementes do local e proporcionassem a promoção humana e a educação cristã das jovens. Para qualquer fundação, é sempre considerada como absolutamente necessária a autorização do bispo da diocese. Sem o seu consentimento, as religiosas não tomam conta das obras. Outra questão que se põe, desde o princípio, diz respeito

130. M. St. Jean ao P. Kelly, 1868. Lettres n.º 24. Arq. hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

131. M. St. Jean ao P. Kelly, 1868. Lettres n.º 24. M. Ste. Croix ao Arcebispo de Westminster, 3.9.1870. Lettres n.º 21. Arq. hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5 .

132. M. Ste. Croix a um padre, em nome da M. St. Jean, s.d. Lettres n.º 42. Arq.hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

133. M. Ste. Croix a um padre, em nome da M. St. Jean, s.d. Lettres n.º 42. Arq. hist. RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

à casa e às disponibilidades econômicas. Ao longo das negociações, procura-se uma casa alugada e prevê-se a construção de um edifício apropriado logo que seja possível. As despesas a cargo da Casa Mãe devem ser as estritamente necessárias.

Apesar de todas as tentativas e do zelo ardente em expandir o Instituto, a Madre Saint-Jean morre sem ter conseguido ver concretizada nenhuma fundação. No meio das contradições, a semente iria dar fruto. A Providência de Deus, a quem eram confiados todos os esforços e esperanças, iria criar as condições para um grupo partir muito em breve para a Irlanda.

A doença e a morte são dois fatores que, ao longo do governo da Madre Saint-Jean, provocam dificuldades no Instituto nascente. Logo após as primeiras entradas, as doenças pessoais ou epidêmicas batem à porta.

Em 1854, grande parte da comunidade e das alunas é atingida pela cólera. Embora tenham sido tomadas todas as precauções possíveis, não se conseguiu evitar a morte de três órfãs¹³⁴. Em setembro do mesmo ano, a comunidade e muitas alunas são atacadas pela suete, febre acompanhada de suores frios¹³⁵. Apenas duas irmãs, entre elas a Madre Saint-Félix, ficaram de pé, tendo de tratar as doentes, dia e noite. No fim, a Madre Saint-Félix cai num tal esgotamento que leva dois anos a recompor-se.

Durante a vida da Madre Saint-Jean, morreram quinze irmãos do Sagrado Coração de Maria, entre as quais duas noviças e três postulantes¹³⁶.

A morte de Sainte-Marie Eustache, Saint-Cyprien Froment e Saint-Stanislas Gibbal que faziam parte do grupo da primeira profissão, causa um profundo desgosto aos restantes membros da comunidade.

A Madre Sainte-Marie, falecida a 6 de fevereiro de 1853, pouco tempo vive como professa distinguindo-se pela sua doçura, humildade e obediência. A Madre Saint-Cyprien, sofrendo de uma hidropisia nas pernas e de outros problemas de saúde, mantém-se de pé, enquanto pode andar, vindo a falecer a 4 de julho de 1856. A Madre Saint-Stanislas, que sempre fora doente, acaba por morrer a 15 de dezembro de 1859. Se a doença e a morte eram dolorosas para a comunidade, causavam grande sofrimento à Madre Saint-Jean, cuja saúde se ressentia¹³⁷.

O falecimento de outras pessoas intimamente ligadas ao Instituto é motivo de profundo desgosto para Madre Saint-Jean, o Padre Gailhac e toda a comunidade. É o caso do Padre Birouste, falecido em março de 1863. Também o desaparecimento da mãe do Padre Gailhac, em dezembro de 1863, e do pai, em

134. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1312.

135. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1312.

136. *Registre des Décès des Religieuses du Sacré Cœur de Marie de Béziers*. Arq. hist./Cong. Vol. II-A, 38. Ver também *Proc. ap.* 4640-4643. As noviças falecidas foram St. Basile, cuja morte desencadeou a Perseguição de 1855 e St. Alphonse, irlandesa.

137. Maynard 283 .

janeiro de 1866, são perdas que entristecem não só o filho mas todas as Irmãs, pelo bom relacionamento que havia com eles e pelo apoio que representavam para a comunidade¹³⁸.

Algum tempo depois da Perseguição de 1855, a Madre Saint-Jean é acometida de uma pneumonia¹³⁹. Durante quase um mês está entre a vida e a morte. A certa altura, começa a experimentar melhoras, acabando por se recuperar. Apesar de curada, nunca mais sentiria as mesmas forças.

Os últimos dez anos são de grande sofrimento físico. Com frequência, tinha crises de fígado prolongadas. Quando melhorava, facilmente voltava a recair. Em 1862, desloca-se a Vichy para tratamento. Sentindo algumas melhoras vai em peregrinação a La Salette para cumprir uma promessa feita em comunidade pelas suas intenções.

Mesmo quando doente, a atitude interior da Madre Saint-Jean é sempre de aceitação da vontade de Deus, procurando ocultar o sofrimento e não preocupar as Irmãs. A calma e serenidade que irradiava era para todas motivo de admiração. Procurava estar atenta às necessidades da casa, das alunas e das Irmãs, não negligenciando nenhum pormenor.

A partir de 1864, as crises tornam-se maiores. Em fevereiro desse ano, desloca-se a Montpellier para consultar o médico e fazer um tratamento. O Pe. Gailhac escreve-lhe apreensivo e lembra-lhe que *“uma superiora faz bem à comunidade tanto na saúde como na doença, desde que esteja unida a Jesus Cristo”*¹⁴⁰.

Ao longo do ano de 1868, a saúde da Madre Saint-Jean vai enfraquecendo cada vez mais. As crises são frequentes e mais intensas, dificultando-lhe o descanso, o seguimento da vida normal e a direção do Instituto. As limitações impedem-na de tratar diretamente os assuntos correntes. Geralmente, é a Ir. Sainte-Croix, sua assistente, que despacha a correspondência e faz os contatos exteriores. A Ir. Saint-Félix trata dela e dirige a casa, de acordo com a sua orientação. Apesar do sofrimento e da incapacidade, a Madre Saint-Jean segue com muito interesse e esperança todos os assuntos relativos à comunidade, às diversas obras e aos projetos de fundação. A fé e zelo brotavam das palavras que proferia e dos gestos que tinha para com todos. Durante a doença, tal como no tempo em que tinha saúde, foi sempre um testemunho para a comunidade.

138. Maynard 215: *Inquisitio* Doc II 5, 6, 305.

139. Dados relativos às doenças da M. St. Jean: Gibbal, *Red. D.* 19-20v: Maynard 282-288, 290. *Petite notice.* Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 93. Ver também *Proc. ap.* 330-359.

140. Gailhac à M. St. Jean, 13.2.1864. *Proc. ap.* 307-308.

QUARTA PARTE

**O ESPÍRITO -
FUNDAMENTO E VIDA**

Fundador ou Fundadora?

No contexto da França do século XIX são numerosas as congregações fundadas por padres diocesanos, especialmente entre 1840 e 1860¹. Para estas congregações receberem aprovação canônica e serem legalmente reconhecidas pelo estado francês, precisam designar uma superiora que automaticamente é considerada fundadora.

O Instituto do Sagrado Coração de Maria faz parte do número de congregações que têm, na sua origem, um padre diocesano – o Padre Gailhac - e aparece precisamente na época de apogeu deste tipo de fundações. Na ata do dia 24 de fevereiro de 1849, Appollonie Cure, Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal são investidas na responsabilidade de lançar os alicerces do Instituto². A ata não estabelece qualquer diferença no papel atribuído a cada uma delas. Contudo, desde o primeiro momento a Madre Saint-Jean tem um lugar de destaque no grupo fundador e lhe são conferidos títulos de superiora, superiora geral, primeira fundadora e fundadora. Qual é, de fato, o papel da Madre Saint-Jean na fundação? Como se conjugam a este nível as funções do Padre Gailhac, da Madre Saint-Jean e das primeiras irmãs do Instituto?

De um modo geral, a obrigatoriedade de designar uma superiora encontra eco numa líder que sobressai no interior do grupo e se impõe perante as instâncias oficiais. Na conjuntura político-eclesial do século XIX, na França, para superiora-fundadora era preciso uma pessoa com certa qualificação social e determinados dotes naturais. Era importante ter boas relações sociais, fortuna, independência familiar e capacidade de dirigir, sem, no entanto, revelar tendência para se emancipar em demasia da direção eclesiástica³.

Ora, a Madre Saint-Jean é, sem dúvida, dentro do grupo, quem possui um conjunto de dons que lhe conferem a liderança. Reúne,

1. C. Langlois. *Le catholicisme au feminine* (Paris: Du Cerf. 1884) 263 segg.

2. *Reg. Prof. RSCM*. 2v. Arq.hist./RSCM. Caixa 1, Pasta 1.

3. Langlois 168-169.

além disso , as capacidades requeridas para o efeito, pela conjuntura político-ecclesial. Oriunda de uma burguesia fundiária, entrara pelo casamento com Eugène Cure na burguesia liberal. Os seus nomes de família tornavam-na respeitável junto de várias instâncias sociais e eclesiais. Viúva, sem filhos, é completamente independente, podendo decidir da sua pessoa e bens. A sua fortuna, posta à disposição do Instituto, ajuda a consolidar estruturalmente as obras, possibilitando a aquisição de um património estável e dos rendimentos suficientes para sustentá-lo. A idade e experiência permitem-lhe ser bem aceita dentro e fora da comunidade. A anterior ligação a obras caritativas confere-lhe credibilidade perante as autoridades eclesiásticas e a experiência administrativa é garantia para uma boa gestão.

Por todas estas razões, a Madre Saint-Jean é a potencial superiora da comunidade e, conseqüentemente, a superiora geral. Não há conhecimento de qualquer eleição para colocar a Madre Saint-Jean como superiora geral. O mais natural é ter havido apenas uma nomeação feita pelo Padre Gailhac, em nome da autoridade eclesiástica. Nomeação que é assumida pelos restantes membros da primeira comunidade e pelas gerações que se seguem. No princípio, a Madre Saint-Jean tem dificuldade em aceitar o cargo. Todavia, a relutância inicial não a impede de se abrir à Graça e aceitar a vontade de Deus. Numa atitude de disponibilidade, assume a missão que lhe confiam. Ao ser nomeada superiora, a Madre Saint-Jean recebe o encargo de administrar e dirigir o Instituto no aspecto material e espiritual, responsabilidade que partilha com o Padre Gailhac⁴.

Ao tomar o primeiro lugar dentro do grupo fundador, a Madre Saint-Jean posiciona-se como primeira fundadora relativamente às outras irmãs, ainda que estas sejam consideradas fundadoras. Deste modo, para as estruturas civis e eclesiais, ela é fundadora.

Como a Madre Saint-Jean não tinha preparação específica para a missão que lhe é conferida, o Padre Gailhac procura dar-lhe uma formação conforme ao cargo para que tinha sido designada. Na correspondência que lhe dirige, salienta a circunstância de Deus a ter escolhido para superiora e fundadora. Às vezes, constata simplesmente o acontecimento. Outras vezes, exorta-a a tornar-se digna

4. M. St. Félix . *Proc.ap.* 1315.

destes cargos e a conseguir os requisitos necessários para bem exercê-los: "*É preciso que se compenetre do seu título, é superiora e, mais do que isso, é fundadora. São sobretudo as virtudes que devem fundar uma casa. A sua perfeição deve ser a base*"⁵.

A Madre Saint-Jean está convicta de que não recebeu uma inspiração original para ser fundadora. O Espírito impulsiona-a unicamente a concretizar uma consagração a Deus, associando-a à obra já empreendida. Se aceita ser superiora é porque intui que Deus a escolheu na Sua imensa misericórdia e que a Sua vontade passa pelo contexto em que vive: "*Lugar para o qual Deus quis escolher-me, tornando-me mãe e superiora de uma tão grande comunidade*"⁶.

Está consciente de que o Padre Gailhac é o fundador da obra que empreendeu no meio de sofrimentos e contrariedades. Nunca emprega a palavra fundadora. Quando se refere a si própria, fá-lo associando-se a Gailhac. Em relação à obra, não se sente em igualdade de circunstâncias, pois tem consciência de que Deus a chama apenas a colaborar, enquanto Gailhac é chamado a fundar. "*O senhor, [Gailhac] foi escolhido desde toda a eternidade para empreender a obra à qual Deus quis associar-me*"⁷ - é uma frase expressiva da convicção interior com que a Madre Saint-Jean vive esta dimensão.

Para ela, o Padre Gailhac é quem transmite o espírito, quem traça a Regra, quem sabe exatamente o rumo a seguir. A ela compete-lhe entrar nos caminhos e concretizar os seus planos... "*Esforçar-me-ei por praticar a Regra que nos quis traçar*"⁸ e "*Deus dar-me-á a graça para poder entrar nos seus projetos*"⁹ - são expressões utilizadas inúmeras vezes, com diferentes formas e em diversos contextos, nas cartas ao Padre Gailhac. Ao associar-se a Gailhac e ao colaborar ajudando a desenvolver o Instituto do Sagrado Coração de Maria que o Padre Gailhac tinha idealizado, ela é co-fundadora.

De fato, o Padre Gailhac é o fundador do Instituto do Sagrado Coração de Maria. É de quem recebe o carisma fundacional e dá os

5. Tratado sobre a dignidade de uma superiora. *Proc.ap.* 322-325.

6. M. St. Jean a Gailhac. 23.04.1850. *Proc.ap.*267.

7. M. St. Jean a Gailhac. 21.9.1849. *Proc.ap.* 205.

8. M. St. Jean a Gailhac. 20.10.1849. *Proc.ap.* 223.

9. M. St. Jean a Gailhac. 29.10.1849. *Proc.ap.* 230.

primeiros passos para concretizar a fundação. E isto, quer ao nível da missão, quer da comunidade. O Refúgio tinha sido idealizado por ele, assim como fora ele que sentira a necessidade de arranjar uma congregação religiosa que sintonizasse com o seu carisma. É ele quem descobre as primeiras Irmãs, quem as motiva a fazer parte da comunidade e quem as congrega. Para as Irmãs que a ele se associam, o Padre Gailhac é o transmissor de um modelo de santidade, de um espírito e de um serviço de Igreja.

O próprio Padre Gailhac se reconhece como fundador do Instituto. Nos documentos oficiais, não prescinde do título de fundador e superior. No processo de reconhecimento legal, a primeira petição é feita por ele. Nas primeiras tentativas de fundações, as cartas dirigidas aos bispos das respectivas dioceses são escritas em seu nome.

Ao longo de todo o generalato da Madre Saint-Jean, o Padre Gailhac tem uma intervenção ativa e constante na comunidade. A sua relação é permanente e profunda. Orientara o discernimento vocacional de cada uma das Irmãs da comunidade fundadora. Como guia espiritual das primeiras noviças, ajudou-as a encontrar o caminho de seguimento de Jesus Cristo como religiosas do Sagrado Coração de Maria. Foi sempre o confessor e o capelão da comunidade. Dava todos os dias os pontos de meditação da manhã. Fazia conferências, pregava os retiros mensais e anuais. No domínio espiritual, o Padre Gailhac influenciava toda a comunidade, conhecia cada Irmã e tinha ascendência sobre todas.

Ao mesmo tempo, a sua relação com a comunidade passava por atitudes bastante informais. Nos primeiros tempos, substituía as mestras nas aulas, quando estas necessitavam de se ausentar. Castigava as alunas mal comportadas. Participava no passeio anual do Internato, animando-o com as suas brincadeiras. O seu relacionamento era marcado por um estilo simples, mas direto e exigente: *"Dê lembranças minhas às religiosas e às alunas. Diga particularmente à Madre Sainte-Croix e Saint-Stanislas que sejam muito humildes e só procurem a Deus. Mil saudades ao meu pai e à minha mãe"*¹⁰.

Sendo o Padre Gailhac o fundador do Instituto do Sagrado Coração de Maria, a Madre Saint-Jean deve ser considerada, em relação às irmãs, primeira fundadora, e ao Padre Gailhac, co-fundadora.

10. Gailhac à M. St. Jean. 18.9.1851. *Proc.ap.* 305.

Às vezes a Madre Saint-Jean fica numa certa sombra em relação ao Padre Gailhac. Todavia, há que ter em conta as circunstâncias. Em primeiro lugar, há aspectos na Madre Saint-Jean que não são fáceis de conhecer. A documentação que lhe está diretamente ligada é pouca e situa-se no início da sua vida religiosa com os condicionalismos próprios desta fase. O desgosto que sofreu com a viuvez e que, nos primeiros anos, transparece numa melancólica tristeza, dificulta no início uma maior intervenção da sua parte. Mais tarde, quando já estaria mais apta a interferir, a doença diminuiu-lhe as capacidades e condicionou-lhe a ação. Mesmo com estas limitações, consoante ía tendo experiência da vida religiosa e a saúde lho permitia, a Madre Saint-Jean respondia corajosamente e com eficácia às responsabilidades que sobre ela recaíam.

A clarividência e humildade com que a Madre Saint-Jean aceita o lugar que lhe compete possibilitam o crescimento e a consolidação do Instituto, sem conflitos internos, tão comuns na época, sempre que se tratava de designar um fundador ou fundadora. A Madre Saint-Jean foi capaz de assimilar e viver o espírito transmitido pelo Padre Gailhac, de o deixar passar através de si, de o despertar e desenvolver nos outros membros da comunidade. Ao partilhar o projeto inicial como co-fundadora, recebeu a missão de congregar a primeira geração para viver esse mesmo espírito e tornou possível institucionalizar o carisma do Instituto do Sagrado Coração de Maria na Igreja. A fidelidade ao seu chamamento pessoal e a capacidade de assumi-lo em totalidade dão à Madre Saint-Jean um lugar insubstituível no Instituto.

Ao serviço da unidade na diversidade

Quando a Madre Saint-Jean é designada superiora geral, é-lhe confiada a administração e a direção espiritual e material do Instituto, que partilharia com o Padre Gailhac. Para além de superiora geral, passa a ser superiora da comunidade e diretora da obra. Com estas funções, a Madre Saint-Jean tem o papel de fazer a unidade e dinamizar a missão. Fazer a unidade representava criá-la e consolidá-la em relação à comunidade que crescia e às obras que se diversificavam. Dinamizar a missão significava revitalizá-la e impregná-la do espírito do Instituto.

À medida que as Irmãs aumentam e surge uma nova nacionalidade - a irlandesa - mais urgente se torna desfazer barreiras, congregar, criar a união de espírito e de coração. A transformação das obras abre o leque dos ministérios e traz um aumento do número de educandas. A casa passa a constituir um enorme complexo com necessidade de uma administração eficaz e de uma coordenação que dinamize o conjunto como um todo coeso e impregnado do mesmo espírito.

Na primeira comunidade, cada uma das irmãs, segundo os seus dons, assume a responsabilidade de uma obra.

A Madre Sainte-Croix acumula funções em relação à comunidade e à missão¹¹. É nomeada primeira assistente da Madre Saint-Jean e diretora do Internato. Neste último cargo, revela-se a grande educadora que sempre tinha sido. A sua experiência e o zelo pelo crescimento integral das alunas dão solidez a esta obra. A pedagogia que utilizara nos seus internatos é a que procura concretizar agora como religiosa e que tenta transmitir às Irmãs que com ela trabalham. A sua compreensão, o acolhimento suave e cordial, o espírito de fé e de amor, a dedicação sem limites, a capacidade de aliar a bondade com a firmeza marcam fundo a personalidade das educandas. As primeiras gerações de mestras do Internato formaram-se

11. Maynard 281. *Souvenirs Pens.* Arq. hist./Cong. Vol. IV-A. 65.

com a Madre Sainte-Croix e assimilam muita da sua forma de ser. O seu dom específico para aquilo a que tradicionalmente se chama educação ajuda a desenvolver este talento noutras Irmãs e faz com que este ministério frutifique no Instituto. Na proposta educativa do Instituto do Sagrado Coração de Maria, ao longo de mais de uma centena de anos, podemos reconhecer o jeito especial da Madre Sainte-Croix.

A Madre Saint-Stanislas está encarregada das doentes da comunidade e assume vários outros trabalhos na obra¹². Nomeada mestra de noviças, começa a exercer o cargo apenas depois da Profissão. Nessa altura, passa também a ser superiora das Irmãs da Virgem. Com o aumento das vocações, o seu tempo fica repartido entre a formação das noviças do Sagrado Coração de Maria e as Irmãs da Virgem. Dotada de carácter sereno, reto e generoso e de vida interior profunda, dedicada no serviço de Deus e dos mais necessitados, a Madre Saint-Stanislas exerce uma influência marcante nas primeiras gerações de Irmãs do Sagrado Coração de Maria.

A Madre Saint-Félix que, desde a entrada em religião, é responsável pelo Orfanato, consegue transformá-lo num espaço de crescimento integral¹³. Àquelas crianças sem família dedica toda a afabilidade da sua juventude.

A Madre Saint-Cyprien, encarregada do Refúgio nos primeiros meses, assume a responsabilidade da Preservação¹⁴. A sua dedicação impregnada de humildade e a capacidade de responsabilizar as jovens religiosas que se iniciavam nesta tarefa imprimem à Preservação um ambiente que contribuí, de forma muito positiva, para o crescimento e equilíbrio das educandas.

Bayssan exige cuidados especiais. Cabe à Irmã Saint-Modeste a tarefa de tratar da casa e da capela. O seu espírito de abnegação consegue prover às necessidades da capela, nomeadamente no aspecto da parâmentos e alfaias litúrgicas¹⁵. A Irmã Sainte-Agnes realiza vários trabalhos. Despenseira da casa e enfermeira do Internato, é a única que tem um ministério aberto ao exterior da casa – o Dispensário - tão bem visto pelas autoridades camarárias e pela população da cidade¹⁶. Pelo menos no início, os restantes trabalhos

12. Maynard 281, 285, 291-292.

13. Maynard 281; M. St. Félix. *Proc. ap.* 1302-1308.

14. Maynard 281. 285.

15 . Maynard 88.

16. Nota à margem em *Souvenirs Pens.* Arq . hist./Cong. Vol. IV-A. 65: *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 8.6.1862. Ver também Arq . hist./RSCM Caix;a 20. Pasta 20.

domésticos estariam sob a orientação da Irmã Saint-Aphrodise. Entre estes trabalhos, conta-se até 1853, o transporte de água da fonte pública para casa, que ocupa duas Irmãs durante todo o dia¹⁷. Sempre que é necessário, faz o peditório para a obra.

O crescimento da comunidade possibilita uma maior distribuição dos trabalhos e, apesar das doenças e mortes precoces, as obras e a diversidade de ministérios vão-se consolidando.

A Madre Sainte-Elisabeth Bousquet, depois de professor, trabalha na Preservação, acabando por substituir na direção desta obra, em 1856, a Madre Saint-Cyprien¹⁸. Em 1859, a Madre Saint-Paul Mestre é designada diretora oficial dos estabelecimentos de beneficência, à frente dos quais se manteve durante muitos anos¹⁹. No mesmo ano, a Madre Saint-Félix assume o cargo de mestra de noviças²⁰.

A doença da Madre Saint-Jean diminuía-lhe as forças físicas. Como precisava de ser ajudada no governo e orientação da casa, esta missão recai sobre a Madre Sainte-Croix, primeira assistente²¹. Quando as crises da Madre Saint-Jean se tornam mais frequentes, impedindo-a de estar permanentemente na comunidade, a Madre Sainte-Croix é quem toma o seu lugar. Não podendo estar presente no Internato, a direção deste é assumida pela Madre Saint-Charles Mac-Mullen, mestra desde o dia da sua entrada em comunidade²². As Madres Saint-Grégoire, St. Gaudens, Saint-Jerôme Robert, Saint-Xavier Fraty, Sainte-Félicité Schuquet, Saint-Clément Vessiere colaboravam como professoras e mestras no Internato²³.

Quando a Madre Saint-Jean começa a precisar de cuidados especiais, passa a ser tratada pela Madre Saint-Félix, a quem é confiada à parte administrativa e o cargo de segunda assistente²⁴. Para o seu lugar de mestra de noviças, é nomeada a Madre Saint-Thomas Hennessy²⁵.

17. Gailhac ao Conselho Municipal. s.d. *Proc. ap.* 6427-6428.

18. Testemunho da Ir. Adelaide Bousquet, antiga Oblata. *Arq. hist. /Cong.* Vol. IV-A, 26; Testemunho da Ir. Madeleine Bousquet, antiga Oblata. *Proc. ap.* 2608.

19. *Arq. hist./Cong.* Vol. IV-A, 77.

20. Maynard 292. *Inquisitio* nota 86. 185.

21. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1315.

22. *Souvenirs Pens.* *Arq. hist./Cong.* Vol. IV-A. 65.

23. *Souvenirs Pens.* *Arq. hist./Cong.* Vol. IV-A. 65. *Reg. personnel Pens.* *Arq. hist. Cong.* Vol. IV-A. 65.

24. Maynard 292-293: *Petite notice.* *Arq. hist./Cong.* Vol. I-C. 93. Ver também *Proc. ap.* 330-359. M. St. Félix. *Proc. ap.* 1315.

25. *Inquisitio* 209 nota 9.

Nos assuntos administrativos, a Madre Saint-Jean é auxiliada pelo Conselho de Administração. Tinha um caráter consultivo e era composto pelas assistentes, mestra de noviças, ecônoma e Irmãs mais antigas eleitas. Em 1856, participavam nele, para além da Madre Saint-Jean, as Madres Sainte-Croix, Saint-Stanislas, Saint-Félix e Saint-Thomas²⁶. Em 1861, compunham-no as Irmãs já referidas, exceção para a Madre Saint-Stanislas e ainda Saint-Paul, Saint-Charles, Sainte-Eulalie e Sainte-Elisabeth²⁷.

A diversidade de ministérios e a internacionalidade presentes na primeira geração consolidam-se ao longo do generalato da Madre Saint-Jean. Esta consolidação deve-se à capacidade que ela tem de animar, congregar, dar uma direção comum, fazer circular o mesmo espírito. A Madre Saint-Jean tem o carisma do superiorato, que é evidente no modo como faz a animação da comunidade e como dirige a casa. Desde o primeiro dia de entrada no Bom Pastor, a maneira como organiza os serviços, como compra e vende em função das necessidades da missão, como equilibra os orçamentos e dirige as novas construções, mostram a sua capacidade de coordenação e um jeito especial para administrar. Sem estar presa a quimeras, toma sobre si a pesada responsabilidade que lhe é confiada, providencia o presente e projeta o futuro.

A presença ativa da Madre Saint-Jean é sentida em todos os níveis. O trato exigente mas bondoso atrai a confiança, tornando-a querida das religiosas e das educandas. Consegue ser desde o início o traço de união na comunidade. Da primeira vez que está doente, a sua ausência do cotidiano traz desentendimentos e divisões que põem em risco o bom andamento da vida comunitária e da obra²⁸. Os problemas só desaparecem quando volta à atividade. Pela sua atuação firme, mas bondosa, sabe criar de novo a união. Pela forma como vive o espírito do Instituto, ajuda a primeira geração a construir a sua identidade.

Nos últimos anos de vida, a Madre Saint-Jean preocupa-se em formar a Madre Sainte-Croix e Saint-Félix para assumirem futuras responsabilidades no Instituto. Segundo a Madre Sainte-Croix, “a

26. Ata da sessão do Conselho de Administração RSCM. 10.6.1856. Arq. hist/Cong. Vol. II-A. 27.

27. *Reg. Prof. RSCM*. 10 V. Arq. hist./RSCM Caixa 1, Pasta 1.

28. Maynard 282.

*Madre [Saint-Jean] aproveitava as conversas pessoais com as assistentes, para instruir, esclarecer e dirigir na difícil arte de orientar os outros e para lhes comunicar os seus pensamentos e sentimentos mais íntimos. Inspiravam-se [a Madre Sainte-Croix e Saint-Félix] na sua Madre e podiam esperar ver perpetuado na comunidade o santo impulso dado pela digna fundadora*²⁹.

O governo da Madre Saint-Jean é verdadeiramente um governo ao serviço da unidade. Acolher a diversidade de talentos e de nacionalidades, as diferentes obras, animá-las com o mesmo espírito para que comunidade e missão vivessem a verdadeira unidade, é o papel fundamental da Madre Saint-Jean. No fim do seu generalato, os alicerces do Instituto estão lançados de uma maneira sólida. A unidade do Instituto do Sagrado Coração de Maria está consolidada na diversidade. O Instituto está apto "*para maior glória de Deus, anunciar o Seu nome e a Sua glória em diversas nações*".³⁰

29 . *Petite notice*. Arq. hist./Cong. Vol. I-C. 93. Ver também *Proc. ap.* 330-359.

30. Gailhac ao Instituto: GS/23/VII/84/A.

Inserção em Béziers

Numa época em que os poderes públicos exerciam tão grande fiscalização sobre as congregações religiosas, há naturalmente contatos assíduos entre as autoridades municipais e o Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Nas atas das sessões do Conselho Municipal de Béziers, aparecem com frequência petições de diverso teor feitas pelo Instituto. Com os respectivos pareceres do Conselho e a decisão tomada relativamente ao assunto em causa. O Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria é o único instituto religioso a nascer em Béziers. O bom acolhimento que lhe manifestam as autoridades e a população da cidade ajuda, em parte, no seu ritmo inicial de crescimento.

Durante o governo da Madre Saint-Jean, há onze sessões do Conselho Municipal realizadas entre 11 de maio de 1853 e 15 de maio de 1864 em que são tratados assuntos ligados ao Instituto. Nelas são analisadas várias petições feitas pelas Irmãs do Sagrado Coração de Maria e pelos Padres do Bom Pastor, para além do pedido de reconhecimento legal da congregação.

Como os requerimentos são transcritos na íntegra ou, pelo menos, resumidos no essencial, fica-se com a ideia exata dos pedidos formulados, daquilo que os motivou, das opiniões do Conselho e dos motivos que justificam as decisões. O conjunto dá uma imagem da vida, do trabalho e de algumas preocupações dos primeiros anos do Instituto, manifesta o pensamento das autoridades civis em relação às suas obras, evidencia o apreço que lhe têm e a utilidade que vêem no seu desenvolvimento.

Cinco das petições são para melhorar as condições em que vivem as educandas. A primeira, discutida na sessão de 11 de maio de 1853, é relativa à colocação de uma válvula de entrada de água para a casa, com capacidade para as diversas necessidades de cento e trinta pessoas. A petição é atendida tendo em conta que *“o convento do Bom Pastor pode ser considerado uma instituição pública”*, pelos

serviços que presta, ajudando jovens arrependidas a entrarem no bom caminho e, sobretudo, pelos cuidados maternais dispensados às órfãs³¹.

Os outros quatro requerimentos, feitos em 1862 e 1864, são pedidos de autorização para a aquisição de terrenos junto à casa já existente³². O primeiro é deferido *"tendo em conta que a instituição do Sagrado Coração de Maria presta serviços incontestáveis à cidade de Béziers, quer em relação ao ensino gratuito de moças, quer na ajuda a mendigos doentes"*³³. O último é atendido, *"considerando que desde a sua fundação a instituição religiosa e caritativa do Sagrado Coração de Maria não parou de proporcionar serviços à população pobre da cidade, quer recebendo órfãos abandonados, quer ensinando gratuitamente as jovens recolhidas na Preservação e que, em reconhecimento desses serviços, a cidade concede-lhe um subsídio anual"*³⁴.

Pelo tom das petições e dos pareceres do Conselho Municipal, é perceptível que as diversas obras do Sagrado Coração de Maria são bem conhecidas na cidade e que os seus empreendedores têm um bom relacionamento com as autoridades camarárias. O deferimento concedido a todos os projetos de aquisição de terrenos prova que as autoridades civis não receiam a acumulação inútil de bens por parte do Instituto. Pelo contrário, todas as compras são consideradas necessárias e imprescindíveis ao bom funcionamento da instituição.

Mas há duas petições que são indeferidas depois de analisadas, nas sessões de 24 de setembro de 1854 e de 2 de outubro de 1862. O assunto de ambas relaciona-se com o acesso ao cemitério. Em 1854, a Câmara pretendia alargar a rua que conduzia ao cemitério e mudar o percurso dos enterros, fazendo-os passar pela rue des Potiers, precisamente em frente do convento. Para isso, lança um inquérito aos moradores da área sobre as vantagens e desvantagens da mudança. Aparecem apenas duas opiniões contrárias. Uma, assinada pelos moradores da rua, outra pelo Padre Gailhac que alega

31. Dél. Cons. Mun. Béz. Sessão 11.5.1853. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20. Pasta 20.

32. Dél. Cons. Mun. Béz. Sessões 8.6.1862. 30.10.1862 e 15.5.1864. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20. Pasta 20.

33. Dél. Cons. Mun. Béz. Sessão 8.6.1862. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20, Pasta 20.

34. Dél. Cons. Mun. Béz. Sessão 15.5.1864. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20. Pasta 20.

que "a passagem dos enterros incomodava os que vinham ao convento encomendar trabalhos e contribuiria para entristecer as pessoas que nele viviam e o visitavam"³⁶.

Em 1862, é o Padre Gibbal que, em nome do Instituto, pede a mudança das portas da entrada no cemitério "para que os enterros não passem defronte do convento". E isto, por causa "das alunas do Internato e seus pais"³⁷.

O primeiro requerimento é indeferido por "considerarem que os motivos não tinham nenhum fundamento sólido: o desagrado de ver passar enterros é comum a todos os habitantes que disso nunca se queixaram... que o cemitério, longe de ser lugar de repulsa, atrai todos os dias numerosos visitantes e, sobretudo senhoras que aí vão rezar"³⁸.

No segundo requerimento, nem chegam a serem dadas as razões do indeferimento. A ata refere os sentimentos de indignação que o pedido causou aos membros do Conselho. O Presidente da Câmara, depois de ter solicitado o parecer de várias comissões, "que aderiram à sua opinião e acham o pedido pouco conveniente aos interesses da cidade, não hesita em pedir ao Conselho que lhe dê o seguimento que merece. O Conselho, vendo os planos e sem querer ouvir mais nada, partilhando em massa os sentimentos de... e exprimindo-os ainda mais vivamente, decide por unanimidade rejeitar a proposta"³⁹.

Estes pareceres são bem diversos dos que se referiam às aquisições e provocam no Conselho Municipal reações diferentes do habitual. Apesar disso, as relações com as autoridades camarárias não se alteram.

As obras do Sagrado Coração de Maria não são conhecidas apenas das autoridades. A população de Béziers também está consciente da importância dos serviços prestados pelo Instituto e vai seguindo pelos jornais alguns dos acontecimentos com ele relacionados. Com frequência, na coluna das Notícias Locais aparecem referências ao que se

36. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 24.9.1854. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20, Pasta 20.

37. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 2.10.1862. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20, Pasta 20.

38. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 24.9.1854. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20, Pasta 20.

39. *Dél. Cons. Mun. Béz.* Sessão 2.10.1862. Arq. Mun. Ver também Arq. hist./RSCM. Caixa 20, Pasta 20.

passava na instituição manifestando assim, que os assuntos do Instituto do Sagrado Coração de Maria e dos Padres do Bom Pastor são notícia para a cidade.

Os dois artigos do *Jornal de Béziers*, publicados em julho de 1857, dão uma ideia do que pensa a cidade acerca das obras do Instituto do Sagrado Coração de Maria⁴⁰. Um e outro procuram salientar o espírito de caridade cristã que reina na casa e que nada tinha a ver com interesses privados. O primeiro artigo, ainda que veladamente, faz alusão à Perseguição de 1855 - *"o espírito de difamação, a calúnia, juntaram-se contra ele [P. Gailhac]. Fez-se recair sobre ele as maiores e mais incríveis acusações. Podia responder em voz alta: - 'examinem a minha vida e julguem quem sou'. Mas preferiu continuar em silêncio a sua dedicada e abnegada obra, deixando que o tempo confundisse os seus caluniadores"*⁴¹. Toda a sequência do artigo é um louvor às obras empreendidas pelo Padre Gailhac, pela Madre Saint-Jean e pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

O Instituto do Sagrado Coração de Maria não vive à margem dos habitantes e das autoridades de Béziers. Pelo contrário, as suas obras são conhecidas, aceitas e consideradas mesmo imprescindíveis para a cidade. Os seus dinamizadores, Padre Gailhac e Madre Saint-Jean, são apreciados e considerados por dedicarem a sua vida a obras tão prementes. As instalações adaptadas às necessidades, a organização da casa, a equilibrada distribuição dos horários, a forma como as educandas são preparadas para a vida futura não passam despercebidas.

As calúnias que, de quando em quando se levantam contra o Padre Gailhac, a Madre Saint-Jean e as obras, são suscitadas por alguém que se sente lesado e consegue arrastar atrás de si outras pessoas. No entanto, as ondas de boatos acabam por desaparecer, as obras do Sagrado Coração de Maria prosperam e a cidade de Béziers vai-se apercebendo de que o Padre Gailhac continua *"as suas obras com um zelo, uma perseverança e uma unidade de visão que revelam ser um homem de Deus"*⁴².

40. Journal de Béziers 17.7.1857 e 31.7.1857.

41. Journal de Béziers 17.7.1857.

42. Journal de Béziers 17.7.1857.

Em comunhão com as estruturas eclesiais

D. Charles Thibault, bispo da diocese no tempo em que o Instituto do Sagrado Coração de Maria é fundado, será o seu grande impulsionador. O seu apoio concretiza-se, de uma maneira clara, na aprovação das primeiras Constituições e na vontade de presidir à Tomada de Hábito.

Perante as difamações e intrigas propagadas pela cidade contra o Padre Gailhac e a Madre Saint-Jean, a atitude de D. Thibault é de provar publicamente, no dia da Profissão, o desprezo que tem pelos caluniadores e mostrar quanto admira o Padre Gailhac, a Madre Saint-Jean e o Instituto que nascia. As suas visitas à comunidade são frequentes e constituem sempre um incentivo para todas as Irmãs. Nos anos que se seguem, face às acusações feitas ao Padre Gailhac e indiretamente ao Instituto, o modo de agir de D. Thibault é sempre o mesmo. Consola o Padre Gailhac, dá-lhe força e coragem para continuar mesmo com dificuldades: *“Eu sou o seu apoio depois de Deus. Estou consigo com todo o meu coração de pai e de amigo”*⁴³.

A relação entre a autoridade diocesana e o Instituto é franca e aberta. Desde o princípio que a Madre Saint-Jean tem facilidade de comunicar com o bispo como se pode depreender da seguinte passagem: *“Estou à sua disposição, minha muito querida filha, e disponível para prestar a paternal atenção que devo a tudo o que tem para me dizer”*⁴⁴.

Essa comunicação aberta continua com o andar dos anos. Durante a Perseguição de 1855, a espontaneidade com que a Madre Saint-Jean recorre a D. Thibault é prova de como ela e Gailhac estavam habituados à compreensão e ao apoio do seu bispo nas horas difíceis. D. Thibault sabe também que Jean Gailhac está entre os padres leais da diocese e considera o Instituto do Sagrado Coração de Maria como uma das congregações com quem pode contar

43. Mgr. Thibault à Gailhac. 10.1.1853. Arq. hist./Cong. Vol. V, 29. Ver também *Proc. ap.* 847.

44. Mgr. Thibault à M. St. Jean. 1.3.1850. Arq. hist./Cong. Vol.I-C, 65.

incondicionalmente. Este aspecto é tanto mais relevante quanto o episcopado de D. Thibault é perturbado por várias correntes e por conflitos com membros influentes do clero diocesano⁴⁵.

Entre 1861 e 1873, tempo do controverso episcopado de D. François Le Courtier, o Padre Gailhac e o Instituto do Sagrado Coração de Maria continuam a boa relação mantida até aí com o seu predecessor.

Os conflitos entre o bispo e o clero tomam grandes proporções, a ponto de a autoridade episcopal não ser aceita por determinados setores da diocese. Chegam a organizar-se autênticos complôs contra o bispo, que acaba por pedir a demissão da diocese. Estas lutas devem-se às atitudes tomadas por D. Le Courtier no sentido de combater a inércia, os abusos do clero e a fachada exterior de determinada prática religiosa que não correspondia à vida concreta. A maneira rude como o fez suscita a oposição, não conseguindo fazer-se obedecer. A certa altura, tem vários processos em Roma levantados por padres da diocese. Várias destas queixas são tomadas em conta por causa das suas conhecidas ideias galicanas. É exemplo disso o conflito com os Padres Adoradores Missionários, fundados pelo Padre Soulas, em Montpellier.

Não há conhecimento de qualquer animosidade entre o bispo, o Padre Gailhac, o Instituto do Sagrado Coração de Maria e os Padres do Bom Pastor. Quando a dificuldade bate à porta, D. Le Courtier está presente com uma palavra encorajadora: "*Acredite, querido superior, que me alegro quando está contente: quando a provação o visitar, pode dizer com toda a verdade non habemus pontificam qui non possit compati. As minhas bênçãos e a minha amizade para si, querido superior, e para toda a sua fiel e piedosa comunidade*"⁴⁶. "*Penso que já respondi às preocupações da sua carta do dia 2, mas quero responder, mais uma vez, porque lhe tenho amizade*"⁴⁷, é uma frase esclarecedora do bom relacionamento existente. Chega até a desabafar e pedir ajuda para os seus problemas: "*Perdoe-me, querido padre, por lhe causar tantas*

45. Mgr. Thibault é também apoiado pelos PP. Soulas. Tarrow, pelos párocos rurais e pelos seus mais diretos colaboradores.

46. Mgr. Le Courtier a Gailhac. 18.7.1863. Arq. hist./Cong. Vol. V, 38. Ver também *Proc. ap.* 850-851.

47. Mgr. Le Courtier a Gailhac. 4.7.1865. Arq. hist./Cong. Vol. V, 49. Ver também *Proc. ap.* 854-856.

*canseiras, mas é justo que alguém me ajude numa região em que o ministério é tão ingrato*⁴⁸.

D. Le Courtier está presente também nas provações que atingem Gailhac e a comunidade. É o que acontece na morte de sua mãe: *“Coragem, querido superior, coragem, a sua santa mãe reza por si e, assim, tem duas no céu. Coragem. a paz e a bênção sobre a minha querida casa do Bom Pastor e as suas obras. Sabe que estou todo consigo e o meu coração não precisa de grandes frases para o provar*⁴⁹.

Segue com amizade a doença da Madre Saint-Jean e, a 3 de março de 1869, escreve ao Padre Gailhac: *“Tomo vivamente parte na sua dor e encarrego-o muito particularmente de dar lembranças minhas à querida doente e de lhe dar a minha bênção. Rezarei por ela na Missa*⁵⁰.

Esta relação confiante e amiga com um bispo tão contestado foi possível devido à atitude de comunhão eclesial em que o Padre Gailhac vivia, diretriz fundamental de toda a sua vida e que transmite ao Instituto que fundou.

Enquanto o relacionamento com o episcopado de Montpellier, durante o generalato da Madre Saint-Jean, é rico, constante e permanente, com a Santa Sé apenas em 1868 se pode assinalar o primeiro contato. A razão por que isto acontece é o fato do Instituto do Sagrado Coração de Maria ser, nessa altura, de direito diocesano e depender apenas do prelado de Montpellier.

Este primeiro contato com a Santa Sé faz-se numa época em que a Igreja universal está ativamente empenhada na angariação de fundos para o chamado óbulo de São Pedro. Nem os bispos acentuadamente galicanos se excluíaam desta tarefa. Já D. Charles Thibault tinha envolvido toda a diocese no movimento e D. François Le Courtier dá-lhe continuidade.

Integrada nesse movimento da Igreja universal, a Madre Saint-Jean, em fevereiro de 1868, escreve uma carta a Sua Santidade, o

48. Mgr. Le Courtier a Gailhac. 5.3.1872. Arq. hist./Cong. Vol. V. 75. Ver também *Proc. ap.* 859.

49. Mgr. Le Courtier a Gailhac. 30.12.1863. Arq. hist./Cong. Vol. V, 40. Ver também *Proc. ap.* 851-852.

50. Mgr. Le Courtier a Gailhac. 3.3.1869. Arq. hist./Cong. Vol. V, 59. Ver também *Proc. ap.* 857.

Papa Pio IX, por intermédio do cardeal Bemala⁵¹. Nela expressa a sua veneração pelo vigário de Cristo e, ao mesmo tempo, faz-lhe uma generosa oferta em dinheiro, renovável todos os anos. A oferta fora obtida pela participação da comunidade e de todas as alunas. Pio IX responde enviando-lhe a bênção apostólica extensiva às numerosas pessoas que faziam parte das suas obras.

O gesto da Madre Saint-Jean, em nome do Instituto e das alunas, para além de querer mostrar, de forma evidente, a veneração que ela e todo o Instituto tinham pela pessoa do Papa e pelo seu primado na Igreja, tem um segundo objetivo. Ao fim de dezenove anos de vida, que se tornava cada vez mais vigorosa, e com a intenção de abrir casas noutros países, impunha-se dar os primeiros passos para uma futura aprovação pontifícia. Dar a conhecer o Instituto à Santa Sé é o princípio de um longo processo. As diligências concretas para efetivar a aprovação vão caber à Madre Sainte-Croix, logo após a morte da Madre Saint-Jean.

51. *Lettres* n.º 60. Arq. hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

Significado de um nome

O onomástico de uma congregação religiosa diferencia-a das suas congêneres e torna-a única. Nas congregações fancesas do século XIX, a escolha do nome é significativa deixando perceber a missão, o espírito e a devoção preferencialmente adotada pelo grupo⁵². Está ainda relacionada com o contexto mais amplo das devoções e movimentos de espiritualidade existentes na época. O nome é, portanto, um elemento chave para conhecer a identidade de uma congregação e a conjuntura que a viu nascer.

De qualquer forma, nesta escolha do nome há parâmetros que tem de ser respeitados. A designação tem de estar dentro da ortodoxia da Igreja para ter possibilidade de ser aprovada. Ainda que os vocábulos a utilizar não sejam muito variados, há uma imensidade de hipóteses para combiná-los, resultando daí certa singularidade. Quanto mais simples for o nome, maior número de probabilidades terá de se manter intacto, isto é, sem adulterações populares.

A obra do Refúgio, fundada por Gailhac, em 1834, tinha sido por ele chamada de Bom Pastor, designação comum a este tipo de casas de recuperação de moças. No entanto, não é este o nome adaptado pelo instituto religioso feminino fundado por Gailhac. A conotação que esta designação tinha nos conventos femininos franceses já não representava tudo aquilo que constituía a identidade do novo instituto. A imagem do Bom Pastor como aquele que ama de uma maneira autêntica, que procura unir o disperso, que esta disponível à vontade de Deus, que conhece as suas ovelhas pelo nome, que dá a vida para que todos tenham vida, continua a inspirar o zelo

52. Langlois 175 segg.

Como na França do século XIX, aparecem muitas congregações com o nome semelhante, houve tendência para acrescentar a cidade ou diocese onde nasceram. Exemplo são as inúmeras designações de Saint-Joseph: Saint-Joseph ao Aux Vans. Saint-Joseph de Lyon. Saint-Joseph de Cluny, etc. Outras congregações tornaram-se conhecidas pelo nome popular que não corresponde ao oficial, mas é tirado do local onde se situam a casa mãe, da cor do hábito, etc. São exemplos disso as dames de Saint-Maur ou Dames Noires, as Soeurs Grises, as Soeurs Blanches, etc.

das religiosas. Contudo, a concretização deste espírito na missão é muito mais ampla do que um refúgio. Gailhac irá utilizar a designação de Bom Pastor na congregação masculina que funda logo a seguir. O Bom Pastor é, então, com toda a sua densidade simbólica, o modelo a imitar pelos padres.

Desde o primeiro momento, 24 de fevereiro de 1849, o Instituto do Sagrado Coração de Maria adota a invocação de Maria na particularidade do seu sagrado coração. O Padre Gailhac não chega a explicar a razão que determinou esta escolha e na tradição do Instituto não existe qualquer referência ao assunto. Todavia, a escolha não é feita ao acaso.

A preferência por uma designação mariana está ligada ao ambiente espiritual que se vive na altura da fundação. Desde o princípio do século XIX que se vinha desenvolvendo a teologia mariana segundo a concepção de Bérulle, isto é, considerando Maria em íntima ligação com Jesus como o caminho mais acessível para chegar a Ele. Este desenvolvimento teológico é considerado de uma forma especial na devoção à Imaculada Conceição e ao Coração de Maria. A partir das aparições a Catherine Labouré, em 1830, e da divulgação da medalha milagrosa em 1832, as duas devoções passam a andar ligadas. Em 1837, funda-se a Arquiconfraria do Muito Santo e Imaculado Coração de Maria que divulga e populariza, por toda a França, a devoção e piedade marianas⁵³.

Inspiradas nesta corrente, mesmo sem uma espiritualidade caracteristicamente mariana, numerosas congregações do século XIX mencionam no seu nome os mistérios da vida de Maria⁵⁴. Na França, surgem duzentas e sessenta e nove congregações em cujo nome aparece, sob formas diferentes, uma invocação a Maria. Entre 1830 e 1860, surge com frequência a designação de Coração de Maria, havendo cinquenta e três congregações que, no seu nome, explicitam esta invocação.

Deste modo, pode concluir-se que o nome do Instituto de Sagrado Coração de Maria está plenamente integrado na época, na medida em que é reflexo do ambiente espiritual que se vivia na Igreja.

53. *As aparições culminam em 1858 com a aparição em Lourdes.*

54. *Das setecentas congregações existentes, no mundo, sob a invocação de Maria, um terço surgiu na primeira metade do século XIX. A partir de 1802 até 1898, todos os anos há fundações sob a égide de Maria. Depois de 1860, as congregações tomam nomes ligados à Ressurreição e Redenção. E. Bergh. "Les congrégations féminines des XIX et XX siècles" Maria 3 (1954): 467-488.*

É natural e compreensível que, apesar de Gailhac ter dado ao Instituto uma espiritualidade cristocêntrica, tenha buscado em Maria o melhor modelo para as religiosas, também mulheres, seguirem e se configurarem com Jesus Cristo.

Para Gailhac, a vida das Irmãs do Sagrado Coração de Maria deve ser seguir Jesus, imitando Maria, porque *"o espírito de Maria é precisamente o espírito de Jesus Cristo"*⁵⁵. Maria é, no plano humano, a mais perfeita imagem de Jesus. Imitando-a, as Irmãs estão a imitar Jesus. Ela é o caminho mais seguro, mais transparente e mais radioso para adquirir o espírito de Jesus Cristo. Maria é, portanto, um modelo perfeitamente identificado com as correntes teológicas da época e com a condição humana e feminina das religiosas.

A designação de Instituto do Sagrado Coração de Maria é de tipo invocativo. A utilização da forma invocatória mostra claramente a amplitude da visão teológica de Gailhac, que não se confina a imitar um aspecto do mistério de Cristo, a praticar de forma especial uma virtude ou a trabalhar num ramo apostólico concreto⁵⁶. As Religiosas do Sagrado Coração de Maria deverão imitar Jesus Cristo na sua totalidade, *"a fé não é senão a Fé, a Esperança e o Amor agindo em todos os pormenores da vida"*⁵⁷ e a missão é a colaboração na Obra da Redenção. Ser Religiosa do Sagrado Coração de Maria é ser cooperadora, como foi Maria, na Obra da Redenção.

A visão teológica de Gailhac, transmitida numa variedade de perspectivas e com uma grande profundidade de conteúdos, é de uma extrema simplicidade, reduzida ao essencial, e de uma evidente unidade. Toda a sua visão se insere no quadro do plano salvífico de Deus. Na profundidade do seu ser, Jesus Cristo é Salvador. Vem de Deus para conduzir a humanidade a Deus. Para as religiosas, fé e zelo, glória de Deus e salvação das pessoas são as vertentes de uma mesma realidade, como aconteceu com Jesus - compromisso com Deus e com os irmãos.

A diversidade de vocábulos e de perspectivas é sempre expressão da única realidade para que o Instituto foi fundado *"conhecer e amar a Deus, torná-Lo conhecido e amado para que todos tenham vida"*. A obra de Deus é uma só - a Obra da Redenção - que é

55. Gailhac ao Instituto: GS/12/85/A.

56. Langlois 180.

57. Gailhac ao Instituto: GS/24/179/A.

também a única Obra de Jesus. Às Irmãs compete continuar esta Obra de Jesus Cristo, isto é, serem cooperadoras na Obra da Redenção. As obras em que as Irmãs trabalham não são para ele um fim em si mesmas, não são o fim do Instituto. São apenas um meio através do qual colaboram na Obra da Salvação. O essencial é a participação na Redenção da humanidade. Os trabalhos, as obras e os lugares podem variar conforme as épocas, as necessidades, as localidades e os talentos das irmãs. O que é imutável é ser dom a Deus e aos irmãos, numa perspectiva de libertação da pessoa humana.

Esta missão ampla, dinâmica, atenta ao essencial, quis Gailhac traduzi-la no nome que deu ao Instituto. Maria foi aquela que participou, em totalidade, na missão salvífica de Jesus. Maria foi a mais perfeita cooperadora na Obra da Redenção. Foi no seu coração que se gerou a disponibilidade a Deus, o amor aos irmãos, à doação a Jesus Cristo. O coração de Maria é para Gailhac o espaço de amadurecimento da Palavra, dos sinais, dos acontecimentos. É o símbolo da fidelidade, do sim total a Deus.

Todo o fim do Instituto é fazer o bem para glória de Deus e salvação da humanidade, e esta foi também a única preocupação do coração de Maria: *"Vós sois filhas do Sagrado Coração de Maria, desse coração que tanto cooperou na Obra da Redenção. Este nome só por si já vos diz como deve ser a vossa dedicação, o zelo com que deveis cooperar na santificação das pessoas para glorificar Deus por toda a eternidade"*⁵⁸.

O próprio Padre Gailhac está consciente destas características onomásticas, como se pode depreender do seguinte comentário: *"Deus fez surgir uma quantidade de comunidades, sob a invocação de diferentes atributos de Maria e, a vós, ao criar-vos, deu-vos um nome que reúne todos, porque Sagrado Coração de Maria quer dizer Maria na sua totalidade. Irmãs do Sagrado Coração de Maria, se quereis ser dignas deste nome, o vosso coração deve ser o reflexo deste coração cuja perfeição arrebatou o próprio Deus"*⁵⁹.

A designação de Sagrado Coração de Maria é expressão daquela totalidade de vida que o Padre Gailhac propunha às religiosas: *"Sêde todas de Deus, em espírito, coração e vontade"*⁶⁰.

58. Gailhac ao Instituto: GS/10/VI/84/A.

59. Gailhac ao Instituto: GS/9/IX/82/A.

60. Gailhac ao Instituto: GS/12/XI/72/A.

Da cidade para o mundo

O local de nascimento de qualquer congregação religiosa determina o seu estilo e evolução. As fundações urbanas distinguem-se das rurais pelas motivações que estão na sua origem, no tipo de membros que aceitam, na forma como as comunidades se expandem, na estrutura adotada e, conseqüentemente, por todo o desenvolvimento posterior⁶¹.

Na França, as fundações urbanas atingem o apogeu entre 1840 e 1859⁶². A maior parte destas congregações destina-se a dirigir uma obra social já existente, ligada ou não a uma pároquia. Uma vez fundadas, grande parte delas por um padre diocesano, estas obras precisam de quem as continue e lhes dê idoneidade. Uma congregação religiosa é a garantia de tudo isto.

Dado que as obras sociais necessitam de infraestruturas sólidas, as congregações urbanas nascidas em função dessas obras têm uma implementação complexa e lenta. Chegam a viver vinte ou trinta anos apenas com uma casa, sem que isso ponha em causa a sua sobrevivência.

O número crescente das pessoas assistidas pela obra leva a que as casas tenham de sofrer aumentos sucessivos, que as transformam em edifícios descomunais. A obra absorve a vida da comunidade religiosa que, diante da multiplicidade de solicitações internas, se fecha ao exterior adotando um estilo de vida mais ou menos conventual.

Esta complexa estrutura carece de pessoal qualificado, daí que, para bem realizarem a missão que lhes é conferida, as congregações precisam selecionar seus membros. Em contrapartida, há trabalhos que não exigem um elevado grau de preparação. Estas diferentes necessidades levam à admissão de religiosas provenientes de estratos

61. Langlois 219-233.

As fundações rurais que nascem para alfabetização da população ou tratamento dos doentes, têm um estilo mais leve, multiplicam as pequenas comunidades, sendo menos exigentes nos membros que aceitam, caso contrário, despareceriam rapidamente.

62. Fundam-se cinquenta e nove congregações. O apogeu das fundações rurais é anterior e, nesta data, já há um refluxo. Langlois 219-233.

sociais diversos. O ingresso no seio da comunidade não anula as diferenças. Numa época em que a sociedade está ainda estratificada, em que existe um fosso cultural entre as classes, em que a origem familiar tem um grande peso, a vida religiosa não consegue transpor estas barreiras. No interior das comunidades urbanas passam a existir dois tipos de Irmãs - de coro e coadjutoras.

O Instituto do Sagrado Coração de Maria, tem na sua estrutura, elementos característicos de uma congregação nascida no meio urbano. Nasce em função de obras já existentes - o Refúgio e o Orfanato. Organiza-se numa grande casa, que é única durante vinte anos, e estrutura-se com um estilo de vida semiconventual. Na sua orgânica, existem, desde a fundação, Irmãs de coro e Irmãs coadjutoras, ainda que, segundo as primeiras constituições *"a única diferença entre umas e outras estará na forma do hábito e nos trabalhos"*⁶³.

No seu nome, o Instituto adota o vocábulo Dames, comum às congregações nascidas no meio urbano. Na ata relativa à entrada das fundadoras, em 24 de fevereiro de 1849, o Instituto está registado como Dames Religieuses du Sacré Coeur de Marie. Embora nas atas da Tomada de Hábito e da Profissão das primeiras Irmãs se encontre a designação de Religieuses du Sacré Coeur de Marie, nas primeiras Constituições, em 1850, adota-se Dames du Sacré Coeur de Marie⁶⁴. Será esta a forma utilizada no pedido para a legalização do Instituto e no decreto imperial de 1856 que lhe dá personalidade jurídica.

O governo do Instituto é confiado a uma superiora geral. Também, neste aspecto, o Instituto do Sagrado Coração de Maria participa do comum das congregações francesas do século XIX, que têm tendência a institucionalizarem-se com um governo geral. Este fato está em contraposição com as Ordens dos séculos anteriores, onde, na generalidade, cada casa era independente das demais. Desde o princípio, o Instituto pressupunha que, havendo outras fundações, as diferentes casas filiais ficariam dependentes do governo central. Esse governo era exercido por uma superiora geral eleita em capítulo geral.

As congregações femininas não são geralmente muito influenciadas pelas correntes políticas. De qualquer forma, há cláusulas estabelecidas pelas autoridades civis e eclesiais que as congregações têm

63. Constituições 1850. Arq. hist./Cong. Vol. II-A. 6.

64. O *Reg. Prof. RSCM* foi recopiado, mais tarde, por uma só mão. Pode ser que tenha havido, por engano, a omissão de Dames.

de aceitar, se querem desenvolver-se e expandir-se⁶⁵. Uma das condições indispensáveis à legalização é a classificação estatutária adaptada pela congregação.

Depois da Revolução Francesa, as congregações religiosas femininas ficam oficialmente classificadas em três grupos: hospitaleiras - as que tratam os doentes e têm obras caritativas; educadoras - as que se dedicam apenas à instrução e educação de crianças; hospitaleiras-educadoras - as que têm uma atividade apostólica mista. Este último grupo possuía orfanatos, refúgios, preservações, escolas gratuitas, internatos e serviço de doentes. As congregações aprovadas a partir da lei de 1825, ao escolherem determinado fim, eram classificadas oficialmente segundo estas três categorias. Como pela lei de 1852 as novas congregações deviam adaptar estatutos de outras já existentes, ficavam classificadas segundo os estatutos da congregação que escolhiam.

Ao pedir o reconhecimento legal, o Instituto do Sagrado Coração de Maria adapta os estatutos das Irmãs de Saint-Joseph aux Vans, que tinham como fim “a instrução das jovens do seu sexo, o serviço gratuito dos doentes, quer em hospícios quer ao domicílio, e de todas as outras obras de misericórdia”⁶⁶. Adaptando estes estatutos, o Instituto fica classificado oficialmente como congregação hospitaleira-educadora, abrindo assim um vasto leque de possibilidades à sua missão.

Mais uma vez, a larguesa de visão do Padre Gailhac está claramente definida. As obras são apenas um meio para conduzir as pessoas ao amor de Deus. O Instituto é um espaço de libertação no plano humano-divino. Existe para salvar com Jesus Cristo, para ser vida para o mundo. Com a classificação oficial de congregação hospitaleira-educadora, está confirmado o fim do Instituto já consignado, desde 1850, nas Constituições: *“o fim do Instituto do Sagrado Coração de Maria é dedicar-se a todas as obras que possam contribuir para a salvação das pessoas”*⁶⁷.

Os últimos anos do generalato da Madre Saint-Jean tornam mais firme a inspiração original que fizera nascer o Instituto. Depois de vários anos de vida e com uma experiência já alicerçada, o Padre Gallhac pode dizer ao arcebispo de Dublin, em fevereiro de 1870:

65. Langlois 235.

66. Arq. hisy./Cong. Vol. II-A. 26.

67. Constituições 1850. Arq. hist./Cong. Vol. II-A. 6.

*"Enviar-lhe-ei religiosas que são todas de Deus. Posso dizer, com toda a simplicidade, que as nossas religiosas são edificantes. As nossas obras de zelo vão desde as altas classes da sociedade até à orfãzinha ou à jovem exposta no mundo. Tenho a certeza de que a simplicidade das minhas filhas, a sua humildade, o seu zelo, o seu espírito de obediência serão para si, Eminência, uma grande alegria, e, para a diocese, uma verdadeira edificação"*⁶⁸.

E a Madre Saint-Jean, já no fim da vida, podia escrever ao Padre Kelly de Kilkenny: *"Os pobres são o fim principal da nossa vida, do zelo e dedicação das nossas queridas filhas. A vossa confiança faz-me vislumbrar um vasto campo para o bem, numa cidade que acolhe com tanto apreço as nossas obras de zelo que abrangem todas as classes da sociedade. Encontrar-nos-á sempre dispostas a auxiliar os seus esforços para a glória de Deus e a salvação das pessoas."*⁶⁹

68. Gailhac ao Cardeal Cullen, 13.2.1870. Lettres n.º 13. Arq. hist./RSCM. Caixa 16, Pasta 5.

69. M. St. Jean ao P. Kelly, 1868. Lettres n.º 24. Arq.hist./RSCM. Caixa 16, Pasta 5.

A morte da Madre Saint-Jean

No final do ano de 1868, a doença da Madre Saint-Jean progride rapidamente⁷⁰. Ainda consegue participar na sua festa, em dia de São João. A 24 de fevereiro de 1869, fica de cama. A 28 de fevereiro, a Madre Sainte-Croix põe a hipótese de ela acompanhar pessoalmente as Irmãs que iriam para Callan⁷¹. Contudo, a Madre Saint-Jean não se levanta mais.

Consciente de que o fim está próximo, comunica-o ao Padre Gailhac e à comunidade: *"Não esperava deixá-los tão cedo, mas Deus assim o quer. Que a Sua santa vontade seja feita"*.

Os últimos dias são de um grande sofrimento, suportado com paciência e em total adesão à vontade de Deus. Abençoa toda a comunidade e, de uma maneira especial, as Irmãs destacadas para a Irlanda. Em seguida, recebe a Santa Unção e a Comunhão, participando conscientemente nas preces feitas pela comunidade. O irmão vem visitá-la. A pedido do Padre Gailhac, recebe-o e reconcilia-se com ele nessa hora.

Apercebendo-se da tristeza das Irmãs, sobretudo da Madre Sainte-Croix e da Madre Saint-Félix, diz-lhes: *"Então? Deviam dar-me coragem e sou eu quem sou obrigada a dá-la?!"*.

Vem a falecer no dia 4 de março de 1869, às seis horas da tarde. Ao ser anunciada a sua morte, uma enorme tristeza invade a comunidade e as alunas. Todas sentem a sua perda. O enterro processa-se com solenidade. O cortejo fúnebre é aberto pelos rapazes da Colônia Agrícola, seguido das alunas da Pequena e Grande Preservação, do Orfanato, do Internato e da Comunidade das Irmãs do Sagrado Coração de Maria.

70. Para esta parte as principais fontes são: Gibbal. Red. D. 22-22 v: Maymard 289-290. Petite notice. Arq. hist./Cong. Vol. I-C, 83. Ver também Proc. ap. 330-359.

71. M. Ste. Croix ao P. O'Keeffe. 28.2.1869. Lettres n.º 15. Arq. hist./RSCM. Caixa 16. Pasta 5.

Em casa, nos dias que se seguem, sente-se um verdadeiro vazio, o desgosto é minorado pelos testemunhos de veneração vindos das pessoas de fora, inclusive das autoridades municipais. A medida que os amigos tomam conhecimento do que acontecera fazem chegar ao convento cartas de condolências em que procuram consolar irmãs, realçando a virtude da Madre Saint-Jean e reafirmando a amizade que lhe tinham.

O bispo D. Le Courtier deve ter recebido a notícia no dia 5 e, nesse mesmo dia, escreve ao Padre Gailhac: *"Estou consigo na dor que experimenta diante de tão grande perda e quero que diga a todas as minhas filhas que o meu profundo pesar se une à sua profunda tristeza. No céu, a veneranda superiora vai intensificar o seu papel protetor sobre as duas famílias e certamente vai obter para nós a graça de uma maior regularidade, fervor, submissão e humildade"*⁷².

A 12 de março, *Le Publicateur* de Béziers publica um artigo evocando aspectos da vida da Madre Saint-Jean que considerava *"inteiramente dedicada ao serviço dos pobres"*. Na opinião de uma das irmãs de sangue da Madre Sainte-Croix, é um artigo sóbrio como convinha a quem sempre quis viver com simplicidade⁷³.

Foi necessário tempo para que a comunidade se recompusesse da perda daquela que tinha sido, durante vinte anos, a sua pedra basilar. As últimas palavras que a Madre Saint-Jean dirigiu ao Padre Gailhac revelam a fortaleza de espírito, a fé, a esperança e o zelo que tinham dado o tom à sua vida de consagração a Deus: *"Meu pai, tenha coragem! Deus estará consigo e saberá consolá-lo nas provações. Sim, as nossas obras vão prosperar!"*

*Braga. 24 de fevereiro de 1990
Festa da Fundação do Instituto
Ano Centenário da morte do Padre Gailhac*

72. Mgr. Le Courtier a Gailhac 5.3.1869. Arq. hist./Cong. Vol. V, 60. Ver também Proc. ap. 857-858.

73. Lettre de St. Joseph Vidal à sua irmã M. Ste. Croix Vidal s.d. Arq. hist./Cong. Vol I-C, 88.

ANEXOS

Anexo I

A. O Galicanismo e os Quatro Artigos

O Galicanismo foi uma corrente política-eclesiológica francesa que, durante vários séculos, procurou submeter a Igreja Católica ao poder político e limitar a autoridade do Papa na França. Todas as tomadas de posição oficiais neste sentido tinham como pretexto as liberdades galicanas. Com o intuito de manter privilégios adquiridos, as instâncias hierárquicas francesas, na sua generalidade, aceitaram a situação. Delimitou-se, assim, uma Igreja oficial com acentuadas características nacionalistas - a Igreja Galicana.

Com o governo de Luís XIV, o Galicanismo estrutura-se com solidez. O rei, apoiado por Bossuet, consolida os alicerces da Igreja Galicana, já que esta é um dos suportes indispensáveis para obter a centralização política do Estado e consequentemente a unidade e equilíbrio do reino da França. Para atingir estes objetivos, em outubro de 1681, Luís XIV convoca uma Reunião Extraordinária do Clero Francês. Na sessão de abertura, em 19 de março de 1682, Bossuet apresenta um documento redigido por ele próprio - Declaração do clero galicano sobre a jurisdição eclesiástica - que continha Quatro Artigos:

- "Como Pedro recebeu de Deus um poder unicamente espiritual, os reis e príncipes não estão sujeitos em assuntos temporais a nenhuma autoridade eclesiástica. Não poderão ser diretamente depostos, nem seus súditos desligados da obediência e fidelidade a eles, em virtude do poder eclesiástico das chaves".
- "O pleno poder da Sé Apostólica. em assuntos religiosos, é restringido pelos decretos do Concílio de Constança, sob a autoridade dos concílios ecumênicos. Estes foram sempre fielmente observados pela Igreja Galicana e permanecem constantemente em vigor. Não são de autoridade duvidosa nem foram promulgados unicamente para o período do cisma"
- "O exercício da jurisdição papal é regulado pelos cânones. A par destes, persistem em absoluta validade as normas, as tradições e organizações da França e da Igreja Galicana, bem como os critérios dos Santos Padres".

- "Em matéria de fé, o Papa tem parte principalíssima, mas as suas decisões apenas são irrefutáveis se tiverem o consentimento da Igreja universal".

Depois de aprovados pela reunião geral e apoiados pelo Parlamento e pelo clero francês, os Quatro Artigos estendem-se a todas as dioceses do reino. A sua assinatura passa a constituir um aspecto básico do Galicanismo. Deviam ser jurados por todos os candidatos ao estudo e lecionação de Teologia e Direito Canônico, vigorando esta medida ainda no século XIX. Os Quatro Artigos foram considerados o símbolo da Igreja Galicana, mas nunca foram reconhecidos pela Santa Sé.

B. A Revolução Francesa e a Igreja

Nos fins do século XVIII, a Revolução Francesa lança a desorientação e a divisão total no clero e nos católicos, conduzindo ao caos a vida cristã. A Igreja Galicana, dividida dentro de si mesma, sem vitalidade, atrelada à monarquia absolutista, está incapaz de resistir às medidas revolucionárias. A princípio, a Revolução não se faz contra a Igreja, mas a estreita ligação da Igreja ao rei, originada pelo Galicanismo, precipita os acontecimentos e a Assembleia Nacional Constituinte resolve adotar várias medidas contra a religião.

Em 1789, dá-se a abolição dos privilégios do clero, a secularização dos bens da Igreja e sua venda pública, ficando a cargo do Estado o sustento do clero, dos seminários e das igrejas. As paróquias recebem a classificação de primeira, segunda e terceira classe e o ordenado dos párocos é estipulado conforme a categoria da paróquia. Com a perda dos rendimentos das igrejas, grande parte do clero passa a viver com dificuldades econômicas. Os edifícios dos seminários são anexados pelo estado, acabando a maior parte deles por fechar. Estas medidas dão o primeiro golpe no clero secular.

Em 1790, são atingidas as ordens religiosas, com a supressão de todos os mosteiros “inúteis”. Como já em 1770 tinham sido substancialmente reduzidos, acabam por completo, nesta altura. Grande parte dos monges que pertenciam ao clero regular passam para o clero secular, outros saem do país. As religiosas deixam a vida de comunidade. Se a vida religiosa continua a existir, é na clandestinidade. A partir desta data, também já não é possível a aquisição de bens por parte dos conventos.

A 12 de julho de 1790, é promulgada a Constituição Civil do Clero, que os padres devem jurar. Este juramento cria uma cisão na Igreja Galicana. Doravante, o clero fica dividido em dois grupos - o clero ajuramentado que, aderindo à Revolução e à Igreja constitucional, jura a Constituição, e o clero não ajuramentado, que não adere à Igreja constitucional e recusa o juramento, ficando conotado como anti-revolucionário e refratário. Com esta separação total, passam a existir duas igrejas sem possibilidade de reconciliação: a Igreja constitucional e a Igreja refratária.

Sem consultar a Santa Sé, o Estado faz nova divisão das circunscrições eclesíásticas. As dioceses baixam de cento e trinta e cinco para oitenta e cinco. As paróquias passam a abranger seis mil pessoas.

Sagram-se bispos constitucionais para substituir os antigos, conotados com a monarquia. Procura-se abater a antiga Igreja Galicana e organizar a Igreja Constitucional, dependente do Estado Revolucionário. Era uma nova forma de galicanismo.

As medidas tomadas geram um clima de hostilidade, desconfiança e divisão. Os ânimos exaltam-se, os campos extremam-se, confundem-se os interesses políticos e religiosos. Os populares começam a ficar obcecados pela ideia de que o Papa encabeçaria uma invasão da França. Cortam-se as relações diplomáticas com Roma, dando-se a ruptura da Igreja com o Estado.

Os anos que se seguem são de autêntica perseguição à Igreja e aos seus membros que não aceitam as leis revolucionárias. Todos os pretextos são utilizados para denunciar, maltratar e perseguir. Confundem-se os interesses políticos com os religiosos. No meio de todo o emaranhado de acontecimentos, há muitos padres refratários exilados no estrangeiro e muitos outros a viver no país em clandestinidade. São múltiplas e difíceis de clarificar as razões pelas quais se jura ou não jura a Constituição Civil do Clero. A confusão e a falta de ideias claras é de tal ordem que há quem jure a Constituição, em seguida renegue o juramento e volte a jurar. Bastantes padres refratários são-no por conviência com a monarquia e o antigo Galicanismo.

A partir de 1793, a situação agrava-se com a total obrigatoriedade de todos os refratários jurarem a Constituição Civil do Clero num prazo limitado. Seguem-se massacres, deportações, abjurações do sacerdócio. Estes anos de verdadeira confusão nos membros da própria Igreja vão causar marcas profundas que perdurarão ao longo de todo o século XIX. Para destruir completamente a Igreja católica, introduz-se a religião do estado, o culto da deusa Razão e o calendário revolucionário.

Esta situação origina dioceses abandonadas, outras com dois bispos exercendo a sua autoridade ao mesmo tempo. O bispo constitucional no local, e o não constitucional, exilado, mas enviando ordens através do clero que lhe é fiel. Como consequência, há muitas paróquias sem pároco e outras onde o clero ajuramentado preside oficialmente ao culto e dirige a paróquia, enquanto o clero refratário visita o povo clandestinamente, ajuda-o nas suas dificuldades e administra os sacramentos. Conhecidos por "les bons prêtres" e gozando da confiança do povo, estes padres refratários e clandestinos oferecem uma verdadeira resistência pacífica à Revolução e manifestam nas suas vidas muito heroísmo e santidade.

Em 1794, com o Diretório, a perseguição torna-se diferente. Desde que os Padres sigam as leis da República e não haja manifestações exteriores, é permitido retomar o culto. Persiste, porém, a impossibilidade de reconciliação da Igreja Constitucional com a Refratária.

Após o golpe de estado que proclama Napoleão Bonaparte primeiro cônsul da França, muitos padres exilados voltam ao país e começa a criar-se uma certa estabilidade. No entanto, a obrigatoriedade de jurar a Constituição do Ano VIII faz que os problemas reapareçam. Alguns padres, que recusam o juramento, têm de passar de novo à clandestinidade. Todavia, a situação é muito mais calma e tem tendência a normalizar-se.

Ao fim de dez anos de perseguições, deportações, de clandestinidade ou de adesão aos ideais revolucionários, as estruturas da Igreja estão destruídas e o país descristianizado. Grande parte dos lugares de culto tinham sido demolidos ou transformados em armazéns, estrebarias, lojas, etc.. Na maior parte dos locais, tinha cessado o culto; as igrejas, os vasos sagrados e as imagens tinham sido profanados.

No alvorecer do século XIX, a Revolução está chegando ao fim e surgem possibilidades de uma vida nova para a Igreja. Nos primeiros anos do século, numa era ainda de prolongamento da Revolução, há da parte dos bispos um esforço árduo para reorganizar todos os aspectos da vida cristã nas dioceses. O aparecimento esporádico de católicos que criam condições para implantar a Igreja nos meios intelectuais, determina que, com o avançar da primeira metade do século, os católicos procurem dar à Igreja um viés de presença no mundo cultural, político e social.

C. A Escola Francesa de espiritualidade

Por Escola Francesa, designa-se a corrente de espiritualidade desenvolvida por diversas figuras na Igreja, no século XVII. O Cardeal de Bérulle (1575-1629) aparece como o iniciador do movimento. Procurando aprofundar e enraizar o cristianismo na vida, estes homens, extremamente criativos, conseguem transformar a sua época num período de renovação profunda da vida cristã. Existe entre eles, uma unidade de concepção dessa mesma vida, mas uma grande diversidade de visões práticas.

Entre os grandes nomes, para além de Bérulle podem citar-se Charles Condren (1588-1641), Jean Jacques Olier (1608-1675), Vincent de Paul (1581-1660), Jean Eudes (1601-1680), Louis Marie de Monfort (1673-1716).

Todos eles eram verdadeiros místicos, empenhados plenamente na ação. Foram fundadores de congregações religiosas, de seminários, confessores e diretores espirituais de muita gente. Tinham um profundo sentido dos pobres e da missão.

O seu ensino, fortemente enraizado na Escritura e nos Padres da Igreja, dirigia-se ao conjunto dos cristãos: leigos, religiosos, religiosas e padres. O seu único objetivo visava renovar a vida cristã de todos os batizados. Como pontos mais importantes desta doutrina salientam-se:

- *Deus infinito*: na vida trinitária, o Pai é essencialmente princípio e, ao mesmo tempo, fim. Tudo parte dele e volta a Ele, de tal forma que Deus é "como um círculo admirável". Diante da grandeza e santidade de Deus, a resposta do homem é uma atitude de adoração até à consagração total de si próprio. Esta atitude de adoração é atitude de amor.
- *O Verbo incarnado*: A Encarnação é um ato de amor e é "por amor infinito" que o Pai nos dá o Seu Filho. O Verbo incarnado é o único mediador por quem qualquer criatura pode dar glória a Deus. A vida cristã é a vida de Cristo em nós. O cristão deve contemplar Jesus nos mistérios da sua vida e nas Suas disposições interiores. Identificar-se com Jesus é viver n'Ele, deixar-se penetrar, comungar a totalidade da vida de Jesus. criar aderência. A comunhão e a oração silenciosa serão um meio de comunhão com Jesus.
- *O Espírito Santo*: A vida de Jesus em nós é produzida pelo Espírito Santo. A sua grande devoção ao Espírito Santo tinha um ponto culminante na festa de Pentecostes.

- *A Igreja:* Contemplavam na Igreja a Esposa de Cristo e o próprio Cristo. Insistiam na "construção" deste corpo e na ideia de que Jesus continua a sua vida na Igreja.
- *Devoção a Maria:* Maria encontra-se no coração do mistério cristão, visto ter sido nela que o Verbo incarnou. Ela foi totalmente dócil ao Espírito Santo e é a mãe de todos os homens. Maria deu Jesus à humanidade e, por isso, é o melhor caminho para Jesus. Desenvolvem muito a devoção a Maria, mas sempre em referência a Jesus. Pela primeira vez, nesta época, se estabelecem numa congregação religiosa as festas do Coração de Jesus e do Coração de Maria.
- *O Padre:* Grande parte dos objetivos da reforma pastoral desta escola é a "santificação do padre". Contribuiu, portanto, para modelar um determinado tipo de padre. Todos estes autores tinham uma preocupação pela dignidade do padre, a sua formação e santidade. Tinham o sentido da santidade sacerdotal que resultaria da união pessoal do padre a Jesus Cristo. A renovação espiritual do clero influenciaria a renovação da Igreja.

Característico desta escola é o sentido pedagógico existente nos seus autores. Foram todos autênticos mestres de espiritualidade e procuraram meios inovadores e dinâmicos para enraizar uma vida cristã mais autêntica nos fieis. Entre esses meios práticos, pode contar-se a oração da Igreja, a iniciação à oração, o culto da Palavra e da Eucaristia, a direção espiritual, os votos de servidão a Jesus e Maria. Todas as devoções e práticas são apenas meios e têm como único fim ajudar os homens e mulheres que o desejem, a responder ao chamamento do Senhor.

A Escola Francesa criou uma espiritualidade rica em conteúdos teológicos, alicerçada numa vida interior dinâmica e lançada no apostolado. Foi grande a sua influência nos vários setores da vida eclesial francesa, nomeadamente através da direção de seminários e fundação de várias congregações religiosas.

Os seminários dirigidos por Oratorianos e Sulpicianos foram a escola onde se formaram para a vida sacerdotal a maioria dos padres franceses. a partir do século XVIII até aos fins do século XIX. Muitos dos bispos do século XIX passaram pelo seminário de Saint Sulpice, em Paris. As congregações religiosas que tiveram estes homens por fundadores, conseguiram uma grande vitalidade e uma vida apostólica com forte impacto. O dinamismo da Escola Francesa frutificará no século XIX, na formação de um clero zeloso, na constituição de grupos laicais empenhados nas diversas áreas da sociedade, no florescimento ímpar das congregações religiosas que, em grande parte, são inspiradas pelo seu élan apostólico e no aprofundamento da teologia mariana.

ANEXO II – CRONOLOGIA

Governos	Papas	Bispos Montpellier	Principais acontecimentos polílicos, eligiosos, culturais e cienlíficos	Jean Gailhac	Primeiras Irmãs
<p>1774-1792- Luís XVI</p> <p>1789-1799 – Tempos Revolucionários</p> <p>1799-Consulado Napoleão</p> <p>1804-Império Napoleão I</p> <p>1814-Restauração</p>	<p>1800 - Eleição Pio VII</p>	<p>1802 - Nomeação do bispo D. Rollet</p> <p>1806 – Nomeação do bispo D.Fournier</p>	<p>1799 - Regresso do P. Martin a Béziers</p> <p>1801 - Concordata Ecclesia Chrisli</p> <p>1802 - Te Deum em Notre Dame de Paris <i>Le Génie du Christianisme</i>, de Chateaubriand. Saída da clandestinidade do P. Martin</p> <p>1803 – <i>Delphine</i> de Mme Stael (romance feminista)</p> <p>1809 - Excomunhão de Napoleão e desterro de Pio VII no Norte de Itália</p> <p>1812 - Desterro de Pio VII em Fontainebleau</p> <p>1814 – Libertação de Pio VII e regresso a Itália</p> <p>1816 – <i>O Barbeiro de Sevilha</i>, de Rossini</p> <p>1817 – Concordata entre Luís XVIII e a Santa Sé</p> <p>1818 – Jean-Marie Vianney é pároco de Ars</p> <p>1819- Macdamização das estradas</p> <p>1820 – <i>Méditations</i>, de Lamartine</p>	<p>1775 - nasc. de Antoine Joseph Gailhac</p> <p>1778 - nasc. de Jeanne Elizabeth Crouzillac</p> <p>1799-Casamenlo civil Gailhac-Crouzilhac</p> <p>1802 - Nascimento e batismo de Jean Gailhac</p> <p>Jean Gailhac contata com o P. Martin</p> <p>Jean Gailhac estuda com o Pe. René</p> <p>1814- Jean Gailhac vê o Papa Pio VII, quando este passa em Béziers J. Gailhac frequenta o Colégio de Béziers</p> <p>1816- Jean Gailhac vai para Toulouse e volta para Béziers.</p>	<p>1809-Nac. de Apollonie Pélissier</p> <p>1812 – Nasc. de Rose Jeantet</p> <p>1813 – Nac. de Cécile Cambom</p> <p>1815 – Nac. de Eulalie Vidal</p>

CRONOLOGIA

Governos	Papas	Bispos Montpellier	Principais acontecimentos políticos, religiosos, culturais e científicos	Jean Gailhac	Primeiras Irmãs
1824 – Reinado de Carlos X	1823 - Morte Pio VII Eleição Leão XII		1822 – Independência do Brasil 1824 –Morte do Pe. Martin <i>Nona Sinfonia</i> , de Beethoven 1825-Lei de aprovação das congregações religiosas, na França 1826-Assembleia do Alto Clero em Paris, para condenar La Mennais 1827- <i>Manuel d’um jeune prêtre</i> Primeira fotografia sobre placa metálica	1821- Jean Gailhac entra no Seminário maior de Montpellier 1822- Primeiros exames no Seminário 1823- Tonsura Casamento religioso dos pais de Gailhac 1824- Quatro Ordens menores 1825- Sub-diaconado Exame para professor de Filosofia Ordenação Professor no Seminário e recusa da assinatura dos Quatros Artigos 1828-Capelão interino do hospital Nomeação para Capelão Alojamento no hospital Confessor das Dames de Saint-Maur E das Carmelitas de Bédarieux	1821-Primeira Comunhão de Apollonie Péliissier 1823-Confirmação de Apollonie Péliissier 1824-Nasc. de Jeanne Froment 1825-Nasc. de Rosalie Gibbal e Marie Roques
1830 – Monarquia de Julho - Reinado de Luis Filipe	1829-Morte de Leão XII Eleição Pio VIII 1830 – Morte de Pio VIII 1831-Eleição do Papa Gregório XVI		1829-Luís Braille descobre o método de escrita para cegos 1830-La Mennais funda l’Avenir 1831- <i>Notre-Dame de Paris</i> , de Victor Hugo	1830-Convite para as missões no Pacífico Queixas acerca do Rosário Vivo Envio das moças para o Refúgio de Montpellier	1831-Casamento de Apollonie com Eugène Cure Nasc. de Marie Maynard

CRONOLOGIA

Governos	Papas	Bispos Montpellier	Principais acontecimentos políticos, religiosos, culturais e científicos	Jean Gailhac	Primeiras Irmãs
		<p>1834-Morte de D. Fournier</p> <p>1835-Entrada de D.Thibault na diocese</p>	<p>1832-Condenação de La Mennais</p> <p>1833-Lei Guizot: Cada comuna deve ter uma escola primária Ozanam funda a Sociedade de São Vicente de Paulo Aparecimento do Jornal <i>L'Univers</i></p> <p>1834-La Mennais rompe com a Igreja</p> <p>1835-Telégrafo nos EUA</p> <p>1837-Rainha Vitória sobe ao trono da Inglaterra</p> <p>1840-Paris iluminado a gás</p> <p>1842-Proibição, na Inglaterra, de mulheres e crianças trabalharem em minas</p> <p>1845-Fomena Irlanda Newton converte-se ao catolicismo Wagner faz a ópera <i>Tannhauser</i></p>	<p>1832 – Carta de Mgr. Fournier exortado-a a ter cuidado com as ideias lamenesianas Queixas sobre as senhoras que o seguíam Epidemia da cólera</p> <p>1834-Fundação do Refúgio Abertura do Orfanato</p> <p>1835-Carta de D.Thibault exortando-o a continuar a obra do Refúgio Boatos sobre Gailhac e o Refúgio Entrada das Dames St. Maur no Refúgio</p> <p>1837-Saída das Dames St. Maur no Refúgio 1838-Entrada das Irmãs de St. Joseph de Lyon no Refúgio 1839-Ex-Religiosa de St. Maur dirige o Refúgio</p> <p>1840-Conflito entre D. Thibault e Gailhac</p> <p>1842-Compra de terrenos e aumento da casa</p> <p>1843-Entrada das Irmãs de Marie-Joseph no Refúgio</p>	<p>1844-Marie Carrière no Bom Pastor Provável época de entrada no Bom Pastor de Rose Jeantet e Cécile Cambom</p>

CRONOLOGIA

Governos	Papas	Bispos Montpellier	Principais acontecimentos políticos, religiosos, culturais e científicos	Jean Gailhac	Primeiras Irmãs
<p>1848-2ª Republica Napoleão Bonaparte Presidente</p>	<p>1846-Morte de Gregório XVI Eleição Pio IX</p>		<p>1847-Algéria colônia francesa</p> <p>1848-Distúrbios em Béziers e as autoridades civis têm de deixar a cidade Insurreções em Paris e morte de D.Affre Início da procura do ouro na Califórnia D. Thibault dirige uma circular ao clero sobre a situação política</p> <p>1849-Concílio de Paris</p>	<p>1847-Inauguração de La Rotonde</p> <p>1849-Saída das Irmãs de Marie-Joseph</p>	<p>1847-Eulalie e sua irmã procuram vocações em Millau Rosalie Gibbal vem para Béziers</p> <p>1848-Morte de Eugéne Cure A Sra.Cure pede para entrar no Instituto</p> <p>1849- A Sra.Cure compra o terreno Jambon</p>

CRONOLOGIA

Governos	Papas	Bispos Montpellier	Principais acontecimentos políticos, religiosos, culturais e científicos	Instituto do Sagrado Coração de Maria
1852-Império Napoleão III			<p>1850-Lei Fallox:liberdade para o ensino secundário da Igreja Início da refinação do petróleo</p> <p>1851-Exposição Universal em Londres</p> <p>1852-Napoleão III facilita a aprovação das congregações religiosas Primeiro ascensor</p> <p>1853-<i>La Traviata</i> de Verdi</p> <p>1854-Senegal, colônia francesa Proclamação do dogma da Imaculada Conceição Aparecimento do telefone</p>	<p>1849-Fundação do ISCM 24 Fev-Appollonie Pelissier Cure, Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal tomam conta da direção do Refúgio do Bom Pastor e juntam-se a Rose Jeantet, Cécile Cambom e Marie Roques 3 Jun-Gailhac pede a demissão do hospital 15 Set-Entrada de Jeanne Froment e Marie Maymard</p> <p>1850 – 13 Abr - Tomada de Hábito das oito primeiras irmãs - Transformação do Refúgio - Início da Preservação 30 Nov - Compra de Bayssan-le-Haut 8 Dez - Entrada de Ste. Marie, Ste. Marguerite, Ste. Marthe e Ste Françoise</p> <p>1851-Abertura do Internato 4 Maio-Profissão das dez primeiras Irmãs -Início do Postulantado das Irmãs da Virgem 11Set.-Chegada a Béziers de Thérèse Hennessy e Rosanna MacMullen</p> <p>1852-Tomada de hábito de St. Thomas Hennessy e St. Charles Mac-Mullen Tomada de hábito das Irmãs da Virgem</p> <p>1853-Profissão de St. Thomas e St. Charles P. Gibbal entra pra os Padres do Bom Pastor Primeira Profissão das Irmãs da Virgem Abertura da Colônia Agrícola em Bayssan Morte de Ste. Marie Eustache</p> <p>1855-Morte de Cléri Cannac e Claire Jeanjean Perseguição de 1855</p>

CRONOLOGIA

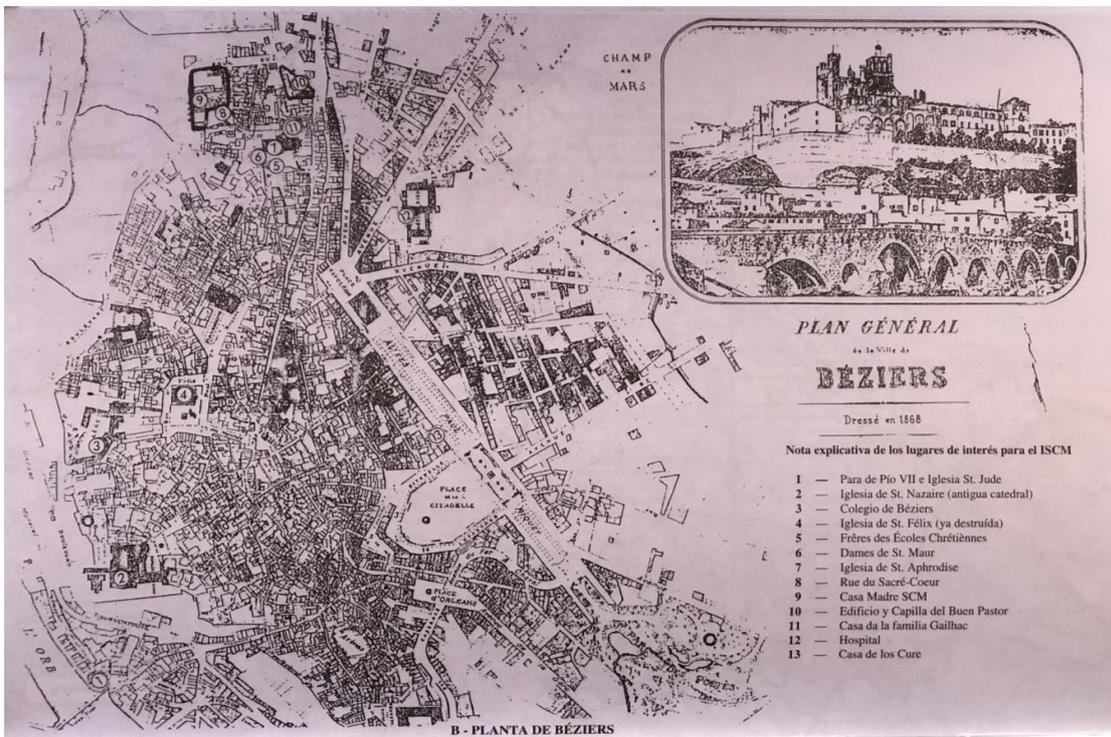
Governos	Papais	Bispos Montpellier	Principais acontecimentos políticos, religiosos, culturais e científicos	Instituto do Sagrado Coração de Maria
		<p>1861-Morte de Dom Thibault Entrada de D. Le Courtier</p>	<p>1856-Abolição da escravatura nas colónias portuguesas João Bosco funda os Salesianos Descoberta do Homem de Neandertal</p> <p>1858-Aparição de Nossa Senhora em Lourdes 1859-<i>Fausto</i>, de Gounod</p> <p>1861-Victor Manuel rei da Itália</p> <p>1865-Fim da guerra da secessão e abolição da escravatura nos EUA Abolição da servidão na Rússia</p> <p>1866-Nobel descobre o dinamite</p> <p>1867-<i>Danúbio Azul</i>, de Strauss</p>	<p>1856-Reconhecimento legal do Instituto Morte de St. Cyprien Froment</p> <p>1857-Aprovação da retrocessão de bens</p> <p>1858-Entrada do P. Birouste para os Padres do Bom Pastor Morte de St. Stanilas Gibbal</p> <p>1862-Compra da casa Pélissier Aprovação das Constituições dos Padres do Bom-Pastor</p> <p>1863-Inauguração da Capela dos Padres do Bom-Pastor Morte da mãe de Gailhac Tentativa de fundação em Lyon</p> <p>1864-Inauguração da Igreja de Saint Jude Compra do terreno pertencente à Sra. Durand Construção do novo pavilhão Notre Dame</p> <p>1866-Morte do pai de Gailhac</p> <p>1868-Morte de P. Birouste Tentativas de fundação em Kilkenny, Bury St. Edmunds e Callan</p> <p>1869-Morte da Madre St. Jean</p>

ANEXO III

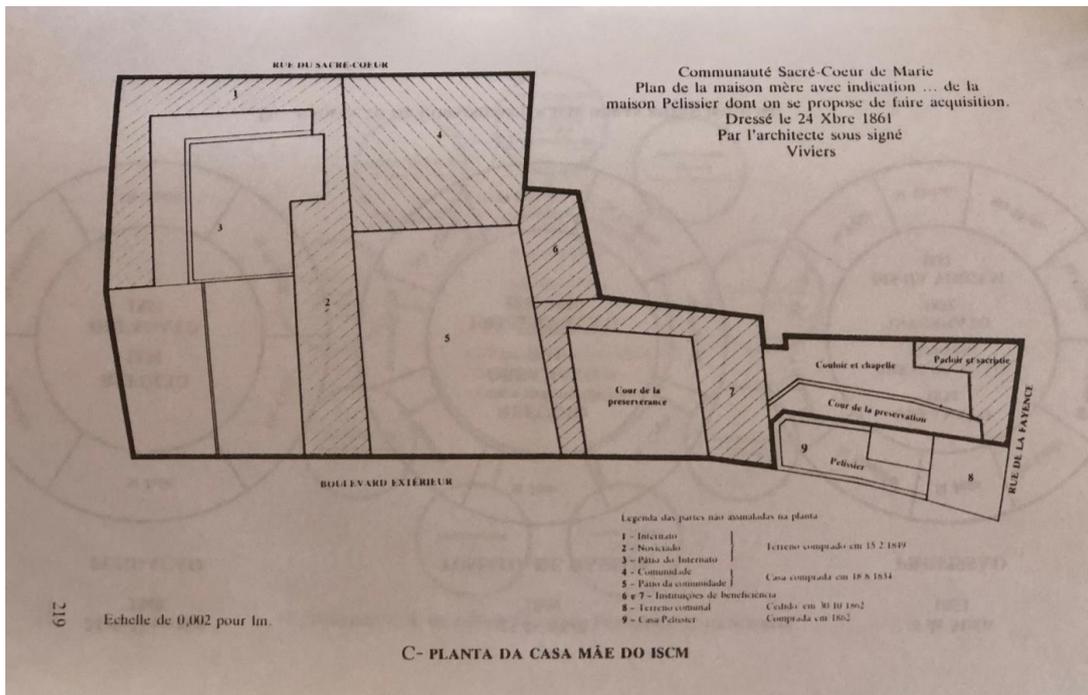
A. MAPA LANGUEDOC/HÉRAULT



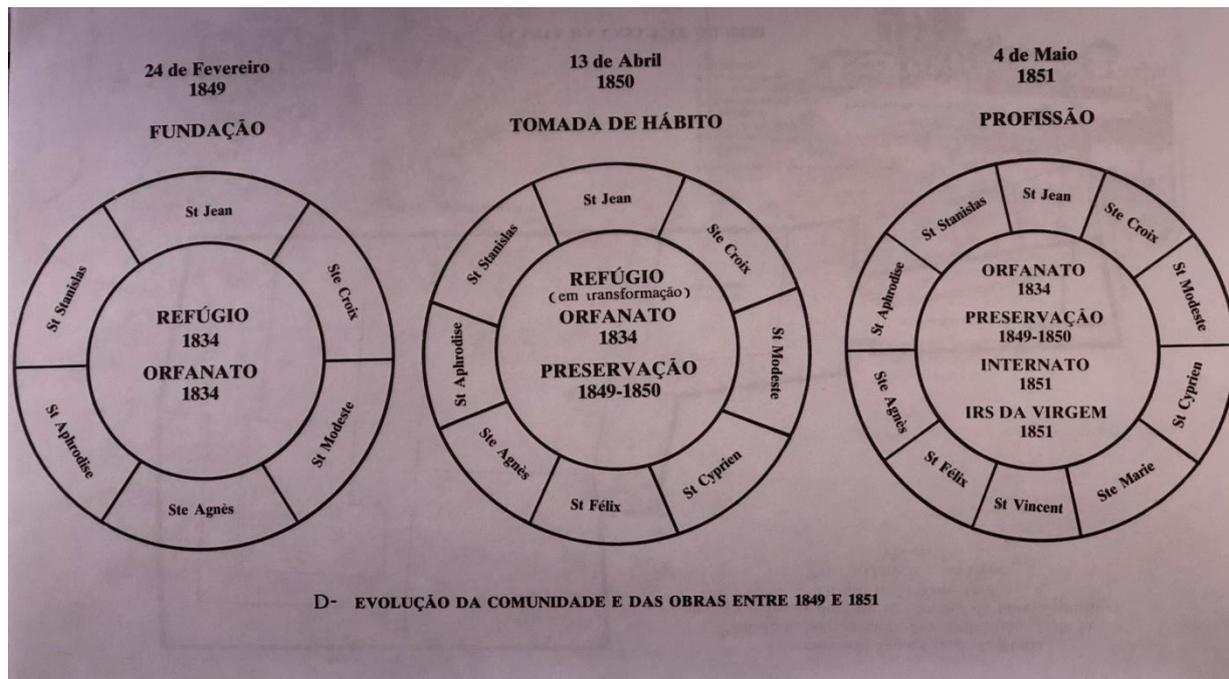
B. PLANTA DE BÉZIERS



C. PLANTA DA CASA MÃE DO IRSCM



D. EVOLUÇÃO DA COMUNIDADE E DAS OBRAS ENTRE 1849 E 1851



E. DIVERSIDADE DE MINISTÉRIOS NA PRIMEIRA COMUNIDADE



F. EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO INSTITUTO ENTRE 1849 E 1868

ANOS	CASAS	PAÍSES	IRMÃS		NACIONALIDADES	MORTES
			FRANCESAS	ESTRANGEIRAS		
1849	1	1	5	-	1	
1850			8	-		
1851			10	-		
1852			13	-		
1853			14	2	2	1
1854			13	2		1
1855			18	2		1 noviça
1856			20	3		1
1857			20	3		
1858			27	3		
1859			31	3		1
1860			34	3		
1861			41	3		
1862			43	3		1
1863			46	3		1
1864			48	4		1+1 noviça
1865			50	5		
1866			53	8		1
1867			59	11		
1868			60	12		3

G. PADRE JEAN GAILHAC



H. MADRE SAINT-JEAN CURE



J. PRIMEIRA CONFERÊNCIA DA MADRE SAINT-JEAN À COMUNIDADE
(Original)

1^{re} exhortation. B^a 0,3

Mes chères filles, comme vous le voyez sur tout tombant
que j'ai toujours singulièrement de vous adresser une parole d'édification
Mais, il faut bien que je donne l'exemple de l'obéissance
à notre père vénéré en Jésus-Christ, qui Dieu bénisse
la parole de son Père. Oh bien, oui que signifié nous toutes
bons, je veux profiter des diverses circonstances pour vous
parler, ne doutez-vous d'en profiter.

Dieu et Monseigneur nous établit notre mère vous êtes
vous-mes filles! je n'ai pas besoin de vous dire tout ce que
mon cœur ou pour chacun de vous, je suis averti à que vous
des fruits pour moi.

Savez-vous chères enfants ce que nous devons faire pour
que Dieu bénisse cette union que son grain a donné,
maintenant nous nous mettons à l'œuvre de Dieu qui nous a accordé une
grâce si grande en nous appelant à l'état religieux et surtout
en nous appelant à travailler au salut de nos frères par le moyen
le plus sûr, c'est de bien observer notre règle, d'y conformer
le plus en plus notre conduite.

Par la sainte direction de nos supérieurs, nous devons nous
maintenir la bienheureuse de Dieu.

ARQUIVOS HISTÓRICOS

Generalato das RSCM: Roma, Itália

O guia bibliográfico que se segue é limitado aos documentos que podem ser encontrados no Generalato das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Roma, Itália. Existem outros documentos na Casa Mae. Béziers, França e nos arquivos provinciais. Os documentos abaixo registados indicam as principais fontes usadas no traçado da história do Instituto desde a sua fundação até 1905.

1. Escritos do Padre Gailhac

1.1. *Écrits du Père Gailhac, prêtre du Diocese de Montpellier, Montispeulan Beatificationis.* Montpellier: 1949.

1.1.1. Um volume de 121 páginas.

Cópias datilografadas de cartas de Gailhac. Algumas destas cartas encontram-se também nos volumes registrados abaixo.

1.1.2. Treze volumes, num total de 4788 páginas. Vols. 1-11. 1-4130.

Cópias datilografadas dos escritos originais de Gailhac. Volumes 12-13. 4131-4788.

Cópias datilografadas de escritos que a tradição sempre atribuiu a Gailhac, cujos originais não foram encontrados. Um índice de todos os volumes está no princípio do vol. 13.1-39.

1.2. *Écrits du Père Gailhac découverts pendant le Proces Apostolique.*

Montispeulan Beatifications. Montpellier: 1955. Este volume de 259 páginas tem o número 14. Contém os escritos de Gailhac descobertos durante o Processo Apostólico da Beatificação. Tem um índice no princípio do volume: 255-259.

1.3. *Cartas do Padre Gailhac.*

Todas as cartas conhecidas e dirigidas pessoalmente a irmãs e comunidades, incluindo cartas encontradas depois de 1955, foram datilografadas de novo e postas por ordem cronológica. Cada uma das cartas tem um código de referência.

1.4. *La Vie Religieuse.*

Contém longos tratados e cartas escritas por Gailhac às Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Foram reunidos e publicados depois da morte de Gailhac.

1.4.1. *La Vie Religieuse.* Lille: Société St. Augustin, Desclée de Brouwer et Cie 1892.

Premier tome: 1-416.

Deuxième tome: 1-422.

1.4.2. *La Vie Religieuse.* Nouvelle Edition. Lille: S.I.L.I.C 1937-. 1-316.

Embora contenha as mesmas cartas e tratados da anterior edição foram reagrupados por temas e foram eliminadas certas repetições.

1.4.3. *The Religious Life,* traduzida por uma RSCM Tarrytown on Hudson, New York: Marymount, 1934. 1-305.

É uma tradução da primeira edição francesa que foi aditada à carta circular para 1932 da Madre Marie Joseph Butler em honra do Sagrado Coração de Maria.

1.4.4. *The Religious Life,* traduzida por uma RSCM. Tarrytown on Hudson, New York: Marymount. 1934. 1-305.

É uma tradução da primeira edição francesa que foi aditada à carta circular para 1932 da Madre Marie Joseph Butler em honra do Sagrado Coração de Maria.

2. Arquivos Históricos das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

2.1. *Arquivos históricos da Congregação do S. C. de Maria, Virgem Imaculada.*

Agrupa conjuntamente documentos originais e outras informações relevantes relativas a Gailhac, aos primeiros membros e obras do Instituto. Alguns destes documentos estão datilografados no *Processus Apostolicus* (cf. 3 abaixo). São dezessete volumes encadernados em couro, numerados de I a VII, com vários volumes sub-divididos. As sub-divisões estão indicadas pelas letras do alfabeto. Os volumes foram encadernados em 1964.

2.2. *Arquivos históricos das RSCM.*

Inclui documentos encontrados ou reunidos depois de 1964. São documentos classificados em caixas e um índice classificador. Em Setembro de 1988, as caixas são:

A a Z Livros e panfletos

AA e AE

1 a 29 Documentos originais e cópias de documentos.

30 a 65 Cópias das cartas da Madre Marie Joseph Butler (Fazem parte dos arquivos secretos).

66 a 83 Vários documentos originais e cópias de documentos. Fotografias e artefactos arquivados à parte.

3. O processo de Beatificação do Padre Gailhac.

3.1. *Processus informativus super fama sanctitatis virtutum et miraculorum servi Dei Joannis Gailhac.* Montispessulan. Beatificationis et Canonizationis. Montpellier: 1949.

Este volume de 400 páginas datilografadas não contém só a primeira audiência de testemunhas relativa à santidade de Gailhac, mas também cópias datilografadas de documentos.

3.2. *Processus informativus super fama sanctitatis virtutum et miraculorum servi Dei Joannis Gailhac:* Processiculus Additionalis. Montispessulan. Beatificationis et Canonizationis. Montpellier: 1951.

Cinco volumes num total de 1738 páginas contém não só posteriores audiências mas também documentos adicionais que relatam a santidade de Gailhac. Constituem, com o anterior volume, o Processo Diocesano de Beatificação.

3.3. *Processus apostolicus super virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac.* Montispessulan. Beatificationis et Canonizationis. Montpellier: 1955.

Vinte quatro volumes, num total de 7079 páginas datilografadas, contém ainda posteriores testemunhos e documentação auxiliar. fazendo parte do Processo Apostólico de Beatificação.

4. Primeiras biografias do Padre Gailhac

4.1. *Escritos do Padre Gibbal relativos ao Padre Gailhac.*

Padre Gibbal (1816-1871), um Padre do Bom Pastor e irmão da Madre St. Stanislas (Rosalie Gibbal), deixou quatro manuscritos e algumas folhas dispersas relativas a Gailhac. Podem ser encontrados nos Arquivos Históricos da Congregação, Volume VI.

4.1.1. *Redação A.*

É um texto incompleto, escrito em folhas soltas. Falta um capítulo, de que só existe o título. Em adenda, páginas 22 a 27 e a partir da 33 perderam-se. O texto é claramente um rascunho.

4.1.2. *Redação B.*

O texto tem 56 folhas. Só falta a página 41. O texto cobre a vida de Gailhac até 1865. É também um rascunho.

4.1.3. *Redação C.*

É uma cópia editada da Redação B, escrita num caderno de apontamentos e com um título.

4.1.4. *Redação D.*

A partir do capítulo XIII, há notáveis diferenças entre este texto e o da Redação C. Acaba com a morte da fundadora em 1869. O último capítulo está incompleto. Existem outras folhas dispersas.

4.2. *Maynard. Henri Victor, R. P. Gailhac ... Sa vie et ses oeuvres.*

O Padre Maynard foi também Padre do Bom Pastor e o irmão de uma outra das primeiras irmãs, Madre St. Félix Maynard (Marie Maynard). Existem duas edições desta biografia do Padre Gailhac.

4.2.1. *R. P. Gailhac ... Sa vie et ses oeuvres.* Béziers: Librairie Bénézech-Roques, 1895. XIV-482.

4.2.2. *R. P. Gailhac ... Sa vie et ses oeuvres.* Béziers: Librairie Bénézech-Roques, s.d. XIV-482.

Esta edição tem o imprimatur de Mgr. de Cabrières. O texto também está modificado nos assuntos que expressam opiniões acerca do próprio bispo e nas suas relações com os Padres do Bom Pastor. Contém também, na página 487, uma errata.

4.2.3. *Inquisitio circa valorem historicum vitae servi Dei a sacerdote V. Maynard concinnatae.* Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis. 1962. XXI-493.

Este volume que faz parte do Processo Apostólico de Beatificação, tenta estabelecer as bases históricas da biografia de Maynard. Tem cinco partes:

1. Informatio R. P. D. Relatoris Generalis de ratione hujus inquisitionis (A.P. Frutaz);
2. O texto completo da biografia de Maynard segundo o da primeira edição com notas justificativas pelo Padre Michel de Lattre;
3. Documentos;
4. Anexos;
5. Ilustrações.

4.2.4. *Jean Gailhac.* Westminster. Maryland: Christian Classics. Inc., 1977. IX-311.

É uma tradução inglesa da *Inquisitio* começada pela Irmã M. Joseph Rogan e continuada, depois da sua morte, pela Irmã Françoise Thérèse Rogan. Tem algumas omissões de pouca importância.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

1.1. RSCM

1.1.1. ROMA: GENERALATO RSCM

- 1.1.1.1. *Écrits du Père Gailhac, prêtre du Diocèse de Montpellier. Montspessulan Beatificationis.* 13 vol. Montpellier: 1949. Vol. 11.
- 1.1.1.2. *Cartas do Padre Gailhac.*
- 1.1.1.3. *La vie religieuse.* Lille: S.I.L.I.C., 1937.
- 1.1.1.4. *Arquivos históricos da Congregação do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada.* Vols. 1-A, 1-C. II-A, II-C, II-F, III, IV-A, IV-B², V, VI, VII.
- 1.1.1.5. *Arquivos históricos das RSCM.* Caixas 1, 2, 4, 5, 6, 16, 20, 21.
- 1.1.1.6. *Processus apostolicus super virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac.* Montspessulan Beatificationis et Canonizationis. 24 Vols. Montpellier: 1955. I-V, VII, X-XIII, XV, XVI, XIX-XXII.
- 1.1.1.7. *Escritos do Padre Gibbal relativos ao Padre Gailhac.* Redações A. B. C. D e folhas dispersas.

1.1.2. BÉZIERS: CASA MÃE DAS RSCM

- 1.1.2.1. Cadernos de Gailhac, seminarista.
- 1.1.2.2. Cadernos das atas das reuniões mensais do clero de Béziers.
- 1.1.2.3. Cadernos escolares de Appollonie Pélistier Cure.
- 1.1.2.4. Certificados da Primeira Comunhão e Confirmação de Appollonie Pelissier Cure.
- 1.1.2.5. Registre des Premières Communions et des Confirmations des établissements de bienfaisance du Sacré Coeur de Marie.
- 1.1.2.6. Biblioteca de Gailhac.

1.2. DIVERSAS

1.2.1. BÉZIERS

1.2.1.1. ARQUIVOS MUNICIPAIS

- 1.2.1.1.1. Registre d'état civile: naissances Années XI e 1809.
- 1.2.1.1.2. Actes du Conseil Municipal de la ville de Béziers de 1800 à 1869.

1.2.1.2. BIBLIOTECA MUNICIPAL

- 1.2.1.2.1. L'Indicateur de l'Hérault. 1847.
- 1.2.1.2.2. Le Publicateur de Béziers. 1860-1869.

1.2.1.3. ARQUIVO DA IGREJA DE ST. APHRODISE

- 1.2.1.3.1. Registre des baptemes, mariages et sepultures de la paroisse de St. Aphrodise. Années 1795-1809 1810-1821.

1.2.2. MONTPELLIER

1.2.2.1. ARQUIVOS DEPARTAMENTAIS DO HÉRAULT

- 1.2.2.1.1. Congrégations: Dossier Sacré Coeur de Marie.
- 1.2.2.1.2. Lycées et collèges: Béziers, Collège de garçons.
- 1.2.2.1.3. Registre des départements: Béziers. 1827-1830.
- 1.2.2.1.4. Séminaires: Grand-Séminaire. Registre de notation et appréciation des séminaristes. 2 vols. s.d.

1.2.2.2. ARQUIVO DIOCESANO

- 1.2.2.2.1. Autorisation des écoles libres.
- 1.2.2.2.2. Correspondance Séminaire -Université.
- 1.2.2.2.3. Dossier des élèves.
- 1.2.2.2.4. Dossier Mgr. Fournier.
- 1.2.2.2.5. Prêtres du diocèse de Montpellier.
- 1.2.2.2.6. Registre des ordinations du diocèse de Montpellier.
- 1.2.2.2.7. Registre du séminaire.
- 1.2.2.2.8. La Semaine Religieuse de Montpellier. 1868-1869.

1.2.3. PARIS

1.2.3.1. BIBLIOTECA NACIONAL

- 1.2.3.1.1. Courrier de Béziers. 1848-1849.
- 1.2.3.1.2. La Propriété, Courrier de Béziers. 1849.
- 1.2.3.1.3. Le Biterrois. 1856-1857.
- 1.2.3.1.4. L'Hebdomadaire de Béziers. 1849-1852.
- 1.2.3.1.5. Le Journal de Béziers. 1849-1850.
- 1.2.3.1.6. Le Messenger du Midi. 1848-1851.

2. BIBLIOGRAFIA

2.1. METODOLOGIA

- 2.1.1. *Gibaldi, Joseph e Achtert Walter. M L A Handbook for writers of research papers.* 2^{sd} ed. New York: Modern Language Association of America, 1984.

2.2. ESTUDOS RELACIONADOS COM AS RSCM

- 2.2.1. Aubert, Roger. "Jean Gailhac". *Dictionnaire d'Histoire et Géographie Ecclésiastiques*. Vol. XIX (1981): 672-673.
- 2.2.2. Keenan, Marjorie. *A perseguição de 1855*. Fontes de Vida, Doc. 2. Roma: RSCM, 1983. Lattre, Michel de. *Inquisitio circa valorem historicum vitae servi Dei a sacerdote V. Maynard concinnatae*. Vaticanis: typis Polyglottis, Vaticanis; 1962.
- 2.2.3. Maynard, Herin Victor. R.P. Gailhac.... as vie ET sés oeuvres. Béziers: Librairie Bénézech-Roques, 1895.
- 2.2.4. Milligan, Mary. *Para que tenham vida*. 1^a ed. Coimbra: RSCM, 1982. Privat. Maurice. *Sacré Coeur de Marie ... notre histoire...* Béziers: 1970.

2.3. CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E RELIGIOSO, NA FRANÇA

- 2.3.1. Auber, Roger. "La géographie ecclésiologique au XIX siècle". *L'Écclésiologie au XIX siècle*. Ed. M. Nédoncelle. Paris: Cerf, 1960. 11-55.

- 2.3.2. Audinet, J. "L'enseignement 'De Ecclesia' à St. Supice sous e premier empire et les Débuts du gallicanisme modéré". L'Écclésiologie au XIX siècle. Ed. M. Nédoncelle. Paris: Cerf, 1960, 115-139.
- 2.3.3. Barré, Henri. "Spiritualité mariale du vénérable Père Libermann". *Maria*. 3 (1954): 379-401.
- 2.3.4. Bastet, Joseph. Manuel d'un jeune prêtre. 2 vols. Montpellier. 1827-1828. Baunard, Mgr. Un siècle de l'église en France, 1800-1900. Paris: Ch. Poussiégué, 1901.
- 2.3.5. Bellamy, J. La Théologie catholique au XIX siècle. 2^{ème} éd. Paris: Beauchesne et Coie. 1904.
- 2.3.6. Cholvy, Gérard. Histoire religieuse de la France contemporaine (1800-1880). 1^{ère} éd. Toulouse: Privat, 1985.
- 2.3.7. Le Diocese de Montpellier. Paris: Beauchesne. 1976.
- 2.3.8. "Religion et société au XIX siècle: le diocèse de Montpellier". Thèse pour l'obtention du doctorat ès-Lettre, Paris-Lille, 1972.
- 2.3.9. Deville, Raymond. L'école française de spiritualité. Paris: Desclée. 1987. Fabre, Daniel e Lacroix, Jacques. La vie quotidienne des paysans du Languedoc au XIX siècle. 1^{ère} ed. Paris: Hachette, 1973.
- 2.3.10. Fabregat. Annales municipales de la ville de Béziers. 2 vols. Béziers: Imprimerie du Commerce de C. Bertrand, 1872 e 1874 .
- 2.3.11. "Curé Martin (1740-1824)". Vie des hommes illustres de Béziers. 2 vols. Béziers: Éditeur M^{me} Ve Millet, 1866. 1: 1-56.
- 2.3.12. Garcés, Narcisse Garcia. "La dévotion à la tres Sainte Vierge dans la Congrégation des Missionnaires Fils du Coeur Immaculée de Marie". *Maria*. 3 (1954): 403-427.
- 2.3.13. Granier, M. le Saint Vincent de Paul Montpelliérain -André Soulas 1808-1857. Montpellier, 1934.
- 2.3.14. Hazard, Paul. A crise da consciência europeia. 1^ª ed. Lisboa: Cosmos. 1948. Lapeyre, Claude et Roque, Alain. Béziers pas à pas. 1^{ère} ed. Béziers: Le Coteau. 1984.
- 2.3.15. Latreille, A. et Rémond. R. Histoire du catholicisme en France. Vol. 3 1^{ère} ed. Paris: Spes. 1962
- 2.3.16. Launay, Marcel L'Église et École en France XIX-XX siècles. 1^{ère} éd. Paris: Desclée. 1988.
- 2.3.17. Lecler, Joseph "Les controverses sur l'Eglise et L'État au temps de la Restauration 1815-1830. L'Écclésiologie au XIX siècle. Ed. M. Nédoncelle. Paris: Cerf. 1960. 297-307.
- 2.3.18. ..."Loi Falloux-sur la liberté de l'enseignement". Études. Juillet-Août (1950): 3-25. Mayer, Françoise. L'éducation des fillies en France au XIX siècle. 1^{ère} éd. Paris: Hachette, 1979. Mourret, Fernand "L'Église contemporaine (1823-1878)". Histoire Générale de l'Église. Vol. 8. Paris: Bloud et Gay. 1924.
- 2.3.19. Pourrat, Pierre. "La dévotion à Marie dans la Compagnie de Saint-Sulpice". *Maria*. 3 (1954): 153-162.
- 2.3.20. Rogier, L. e outros. Nova História da Igreja. Vols. 3, 4, 5/1. Petrópolis: Vozes, 1975. Rouquette, Robert. "Une centenaire: la soutane". Études. Juillet-Août (1962): 32-48. Sabatier, Enest. Histoire de la ville et des évêques de Béziers. Béziers: Carrière Librairie. 1854.

- 2.3.21. Sagnes, Jean. Histoire de Béziers. Toulouse: Privat. 1986.
- 2.3.22. Saurel, Ferdinand. Histoire religieuse du dépanement de l' Hérault pendant le consulat. 4 vols. Paris: Champion Librairie, 1896.
- 2.3.23. Marie-Nicolas Fournier, évêque de Montpellier. Montpellier: 1892. Secondy, Jean. "Les évêques de Béziers et le chapitre de Saint-Nazaire". 1971. "Les Saints et les communautés religieuses du Diocèse de Montpellier". Montpellier, 1961.
- 2.3.24. Secondy, Louis. "L'enseignement secondaire libre dans l'Académie de Montpellier 1854-1924". Montpellier: Centre D'Histoire Contemporaine du Languedoc Méditerranéen-Roussillon, Université Paul Valéry, 1974.
- 2.3.25. VSorlin, Pierre. La société française. vol. 1. Paris (1840-1914).
- 2.3.26. Soucaille, Antonin. Béziers pendant la Révolution 1789-1800. Béziers: Imprimerie Générale J. Sapete, 1894.
- 2.3.27. "Notice historique sur le Collège de Béziers. (1594-1868)". Bulletin de la Société Archéologique de Béziers. 2^{ème} série V (1869): 5-134.
- 2.3.28. "Notice sur la maison du Réfuge du Bon Pasteur de Béziers (1686-1791)" BSAB. 2^{ème} série XIII (1885): 95-129 .
- 2.3.29. "Notice sur l'église Saint-Félix". BSAB. 1^{ère} série IV (1843): 211-222.
- 2.3.30. Vailhé, Siméon. Vie du Père Emmanuel d'Alzon 1810-1880. 2 vols. Paris: Bonne Presse, 1926.
- 2.3.31. Vigourel, Paul. Histoire et vie des oeuvres du Père Soulas. Montpellier, 1904. Wolff, Philippe. Histoire du Languedoc. Toulouse: Privat, 1967.

2.4. VIDA RELIGIOSA NA FRANÇA

- 2.4.1. *Arnold, Odile. le Corps et l'âme.* 1^{ère} ed. Paris: Seuil. 1984.
- 2.4.2. *Bergh, E. S. J .. "Les congrégations féminines des XIX et XX siècles".* Maria. 3 (1954): 467-488.
- 2.4.3. *Hostie, Raymond. Vie et mort des Ordres Religieux.* 1^{ère} éd. Paris: Desclée de Brouwer. 1972.
- 2.4.4. *Keller, E. Les congrégations religieuses en France: leurs oeuvres et leurs services.* Paris: Librairie Poussielgue Frères. 1880.
- 2.4.5. *Langlois, Claude. Le catholicisme au féminin - les congrégations françaises à supérieure générale au XIX siècle.* 1^{ère} éd. Paris: Cerf, 1984.
- 2.4.6. *Lestoquay, J .. La vie religieuse en France du VII au XX siècle.* Paris: Albin Michel. 1964.

ÍNDICE

Razão de ser de uma obra	5
Prefácio.....	9
Introdução: um contexto histórico pleno de tensões.....	13

PRIMEIRA PARTE

Como se forja um fundador

1802-1849

1. Jean Gailhac -resposta radical a um projeto de Deus.....	21
Infância e adolescência.....	21
Seminarista.....	31
Jovem sacerdote.....	37
Capelão do hospital.....	42
2. O Bom Pastor -berço do novo Instituto.....	51

SEGUNDA PARTE

Lançamento dos alicerces

1849-1851

1. Caminhos de uma fundação.....	65
2. O 24 de fevereiro de 1849.....	75
3. Quem são as fundadoras?.....	79
4. Os primeiros tempos.....	89
5. A Madre Saint-Jean em formação.....	95
6. Da Tomada de Hábito à Profissão.....	105
7. Evolução das obras.....	113

TERCEIRA PARTE

Consolidação das estruturas

1851-1869

1. Uma comunidade em crescimento.....	119
2. As obras estruturam-se.....	123
3. As Irmãs da Virgem.....	135
4. A Congregação do Bom Pastor.....	139
5. Perseguição de 1855.....	147
6. Reconhecimento legal do Instituto.....	153

7. A Casa Mãe em crescimento.....	157
8. Tentativa de novas fundações.....	161
9. Provações.....	167

QUARTA PARTE

O espírito, fundamento e vida

1. Fundador ou Fundadora?.....	171
2. A serviço da unidade na diversidade.....	177
3. Inserção em Béziers.....	183
4. Em comunhão com as estruturas eclesiais.....	187
5. Significado de um nome.....	191
6. Da cidade para o mundo.....	195
7. A morte da Madre Saint-Jean.....	199

ANEXOS

Anexo I

A. O galicanismo e os Quatro Artigos.....	203
B. A Revolução Francesa e a Igreja.....	205
C. A Escola Francesa de Espiritualidade.....	209

Anexo II

Cronologia.....	211
-----------------	-----

Anexo III

A. Mapa do Languedoc/Hérault.....	217
B. Planta de Béziers.....	218
C. Planta da Casa Mãe do IRSCM.....	219
D. Evolução da comunidade e das obras entre 1849 e 1851.....	220
E. Diversidade de ministérios na primeira comunidade.....	221
F. Evolução demográfica do Instituto entre 1849 e 1869.....	222
G. Retrato do Padre Jean Gailhac.....	223
H. Retrato da Madre Saint-Jean.....	225
I. Ata do dia 24 de Fevereiro de 1849.....	227
J. Primeira conferência da Madre Saint-Jean.....	228

Arquivos Históricos das RSCM.....	229
-----------------------------------	-----

Bibliografia.....	233
-------------------	-----



Rosa do Carmo Aguiar Branco Sampaio nasceu em 1942. Em 1948 entra para o Colégio do Sagrado Coração de Maria, em Lisboa, onde fez os estudos primários e secundários.

Licenciada em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, defendeu tese sobre "A Cultura Castreja do Noroeste Português". Lecionou História no Colégio do Sagrado Coração de Maria em Lisboa e dedicou-se à investigação arqueológica.

Em Fevereiro de 1968, entrou no Noviciado dos Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em Braga, tendo feito a primeira profissão em Setembro de 1970.

Frequentou o Curso de Ciências Religiosas na Universidade Católica e, durante treze anos, trabalhou no Colégio de Lisboa onde foi Professora de História, de Religião e fez parte da equipe diretiva. Simultaneamente, dedicou-se às mais variadas tarefas de Pastoral Juvenil e foi diretora do Lar do Parque - Lar para trabalhadoras estudantes. Várias vezes membro da Comissão de Formação da Província, foi responsável da Pastoral Vocacional e do Pré-Noviciado.

Atualmente é membro da Comissão para a Missão, é diretora do Lar de Braga e trabalha na Pastoral Universitária.

Ao longo de todos estes anos tem-se dedicado ao aprofundamento das Fontes do Instituto, partilhando a sua reflexão com as Irmãs, através de conferências, encontros e retiros.

